UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Cássia Milena Nunes Oliveira

"MST: A JUVENTUDE COMO CAMINHO"

São Paulo

2010

Cássia Milena Nunes Oliveira

"MST: A JUVENTUDE COMO CAMINHO"

Dissertação apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy

São Paulo

2010

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Oliveira, Cássia Milena Nunes

MST: a juventude como caminho / Cássia Milena Nunes Oliveira;
orientador José Carlos Sebe Bom Meihy. -- São Paulo, 2010.
220 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História Social)
– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo.

1. História oral. 2. Movimento dos trabalhadores sem terra. 3. Jovens. 4.
Histórias de vida. I. Título. II. Meihy, José Carlos Sebe Bom

Aos parceiros do MST por me receberem em suas casas.

Ao meu orientador pela paciência e sabedoria.

*Aos meus pais, irmãs e amigos de todos os rumos e lugares
por me entenderem.*

E a todos aqueles que lutam por justiça e dignidade.

Agradecimentos

Agradecer aos parceiros de caminhada é sempre necessário. Para a realização deste trabalho todos eles foram fundamentais. Gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy por toda a dedicação ao seu trabalho e por acreditar de uma forma tão bonita e contagiante naquilo que faz. E também a todos os meus colegas do NEHO – Núcleo de Estudos em História Oral – pela acolhida, companheirismo e ajuda nos momentos difíceis e alegres que passamos juntos. Cada um deles merece uma lembrança especial, mas gostaria de ressaltar a importância de Suzana Lopes Salgado Ribeiro por ter acreditado na proposta de trabalho desde o primeiro momento e participado de forma tão solícita e rica do meu exame de qualificação. E à Xênia de Castro Barbosa por ter me ensinado a ser perseverante e aprender com as adversidades do trabalho como pesquisadora.

Às professoras Zilda Márcia Grícoli Yokoi pelas disciplinas cursadas, que tanto colaboraram com essa pesquisa desde a fase de elaboração do projeto; e Ana Lucia Nemi pela participação, leitura e contribuições apresentadas no exame de qualificação.

A todos os integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra por todas as inesquecíveis experiências que alimentam o sonho de construir uma realidade diferente da que vivemos. Em especial agradeço aos jovens colaboradores desse trabalho por todos os bons momentos e conversas compartilhados desde a primeira ocupação realizada em 2004 até o momento presente; e à Dona Isabel, que sempre me acolheu como uma verdadeira mãe no assentamento.

Aos meus pais Nelson e Therezinha e minhas irmãs Alessandra e Mayra por sempre compreenderem e apoiarem minhas opções de vida. E a todos os meus amigos que constituem a família que escolhi para o meu caminho e que colaboraram de forma prática e emocional para a finalização deste trabalho: Lia Kayano Moraes, pela revisão do texto final, Raquel Pires da Silveira Loureiro, pela normatização da ABNT, Julia e Juliana, respectivamente técnica de assentamento e coordenadora de desenvolvimento do INCRA, pelo acesso documental, além de Aline, Cuca, Bia, Lorena, Tim, Fabião, Barba, Ana, Débora, Duíque, Rogê, e tantos outros que sempre estiveram ao meu lado e alegram minha vida diariamente.

“Pesadelo do sistema, aqui estamos de volta.

O elo da corrente, do povo que revolta

Seguindo a missão, sempre sem parar

Fazendo o papel do rap

que é denunciar

Na luta do povo contra o sistema

Assistencialismo não resolve o problema

Olha só a mídia, tentando corromper

Coloca como crime hediondo o MST

Não é brincadeira, nem filme de terror

Essa é a revolta, do povo sofredor

Olha só a fome que cresce sem parar

Crime hediondo é não ter terra para plantar

É o que implantaram, está nas nossas mentes

Individualismo que atrapalha toda a gente

É o capitalismo, avassalador

Massacra nossa gente, o povo sofredor

Jogam na favela, polícia e repressão.”

Rebeldes do Campo

Resumo

OLIVEIRA, C.M.N. MST: A juventude como caminho, 2010. 220f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Este trabalho propõe um estudo sobre a juventude do assentamento Dom Pedro Casaldáliga, localizado na cidade de Cajamar próxima à cidade de São Paulo, e que integra a Regional Grande São Paulo do MST.

O texto se divide em quatro capítulos. O primeiro apresenta a História do projeto e a contextualização histórica do surgimento de um assentamento rural próximo à região metropolitana de São Paulo com a participação de pessoas provenientes do meio urbano. O segundo traz as narrativas produzidas a partir de entrevistas realizadas em colaboração com seis jovens do assentamento sob os preceitos teóricos e metodológicos da História Oral. E por fim, buscou-se desenvolver a análise e a conclusão com base nas experiências desses jovens, expressas nas narrativas de suas histórias de vida, sugerindo alguns dos benefícios e obstáculos para a permanência deles na área conquistada. **Palavras chaves:** História Oral, sem-terra, jovens, histórias de vida, experiências, rural, urbano.

Summary

This paper proposes a study on youth nesting Pedro Casaldaliga, located in the city of Cajamar near the city of Sao Paulo, and belongs to the Greater São Paulo Regional of MST.

The text is divided into four chapters. The first presents the project history and historical context of the emergence of a rural settlement near the metropolitan region of Sao Paulo with the participation of people from urban areas. The second brings the narratives produced from interviews conducted in cooperation with six young people from the settlement under the theoretical and methodological precepts of Oral History. Finally, we sought to develop the analysis and conclusion based on the experiences of these young people, expressed in the narratives of their life histories, suggesting some of the benefits and obstacles to their permanence in this conquered area.

Key words: Oral History, landless workers, young people, life stories, experiences, rural, urban.

Sumário

Apresentação	12
--------------	----

Capítulo 1

1 História do projeto	3
1.1 A questão da juventude	17
1.2 A juventude como problema da modernidade	19
1.3 A História Oral e o registro de vida	35
1.4 A questão agrária e a cidade	44
1.5 São Paulo: Metrópole moderna para quem?	52
1.6 Depois do Muro: Das antigas utopias às novas práticas e lutas sociais..	62
1.7 Espaços em disputa na cidade: A Comuna da Terra e seus lutadores	74

Capítulo 2

Entrevistas com jovens assentados do assentamento Dom Pedro

Casaldáliga	84
Jonas	85
José Carlos	104
Claúdio	114
Kelly Adriana	123
José Wilk	132
Robério	149

Capítulo 3

3.1 Memória de Jovens	164
-----------------------	-----

3.2 Juventudes e caminhos	170
3.3 Migração: Progresso ou violência?	172
3.4 Moramos no campo, mas somos da cidade	179
3.5 Lazer, drogas e relacionamentos na vida do jovem assentado	192
3.6 Educação para o trabalho, produção e consumo	202

Capítulo 4

Conclusão	210
BIBLIOGRAFIA	214

Apresentação

O presente trabalho “*MST: A Juventude como caminho*” se constituiu a partir do esforço de problematizar a permanência dos jovens assentados na Comuna da Terra Dom Pedro Casaldáliga. Como o título sugere, a preocupação com o tema em questão se deu a partir da percepção de que o futuro dos jovens assentados significa a continuidade geracional do próprio assentamento. Esse assentamento integra a Regional Grande São Paulo do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST - e possui a especificidade de localizar-se próximo a centros urbanos agregando integrantes que possuem as mais diversas origens regionais, mas passaram pela experiência de morar na cidade. Para tanto, optou-se pelo registro das histórias de vida desses jovens como fonte documental para a discussão e análise dos desafios que eles enfrentam para dar continuidade à proposta de desenvolvimento local.

A estruturação do trabalho buscou contextualizar o momento atual da luta pela terra no Brasil englobando a trajetória de um dos principais movimentos sociais que se articulam em prol da reforma agrária, o MST. Em um segundo momento, apresentamos na íntegra as narrativas produzidas a partir das entrevistas realizadas em colaboração com esses jovens. E por fim, a realização da análise dessas entrevistas, na qual se intencionou apresentar alguns dos problemas identificados nas narrativas e sugestões de caminhos para o jovem urbano, no campo.

1- HISTÓRIA DO PROJETO

A pesquisa “MST: A Juventude como caminho” teve início em 2007, a partir do ingresso no Programa de Mestrado em História Social da Universidade de São Paulo. Contudo, meu interesse começou em 2004, quando tive a oportunidade de participar da primeira ocupação da fazenda Mian, em Cajamar, junto à Regional Grande São Paulo do MST.

A ocupação da fazenda Mian fez parte do “Abril Vermelho”¹ e envolveu inicialmente dois acampamentos: o Dom Pedro Casaldáliga, o qual já estava em processo de formação em uma área próxima ao assentamento Dom Tomás Balduino na região de Franco da Rocha; e o Camilo Torres, que naquela época começou a tomar corpo na mesma área. Esta ocupação, da qual participei, já era a segunda realizada pelos membros do acampamento Dom Pedro Casaldáliga, e foi a primeira dos integrantes do Camilo Torres. A concentração teve início na noite de 09/04/2004, na sede Regional da Grande São Paulo do MST, de onde partimos na mesma madrugada para o assentamento Dom Tomás Balduino, e de lá para a área pretendida. A posterior junção desses dois acampamentos deu origem à Comuna da Terra Dom Pedro Casaldáliga, hoje um assentamento, em decorrência da compra, em 2006, da fazenda São Luiz pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

Num primeiro momento essa ocupação contou com a participação de diversas organizações aliadas ao MST, entre elas de estudantes, de membros da Igreja Católica e da imprensa. Apesar desse apoio, a sua estruturação e permanência não foram fáceis: despejos, carência de infra-estrutura, de materiais e de alimentos, dificuldade de acesso a fontes de água potável, entre outras dificuldades, tornavam evidente a pouca ou nenhuma presença do Estado. Somado a esse quadro, surgem as primeiras dificuldades em torno da construção dos coletivos, evidenciando as disputas políticas internas. Das famílias presentes no momento inicial da ocupação, poucas ainda se encontram no que agora é um assentamento, pois diante dos obstáculos vivenciados no cotidiano, muitas acabaram por reformular seus projetos e retornaram para a cidade.

¹ O Abril Vermelho faz parte do calendário do MST e marca a jornada de lutas e ocupações que o movimento realiza por todo o país relembrando e homenageando os mortos do massacre de Eldorado dos Carajás ocorrido no Pará, em abril de 2006.

Algo que me chamou a atenção durante o período em que convivi com integrantes do assentamento Dom Pedro Casaldáliga foi a situação dos jovens. Inicialmente, eles estavam presentes em grande número e animavam a ocupação com seu entusiasmo e dinâmica, percebidos, principalmente, nas atividades culturais que desenvolviam: músicas, danças, jogos de futebol, noites culturais que envolviam toda a comunidade. Dentre esses jovens, muitos estavam distantes de suas famílias, em companhia apenas de irmãos. Essa era uma das marcas do novo acampamento.

O trabalho coletivo para o desenvolvimento de condições mínimas de moradia – como o corte de madeira para a construção dos barracos e a busca por fontes de água – despertava a empolgação e certo espírito de aventura por parte dos jovens, sobretudo dos solteiros. Graças a esse entusiasmo, surgiam brincadeiras como dar nome aos coletivos de desbravamento da área ocupada, como a “Guerrilha Buscapé”. Nesse período de aprendizagem, experimentação e início do processo de luta, Dona Isabel, uma das pessoas mais queridas pelos demais integrantes, era quem cuidava de preparar a comida para alguns dos moços “sem mãe, nem esposa”. No que tange às novas formas e possibilidades de sociabilização, percebi outros entraves para a permanência da juventude naquela ocupação, sobretudo daqueles que estavam sozinhos e não contavam com qualquer respaldo de estrutura familiar. Eram poucas as mulheres jovens e solteiras que se dispunham a acampar sozinhas, e nos poucos casos em que isso ocorreu, muitas foram as dificuldades para sua permanência, especialmente em função de valores morais machistas e pela falta de condições de preservar aspectos da vida privada no acampamento. No caso da juventude masculina, solteira e sem o respaldo familiar dos pais, poucos conseguiram permanecer no acampamento. Aqueles que continuam até hoje são os que se casaram ou moram com a família, sendo que nessa última condição percebemos também a presença das jovens mulheres solteiras.

Com o passar do tempo, portanto, apenas poucos dos jovens que participaram dos momentos iniciais da ocupação permanecem até hoje no assentamento. A observação desse fenômeno referente à juventude motivou a elaboração de um projeto de pesquisa que visa compreender os significados e as implicações da permanência dos jovens na Comuna da Terra Dom Pedro Casaldáliga.

Quando estudante da graduação do curso de História, o meu contato constante e a minha participação em diversas atividades junto à Regional Grande São Paulo no setor

de gênero e educação, permitiram o estabelecimento de laços afetivos e de sincera amizade com os membros da comunidade. Porém, ao estabelecer uma relação de pesquisadora, ocorreram mudanças na forma como passamos a nos ver mutuamente, principalmente em relação àqueles que participam mais ativamente da organização política do assentamento. Isso porque passei a investigar a respeito do que, para aquelas pessoas, significa a luta pela própria sobrevivência e por um projeto de vida. O fato de que meus primeiros contatos com o assentamento se deram quando eu era uma estudante que se identificava com a causa e não uma pesquisadora atenuou possíveis situações desagradáveis. Como no caso da pesquisa histórica os resultados não são imediatamente práticos e pontuais para os assentados, sempre tive o cuidado de não atrapalhar o cotidiano dos assentados e de só participar de assembleias e reuniões quando estritamente convidada.

Outra dificuldade de realização de entrevistas deriva da instabilidade das pessoas envolvidas o que dificultou a gravação das entrevistas. Atividades como cursos ou trabalhos desenvolvidos em outros espaços que não o assentamento proporcionam certa mobilidade e, além disso, o assentamento ainda não oferece condições para que seus integrantes vivam exclusivamente da renda que está começando a ser gerada na horta coletiva e nos lotes individuais. Mesmo depois de estabelecido um convênio com a CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento), muitos assentados ainda precisam realizar trabalhos extras fora da Comuna. As famílias mais estruturadas ou as pessoas de idade mais avançada, em muitos casos, estão vinculadas a programas de transferência de renda como Bolsa Escola e Bolsa Família, ou recebem aposentadorias. Isso ocorre com menos frequência entre os jovens, pois no caso daqueles que possuem filhos, estes ainda não se encontram em idade escolar. Os programas federais para a juventude como o *Agente Jovem*² ou o *Pró Jovem*³ não contemplam de forma satisfatória as especificidades dos jovens assentados, principalmente dos que já possuem filhos. Além de uma certa falta de experiência e organização (como documentos pessoais) para se inscrever esse tipo de auxílio governamental.

² O Programa Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano é uma ação de assistência social para jovens entre 15 e 17 anos que se encontram fora da escola e em situação de fragilidade financeira, visando o desenvolvimento pessoal, o social e o comunitário. O programa capacita os jovens através de atividades que, além de possibilitar a permanência do jovem na escola, o prepara para o mercado de trabalho. Fonte: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome - www.mds.gov.br.

³ Com essa perspectiva, em 2005, o governo federal lançou a Política Nacional de Juventude, que compreendeu, além da criação da Secretaria Nacional de Juventude e do Conselho Nacional de Juventude, o desenvolvimento do Programa Nacional de Inclusão de Jovens: Educação, Qualificação e Ação Comunitária – ProJovem. – www.projovemurbano.gov.br

No tocante à questão financeira, principalmente para os jovens, a possibilidade de vender sua força de trabalho a qualquer custo e condição (como os famosos “bicos”, ou seja, trabalho informal, mal remunerado e sem assistência nenhuma por parte do Estado ou do contratador), torna-se uma alternativa atraente para a satisfação de necessidades de consumo e conforto, ainda que parcos. Abrir mão dessa satisfação imediata das necessidades em prol de um projeto de árdua construção para o futuro, em uma sociedade marcada pela valorização do imediatismo e do consumo, constitui um dos principais dilemas da organização desse novo espaço de luta. A opção dos jovens assentados por construir esse projeto de vida é o que se pretende analisar a partir das entrevistas e da convivência com nossos jovens colaboradores.

1.1- A QUESTÃO DA JUVENTUDE

O interesse pela questão dos jovens assentados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, na região metropolitana de São Paulo, cristalizou-se ao longo de uma jornada de experiências permitidas pela convivência junto às famílias da Comuna da Terra Dom Pedro Casaldáliga, situado na cidade de Cajamar. Este assentamento, oficialmente registrado como Projeto de Desenvolvimento Sustentável – PDS São Luiz, compõe a Regional Grande São Paulo que, por sua vez, faz parte do chamado Eixo Metropolitano, junto às regionais de Campinas, Sorocaba e Vale do Paraíba.

Passados 25 anos o MST tem mobilizado trabalhadores sob a bandeira da reforma agrária, em um país essencialmente constituído sobre o monopólio de classe sobre a terra. Sua atuação, construída pelas múltiplas experiências de organizações de trabalhadores expropriados pelo sistema político e econômico excludente do capitalismo nacional e mundial, marca a entrada de um novo elemento na discussão política em torno da propriedade agrária no Brasil⁴.

Em meados de 2000, aproximando-se de integrantes de grupos religiosos como a Fraternidade do Povo de Rua, Comissão Pastoral da Terra – CPT e das Comunidades Eclesiais de Base – CEB's, o MST - movimento até então essencialmente rural - passa a voltar suas estratégias de luta para o espaço urbano. Tal atuação poderia parecer uma contradição, ou mesmo, o sobre fôlego de um movimento desarticulado que, frente à modernidade traduzida pela metrópole, teria perdido sua razão de existência. Para alguns críticos⁵, a trajetória do movimento demonstra e confirma a versão de que o tempo da reforma agrária no Brasil já passou. Isso que reduziria o projeto estudado neste trabalho a uma idéia condenada ao anacronismo. Seguindo essa linha de

⁴ FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST, formação e territorialização**. São Paulo: HUCITEC, 1999, p.65.

⁵ Sobre a vertente da geografia agrária que defende a idéia de que o campo já está se desenvolvendo do ponto de vista capitalista e que trata o camponês como “resíduo” social que tende a ser absorvido e proletarizado pelo progresso capitalista. ver: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. *A geografia agrária e as transformações recentes no campo brasileiro* In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). **Novos Caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 71.

raciocínio, as questões que se tornam urgentes envolvem analisar qual a razão para se construir um projeto que promovesse o retorno da população ao “campo atrasado”⁶, sendo que ela poderia viver com todos os benefícios da cidade?

O presente trabalho busca analisar o assentamento Dom Pedro Casaldáliga, localizado próximo à cidade de São Paulo, sob a ótica dos jovens assentados, levando em conta a migração campo-cidade-campo e utilizando o procedimento reflexivo e metodológico da moderna História Oral⁷. Tal formulação baseia-se no fato de que os integrantes do assentamento são em grande parte pessoas que migraram do campo e tentaram se fixar na cidade em busca de condições dignas de sobrevivência, mas que, em um segundo momento, se mobilizaram para retornar ao campo com suas respectivas famílias (filhos e outros dependentes diretos). A escolha por uma rede de jovens assentados como grupo privilegiado para o registro e formulação de documentos a partir de fontes orais justifica-se pela inquietação ao constatar que muitos deles, marcados pelo intenso deslocamento (sozinhos ou levados pela família) em busca da sobrevivência, demonstram a partir de sua experiência as grandes dificuldades de se fixar o jovem ao campo. Principalmente aqueles que, no caso específico, conheceram tanto os obstáculos do campo quanto as múltiplas possibilidades abertas pela vida urbana. Por fim, os jovens representam a geração futura que cuidará da área conquistada, isto é, singularizam a possibilidade de perpetuação do próprio assentamento. Daí a necessidade de elaborar uma reflexão crítica em torno da construção de alternativas para o jovem urbano no campo.

⁶ Sobre a visão que associa o campo à idéia de atraso e a cidade à noção de progresso ver : ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões, Entre a História e a Memória**. Bauru: EDUSC, 2000.

⁷ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

1.2 A juventude como problema da modernidade

A opção pelo grupo em questão requer a delimitação do que entendemos por pessoas jovens. Trazer o tema da juventude à tona exige a definição de um conceito suscetível às mais diversas variações, tais como diferenças de nacionalidades ou de ordem econômica e social, além das muitas peculiaridades dentro de um mesmo segmento, como a questão de gênero, etnia, etc. Delimitar uma estrutura social que corresponda ao “ser jovem” muitas vezes se associa aos papéis pré-definidos que cada formação social delega à juventude. Negando a noção de que a idéia de juventude pode definir um grupo homogêneo e com demandas únicas, Pierre Bourdieu nos apresenta um bom ponto de partida para rever o sentido da palavra “juventude”:

“As relações entre idade social e idade biológica são muito complexas”

E acrescenta:

Cada campo, como mostrei a propósito da moda ou da produção artística e literária, possui suas leis específicas de envelhecimento: para saber como se recortam as gerações é preciso conhecer as leis específicas do funcionamento do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por essa luta (“nouvelle vague”, “novo romance”, “novos filósofos”, “novos juízes”, etc). Isto é muito banal mas mostra como a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem um unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar esses interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre juventudes, ou para encurtar, entre as duas juventudes⁸.

Falar sobre duas juventudes, para o autor, significa centrar a discussão em dois pólos distintos: embora biologicamente da mesma idade, há jovens que trabalham e outros que são estudantes, em função das coerções econômicas e sociais distintas. Seguindo a idéia de que a idade biológica não é suficiente para definir juventude, outros autores nos propõem que nos afastemos da questão meramente etária e nos aproximemos do sentido e do valor que o termo “juventude” adquire em cada sociedade. Sob esse pressuposto, Mannheim define como jovem aquele que é necessariamente marginal, “de fora” dos aspectos sociais dominantes que caracterizam o adulto. Não

⁸ BORDIEU, Pierre, **A juventude é apenas uma palavra**, p. 2. In: www.scribd.com/doc/16677551/Pierre-Bourdieu-A-Juventude-e- apenas- uma- palavra.

estando completamente comprometido com o *status quo*, esse jovem tem condições de garantir força e entusiasmo a um novo projeto, seja este de cunho conservador ou progressista. Segundo o autor:

Em contraste com essas sociedades estáticas ou lentamente mutáveis, as sociedades dinâmicas que desejam tomar uma nova orientação, qualquer que seja a sua filosofia moral ou política, contarão principalmente com a cooperação da juventude. Elas organizarão seus recursos vitais e os utilizarão para combater a direção anteriormente tomada pelo seu desenvolvimento social⁹.

Mannheim se preocupa em discutir o processo de inserção do jovem contrapondo as “sociedades dinâmicas” às tradicionais formas européias de sociabilidade nas quais a criança, assim que possível fisicamente, passa a compartilhar o universo dos adultos e a aprender com essa convivência. Com este não apartamento da criança (e conseqüentemente do adolescente e do jovem), o período de preparação não existe, e nem, portanto, a própria condição juvenil. Os papéis que essas crianças desempenharão também já estão claros e dados: trata-se de uma sociedade com poucas opções de desenvolvimento fora do que já é previsto para cada ser social. Ao contrário disso, nossa sociedade, que é um prolongamento dos valores inaugurados pela era industrial, permite que a rapidez, o dinamismo, a abertura de costumes e as constantes novidades, tão características da modernidade capitalista, tragam o surgimento de novas posturas destoantes do esperado pela família de origem. Nisso reside o caráter transformador da juventude. A fluidez e o dinamismo modernos são fatores responsáveis pelas constantes e rápidas transformações que não nos permite o enquadramento de categorias sociais constantes. Graças a esse dinamismo, abrem-se múltiplas possibilidades de atuação no mundo, não existindo um único papel ou caminho pré-definido para a vida. O autor em questão considera como marginal o fato de que o jovem não está absolutamente comprometido com questões econômicas e familiares que já são habituais no mundo dos adultos, tais como trabalho, casamento e filhos. E que sua trajetória, nas sociedades modernas, pode se dar de muitas formas

⁹ MANNHEIM, Karl. *Função das gerações novas* In: FORACCHI, Marialice M e PEREIRA, Luiz (Org). **Educação e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964, p.92.

permitindo que o jovem seja, ao adentrar o mundo dos adultos, aquele que traz uma nova forma de perceber e construir a realidade de acordo com suas necessidades de experimentação. Assim sendo, ambos os autores concordam que a noção de juventude transcende a questão etária, mas Mannheim, ao contrário de Bordieu, define o surgimento da juventude e busca identificar uma base comum. Concorde que se trata de um fenômeno histórico e não biológico, mas ainda cria uma categoria social muito rígida e que não contempla a realidade aqui estudada.

Também refletindo sobre o surgimento da noção de juventude, Abramo propõe a idéia de que se trata necessariamente de um problema moderno. Segundo ela, foi a partir do surgimento de valores burgueses que a criança e o seu desenvolvimento passam a ser o centro de uma nova forma de sociabilidade. O núcleo familiar central substitui as antigas formas coletivas de organização. O jovem se torna o receptor da tradição e dos valores da família que deve ser mantida e continuada geração após geração. A escola surge como lugar privilegiado que aparta a criança e o jovem do mundo dos adultos, ao mesmo tempo em que os prepara para ser parte desse mesmo mundo. Com isso, temos uma diferenciação entre a noção de juventude sob o prisma da família burguesa daquela de famílias de trabalhadores. Para os primeiros, ser jovem significa possuir uma espécie de moratória juvenil que lhe permite um prazo maior de ingresso na vida adulta, uma fase de experimentação, erro e aprendizagem para que possa formar-se adequadamente e assumir o mundo que lhes cabe. Já entre os jovens da classe trabalhadora, tal moratória muitas vezes não é possível devido à necessidade de colaborar com o sustento da família toda, ou ao menos com o seu próprio sustento¹⁰.

É na idéia de continuidade e ruptura que reside a tensão geracional: ao se desvencilhar do projeto pré-estabelecido pela família de origem, o jovem passa a representar um problema. Isso porque o período de separação e escolaridade no qual ele deveria absorver a tradição, também permite o contato com outras afinidades e grupos que não correspondem às aspirações sociais para o qual são preparados. Segundo a autora, os jovens:

Podem, assim, tornar-se foco de anormalidade ou de propostas de transformação social, o que traz à tona o caráter potencialmente **problemático** dos grupos juvenis e da própria juventude como condição

¹⁰ ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis, punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Página Aberta, 1994. p. 5.

chave para o processo de transmissão da herança¹¹.

A autora por fim afirma que o jovem surge para a sociologia como questão na medida em que *“determinados setores juvenis parecem problematizar o processo de transmissão das normas sociais”*¹².

Diante do exposto cabem-nos algumas questões: se seguirmos a hipótese de que o jovem é aquele que não se envolveu nos processos que caracterizam a vida adulta, jovens são apenas aqueles que ainda dependem e são providos exclusivamente pela estrutura familiar dos pais? Tal argumento também não possibilita o enquadramento dos jovens assentados porque mesmo aqueles que não se casaram e não possuem filhos, trabalham e são responsáveis pela produção e manutenção da sobrevivência tanto quanto os adultos. Isso nos leva a uma próxima pergunta: Existem jovens no assentamento Dom Pedro Casaldáliga? Ou ainda: a impossibilidade de grande parte das pessoas pobres vivenciarem esse período de marginalidade e moratória escolar, devido ao seu envolvimento muito precoce no universo do trabalho e à atribuição de funções adultas de sobrevivência, demonstra-nos que não existe juventude na pobreza? Ou que jovens trabalhadores não podem questionar as regras de funcionamento da sociedade?

Essa associação quase automática entre juventude e moratória da qual decorre seu potencial de questionamento da ordem social, ainda segundo a mesma autora, começa a se destacar para a sociologia a partir de determinado momento histórico. Este contexto se caracteriza pela emergência de vanguardas artísticas-intelectuais e de movimentos juvenis ligados às demandas estudantis; por momentos traumáticos como a Primeira Guerra Mundial – da qual resulta a morte de milhões de jovens e o processo de modernização excludente nos países de capitalismo avançado como os E.U.A e *“o aparecimento de grupos delinquentes ou ligados à criminalidade, compostos por jovens das “classes baixas”*¹³. Dessa forma, a juventude filha da classe trabalhadora, emerge como problema na medida em que questionam a normatização da submissão capitalista e o seu lugar e condição nessa sociedade. Embora minoritária, esta juventude acaba por tornar-se porta voz de um mal-estar resultante da condição juvenil na modernidade.

¹¹ Ibidem, p. 4.

¹² Ibid., p. 8.

¹³ ABRAMO, 1994, p. 10.

As questões da **delinquência**, por um lado, e da **rebeldia** e da **revolta**, por outro, permaneceram como chaves na construção da problematização da juventude ao longo de todo esse século, como veremos adiante. Paralelamente foi se estruturando, por contraposição, uma caracterização da “juventude normal” que, no entanto, não deixa de conter elementos que a definem como uma condição que guarda sempre, em potência, possibilidades de descontinuidade e ruptura das regras sociais ¹⁴.

A continuidade e a ruptura da juventude em relação aos valores dominantes é um dos pontos centrais da sociologia preocupada em pensar a questão juvenil. Como podemos então pensar em jovens que ingressaram no movimento social em busca de um projeto alternativo de trabalho e moradia? Quais os desdobramentos de, ao mesmo tempo, esses jovens negarem os valores da exploração capitalista dominante através da luta pela terra, e, quando assentados, precisarem assumir uma forma de viver “adulta” em consonância com os valores normativos da família de origem? E como é o *ser jovem* na vivência da estrutura do assentamento, em que muitos daqueles que costumamos ver como representantes da “juventude” trabalham e tem filhos? É isso um fator que determina seu potencial de entusiasmo e transformação das sociedades em que se inserem?

Depreendi a partir do meu trabalho de pesquisa e da reflexão da autora que, ao tratarmos de jovens que precisam fazer parte do universo adulto por questões de sobrevivência, possuindo família de procriação¹⁵ ou não, sua caracterização como grupo deve se dar sob a perspectiva de que são jovens trabalhadores, ligados à família e distantes do universo das drogas ou de transgressões cotidianas, o que poderia incluí-los na idéia mais geral de uma “juventude normal”. Entretanto são jovens que participam de um movimento social extremamente relevante e que trazem consigo valores ligados à rebeldia questionadora juvenil, tais como a relação com o hip hop ou a dificuldade de se manter no assentamento diante da angústia de experimentar mais coisas do mundo antes de *ser assentado*. Segundo Marília Pontes Sposito, essa fase de transição com potencialidade para a crise que marca a preparação para a vida adulta e caracteriza a juventude não deve excluir “*os jovens de extração trabalhadora, parte significativa do*

¹⁴ Ibidem, p. 10.

¹⁵ Família de procriação se refere à nova família constituída pelo jovem, contrapondo-se à família de origem representada pelos pais.

*fenômeno mais geral da juventude”*¹⁶.

E acrescenta:

Por essas razões, a caracterização do jovem deve ser traçada sob o ponto de vista relacional, ou seja, a partir de uma forma peculiar de relação que ele mantém com o mundo adulto e, conseqüentemente, de sua busca de distância do universo infantil¹⁷.

Partindo dessa análise relacional tendo como referência o distanciamento da infância e do mundo adulto, identificamos atividades, relações sociais e compartilhamento de valores que dizem respeito e contam com a participação principalmente de pessoas que possuem entre 14 e 28 anos, permitindo o entrelaçamento de símbolos, problemas, angústias e expectativas comuns. A idéia de moratória juvenil deixa de representar o período de marginalidade vivenciado pela juventude burguesa (propiciada pela vivência escolar e distância do mundo do trabalho) e passa a agregar outros elementos. Essa *extensão da juventude* passou a ser produzida a partir da positivação das culturas juvenis no pós-guerra, como nos apresenta Abramo em trabalho que integra o trabalho de pesquisa nacional “Retratos da Juventude Brasileira” publicado em 2005. Assim:

Em decorrência, surgem muitas modificações no conteúdo da moratória: não mais só adiamento e suspensão, mas variados processos de inserção em várias dimensões da vida pessoal e social, como sexualidade, trabalho, participação cultural e política, etc. A vivência juvenil passa a adquirir sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta¹⁸.

Esse trecho evoca a necessidade, tendo em vista as muitas realidades possíveis em que os jovens podem estar inseridos, de transcender a discussão para além da questão etária e de classe que separa a juventude burguesa da trabalhadora. Falar portanto de “juventudes” e não de juventude, no singular. A construção da idéia de juventudes no

¹⁶ SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade In: **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 5 (1-2): 161-178, 1993.

¹⁷ Ibidem, p.3

¹⁸ ABRAMO, H. W. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. (ORG). **Retratos da Juventude Brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2008. p. 43.

sentido plural e abrangente, mantém a linha de separação entre a *condição juvenil*, ou seja, o modo como cada sociedade concebe e atribui significado histórico geracional a esse momento da vida e *situações juvenis* “*que revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc*”¹⁹

É sob a ótica das múltiplas escolhas e das muitas juventudes que se buscou entender e apresentar o conjunto de narrativas dos colaboradores. Estou me referindo não à juventude em geral, mas a um grupo juvenil específico que compõe o assentamento Dom Pedro Casaldáliga. É preciso levar em conta que não se tratam de jovens organizados por uma demanda específica da juventude. São jovens mobilizados pela expectativa de construção de um novo projeto de vida no qual se inserem pessoas de todas as idades e grupos sociais. A questão maior que orienta a existência do MST é a reforma agrária, pensada como algo maior que a mera distribuição de terra e que deve garantir além do espaço físico em si, condições para o pleno desenvolvimento da dignidade dos seres humanos envolvidos no processo. Os jovens representam um dos segmentos internos ao movimento social e possuem suas próprias especificidades. Estas não se resumem a necessidades materiais, mas também dizem respeito ao lazer, perspectivas, namoros, etc., muitas vezes suprimidas por questões econômicas e estruturais mais urgentes, como a questão da produção ou da organização política das famílias. No entanto, mesmo com todas as dificuldades do processo de luta pela terra, a participação desses jovens era notória nas inúmeras noites culturais, sessões de filmes, noites em volta da fogueira ouvindo rap, nos namoros e na formação de um bloco de carnaval “Unidos da Lona Preta”. Estes jovens que permaneceram no acampamento passaram por um processo de negação do urbano e de construção de um novo sentido de pertencimento ligado ao Movimento de Trabalhadores Sem Terra. Diante de tudo o que dificulta a permanência no grupo, o “ser assentado” oferece a possibilidade de se identificar com uma comunidade e negar a trajetória instável e de constantes deslocamentos que marcam a vida dos migrantes, vivida ou aprendida pela experiência dos pais.

Ainda sobre a questão do pertencimento a uma comunidade, Bauman a define como sendo de dois tipos: a comunidade de vida e a comunidade de destino. A primeira remete a grupos tradicionais ligados por um passado comum, no qual se nasce e do qual

¹⁹ Ibidem, p.42.

se compartilha. Já a segunda define grupos unidos por idéias e variedade de princípios.

²⁰ Neste caso, percebendo o pertencimento como elemento que define a comunidade, o autor pondera:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para ‘identidade’. Em outras palavras, a idéia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa idéia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada²¹.

Os apontamentos do autor sugerem que o sentir-se pertencente é o fator que possibilita a consciência de que existe uma identidade. Nesse sentido “ter uma identidade” só é possível quando o indivíduo se distancia de sua comunidade de destino e passa a “pertencer” a outro grupo que foi por ele escolhido. Sendo as escolhas e, portanto as identidades do sujeito, sempre múltiplas e fluídas, são muitos os “pertencimentos”: Jovem, migrante, militante do MST, trabalhador, pai de família, gênero, fazer parte da cultura *hip hop*, entre tantas outras possibilidades abertas pelo vivido. Sendo assim optamos pela idéia de múltiplos “pertencimentos” dessa juventude com a qual se deu o convívio e o aprendizado. Ou seja, por meio do que eles nos apresentam com suas histórias de vida. E são esses múltiplos pertencimentos que nos permite pensar em “juventudes”. A juventude a que se refere o presente trabalho é marcada pelo fato de que todos trabalham e alguns são casados e possuem filhos. No caso dos últimos, mesmo mais envolvidos com o universo adulto e com as responsabilidades de sustentar a família de procriação, permanecem com a intenção de se manterem ligados às atividades que já eram desenvolvidas antes do casamento. Eles se entendem como jovens na medida em que estão iniciando sua trajetória de vida,

²⁰ BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p.17.

²¹ BAUMAN, 2005, p.18.

percebem-se como mais novos em relação aos outros assentados e se envolvem (ou anseiam por se envolver) em atividades coletivas com outros jovens, principalmente no setor de cultura²², como os grupos de *hip hop Rebeldes do Campo* e *Os manos da revolução* e o Bloco de Carnaval “*Unidos da Lona Preta*”. Podemos perceber essa autodefinição a partir da convivência no assentamento, mas também em atos e outras atividades do movimento. Jonas, um de nossos colaboradores, descreve as novas responsabilidades da vida familiar, sem por isso deixar de se considerar jovem. Nem ele nem seu amigo Robério, também colaborador desse trabalho e em situação muito parecida:

[...] Aqui, eu e o Tripa que somos os mais jovens assim e temos um peso bastante grande. Eu já tinha um peso antes de vir para o movimento porque eu sempre gostei de morar sozinho, desde os 12 anos quando eu fui para Tocantins. Eu fui sem pai uma vez para ficar lá, sempre gostei. Mas aqui dentro a gente aprende a ter mais responsabilidade sim e com a família então... Aí ou você muda, ou você muda, não tem para onde correr não [...].

Também deixa claro em outro momento da narrativa sua tentativa de continuar desempenhando suas atividades apesar das dificuldades geradas pela nova situação familiar:

[...] Sempre quando a gente vai escrever a gente senta e escreve coletivamente. As letras a gente fazia assim: sentava, cada um falava uma coisa e ia escrevendo. E a gente escreve mais sobre o movimento, sobre a luta, sobre o povo. Sobre o sofrimento que a gente passa no nosso dia a dia. Mas agora está meio parado. As coisas mudaram muito de lá para cá, o tripa casou, eu casei, está mais parado. Está igual ao setor de cultura, vai não vai. Mas estamos aí, continuo escrevendo. O Tripa também escreve, tem um caderno cheio de músicas. Estamos com um projeto para ver se a gente consegue gravar mais aqui mesmo, pela Regional. Gravar um CD com a Regional.

²² Os assentamentos são organizados coletivamente por meio da subdivisão em setores como cultura, educação, comunicação, produção, saúde, gênero, segurança, etc.

Diante desses primeiros apontamentos, podemos indicar que a análise das narrativas foi pensada a partir da construção da noção de um duplo pertencimento: à juventude e à comunidade escolhida por esses jovens ao optarem, pelo menos em um primeiro momento, por permanecer no assentamento. Além disso, nos atemos ao processo de deslocamento da cidade e fixação desses jovens no assentamento a partir da negação do urbano e da opção pelo rural, e as muitas dificuldades que acompanham esse processo. A partir das observações de campo e das análises das entrevistas, constatei que não se trata somente de uma questão de sobrevivência econômica, mas também da negação de uma série de valores e situações propiciados pelo mundo urbano, sobretudo no que tange à violência da periferia metropolitana. O tráfico de drogas, a exploração do trabalho informal, a falta constante de tranquilidade e a ausência de um projeto de vida que permita ao jovem vislumbrar a construção de um futuro, são questões que perpassam o cotidiano urbano desses jovens. Como nos relatou José Carlos, o Pi, um de nossos colaboradores:

[...] (sic) Lá na cidade eu não ia ter oportunidade igual ao que eu tenho aqui no movimento. Fazer cursos... ter amizades legais igual eu tenho aqui no movimento. Algumas amizades que eu tinha lá na cidade não eram muito boas. Os caras fumavam, andavam armados, queriam que eu andasse. Estava na roda ali, e alguns amigos e uns que eu não conheço, começam fumando daí oferecem e ficam tirando você: Ah, se você não fumar você não fica no meio. Aí eu resolvi sair e não ficar no meio, porque aquela vida não é vida pra gente não... Eu nunca fumei

Eu nem consigo pensar nisso. Perdi vários amigos por causa disso. Morreram quatro. O meu melhor amigo que mexia com o tráfico, não pagava. Os meus outros amigos morreram por causa dele, porque andavam com ele. O último morreu foi em 2007. Eu estava na casa dele, chamaram ele e mataram no bar perto da casa da minha tia, em Jandira.

Para entender o universo que corresponde à vivência desse grupo juvenil, a pesquisa buscou contextualizar historicamente o período de modernização do país e a

intensa chegada de migrantes à cidade de São Paulo e seu entorno metropolitano.

Este trabalho se construiu a partir do esforço de discutir em sua base teórica as relações entre o processo de migração que fez parte do desenvolvimento e expansão da cidade de São Paulo e da região metropolitana e a exclusão política e inclusão marginalizada por meio do consumo, fatores que permitiram o surgimento de condições efetivas de luta pela terra na cidade. Partimos da hipótese de que a existência de jovens que estão dispostos a abandonar a cidade e tornar-se, por meio de muitas lutas e restrições, um assentado do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em áreas próximas à região metropolitana, demonstra o fracasso de um modelo de desenvolvimento nacional que se alimentou e colaborou com a solidificação de uma imagem progressista da cidade e de atraso em relação ao campo. Ou seja, um modelo de desenvolvimento que apontou para a possibilidade de realização do progresso material na cidade sem conseguir absorver a população proveniente do campo que foi abandonada por esse mesmo projeto. Esses jovens que viveram a realidade da pobreza urbana nas favelas e periferias em seus aspectos mais violentos e degradantes – principalmente o tráfico de drogas – arcam com as consequências de um projeto falido de equilíbrio nacional e distribuição de riquezas. O mesmo projeto que justificou, em um primeiro momento, o incentivo à substituição de trabalhadores por máquinas no campo, argumentando que as máquinas urbanas absorveriam esses mesmos trabalhadores e seus filhos. Entretanto, se tal sistema produtivo, em uma fase de franca expansão, não foi capaz de oferecer inclusão econômica, mesmo que subserviente ao capital, para a geração anterior de trabalhadores, como o fará em relação aos que estão agora tentando entrar no mercado de trabalho? Quais as possibilidades reais de sobrevivência da população jovem no mundo moderno e periférico²³ das cidades de todo o país, e em particular São Paulo, que representa o universo de nossa discussão? Em que condições objetivas esses jovens buscaram em um projeto rural seu projeto de vida? E quais os principais problemas enfrentados por esse jovem para permanecer na área conquistada e representar a nova geração do projeto?

Para alguns desses jovens que persistiram na luta e foram assentados, a alternativa para a vulnerabilidade vivida na metrópole surgiu de uma proposta vinculada ao mundo agrário levada pelos militantes do MST até as periferias e albergues da cidade

²³ Sobre as peculiaridades do ser moderno na periferia do capitalismo, ver MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. 2 ed., São Paulo. Editora Contexto, 2008, p.18.

de São Paulo. De maneira geral acompanhando membros da família, esses jovens que cresceram ou vivenciaram fortemente a cultura urbana viram-se, a partir da entrada no movimento, envolvidos por uma realidade agrária precária e que em nada lembra alguns dos parques benefícios oferecidos pela cidade, como energia elétrica, para citar um ponto óbvio. Segundo nossos colaboradores:

Cheguei aqui no movimento meio assustado como todo mundo. Eu não conhecia a realidade daqui. Cheguei meio apavorado com meu pai e no outro dia eu queria ir embora. Mas depois comecei a participar, comecei a enxergar outro mundo. Ia em algumas reuniões, falava qual era a minha perspectiva aqui dentro. (Jonas)

O primeiro dia que eu fiquei debaixo da lona, eu tive vontade de ir embora. Até cheguei a falar para os meus pais que ia embora. E fui, meu pai falou: Pensa bem. Eu fui para casa, lá em Ibiúna, e fiquei uma semana lá sozinho. Depois eu pensei: Não, vou voltar para lá. E voltei de vez. (José Carlos)

Estou aqui desde a ocupação da Mian²⁴. Logo que a gente veio para cá, a Mian foi o primeiro lugar, o primeiro acampamento. Lá foi... Como é que se diz? Uma escola para a gente. Aprendemos bastante coisa. Nos primeiros dias tinha que levantar, acordar cedo, de baixo da lona, frio... montar barraco... Não sabia nada. A primeira vez que trabalhei com roça foi aqui. Mas foi legal. Estou aprendendo ainda. (Claúdio)

Quando eu vim para o movimento, primeiro eu achei muito estranho ter que morar no barraco de lona. Sair de cidade e ter que ir morar no barraco de lona... Quando chovia, era aquele monte de barro... Nossa, até eu acostumar foi muito difícil. Mas quando cheguei lá no Irmã Alberta, tinham os jovens. Lá tinham muitos jovens. Aí eu consegui me adaptar bem no movimento.” (Adriana)

O mais difícil aqui eu achava que era a falta de luz. Só que a gente puxou a luz e agora está de boa. (José Wilk)

²⁴ Primeira ocupação com as famílias que constituíram o acampamento Camilo Torres. A ação realizou-se em conjunto com o acampamento Dom Pedro Casaldáliga e com integrantes de outros acampamentos e assentamentos da Regional Grande São Paulo do MST como o Irmã Alberta e Dom Tomás Balduino. Posteriormente, depois de muitas ocupações e alta rotatividade famílias, os dois acampamentos iniciais formam hoje a Comuna da Terra Dom Pedro Casaldáliga. A sede da antiga fazenda São Luiz pretende ser transformada em centro de convivência que receberá o nome de Camilo Torres, mantendo a primeira homenagem prestada ao padre e integrante do Exército de Libertação Nacional (ELN) colombiano, morto em combate contra o exército colombiano em 1966.

Aliado a isso está o fato de que a cidade envolve uma série de possibilidades, encontros e dinâmicas de vida, que o tempo cíclico e lento de um acampamento rural não oferece. As possibilidades de lazer e relacionamentos humanos se restringem fortemente à convivência com os outros acampados. Assim, o que pode representar o paraíso idílico para os mais velhos que constituem a evidente maioria dos assentados (como por exemplo, os aposentados), pode ser simultaneamente o inferno dos mais jovens que ainda não buscam esse ritmo de realizações e vivências. Jovens que querem trabalhar e ter uma vida digna, mas compreendem que isso passa necessariamente pelo direito ao lazer.

A sexualidade também emerge como uma questão importante. Muitas vezes se pôde constatar que o fato de encontrar um parceiro(a) no próprio grupo de convivência colaborou para a permanência do(a) jovem no movimento. As dificuldades em se manter solteiro(a) no assentamento estão relacionadas ao abandono da área pelos jovens e derivam da impossibilidade de organizar um cotidiano no qual as tarefas, os problemas e as realizações sejam compartilhados.

Todas estas barreiras para a permanência em um assentamento demonstram um sério problema em relação ao atual estágio de organização do movimento. Afinal, quem será capaz de manter o que já foi conquistado e construir o futuro do assentamento se este passar a adquirir as características de uma cidade dormitório, como as muitas que vemos pelo país em áreas de fraca atração econômica. Lugares cuja população é constituída basicamente por idosos e crianças. A pequena quantidade de jovens no assentamento é visível. Nas palavras de Jonas:

[...] Acho que o mais velho entre todos é o Cláudio, porque a maioria é 20, 23, 19, 17, 16, 15, nessa faixa etária. Já foram muitos e muitos jovens embora. Tinha uma galera boa aqui. Antigamente o setor era uma beleza. A gente fazia intervenção cultural, era encontro direto. Agora está mais “paradão”, depois do assentamento está devagar para caramba[...]

Ou ainda nas palavras de Cláudio, José Wilk e Adriana:

Aqui só tem o pesqueiro mesmo ali e de vez em quando nós vamos lá, pescar, se divertir um pouquinho, brincar de bola um pouco na rua, assistir um filme lá embaixo, no barracão²⁵... Cada um sai juntando os filmes nas casas das pessoas que tem e leva lá para todo mundo assistir. Mas é pouquinho coisa, né? A molecada de agora, a juventude que está crescendo aqui pensa mais no campinho. Daí nós resolvemos pedir para a máquina²⁶ arrumar o campo, para os que estão crescendo aqui. Mas os outros, que começaram junto com a gente, a maioria já saiu, já não estão mais aqui. Têm poucos. Ninguém sabe se volta ou se não. Acho que também cansaram de viver nesse sossego. (Claúdio)

Porque a gente saiu do Irmã Alberta, ficou um tanto de pessoas lá, um tanto da juventude que se reunia antes, fazia a fogueirinha, cantava rap... Aí você vem para cá, poucos saem de casa. O que mais sai sou eu, onde você passa eu estou... (José Wilk)

Mas quando cheguei lá no Irmã Alberta, tinham os jovens. Lá tinham muitos jovens. Aí eu consegui me adaptar bem no movimento. Às vezes eu não gostava muito de sair, ficava mais dentro de casa, e a Célia falava assim: Não, menina, vai lá brincar, vai jogar um futebol com os jovens, se junta, vocês são jovens, se entrosa mais. Foi isso que deu força para eu entrar no movimento mesmo. Eu jogava futebol, vôlei, a gente sempre marcava um dia. A gente tinha um técnico de futebol só de feminino. Jogava fora, em outros lugares, com outras pessoas, era muito legal. Eu gostava bastante. (Adriana)

Nessas falas os colaboradores expressam sua noção de juventude e as necessidades vinculadas à questão etária e à dinâmica cultural do grupo. Dessa forma, o jovem não é apenas aquele que possui a idade do jovem, mas aquele que integra atividades normalmente associadas à juventude como as desenvolvidas pelo setor de cultura, os esportes, as brincadeiras, o lazer, etc. Mesmo diante de entraves à

²⁵ Barracão é um dos espaços da sede da antiga Fazenda São Luiz. Por um bom tempo foi um dos poucos lugares da comunidade com energia elétrica. Possui uma televisão coletiva para que os assentados, sobretudo os jovens e as crianças possam ver filmes já que a televisão não tem antena. O aparelho de DVD e os filmes (a maioria piratas) são pertences pessoais.

²⁶ Máquinas da CODASP (Companhia de Desenvolvimento Agrícola do Estado de São Paulo) empresa responsável pela manutenção de estradas e pela obras de terraplanagem para a construção de platôs nos locais de construção das casas de alvenaria por meio do crédito habitação do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

permanência dos jovens, muitos deles, mesmo atraídos por aspectos do urbano, resistem e optam por ficar na área conquistada. Pensando sobre as conversas nas noites em volta da fogueira nos primeiros tempos da ocupação, sempre me pareceu forte o desejo de sedentarizarem-se e que viam no movimento uma possibilidade de interromper o ciclo de deslocamentos permanentes em busca de emprego. Diante disso, outro aspecto que me parece fundamental para entender a resistência na terra é a tentativa de negação do trabalho livre que submete o trabalhador as exigências do capital. Isso se dá por meio da negação do deslocamento compulsório, propiciada pela possibilidade concreta de realizar o direito de não migrar que a posse do meio de produção permite.

A inquietação diante da convivência com os assentados me levou à elaboração da proposta de criação de um “corpus documental” a partir de fontes orais com a colaboração de jovens assentados do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Buscarei analisar e contribuir com a discussão em torno do desenvolvimento dos assentamentos rurais, utilizando como substrato a análise de documentos criados sob a perspectiva dos narradores escolhidos frente à problemática elaborada, ou seja, os jovens assentados da Comuna da Terra Dom Pedro Casaldáliga. Registrar as histórias de vida desses lutadores do povo tem como pretensão contribuir com a discussão em torno de novos projetos de construção social, que busquem a superação da visão que vinculam a idéia de atraso ao campo e de progresso à cidade.

Sendo assim, as questões que permeiam este trabalho tratam dos dilemas, da base cultural e das possíveis estratégias de permanência voluntária no campo situado na região metropolitana em que o rural e o urbano constituem mundos próximos e distantes simultaneamente. A memória individual, cuja subjetividade envolve a interpretação das condições objetivas em que foram produzidas, pode nos oferecer novos elementos para o questionamento da realidade atual. Como nos aponta Marieta de Moraes ao discutir a questão da subjetividade nas entrevistas:

Mencionando Mercedes Vilanova, pode-se afirmar que ela é contra a história social, a história política, a história das mulheres, a história dos marginais. Quero uma história sem adjetivos, uma história bem feita, uma história que seja útil. E essa história bem feita, sem fontes orais, é uma história incompleta. Defende-se a idéia de que as fontes orais não

viram a página, e que estamos na pré-história de um caminho que começa porque, aos poucos, nós, como historiadores, nos transformamos e transformamos aqueles que entrevistamos. De modo que, se defende a subjetividade inerente à fonte oral, que a torna útil, distinta e absolutamente necessária para uma história completa²⁷.

Diante do exposto, o esforço se dá no sentido de pensar esses jovens como indivíduos plenos que possuem como traço comum a cultura urbana marcada pela pobreza e pela inclusão marginal, o que traz à tona uma provocação ao pensamento da esquerda tradicional: o respeito à individualidade – e não ao individualismo – e a construção de novas possibilidades de luta que não necessariamente passam pela chegada ao Estado. Envolve também a busca por construir a crítica ao modelo de modernização que norteou o desenvolvimento brasileiro até o momento presente.

²⁷ MORAES, Marieta de. (org.). **História oral**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, p.46-47

1.3 - A História Oral e o registro da vida.

A construção das Comunas da Terra representa um novo momento na luta pela democratização dos espaços e meios de produção envolvendo moradores provenientes do meio urbano que, dessa forma, dirigem-se ao campo em busca de melhores condições de vida negadas pela cidade. Sobre as muitas possibilidades abertas pelo retorno do trabalhador urbano ao campo, Ribeiro apresenta:

A intenção é destacar que esse retorno significa o começo de uma nova relação com o campo nos dois sentidos apontados: por um lado, porque as pessoas que viveram na cidade trazem consigo toda uma vivência para o meio rural, pois acumularam conhecimentos e a experiência da vida urbana imprime marcas que podem direcionar a vida desse trabalhador rural a ter outras perspectivas quanto ao mercado e à produção; por outro, porque a nova condição de trabalhador, agora proprietário das terras, inaugura um vínculo diferente dos anteriores, em que tinha de vender sua força de trabalho ou pagar pelo uso das terras e morar em uma casa que não era sua²⁸.

A partir das conversas realizadas com membros do assentamento (e nesse caso não apenas com os jovens) percebi que as pessoas que saíram da cidade e retornaram para o campo construíram por meio da prática e de suas próprias experiências de vida – em grande parte ligadas ao trabalho rural – uma nova forma de convivência solidária capaz de lidar com as privações. Por meio dessa vivência recriaram no seu cotidiano uma nova forma de ver a vida rural, distanciando-se da idéia de que a vida no campo é necessariamente pior do que a vida na cidade. São pessoas que, expostas a todo tipo de privação na cidade, representam um contingente de trabalhadores que o mercado não consegue absorver. Isso porque se em um primeiro momento da industrialização a

²⁸ RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Deslocamentos campo-cidade-campo: caminho para viver uma nova realidade. In: COGGIOLA, O (Org). **Caminhos da História**. São Paulo: Xamã, 2007. p. 190.

questão era o que fazer com o exército industrial de reserva, a questão agora é entender que grande parte desse excedente populacional que habita a metrópole não está aguardando sua vez de entrar no mercado formal de empregos. Simplesmente não vão entrar porque não existe mais espaço. Bauman pondera sobre o projeto da modernidade a partir da imagem da velocidade que não permite o alcance de todos.

Desde o início dos tempos modernos, cada geração sucessiva tem tido seus naufrágios no vácuo social: as “baixas colaterais” do progresso. Enquanto muitos conseguiram pular para dentro do veículo em alta velocidade e aproveitar profundamente a viagem, muitos outros menos sagazes, hábeis, espertos, musculosos ou aventureiros – ficaram para trás ou tiveram negado o acesso ao veículo superlotado, se é que não foram esmagados por suas rodas²⁹.

Todo projeto, ao tomar corpo, define o que deve e o que não deve ser incluído e, portanto, é excludente em sua essência. Em se tratando do projeto moderno, a questão que se esboça atualmente é a constatação de que o número de pessoas excluídas, ou incluídas marginalmente como “restos” do progresso, cresce a cada dia aumentando a tensão e a insegurança dos que estão formalmente inseridos.

São pessoas que ficaram de fora do projeto modernizante rural e urbano os novos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra: As “baixas colaterais” da modernização brasileira concretizada na cidade de São Paulo. Assim, o movimento que em sua trajetória política sempre buscou atuar junto à população rural brasileira, agora volta sua atenção também para a população urbana. O estudo e discussão das *histórias de vida* de jovens que integram a Regional Grande São Paulo permite uma aproximação maior do caminho traçado por essas pessoas e em que momento o movimento social tornou-se uma alternativa de vida e de luta. Dessa forma, atentamos para algumas questões tais como: Qual a origem espacial e social dessa população? Trata-se do deslocamento campo-cidade-campo? Em que medida a identidade desses jovens envolve a questão do “ser migrante”? Quais circunstâncias os levaram para o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra? Como se deram os processos de superação

²⁹ BAUMAN, Zigmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p.25.

do sonho urbano? Quais representações possuem da cidade? E ainda, qual a relação existente com a cultura camponesa tradicional pequena produtora, e qual o porquê de sua disposição e envolvimento em um projeto que envolve os problemas e limites do campo, mesmo frente à possibilidade da vida urbana?

A construção dos assentamentos, seguindo a proposta da Comuna da Terra, envolve a discussão da viabilidade de desenvolvimento econômico e social que garanta a continuidade de um projeto que tem trabalhadores urbanos como integrantes. Estes, embora possuam em muitos casos vínculos com a produção rural, também trazem as cicatrizes da degradação urbana que marca a cruel luta pela sobrevivência imposta pelo desigual desenvolvimento capitalista. Mesmo integrando uma nova geração muitas vezes já não nascida no campo, para muitos jovens da metrópole o processo de expulsão dos trabalhadores rurais e a conseqüente migração para a cidade constituem uma trajetória que faz parte da experiência familiar. Além disso, as periferias das grandes cidades trazem como marca de sua formação a sempre tensa oscilação entre o arcaico e o moderno que caracterizaria o *ser pobre no mundo moderno*. Vivem muito próximos dos benefícios do mundo urbano, mas mantêm-se atrelados aos valores tradicionais que forjam a rede de relações sociais que sustentam a sobrevivência diária.

³⁰ Buscando a relação entre a cultura rural e urbana presente nas periferias das grandes cidades, Sarti, em uma reflexão publicada pela *Revista Travessia*, publicação do Centro de Estudos Migratórios e que há mais de 20 anos promove o debate dos mais diversos aspectos que envolvem a questão migratória, discute:

A urbanização na sociedade brasileira não significou uma ruptura das relações hierárquicas do mundo rural, personalista e patriarcal, mas continuou fazendo valer, também nos supostos espaços “modernos” da cidade e do trabalho capitalista, os valores tradicionais, que ainda moldam comportamento³¹.

Este é um dos aspectos culturais que serão analisados por meio das entrevistas: o encontro entre o universo rural e urbano em um mesmo espaço. Dessa forma, a

³⁰ SARTI, Cynthia Andersen. **São os migrantes tradicionais?** Revista Travessia, n.23, 1995, p. 13

³¹ Ibidem, p.13

metodologia em História Oral empregada na feitura de documentos por meio de entrevistas realizadas em *colaboração* com o grupo estudado, permite registrar a memória dos jovens assentados e analisar a construção de uma memória coletiva. Esta possui como substrato último comum o tempo presente do qual partem as narrativas, isto é, a vivência e o envolvimento com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Essas narrativas apresentam a percepção sobre o vivido de cada colaborador por meio da reconstrução articulada pela memória. Trazem portanto elementos que contribuem para a compreensão dessa nova realidade forjada pela luta contra a concentração fundiária sob o ponto de vista de pessoas que até então dialogaram com o Estado apenas no âmbito repressivo, já que direitos básicos constitucionais como moradia, saúde, educação, etc., lhes foram historicamente negados.

Documentar a vida das camadas populares envolvidas na necessária e legítima luta política de ação transformadora exige que voltemos nossa leitura de mundo para os sujeitos que efetivamente realizam a luta, o que permite a reflexão sobre bases concretas. Portanto, a História Oral situa-se necessariamente no *tempo presente*, o que constitui uma inovação no campo da historiografia tradicional ao ampliar o campo teórico do historiador e libertá-lo das amarras do positivismo que aloca a discussões do campo da História apenas no “*tempo passado*”³². Dessa forma, permite a inserção de documentos para a formulação de análises no campo historiográfico de temas e problemáticas que fazem parte da realidade atual. Assim, dar voz, corpo e registro às trajetórias de vida daqueles que estão construindo a história desse assentamento, torna-se uma forma de ter acesso ao mundo das pessoas comuns que fazem uma luta cotidiana contra o sistema dado, recriando todo dia um modelo de viver diferente.

Optei pelo registro de histórias de vida de integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra da Regional Grande São Paulo, o que constitui a comunidade de destino do meu trabalho. O assentamento Dom Pedro Casaldáliga, como relatado anteriormente, não constitui uma escolha aleatória, mas feita a partir da convivência e contato com os colaboradores do trabalho acompanhando sua trajetória desde a ocupação em 10 de abril de 2004, registrada no caderno de campo. Durante o período de realização das entrevistas foram percebidas na prática as dificuldades, sutis ou não, de se construir o trabalho por meio da colaboração. Estas decorrem

³² DECCA, Edgar de. **1930 O silêncio dos vencidos, memória, história e revolução**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.41.

principalmente do fato de que o ato de entrevistar é um método frequentemente utilizado por jornalistas que, de forma geral e graças às distorções realizadas por alguns profissionais no momento de edição das entrevistas, são categorizados como adversários dos movimentos sociais. Esse constitui outro aspecto que justifica minha opção pelas histórias de vida, dado que sob essa perspectiva, elas não obedecem a questionários fechados ou rigorosamente pré-estabelecidos e são apresentadas na íntegra para o leitor. Mas para que não se constituam, por isso, em conversas aleatórias, destaca-se a importância de se reunir o máximo de informações e de se manter uma vivência com os colaboradores. Esse procedimento permite tanto o estabelecimento de relações de confiança que facilitam o trabalho, como a segurança de conduzir (e não formatar) as entrevistas de forma satisfatória por meio de estímulos.

Essa é uma fase importante e delicada do trabalho por se tratar da negociação com os colaboradores, pois sem eles, não existe História Oral. Colaboração é um ato que pressupõe diálogo e troca entre as partes envolvidas. Algumas das inquietações que surgiram com a convivência com os assentados me levaram a decidir que seriam os jovens os entrevistados, animada pela percepção de que é sobretudo para eles que toda a modernidade, ideologicamente, se dirige. Segundo Kehl, a velocidade de produção de mercadorias e do consumo que se inaugura principalmente no pós-guerra, fez com que a juventude, antes vista como representante da crise e da rebeldia, fosse fortemente incorporada como mercado consumidor. Para o mercado, ser jovem é estar atento a todas as novidades diárias que o capitalismo produz e ter o poder de se apropriar plenamente de tudo o que a modernidade pode trazer. Tornou-se a idade ideal que todos devem tentar manter para que estejam em consonância com o próprio sistema, dado que *“ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa.”*³³

A mudança na forma como o jovem é incorporado – agora como símbolo da eterna juventude que o consumo pode trazer – faz com que a associação entre juventude e consumo crie a imagem do jovem como *“modelo de beleza, liberdade e sensualidade para todas as outras faixas etárias”*³⁴. Poderíamos pensar que, em se tratando de poder de consumo, a juventude hedonista que se forma a partir desses

³³ KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R e VANNUCHI, P. (Org). **Juventude e Sociedade**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, p. 92

³⁴ Ibidem, p.93.

valores seria pertencente apenas aos segmentos mais abastados. No entanto, essas transformações abrangem também os mais pobres. A radicalização da expansão do capital, seja por meio do consumo propriamente ou do sistema de comunicação que universaliza seus símbolos e valores, obriga-nos a pensar que os velhos modelos sociais não contemplam uma realidade tão rapidamente mutável. Como nos sugere Giddens sobre as transformações envolvidas na modernidade:

Sobre o plano extencional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana. Existem, obviamente, continuidades entre o tradicional e o moderno, e nem um nem outro formam um todo à parte; é bem sabido o quão equívoco pode ser contrastar a ambos de maneira grosseira. Mas as mudanças ocorridas durante os últimos três ou quatro séculos – um diminuto período de tempo histórico- foram tão dramáticas e tão abrangentes em seu impacto que dispomos apenas de ajuda limitada de nosso conhecimento de períodos precedentes de transição na tentativa de interpretá-las³⁵.

A radicalização e extensão da modernidade sem precedentes históricos fazem com que os jovens pobres, mesmo não tendo condições de consumir o que o mercado dita, ou seja, as famosas “modas”, o que deve ser usado por aqueles que querem fazer parte da sociedade com vencedores, compartilham valores e desejos com os jovens que possuem efetivamente poder de compra. Ainda segundo Kehl ao tratar da forma como o jovem foi inserido na lógica do consumo a partir de sua extensão, nos diz:

Parece que ao escrever isso estou limitando o foco dessa análise aos adolescentes da elite, os únicos que de fato podem consumir e desfrutar da condição de jovens adultos cujos desejos e caprichos são sustentados pelos pais. Não é bem assim. Na sociedade pautada pela Indústria cultural, as identificações se constituem por meio das imagens industrializadas. Poucos são aqueles capazes de consumir todos os produtos que se oferecem ao adolescente contemporâneo –

³⁵ GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

mas a imagem do adolescente consumidor, difundida pela publicidade e pela televisão, oferece-se à identificação de todas as classes sociais³⁶.

Pelas razões expostas, intuí que seriam essas pessoas jovens de origem urbana que poderiam me apresentar de uma forma mais latente a problemática da construção de um projeto de base rural. Integrar o mercado como consumidor representa para o jovem uma forma muito forte de afirmação social que se funda em grande parte no consumo de símbolos e mercadorias voltados para a juventude. Canclini nos apresenta um bom caminho para que pensemos sobre o universo ilusoriamente promissor e concretamente excludente no qual o jovem se insere pela primeira vez:

Modernização com expansão restrita do mercado, democratização para minorias, renovação das idéias, mas com baixa eficácia nos processos sociais. Os desajustes entre modernismo e modernização são úteis às classes dominantes para preservar sua hegemonia, e às vezes para não ter que se preocupar em justificá-la, para ser simplesmente classes dominantes³⁷.

Definida a rede de colaboradores com base nas prerrogativas apontadas, segue-se o procedimento prático das entrevistas, que inclui o contexto de cada entrevista devidamente registrado no caderno de campo, lapidação do texto por meio da textualização, transformando-o em um documento expressamente focado na figura do colaborador, ou seja, suprimindo-se os estímulos e perguntas do oralista. O processo a que chamamos de transcrição envolve a passagem da linguagem oral para a linguagem escrita com que se busca a manutenção do sentido das narrativas. Em alguns casos, durante o processo de transcrição são *“tirados os erros gramaticais e reparadas as palavras sem peso semântico. Os sons e ruídos também foram*

³⁶ KEHL, *op. cit.* 2004, p. 93.

³⁷ CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo. 4 ed. EDUSP, 2003, p.69.

eliminados em favor de um texto mais claro e liso ³⁸”. No caso do presente trabalho, alguns erros gramaticais foram mantidos nos documentos escritos por expressarem uma forma peculiar de comunicação dos jovens, como percebemos na narrativa de nosso colaborador José Wilk:

Eu adoro cantar um rap com o João e o Pi. Só que o que mais canta mesmo é o Pi. Ele gosta mesmo, onde ele está, está cantando. Então eu e ele fica nós dois cantando. Às vezes eu falo assim: Pô mano, não sei quem viaja mais, eu ou você.... Começa a cantar as músicas, assim, não pára mais...

Por exemplo a palavra *nóis* tem um sentido de coletividade nas músicas e gírias ligadas ao rap e por isso foi mantida. Claro que não podemos reproduzir a linguagem, os gestos, expressões e a forma peculiar como se expressam oralmente, mas a permanência de algumas palavras ligadas a esse universo aproxima o leitor da identidade urbana e periférica de nossos colaboradores.

Escolhido o tom vital, a frase escolhida como eixo da entrevista, e terminado o trabalho sobre a narrativa, este deve ser apresentado e autorizado pelo colaborador, um dos pontos éticos mais importantes no trabalho direto com pessoas, fontes vivas. Segundo Meihy, a conferência e autorização por parte do colaborador demonstra sua identificação com o texto, o que lhe confere validade:

Em história oral, o reconhecimento do texto procedido pela conferência e pela autorização determina se o colaborador se identificou ou não com o resultado. É essa a grande prova da qualidade do texto final³⁹.

E por fim, a análise será feita sob dois olhares: um que busca apreender, respeitar e compreender a subjetividade de cada colaborador, ou seja, ater-se às

³⁸ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral, como fazer, como pensar**. São Paulo: Loyola, 2005, p.142.

³⁹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História Oral, como fazer, como pensar**. São Paulo: Loyola, 2005, p. 195

particularidades de sua experiência de vida; e outro que entende que a subjetividade de cada uma das narrativas não anula a evidência de que todos os colaboradores possuem em comum o fato de não terem os direitos básicos assegurados pelo Estado e de estarem organizados coletivamente para exigir o cumprimento de tais direitos. Assim são responsáveis por criar uma nova tensão e equilíbrio de forças em uma sociedade que se caracteriza pelo *“atraso do real em relação ao possível, o social em relação ao econômico”*⁴⁰.

Esse outro olhar permite a identificação e reflexão sobre a existência de um substrato material comum, visto que, por mais particulares que sejam as experiências, interessa também o que possuem de coletiva. A identificação de uma memória coletiva como substrato de constituição da identidade do grupo a partir das repetições presentes nas narrativas, pode auxiliar na melhor compreensão sobre essa nova realidade: a existência de pessoas que frente à miséria das grandes cidades e possuindo ou não ligações com o campo, estão se dispondo a retornar ou entrar pela primeira vez na terra porque não foram absorvidos satisfatoriamente pelo sistema produtivo urbano. Deixaram de ser chamados de trabalhadores e passaram a ser vistos como problema social. Buscam uma terra que, dessa forma, deixa de simbolizar a injustiça e desigualdade características do processo de concentração fundiária e representa, mais do que uma reprodução idílica do que deveria ser o mundo rural camponês, um lugar de transformação, luta e construção de uma vida nova e digna.

⁴⁰ MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Contexto, 2008. p.104.

1.4 - A questão agrária e a cidade

A década de 50 e a aceleração do processo de industrialização, principalmente durante o governo de Juscelino Kubitschek, tornam a presença do Estado, orientado para tal fim, como principal agente da internacionalização de alguns setores produtivos. O fomento ao desenvolvimento do capital privado nacional e estrangeiro demonstra a mudança de orientação no planejamento industrial. A disposição de desenvolver, durante o Governo Vargas (1951-1954), um capitalismo de base nacional passa a um programa de aceleração e industrialização a qualquer custo, de caráter dependente. O Programa de Metas sintetiza essas diretrizes estatais, considerando que:

[...] foi estruturado como principal instrumento da política econômica do governo. Dentre seus objetivos mais gerais, destacavam-se os seguintes: a) abolir os pontos de estrangulamento da economia, por meio de investimentos infra-estruturais, a cargo do Estado, pois que esses investimentos não atrairiam o setor privado; b) expandir a indústria de base, como a automobilística, indústria pesada e de material elétrico pesado, estimulando investimentos privados nacionais e estrangeiros⁴¹.

E acrescenta que,

É inegável que a criação da indústria automobilística foi o empreendimento que sobrepujou todos os outros, pelo significado econômico e pelo sucesso político. A produção automobilística em geral (automóveis, utilitários, jipes e caminhões) cresceu rapidamente, o que tornava visível, para as populações urbanas e, em parte rurais, os resultados palpáveis da política econômica governamental⁴².

Toda a crença na modernização industrial como agente redentora de um país

⁴¹ IANNI, Octavio. **A idéia de Brasil Moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.153.

⁴² Ibidem, p.155.

subdesenvolvido contrasta violentamente com o processo de *pauperização* do campo, sobretudo se destacarmos a região nordeste do Brasil. Dada como seca e inóspita a partir de uma visão negativa construída socialmente, essa região seria o lugar de “natural” repulsão de trabalhadores. Odair da Cruz Paiva discute como a seca naturaliza o processo de expulsão dos trabalhadores.

A recorrência de longos períodos de seca não só explicava as agruras da população nordestina, mas deslocava para a natureza problemas sociais criados, ao menos não prioritariamente por ela, mas pelos próprios sujeitos sociais⁴³.

E acrescenta:

O sentido negativo aqui atribuído não se constrói apenas a partir do Nordeste; estrutura-se também fora dele: no sul do país. A dupla construção da idéia do atraso ganha força nos anos 1930 já que a base social promotora da mesma – elite nordestina e interesses de grupos agrários e industriais em São Paulo – encontra nela um elemento importante na defesa de seus interesses⁴⁴.

Colaborando com a imagem que atribui à seca os problemas da população nordestina, constituindo a migração uma saída adequada para o quadro de pobreza na região, o ano de 1958, em plena euforia desenvolvimentista, foi marcado por uma grande estiagem. A partir disso o migrante “*trouxe à cena nacional um personagem que, se já era conhecido, era um tanto distante da realidade do Sul: o evadido da fome, da miséria e do abandono*”⁴⁵.

⁴³ PAIVA, Odair da Cruz Paiva. **Caminhos Cruzados: a migração para São Paulo e os Dilemas da Construção do Brasil Moderno nos anos 1930/50**. 2000. 313f. Tese (Doutorado em História) FFLCH-USP, São Paulo, 2000.

⁴⁴ Ibidem, p. 178

⁴⁵ LEVINE, Robert M. e MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela Negra, A saga de Carolina de Jesus**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. p. 220.

Nesse contexto de expulsão do trabalhador, a cidade como reduto da modernização e do desenvolvimento econômico, sobretudo a capital paulista, passa a representar a “Canaã” dos flagelados da seca. Era como se as regiões industrializadas como o eixo São Paulo - Rio de Janeiro fossem as detentoras da solução para os problemas sociais e regionais do país. Deslocar uma parte da população nordestina para trabalhar nas áreas abastadas do país resolveria o problema de ambos os lados. Atrair vultosos fluxos de mão-de-obra pauperizada de áreas atingidas pela seca regularia a oferta de trabalho na cidade que precisava dela, e aumentaria a oferta de emprego e os salários no campo. Portanto, o processo de maquinização e a introdução de técnicas modernas de lavoura e pecuária, e a substituição de trabalhadores na agricultura, não gerariam um excedente preocupante de trabalhadores no campo, já que em boa parte eles seriam reabsorvidos pela expansão produtiva da cidade⁴⁶. A crença no reajuste estrutural tendo como base o rearranjo dos trabalhadores no espaço nacional seria a solução para os problemas do nordeste e do centro-sul. Nesse sentido:

A mesma lógica de antes: submeter o deslocamento e a localização dos trabalhadores às exigências do capital... Só que, dessa vez, em mão invertida. Ao invés da paz bucólica do campo prometia-se agora a modernidade febril dos grandes centros industriais.

Muitos dos novos apóstolos da urbanização e da metropolização reconheciam a possibilidade, e mesmo a inevitabilidade, de que viessem a surgir desajustes e desequilíbrios. Mas seriam temporários, asseguravam confiantes. E eram naturais, explicavam, numa sociedade que caminha aceleradamente em direção ao paraíso do desenvolvimento capitalista⁴⁷.

O fato é que os desequilíbrios passaram a ser vistos como naturais e que o paraíso capitalista ainda não desceu à terra. Essa esperança no reequilíbrio natural que seria promovido pelo desenvolvimento produtivo industrial equivalente nunca se realizou.

⁴⁶ VAINER, C B ; BENETTI, P. Migração e Metrôpoles. **Travessia Revista do Migrante**, São Paulo, n. 2, 1988, p.7.

⁴⁷ Ibidem, p.7.

Consequência do processo migratório, aumentam a quantidade de trabalhadores disponíveis e de pessoas necessitadas de moradia na cidade; concentração populacional que, ao criar um exército de força de trabalho reserva, gera também o enfraquecimento da correlação de forças sociais. A diminuição da remuneração e a transferência dos custos de moradia possibilitada pela grande oferta de trabalhadores refletem no aumento das formações de favelas e do número de moradores na periferia, espaços desvalorizados no mercado imobiliário justamente devido à falta de infra-estrutura básica. Ou seja, a modernização produtiva e a atração de mão-de-obra não possuem correspondente no plano de ações sociais e na criação de condições para o estabelecimento dos migrantes. No ritmo do desenvolvimento acelerado dependente, já no governo militar, o período do chamado “milagre brasileiro” – em que os índices de crescimento econômico beiravam os assombrosos 10% – corresponde também ao período de mais acelerada concentração de renda. A década de 80, seguinte ao milagre, demonstra a perda de valor real do salário mínimo e um assustador aumento da população moradora de favelas⁴⁸.

Ao longo do processo de modernização percebemos a dupla espoliação do trabalhador. Dois processos paralelos, no campo e na cidade, mas que colaboraram para a piora significativa das condições de vida da população mobilizada para o trabalho: o empobrecimento do trabalhador urbano que passa a “sobrar” na cidade e o acentuado processo de modernização no campo. Além da expulsão do pequeno e médio proprietário, do aumento de áreas de pastagens que absorvem pouca ou nenhuma mão-de-obra, também ocorre a maquinização dos processos produtivos que diminuem a necessidade de braços para a produção agrícola. O surgimento das Ligas Camponesas torna-se um dos acontecimentos que permite a percepção da situação do trabalhador nas áreas de plantação de cana, mais especificamente no Engenho Galiléia em Pernambuco⁴⁹. Segundo Martins, a piora nas condições rurais decorrente da modernização rebaixou ainda mais os salários na cidade, forçando a entrada de outros membros da família no mercado de trabalho. Diante da insuficiência de recursos para prover a família, aumenta o número de jovens que se inserem no mercado de trabalho como agente compensador da queda na renda familiar:

⁴⁸ TASCHNER, Suzana Pasternak. **Favelas e cortiços no Brasil: 20 anos de Pesquisas e Políticas**. Cadernos de Pesquisa do LAP, n. 18, 1997, p.4.

⁴⁹ ANDRADE, Manuel Correia de. **Modernização e pobreza**. São Paulo: Ed. Universidade Paulista, 1994, p.208.

Lavradores e trabalhadores expulsos dirigiram-se em parte para as cidades, à procura de emprego, para constituir o chamado exército industrial de reserva - a massa de trabalhadores disponíveis no mercado de trabalho, à procura de emprego, cuja função, pelo excesso de oferta em relação à procura, é a de rebaixar os salários. Não é por menos que, entre 1958 e 1970, cada família trabalhadora da cidade de São Paulo precisou lançar no mercado de trabalho mais um dos seus membros – a esposa ou um dos filhos – para manter o mesmo nível salarial de antes⁵⁰.

Mesmo diante do acelerado êxodo rural, as perspectivas catastróficas de suas conseqüências nos centros urbanos não foram suficientes para o desenvolvimento de políticas efetivas que buscassem condições para a manutenção dos trabalhadores rurais no campo. A intenção de realização de uma tímida reforma agrária exposta no anúncio das *Reformas de Base* de João Goulart é apontada como um dos estopins para o golpe militar de 1964.

Como resposta às agitações no campo, o próprio governo militar realiza projetos de colonização, tentando, sem sucesso, atenuar os pontos de conflito. Nesse sentido, a promulgação do *Estatuto da Terra*, lei n.4.504 de 30 de novembro de 1964, direciona a ação no campo para a extinção dos latifúndios e minifúndios, apontados como estruturas geradoras de conflitos. Dá-se prioridade ao desenvolvimento da empresa agrícola que além de mais produtiva, seria capaz de gerar desenvolvimento e empregos no campo.⁵¹ Por meio da institucionalização da Reforma Agrária sem a elaboração de um Plano Nacional, o governo inicia uma verdadeira distribuição de terras para a implementação de projetos agropecuários. Um dos principais exemplos dessa política são os investimentos de capitais em terras do Norte do país, com o agravante dos incentivos fiscais concedidos via SUDAM. Dessa forma, as medidas dirigidas ao campo sob o discurso de que atenuariam os conflitos rurais apenas colaboram para o aumento da concentração de terras e de recursos governamentais. A extensão da modernização capitalista na América Latina, na ordem do dia graças ao

⁵⁰ MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência, a questão política no campo**. São Paulo: Hucitec, 1980, p.40.

⁵¹ MEDEIROS, Leonilde. **A Questão da Reforma Agrária no Brasil, 1955-1964**. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1982, p.24.

contexto da Guerra Fria, não visava à inclusão do camponês, mas sim à expansão da proletarianização agrícola nas empresas rurais⁵².

No contexto de acirramento de disputas por terra e aumento dos conflitos, o estado de São Paulo e sua capital confirmam seu caráter atrativo de mão-de-obra, já que permanece sendo o objetivo de milhares de trabalhadores migrantes que, impossibilitados de permanecer no campo, estabelecem-se nas periferias. Como destacam Benetti e Vainer. *“A metrópole engendrava uma nova miséria – a miséria urbana, lote comum compartilhado tanto pelos nascidos nas cidades quanto pelos que haviam sido tangidos pela outra miséria – a miséria rural.”*⁵³.

Inserida nesse movimento de modernização conservadora, ou seja, mantendo-se as antigas bases de exploração, temos a avassaladora expansão do agronegócio também em São Paulo, principalmente da monocultura canavieira que continuou a existir mesmo no auge da cultura do café. Graças ao histórico de acumulação de capitais no estado, o moderno e maquinizado canavial passa a ocupar áreas dos antigos cafezais, transformando-se, na década de 1950, no maior produtor do país⁵⁴. No entanto, mesmo sendo consequência direta da expansão do latifúndio moderno, a expulsão dos trabalhadores para as cidades não se traduz em perda de sua mão-de-obra barata. Alocando-se em regiões próximas às grandes propriedades, tornam-se trabalhadores informais, que moram na cidade e vão para o campo trabalhar, o chamado bóia-fria⁵⁵. Tal forma de exploração do trabalho agrícola a que se submete a população urbana demonstra novamente a intersecção entre os problemas urbanos e rurais. Segundo Melo, esse tipo de trabalho desregulamentado favorece a maximização dos lucros graças à grande quantidade de trabalhadores ofertando sua mão-de-obra.

A forma pela qual seu trabalho se realiza no campo é uma decorrência da existência deste excedente da oferta de força de trabalho em relação a demanda. A possibilidade de contar com um tipo de trabalhador (“bóia - fria”) que, recebendo por tarefa ou por dia, e trabalhando num ritmo

⁵² MEDEIROS, Leonilde. **A Questão da Reforma Agrária no Brasil, 1955-1964**. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1982, p.20.

⁵³ VAINER, C B ; BENETTI, P. Migração e Metrópoles. **Travessia Revista do Migrante**, São Paulo, n. 2, 1988, p.7

⁵⁴ ANDRADE, *op. cit.* p.21

⁵⁵ Ibidem, p.211

irregular, favorece os interesses do empregador, existe, em última análise, como decorrência da superabundância de mão-de-obra⁵⁶.

Nestas circunstâncias de trabalho intermitente, a presença afirmadora do “bóia-fria” se traduz por sua permanente disponibilidade para qualquer tipo de trabalho⁵⁷.

Disso percebemos que tanto a cidade quanto o campo tornam-se lugares inóspitos para o trabalhador, principalmente migrantes. Sobretudo a partir dos anos 1960/70, os lugares disponíveis para o assentamento do migrante, tanto em termos de espaço territorial quanto de mercado de trabalho, diminuem a cada nova fase de imersão tecnológica. Esse é o quadro econômico estrutural que determinou a história brasileira até o tempo presente.

Os índices de desemprego agravam e sustentam de forma contida a situação diária de degradação a que está submetida a maior parte da população urbana e rural. O medo da “exclusão social” gerado pela ideologia dominante com base no discurso da competência, paralisa a ação da sociedade que já não tem condições de lutar por melhoria de condições de trabalho e remuneração. A luta tornou-se pelo emprego em si. É nesse universo atual de desmobilização das lutas e de crescimento do trabalho informal que se inserem os jovens pobres. Eles precisam adentrar o mercado de trabalho, seja para contribuir com a renda familiar quanto para satisfazer suas próprias necessidades de consumo. Trabalho a qualquer custo e que frequentemente esbarra na marginalidade e no individualismo que caracterizam o setor informal da economia.

O crescimento do mercado informal é um dos aspectos que demonstra a disparidade entre a expansão do consumo e a deficiência de vagas de emprego formal capaz de absorver a mão-de-obra disponível na cidade. Dessa forma, torna-se insuficiente falarmos em excluídos da sociedade por se tratar de uma maneira simplista, insuficiente para relacionar e entender as diversas realidades do cenário urbano. Principalmente quando falamos dos jovens, constata-se que o apelo à valorização do ser humano com base nos símbolos do capital que ele é capaz de adquirir é ainda mais violento, por ser este grupo etário e social aquele que começa a se afirmar na roda dos jogos e relações sociais. Segundo Martins, a promessa da

⁵⁶ ANDRADE, Manuel Correia de. **Modernização e pobreza**. São Paulo: Ed. Universidade Paulista, 1994, p.211

⁵⁷ MELO, Maria da Conceição D’Incao . **O Bóia Fria, acumulação e miséria**. Petrópolis: Vozes, 1978, p.87.

expansão de consumo para todos trazida pelo atual estágio do capitalismo brasileiro – vide créditos populares disponibilizados por financeiras e a famosa Casas Bahia – alimenta a idéia de que todos podem se beneficiar igualmente do fabuloso mundo das mercadorias que garantem o valor social do ser humano. Segundo o autor, “*A nova desigualdade separa materialmente, mas unifica ideologicamente*”⁵⁸.

Dessa forma, o problema que se coloca hoje é o da inclusão marginal, da degradação proveniente da sobrevivência diária, das relações decorrentes da integração econômica, e não social. Ainda sobre as formas de inclusão por meio do consumo, o autor afirma: “*Ele cria uma sociedade paralela que é includente do ponto de vista econômico e excludente do ponto de vista social, moral e até político*”⁵⁹.

⁵⁸ MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a Nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997, p.21.

⁵⁹ idem, p.34

1.5 São Paulo: Metrópole moderna para quem?

Entender a mobilização política de trabalhadores jovens urbanos nos remete à análise da estrutura urbana na qual foram inseridos. A distribuição e organização espacial urbana, enquanto processo diretamente ligado à expansão e reprodução do capital, materializa as contradições e desigualdades inerentes a ele. Dessa forma, a estrutura econômica age de forma determinante sobre as condições de vida da população, atingindo de maneira mais acentuada e cruel as camadas trabalhadoras, já que a cidade se constrói pautada nos interesses dos detentores de capital e consequentemente, do poder. Analisando o espaço social urbano, constatamos que a exclusão urbana se constitui como uma extensão da exclusão no campo. Dessa forma:

Aqueles que hoje ocupam terrenos nas periferias metropolitanas e reivindicam casa, escola e hospital, são os mesmos sem-terra que ocupam latifúndios no sul e reivindicam reforma agrária. São os mesmos pequenos de Machadinho que se recusam a serem deslocados para que suas terras sejam inundadas. São os mesmos posseiros que lutam para não ceder terreno nos grandes projetos⁶⁰.

Visando traçar um esboço geral sobre a constituição histórica espacial da cidade de São Paulo, entendi ser necessário compreender os interesses envolvidos em um projeto urbano pautado pela constante tensão entre os diversos grupos sociais. Partimos do conceito de *paisagem*, desenvolvido por Jackson, e utilizado por Zukin, para formular uma leitura do espaço que nos permita a crítica ao modelo excludente urbano:

Quer tomemos um ponto de vista histórico, quer tomemos um ponto de vista estrutural, a paisagem é claramente uma ordem espacial imposta ao ambiente – construído ou natural. Portanto, ela é sempre socialmente

⁶⁰ BENETTI, Pablo C., VAINER, Carlos B., *op. cit.* p 9.

construída: é edificada em torno de instituições sociais dominantes (a igreja, o latifúndio, a fábrica, a franquia corporativa) e ordenada pelo poder dessas instituições.⁶¹

Essas muitas *paisagens* econômicas e sociais observadas em São Paulo e seu entorno metropolitano, nos permite um esboço do processo constitutivo da cidade. Sua construção está intimamente ligada à lógica do moderno, da “*destruição criativa e criação destrutiva*”⁶² que acompanha o ritmo de desenvolvimento industrial, e suas transformações recentes que lhe dão a configuração atual. Podemos pensar como a cidade foi construída sob os ecos da modernidade trazidos pelo desenvolvimento capitalista e, portanto, de forma excludente e elitista; e como, nos dias atuais, tal lógica de organização não foi superada pela atual “parceria público-privado” que retoma o tema da reestruturação urbana, mas se mantém atrelada à lógica do lucro e não do bem-estar-social. Ou seja, como os anseios de uma minoria condicionam a realidade da maioria que, subjugada pelo poder econômico, criam estratégias de sobrevivência e disputa pelos espaços sociais. Esses espaços, mesmo construídos sob determinado ponto de vista, não são homogêneos e concentram as contradições de uma sociedade em que o fluxo de capitais contrasta violentamente com a imensa massa de pessoas inseridas de forma degradante no sistema econômico. Demonstrando sua visão sobre a cidade, temos a percepção das muitas realidades que compõem o espaço urbano por parte de nosso colaborador José Wilk:

São Paulo é bacana em algumas partes. Você chega em Franco da Rocha. Tem uns bairros lá que você vê que o pessoal tem humildade, sabe? É um pessoal simples, humilde, a gente foi fazer uma entrega, o pessoal conversava ali na rua, não tinha muita droga... Ali sim é um lugar legal de São Paulo, que você vê que não tem muita droga. O pessoal simples, conversa bastante, você chega, você vai entregar uma coisa lá, eles cumprimentam, te dá um café. Você vê a humildade das pessoas. Então São Paulo é bom? Depende. Um lugar é outro não é. Você vai na Cracolândia e vai dizer que é bonito? Você vê o bagulho lá, vê que é sinistro. Se trazer uma pessoa da roça, nem precisa ser

⁶¹ ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder, In: Arantes, Antonio (Org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000, p. 82

⁶² HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2007, p. 26.

de Itapeva, e colocar ali vai querer voltar na hora. Vai falar: Que isso? Onde eu estou? Estou perdido. Ali eles não iam gostar não.

Os processos engendrados pelos diversos segmentos sociais que compõem a paisagem urbana remetem à problematização da construção da cidade. Sobre as regiões periféricas, buscando analisar os processos de autoconstrução de casas por meio da organização dos movimentos de mutirões que caracterizam sobretudo os anos 1970/80, Maricato sintetiza a relação entre migração e exclusão espacial urbana:

A migração interna massiva fornece força de trabalho abundante para o crescimento industrial, porém as péssimas condições de moradia na cidade que acompanha essa população migrante, não se devem apenas à velocidade e intensidade da migração.

Nas formas de produção do espaço urbano está outra fonte que explica a carência, a segregação ou as más condições de moradia. A demanda por moradias e correspondentes serviços e equipamentos urbanos é muito grande, mas nada é feito de significativo, em termos de política pública para seu atendimento. Ao contrário, ao favorecer os interesses do capital imobiliário e das grandes empreiteiras, as políticas governamentais fortaleceram, mais do que combateram a segregação espacial.⁶³

Nesse modelo de urbanidade capitalista moderna e excludente traçado pela autora, convivem diversos setores da sociedade que são atingidos de diferentes formas pelas mudanças. Os conflitos que se explicitam no tecido urbano nos remetem à gestão da metrópole sob auspícios liberais a partir do século XX. Essa cidade abriga tanto construções suntuosas ostentadas por uma elite que emerge para o sistema de integração mundial no qual a Europa é o modelo de desenvolvimento a ser seguido, quanto aqueles que ao longo dos anos entram na modernidade pela “porta dos fundos”: negros oriundos do recém falido sistema escravista; imigrantes excluídos do dito *progresso* europeu e inseridos como mão-de-obra barata ao nosso e pessoas

⁶³ MARICATO, Ermínia. **Problemas e mitos na luta por moradia**. Travessia, Revista do Migrante, ano I n.2, 1988, p.11.

provenientes de áreas menos desenvolvidas do país. Para estes, restam os cortiços e moradias precárias de uma cidade que apesar dos viadutos e do belo Teatro Municipal, não possui uma estrutura capaz de absorver e sanar todas as consequências do progresso produtivo trazido pela industrialização.

Traçando uma linha do desenvolvimento urbano sob a perspectiva da segregação social e espacial ocorrida em São Paulo, recorri ao estudo feito por Caldeira. Para a autora, esse primeiro surto de desenvolvimento urbano moderno se caracteriza pela convivência espacial entre os diversos grupos. Segundo ela:

Ao longo do século XX, a segregação social teve pelo menos três formas diferentes de expressão no espaço urbano de São Paulo. A primeira estendeu-se do final do século XIX até os anos 1940 e produziu uma cidade concentrada em que os diferentes grupos sociais se comprimiam numa área urbana pequena e estavam segregados por tipos de moradia.⁶⁴

Seguindo esse pressuposto, podemos entender os primeiros momentos da modernidade ainda que nas proporções devidas a um país com uma parca e primária indústria de bens não-duráveis. Mesmo em se tratando de um desenvolvimento industrial tardio, típico de países de passado colonial, assistimos à proliferação da crença no desenvolvimento, no *progresso* e na redenção da humanidade a partir da evolução técnica e material. Essa crença na modernidade que se apresenta como sinônimo de evolução humana, tanto material quanto espiritual, esbarra na seguinte questão: a modernidade trazida pelo progresso material é fruto de uma lógica de mundo que não é pensada *para todos* e muito menos *por todos*. Sua finalidade obedece às necessidades do capital e daqueles que diretamente se beneficiam de sua propriedade. Se em um primeiro momento, a convivência entre as classes cria a ilusão da integração moderna, posteriormente, o intuito segregador se torna mais evidente.

Traçando um panorama linear e ainda seguindo os passos da divisão temporal estabelecido por Caldeira, fica claro que tal convivência e ilusão da integração de segmentos sociais não poderiam ser perpetuar. O mal-estar da falsa convivência entre as

⁶⁴ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros, crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/EDUSP, 2000, p.211.

classes logo denuncia o fato de que no cenário da modernidade não cabem todos de forma igual. A segregação, o apartamento e o sofrimento de uns em benefício da minoria que vive o esplendor do novo e do belo não constituem um fenômeno único, mas um capítulo que compõe as contradições de um mundo que se ergue sobre o capital. Até aqui, pensamos a cidade moderna como a aglomeração de diversos atores sociais em um mesmo espaço público propiciada pela emergência do urbano, mais especificamente do metropolitano, já que este último conceito prevê mais do que a aglomeração de pessoas unidas pela divisão social do trabalho e pelo comércio. Trata-se de uma cidade de importância fundamental já que abarca os principais motores econômicos e seus serviços. Pensando a configuração espacial cidade de São Paulo, podemos destacar momentos cruciais da modernidade. O primeiro, já citado, remete ao início da industrialização entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, passando pela modernização capitalista de cunho conservador da era Vargas e, partir dos anos 1950, com a implantação do projeto “nacional-desenvolvimentista” que visava à aceleração do desenvolvimento industrial. Como consequência do incentivo à entrada de capital estrangeiro no país, temos a instalação do complexo industrial nas redondezas de São Paulo, formando o conjunto de cidades metropolitanas do chamado ABCD paulista ⁶⁵. No mesmo período de intenso desenvolvimento industrial que transforma São Paulo em um pólo de atração de mão-de-obra, temos o acirramento dos conflitos e lutas no campo. De maneira geral, podemos perceber a intensificação da migração campo-cidade e uma nova reconfiguração espacial da cidade explicitada na relação entre o centro e a periferia. Frente à carência de moradias populares e a expansão da oferta de empregos nas regiões distantes do centro, a classe trabalhadora passa a ocupar novas áreas no entorno da cidade, na forma de autoconstrução ⁶⁶, muitas vezes de forma irregular e sem nenhum planejamento urbano. Caldeira nos apresenta a forma como a população pobre ocupou e ao longo dos anos reconfigurou as áreas periféricas da cidade:

Os lotes na periferia eram acessíveis aos trabalhadores tanto em função de sua ilegalidade quanto porque estavam “no meio do mato”:

⁶⁵ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros, crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/EDUSP, 2000, p.223.

⁶⁶ Segundo Ermínia Maricato em artigo para a Revista Travessia (set-dezembro/1988), sobretudo durante a década de 60, diversas agências internacionais promoveram a canalização de recursos para a amenização do problema habitacional em São Paulo. Tal “ajuda” se deu com base no desenvolvimento de programas habitacionais baseados no *self help housing* (autoconstrução).

em bairros sem asfalto, eletricidade, água, esgoto, telefone, escolas ou hospitais e ligados à cidade por um sistema deficiente de ônibus nos quais gastavam muitas horas por dia. Tais infra-estruturas urbanas e serviços tenderam a ser instalados ou melhorados apenas durante períodos democráticos e sob a pressão política de movimentos de moradores de periferia.⁶⁷

As classes média e alta se acomodaram nas áreas centrais confortavelmente separadas das classes populares “não confiáveis”. Tal tendência de ocupação privilegiada, incentivada pelos poderes públicos, torna-se ainda mais evidente durante o período conhecido como “milagre econômico”. Uma das formas de sustentar a aparência ilusória de crescimento econômico era justamente fornecer crédito imobiliário capaz de não apenas construir conjuntos habitacionais para a classe média, mas também gerar empregos nas diversas áreas de serviços ligados ao setor de construção civil.

Nossos jovens colaboradores eram moradores de bairros e cidades periféricas de São Paulo. Cresceram vivenciando violência e pobreza, mas também a cultura urbana periférica que caracteriza esses espaços. Segundo os próprios:

Eu não podia voltar para minha casa que era na casa da minha avó, porque senão os caras iam querer tirar a minha vida. Então eu dormia de um lado para outro e minha mãe foi sofrendo vendo meu sofrimento. Eu ligava sempre, infelizmente tirando dos outros. Eu tirava dos outros e conseguia ligar. É o jeito de viver na rua, sem ninguém. Minha mãe preocupada chegou para mim e falou: Robério, a gente vai viajar. E eu falei: Vamos mãe, mas para onde que a gente vai? Ela então falou que a gente ia para algum lugar, mas também não sabia para onde. Aí a gente conheceu os sem-teto, o movimento sem-teto⁶⁸, só que estava muito próximo de onde eu morava, no Jardim São

⁶⁷ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de Muros, crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/EDUSP, 2000, p.221

⁶⁸ MTST – Movimento de Trabalhadores Sem Teto – Movimento urbano que mobiliza trabalhadores da cidade na luta por moradia. Promove ocupações de áreas na periferia de São Paulo, de prédios desocupados na região central da capital, atuando também na região metropolitana.

Luís⁶⁹, na zona sul. (Robério)

Fomos morar na Vargem Paulista⁷⁰. O nome da vila é Felicidades. Lá ficamos muito tempo, vivendo numa casinha simples. Meu pai trabalhava de pedreiro. Ganhava um salário bom. Pouquinho assim, sabe? Mas dava para sobreviver. Moravam muitas pessoas na casa: eu, meus sete irmãos, minha mãe, meu pai.” (José Wilk)

“Moramos um tempo em Francisco Morato, uma cidade aqui perto de São Paulo na casa da minha avó. Foi muito difícil porque os meus avós eram muito rígidos. Tenho outros parentes que também moram em Francisco Morato.” (Adriana)

“Em Itaquaquecetuba foi a primeira casa que conseguimos comprar. Eu e minhas irmãs estávamos trabalhando também para poder ajudar a pagar essa casa. Nós compramos só o lote e construímos. O meu padraсто trabalhava na firma registrado. Saiu dessa firma, pegou o dinheiro. Mas o dinheiro não deu para construir a casa toda.” (Claúdio)

“Eu tinha dez anos quando eu saí da cidade. Morava em Jandira, e a minha mãe tirou a gente da cidade para ir para o interior por causa da violência. Nem sentia falta da cidade. E eu vim ficar no mato mesmo. Ela vendeu a casa que a gente tinha em Jandira e comprou um terreno lá em Ibiúna. E nós fomos para lá.” (José Carlos)

“Meu pai continua em Mauá, casado, sossegado, continua trabalhando, tranqüilo. Agora lá está bem urbanizado. Tem muita favela, tem muita pobreza, tem de tudo. É igual o centro de São Paulo, onde você vê a miséria correr solta, não está mais tão campo como era. E afastado do centro como sempre são as favelonas. Onde eu morava era uma favelona, parecia uma panela assim, um morrão, parecia uma panelona gigante. Morro do Macuco a gente chamava. Cansei de estar em casa assistindo televisão, e os caras passaram ao redor do meu barraco atirando. Só drogas sem perspectiva. E eu estava vivendo naquela, com certeza se tivesse ficado por lá meu futuro talvez seria esse também. Se não arrumasse um emprego ia para o

⁶⁹ Zona sul, próximo ao bairro Capão Redondo.

⁷⁰ Cidade da região metropolitana de São Paulo.

crime, passar um fuminho, roubar um carro, até rodar. E ser mais um.”
(Jonas)

Embora esse padrão urbanístico que coloca a periferia como área de pobreza e de pouca assistência por parte do Estado ainda seja uma forte característica da cidade, atualmente não podemos analisar sua fragmentação de forma tão binária. Novos elementos apontam a piora na distribuição do espaço para a população mais pobre. O trabalho de Frúgoli Jr. discute as mudanças que ocorrem na metrópole paulista analisando a complexidade de um tecido urbano com alta concentração populacional em que a relação centro-periferia já não produz de forma tão eficiente a separação entre as classes. Áreas antes ditas degradadas ou distantes passaram a sofrer uma crescente valorização por meio da violenta ação do mercado imobiliário. Regiões como o antigo centro tradicional paulistano, vistas como degradadas, foram abandonadas pelas elites no começo do século. Apesar de intensivamente ocupadas por parcelas pobres da população (como migrantes nordestinos), hoje em dia passam por um processo de “enobrecimento”. Parcerias entre o setor público e grupos empresariais visam “revitalizar” o centro de forma a valorizá-lo e garantir a presença da classe média e alta paulistana⁷¹. Já nas áreas periféricas e cidades metropolitanas, a proliferação de condomínios de luxo, os enclaves fortificados com alto grau de segurança privada, valoriza regiões antes relegadas para pessoas que não possuíam outra opção.

Podemos perceber que tal estágio de ocupação urbana configura outra fase do desenvolvimento capitalista que molda o espaço priorizando o aspecto estético, a “estética da diversidade”⁷² em vez de um modelo pautado por um projeto social baseado no desenvolvimento econômico.

A nova fase de acumulação do capital a que nos referimos se desloca do setor essencialmente produtivo para o setor de serviços (no qual incluímos o lazer, o turismo e o entretenimento). A espetacularização do espaço urbano proporcionada pela atração

⁷¹ FRÚGOLI Jr., Heitor. **Centralidade em São Paulo, trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez/EDUSP, 2000, p. 22.

⁷² HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. *op. cit.*, p.76.

de novos consumidores faz com que o sentido do lugar sucumba às forças do mercado⁷³.

Esse padrão urbano erigido sob o espectro do consumo visual⁷⁴, assume a forma de apropriação cultural, o chamado “enobrecimento”⁷⁵. A apropriação espacial que se caracteriza pela perda de identidade sócio-espacial nos permite identificar aspectos do pensamento pós-moderno aplicado à urbanidade, como nos aponta Harvey:

Como é impossível comandar a metrópole exceto aos pedaços, o projeto urbano (e observe-se que os pós-modernistas antes projetam do que planejam) deseja somente ser sensível as tradições vernáculas, às histórias locais, aos desejos, necessidades e fantasias particulares, gerando formas arquitetônicas especializadas, e até altamente sob medida, que podem variar dos espaços íntimos e personalizados ao esplendor do espetáculo, passando pela monumentalidade tradicional.⁷⁶

No cenário urbano, a re-significação propiciada pela restauração de espaços públicos convertidos em locais de lazer atrai classes detentoras de um poder significativo de consumo. Já no extra-urbano, cria um “*cenário, uma fantasia particular compartilhada e um espaço liminar que faz a mediação entre natureza e artifício, mercado e lugar*”⁷⁷. Em uma cidade como São Paulo, esses movimentos de recentralização (como o que ocorre nas áreas centrais) e descentralização (como ocorre nas regiões antes consideradas periféricas) têm como resultado comum a disputa entre grupos sociais, ou seja, entre os que chegam trazidos pelos efeitos do enobrecimento e aqueles que já residem no lugar. Nas regiões periféricas e cidades metropolitanas de São Paulo, a proliferação de condomínios voltados para classes mais abastadas recria o “mundo dos sonhos” ao tentar criar um ambiente de paz e tranquilidade que se aproxima do “campo”, do rural idealizado dentro de formas urbanas fortificadas. Ou seja, a apropriação cultural de uma forma de vida ligada ao tradicional, ao vernacular, porém convertido em uma estratégia do mercado imobiliário.

⁷³ ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder, In: Arantes, Antonio (Org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000, p 90.

⁷⁴ Ibidem, p.88.

⁷⁵ Ibidem, p.89.

⁷⁶ HARVEY. **Condição pós-moderna**. *op. cit.*, p. 69.

⁷⁷ Ibidem, p.91.

Ambas as ações tendem a expulsar as camadas mais pobres com o objetivo de atrair novas camadas da população, consumidores de um novo ideal urbano, uma nova forma de vivenciar a cidade. Essa perda dos espaços urbanos, incluindo agora as áreas periféricas inicialmente pouco atrativas, atinge também a população mais jovem que não possui, em muitos casos, nem mesmo a possibilidade de obter moradia, ainda que precária, por meio da autoconstrução.

Tal ocupação não se realiza de forma tranqüila, sem objeções ou entraves justamente porque as regiões em questão são disputadas politicamente entre os grupos detentores do capital e uma parcela da população organizada em movimentos sociais que lutam por moradia e terra. No caso do centro de São Paulo, a ocupação de prédios abandonados demonstra a tentativa popular de criar espaços de integração e luta, além de buscar a realização dos direitos básicos da população urbana. Já em regiões como a do chamado “eixo Anhanguera” se proliferam empreendimentos imobiliários como o intitulado “sitio Anhanguera”. Este é um exemplo típico de apropriação cultural e espetacularização do tradicional que inclusive utiliza uma moda de viola caipira em sua publicidade. A expansão do cinturão urbano de assentamentos do MST causa conflitos diretos com esse interesse especulativo imobiliário. Assim, apesar da predominância do privado, do poder econômico que molda o espaço e a paisagem, vemos que essas áreas não estão absolutamente tomadas pelo capital e ainda constituem regiões de litígio entre o poder econômico e os “sem poder”, organizados ou não.

Do ponto de vista da esperança, a configuração metropolitana está longe de ser definida. Resta-nos, portanto, a expectativa de uma nova sensibilidade urbano e social que priorize um planejamento pautado nos direitos de todos, e não na realização consumista de uma minoria abastada.

1.6 Depois do Muro: Das antigas utopias às novas práticas e lutas sociais.

O utopista não aceita o mundo que encontra, não se satisfaz com as possibilidades atualmente existentes: sonha, antecipa, projeta, experimenta. É justamente este ato de desacordo que dá vida à utopia. Ela nasce quando na consciência surge uma ruptura entre o que é, e o que deveria ser; entre o mundo que é, e o mundo que pode ser pensado.⁷⁸

Quando pensamos o mundo, o que se torna mais evidente são seus problemas e, para alguns, quais as possíveis alternativas frente à miséria que caracteriza a vida da maior parte da população mundial. Hoje o que podemos entender por miséria transcende a questão material. Trata-se da miséria de alimentos mas também de perspectivas e sonhos. Tanto no campo governamental como no das ações civis organizadas – a exemplo de ONG's de cunho assistencialista – grande parte dos esforços dos que se mobilizam por reverter tal penúria se dá no plano da humanização e reajuste da injusta equação que move o capital. Isso significa reger ações no sentido de que é possível promover o bem-estar de todos sem alterar a lógica e a forma de dirigir a distribuição de riqueza no seu aspecto mais amplo: riqueza cultural, social e material. Apaziguar os danos promovidos pelo capital constitui uma nova face da visão de mundo liberal que paulatinamente naturaliza e torna inerente ao ser humano uma ordem social e econômica historicamente construída.

A integração (e não polarização) cidade – campo proposta pelo MST me levou a refletir de que modo a visão hegemônica que coloca a modernidade capitalista como fim último da humanidade relaciona-se com as formas alternativas de organização social que emergem na América Latina – e mais especificamente no Brasil –, especialmente em um momento em que se acreditava no fim de toda e qualquer utopia de contraposição ao sistema dominante. A crise do chamado “socialismo real” abateu-se no plano teórico como uma verdadeira crise de paradigmas e ideologias. Com a perda da esperança no modelo de socialismo estatal, parecia evidente que não restava alternativa ao capitalismo liberal. A redemocratização que marca os anos de 1980 e 1990 é

⁷⁸ SZACKI, Jerzi, *As utopias ou a felicidade imaginada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, p.13.

acompanhada em grande parte dos países da América Latina pelo avanço de medidas de abertura para o mercado, agora sem o contraponto político-ideológico de outra possibilidade concreta que lhe fizesse frente. As desregulamentações da economia e do Estado – o chamado neoliberalismo – aprofundaram o quadro de miséria da população e produziram um grande impacto nas tradicionais relações entre o capital e o trabalho. Ao mesmo tempo, o contexto histórico marcado pela volta da democracia permitiu maior organização e emergência de mobilizações populares em consonância com o retorno de militantes que anteriormente atuavam na clandestinidade ou se encontravam exilados e puderam retornar ao país com novas experiências e críticas ao socialismo real⁷⁹. O surgimento de novos atores sociais, segundo Gohn, caracteriza-se principalmente pela atuação de movimentos sociais organizados a partir de demandas populares que buscam pressionar o Estado representativo em construção, aliado às ações das ONG's que se fortalecem sobretudo durante os anos 1990. Estas organizações são definidas pela autora como *“entidades sem fins lucrativos que se orientam para a promoção e para o desenvolvimento de comunidades carentes a partir de relações baseadas em direitos e deveres de cidadania”*⁸⁰. Ainda segundo a autora, esse reequilíbrio de forças gerado por uma nova relação entre sociedade civil e Estado demonstra a ascensão de novas regras de contratualidade social que passam a reconhecer novos interlocutores junto a este⁸¹.

Em síntese, entre os anos de 1980 e 1990 ocorreram transformações substanciais na sociedade brasileira que permitiram a criação de teias de relações de solidariedade e militância entre setores populares, intelectuais e grupos organizados ligados a instituições tais como a Igreja Católica. Tal sociabilidade favorecida pelos anos de práticas políticas é herança de um período de enfrentamento ao Estado e do fortalecimento dos movimentos sociais durante a década de 1970. Porém, a questão que se coloca é o fato de que no período posterior (sobretudo na década de 1990) ocorre uma mudança crucial: as ONG's deixam de representar um suporte para as ações de luta pelo reconhecimento de direitos e cidadania frente ao Estado e assumem o papel de instrumento promotor dessa cidadania. Trabalhando essa mudança de orientação, Steil e Carvalho contextualizam e discutem o processo de constituição do protagonismo das ONG's na década de 1990. Assim:

⁷⁹ STEIL, Carvalho. ONG's : Itinerários políticos e identitários. In: GRIMSON, Alejandro (Org). **Cultura e Neoliberalismo**. Buenos Aires: CLACSO, 2007, p.175.

⁸⁰ GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997, p.302.

⁸¹ Ibidem, p.302.

É na qualidade de parceiras que as ONG's vão entrar em relação com o Estado, deslocando sua ação mediadora dos movimentos sociais para a sociedade como um todo. Já não se trata de potencializar a ação dos setores organizados da sociedade civil e apoiar suas reivindicações e lutas populares, mas de encampar causas de abrangência nacional, como falar em nome de 32 milhões de famintos existentes no país.⁸²

E acrescenta, “[...] se as palavras que caracterizavam a relação entre movimentos sociais e ONG's nos anos 1980 eram assessoria e militância, nos anos 1990, as palavras-chaves são parceria e voluntariado”⁸³.

Em que sentido essa perda de protagonismo dos movimentos sociais como alternativa frente aos males do capitalismo na sua forma neoliberal se relaciona com a crise das ideologias nos anos 1990?

Os autores destacados trazem como ponto comum o fato de que o Estado representativo que emerge no contexto pós-ditadura e do qual a Constituição Cidadã de 1988 pode ser uma boa síntese ilustrativa, criou as condições políticas e institucionais que legitimam ações de cobrança e exigência de direitos. O direito à moradia, educação e a solução paliativa que envolve a questão agrária nos termos de sua função social são exemplos de necessidades pontuais agora reconhecidas juridicamente pelo Estado. Mas em contrapartida, concomitante ao processo de reelaboração das funções estatais graças às forças da esquerda que se levantaram e lutaram para interferir no projeto, temos o enfraquecimento dessa mesma instituição. Privatizar passa a ser a palavra de ordem de um Estado que entra em consonância com as regras do capitalismo internacional, exigindo uma dinâmica mais flexível diante dos novos padrões e formas de acumulação capitalista. Enfraquecido, esse Estado que teoricamente deveria ser o mantenedor das ações sociais, passa a delegar suas funções para instituições privadas, principalmente ONG's e organizações beneficentes⁸⁴. No período de seu surgimento, a atuação das ONG's se baseava no apoio aos movimentos sociais e sua ação se voltava para a

⁸² STEIL, Carvalho; *op. cit.*, 2007, p.186.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ *Ibidem*.

exigência de cumprimento dos direitos pelo Estado. No momento subsequente, com o enfraquecimento das lutas populares e do próprio Estado como parte das consequências da nova conjuntura econômica e política, as ONG's se tornam cada vez mais o executor privilegiado de políticas públicas. A democracia liberal permite que grupos de fora da instituição governamental promovam a realização de "projetos" para dignificar a sociedade, dado que o Estado é incapaz de fazê-lo. Diante da idéia de que não existe outro caminho para a promoção do desenvolvimento e da modernização que não seja mediado pelas regras de mercado, as ONG's deixam de representar necessariamente um espaço aglutinador do pensamento de esquerda. Suas possibilidades de atuação, enquanto reguladores sociais, tornaram-se tão amplas que permitem a inclusão dos mais variados posicionamentos acerca do mundo liberal. Tanto persistem aquelas que apostam na profissionalização da militância para continuar agindo em prol das transformações estruturais do sistema, quanto multiplicam associações que se utilizam de forma irresponsável de fundos públicos e privados. De qualquer forma, a militância transformou-se em meio de sobrevivência para muitos trabalhadores médios que passam a constituir o chamado terceiro setor.

Quanto aos movimentos sociais, o aumento do desemprego, as mudanças nas relações trabalhistas (com o aumento significativo do setor informal), a descrença nas idéias revolucionárias tradicionais e as dificuldades de mobilização popular graças às novas condições de vida e trabalho aprofundadas durante os anos 1990, mostraram-se como fatores de arrefecimento do seu papel de destaque ocupado sobretudo nos anos de 1980. Como exemplo podemos citar os movimentos urbanos por moradia e a luta por Reforma Agrária que permitiu a organização nacional do MST – Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra. Organizações que se cristalizavam paralelas e convergentes com a formação do PT – Partido dos Trabalhadores – e com o envolvimento de grupos ligados à Igreja Católica como as Pastorais. Sobre os chamados novos movimentos sociais:

O surgimento dos chamados novos movimentos sociais, formados por diferentes minorias, afirmando suas identidades a partir de questões que transcendem os interesses de classe; o crescimento do novo sindicalismo urbano e rural, fazendo eclodir as greves do ABC paulista e as ocupações no campo; a fundação do Partido dos Trabalhadores; a expansão das

associações de moradores das periferias nos centros urbanos; a visibilidade política da teologia da libertação, das pastorais populares e das Comunidades Eclesiais de Base, entre outros, são alguns dos elementos que transformaram os anos 1980 na década dos Movimentos Sociais no Brasil.⁸⁵

Esses muitos e plurais movimentos sociais que exigem de soluções para as muitas carestias e demandas da população não trazem como principal bandeira aglutinadora a tomada do poder, a revolução no seu sentido clássico. Trata-se de uma mobilização que em primeira instância apresenta uma crítica ao sistema capitalista de forma profunda, mas luta por medidas pontuais junto ao Estado. Se cada vez mais as ações militantes se afastam da possibilidade de construção de um socialismo de Estado pela via revolucionária de tomada do poder, abre-se um vácuo que as ONG's gradualmente vão preencher. A principal questão passa a ser como criar um Estado que, sem se afastar da lógica capitalista (já que isso é visto agora como impossível), possa ampliar o atendimento aos mais diversos setores sociais nos moldes da social democracia europeia que emerge da crise humanitária e econômica do pós-guerra. O enfrentamento representado pelos movimentos sociais pode então ser substituído pela parceria público – privada, Estado e sociedade civil organizada. Os movimentos sociais evidenciaram que não é possível promover igualdade e justiça social a partir de uma prática governamental que se diz democrática e pautada pelo social, mas que precisa responder prontamente aos requisitos da lógica do mercado. Entretanto, parece-me que uma parte da militância que atua através das ONG's, ao invés de promoverem uma retomada da crítica dirigida radicalmente à própria forma, limites e finalidades do Estado capitalista, contenta-se em ser o sócio menor, em ficar com os restos e as migalhas do desmonte estatal. Se seguirmos essa linha de pensamento podemos então propugnar que a ação política destes grupos parte da premissa de que é inviável criar um Estado autoritário socialista (visto a tragédia soviética), mas que pode ser possível o aperfeiçoamento de um Estado capitalista e de bem-estar-social no subdesenvolvimento. Assim, os movimentos sociais devem apontar os problemas e profissionais devem resolvê-los ou promover apoio na luta para que o Estado resolva, definindo o que se entende por parceria. Com o abandono das utopias revolucionárias, soluções

⁸⁵ STEIL, Carvalho; *op. cit.*, 2007, p. 181.

pragmáticas e imediatistas passam a ser a única forma de atuar na realidade mesmo pagando o custo de curvar-se ao capital.

Com base nessas formulações e buscando refletir sobre os novos olhares que podem emergir para a construção de um pensamento social latino-americano a partir de nossas necessidades e peculiaridades, podemos recorrer a Lander, que nos apresenta uma consistente crítica ao saber eurocêntrico. O autor aponta a existência de uma visão hegemônica de mundo construída e pautada pelas demandas do capitalismo europeu e que no campo das idéias norteou todo o desenvolvimento do pensamento científico social. Dessa forma, toda a nossa trajetória – no sentido amplo que envolve desde práticas governamentais até o colonialismo sobre as formas de se pensar em alternativas – pautou-se pelo “outro”, o europeu como modelo cujos passos deveriam ser seguidos. Um caminho modernizante e de base liberal capaz de – se alcançado – redimir todos os muitos séculos de um suposto atraso econômico e cultural em relação ao que deve ser visto como o auge do desenvolvimento humano: uma sociedade industrial, capitalista e pautada pela exploração do trabalho. Assinalando que a naturalização da sociedade liberal como forma mais avançada de sociedade constitui um processo gestado ao longo da modernidade, ele defende que o auge de tal concepção unilateral de mundo se dá com a queda e enfraquecimento das experiências concretas de oposição à economia de livre mercado. Ainda segundo o autor em questão, a eficácia da dominação da visão liberal se deu, entre outros fatores, pela crise do socialismo real tradicionalmente associado como única alternativa possível à ordem burguesa. Assim:

A eficácia hegemônica atual desta síntese sustenta-se nas tectônicas transformações das relações de poder ocorridas no mundo nas últimas décadas. O desaparecimento ou derrota das principais oposições políticas que historicamente se confrontavam com a sociedade liberal de mercado como a única opção possível, como o fim da História.⁸⁶

⁸⁶ LANDER, Edgardo. Ciências Sociais: Saberes Coloniais e Eurocênicos. In: LANDER, Edgardo, (Org.) **A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p.22.

Essa falta de perspectiva que passa a assombrar boa parte das vozes que se levantavam contra a injusta ordem do mundo permitiu o surgimento de uma atmosfera de louvação e vitória da democracia sobre o autoritarismo estatal. Nesse momento, tanto liberais quanto defensores do modelo soviético convergem suas críticas ao mesmo ponto, como se a democracia liberal fosse o melhor e o pior conquistado até então. E os movimentos sociais? Deixaram de existir? Perderam realmente seu papel nas disputas pelos espaços sociais no tempo presente?

Ao que me parece, o silêncio diante da crise ideológica atingiu também os movimentos sociais, não com isso querendo dizer que eles perderam sua legitimidade, razão de ser, ou estiveram próximos de desaparecer na sua forma combativa. Pelo contrário, esta crise que silenciou os intelectuais pode ter sido um dos fatores que permitiram o surgimento de outras formas de organização popular ou que simplesmente passassem a aparecer de fato no cenário político. Antigas práticas organizativas ligadas ao partidarismo, ao jogo hierárquico e à idéia de tomada e construção de um Estado popular perdem espaço nas discussões e dinâmicas de luta. A palavra movimento passou a fazer mais sentido, pois remete a algo dinâmico e que pode adquirir as mais variadas formas de acordo com as condições de realização. Não se organizando mais nos moldes que até então regiam as práticas de resistência ao capital, deixaram de ser enxergados até mesmo por aqueles que supostamente os acompanhavam na luta. Não deixaram de existir, mas não podiam mais ser explicados de acordo com modelos e projetos pré-concebidos. A identidade da classe trabalhadora forjada artificialmente como algo único e estático na forma de “consciência de classe” não é mais capaz de categorizar ou conceituar os muitos e variados atores que continuam lutando mundo afora. Diante da falta de artifícios teóricos capazes de explicar os fenômenos sociais, a postura foi não ver que eles existiam ou, se existiam, assinalar que não eram capazes de incrementar a discussão ou trazer alternativas concretas de mudanças.

Segundo Rojas, na contramão do que é advogado pelos que defendem não existirem saídas fora do capitalismo, nos últimos anos a América Latina tem emergido como palco de lutas e reações anti-sistêmicas, atraindo cada vez mais os olhares da opinião pública mundial. Segundo o autor:

Y ello, no sólo por los radicales y a veces hasta espectaculares cambios políticos que esta región latinoamericana ha estado protagonizando en estos últimos años, sino también y de manera más profunda, por el hecho de que es en esta misma América Latina, en donde hoy crecen y habitan varios de los movimientos sociales antisistémicos *más importantes* a nivel mundial, movimientos que luego de la caída del Muro de Berlín y del colapso definitivo de los distintos proyectos del llamado “socialismo real”, han retomado las banderas de la lucha anticapitalista y antisistémica, para convertirse en referentes importantes y obligados de la cada vez más vasta rede planetaria de los movimientos hoy llamados *altermundialistas*.⁸⁷

Esses chamados movimentos altermundialistas foram apresentados de forma mais contundente ao mundo, principalmente para os que comemoravam a vitória decisiva do liberalismo, por meio da realização das edições do Fórum Social Mundial a partir de 2001 em Porto Alegre. Gómez nos oferece uma análise sobre o significado da realização de tais eventos contra a miséria do mundo liberal destacando seu caráter inovador ao mesmo tempo em que aponta limites de atuação e de existência de um encontro que se auto denomina mundial e tem como seus protagonistas organizações e movimentos sociais. A música que incessantemente era propagada no acampamento da juventude durante a edição de Porto Alegre, como o próprio autor sugere, já nos dá uma pista de seu caráter contra-hegemônico: Um outro mundo é possível se a gente quiser. O clima de otimismo que norteia as discussões e construções de redes de solidariedade e luta em busca de alternativas à globalização “por cima”, pode ser visto como o grande responsável pelas críticas e concepções reducionistas que emergem das avaliações dos significados e conseqüências de tal iniciativa. Disso deriva os termos pejorativos que frequentemente rotulam o evento, como nos aponta o autor: Nova Internacional, movimento por justiça global, Woodstock político-cultural, entre outros⁸⁸. A cobrança em torno de uma atuação mais pragmática e radical é talvez um dos principais motivos de crítica ao evento, fazendo com que diversos grupos promovam encontros paralelos

⁸⁷ ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **América Latina en la encrucijada: los movimientos sociales y la muerte de la política moderna**. México: Contrahistorias, 2007, p.9.

⁸⁸ GOMÉZ, José María. De Porto Alegre a Mumbai. O Fórum Mundial e os desafios altermundialistas. In CECCENÁ, Ana Esther. (Org). **Hegemonias e emancipações no século XXI**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 170.

ao Fórum. Trata-se de um encontro mundial pautado pela diversidade e pela inclusão, uma tentativa de promover o reconhecimento de que não existe um caminho único, ou um projeto totalizante e pronto, capaz de realizar a superação do atual estado de miséria e degradação em que vivem muitos povos do mundo. Ao mesmo tempo um sintoma da crise e do silêncio da esquerda tradicional diante da falência do modelo centralizador soviético e uma resposta a essa mesma crise. Não há um caminho pronto, mas existem muitas alternativas locais que apontam para possibilidades de desenvolvimento e organização social fora da esfera do mercado neoliberal.

O ideal de inclusão pode ser também assinalado pela Carta de Princípios elaborada pelo Conselho Internacional depois da realização do I FSM em Porto Alegre na qual:

O FSM se autodefine como um espaço de encontro e intercâmbio de experiências, de debate democrático de idéias e de articulação de propostas de ação de movimentos sociais, ONG's, redes de ativistas e demais organizações da sociedade civil que se opõem à globalização neoliberal, ao domínio imperial e a guerra.⁸⁹

O que representa sua maior virtude é o responsável por dilemas que enriquecem mas também apresentam limites ao debate pluralista de ações. Dentre as dificuldades de se estabelecer propostas concretas para a construção do “outro mundo possível”, pode-se destacar: a divergência de propostas e identidades particulares dificulta a construção de alianças; a intervenção direta de partidos, embora o FSM se declare apartidário; limitações geográficas dificultam a participação de pessoas e grupos distantes do local de realização do evento; polêmicas quanto ao caráter das ações, se reformista ou de superação do capitalismo.

Segundo Gómez, mesmo diante de todas as dificuldades, cabe reconhecer a positividade do modelo político atual que norteia o FSM, por este ser capaz de se realizar – mesmo abarcando tantos conflitos – sem criar alternativas mediante outra fórmula que se pretenda também hegemônica, como é característico dos projetos

⁸⁹ GOMÉZ, José Maria. *op. cit.*, p. 170.

modernizantes revolucionários até então postulados⁹⁰. Ao pensar a volta da esperança e a construção de novas utopias, privilegiando o direito às diferenças e à rebelião, o autor recorre a “*um esquema interpretativo baseado em duas operações epistemológicas que funcionam como tipo ideal; as chamadas sociologia das ausências e sociologia das emergências*”⁹¹ proposto por Boaventura de Souza Santos. Em linhas gerais, trata-se de repensar e trazer à tona a existência de grupos não reconhecidos politicamente por não se incluírem no modelo de organização dominante e ainda hegemônico que Souza Santos denomina de *monocultura do saber*. O resultado dessa relação de imposição do que pode ser idealmente contestador gera *formas sócias de inexistência* que o FSM permite que sejam conhecidas e pensadas a partir da “*sociologia das emergências*”: não se pode ater o olhar apenas ao que elas são no presente, mas ao quanto carregam de energia potencializadora para as transformações futuras.

Diante desses apontamentos, o autor reafirma o potencial emancipador e de inovação do FSM em consonância com a luta dos mais diversos povos e demandas sociais. Assim:

Não obstante as limitações, ambigüidades e inconsistências de todo tipo, o certo é que o movimento está orientado por propósitos emancipadores amplos que o levam a se identificar com as mais diversas lutas de povos, classes, grupos e setores subalternos contra a ordem hegemônica mundial⁹².

Diante da “crise de crescimento” que marcou a última edição do FSM realizado na cidade de Porto Alegre em 2005, questões sobre a avaliação e as propostas para as próximas edições se colocam na ordem do dia: O grande número de participantes demonstra a quantidade de pessoas dispostas a pensar formas alternativas de sobrevivência diante da violência do sistema mundial vigente, mas também inviabiliza propostas efetivas de ação, colaborando para a visão reducionista já exposta. Ao mesmo tempo em que nos parece o momento de experimentação e conhecimento de experiências, o caráter horizontal e a construção de um espaço de encontro das muitas

⁹⁰ Ibidem, p.176

⁹¹ Ibidem, p. 178

⁹² GOMÉZ, José Maria. *op. cit.*, p. 179.

lutas locais são questionados pela própria estrutura do FSM: suas instâncias de organização centrada no Conselho Internacional e nos Comitês Nacionais não permitem a plena realização de seu pretensão caráter mundial, transformando-o em um encontro de jovens universitários e grupos organizados locais e que portanto não conseguem (e nem devem de forma alguma) deliberar pelo todo. A incapacidade de gerar uma ação eficaz constitui a base das principais críticas ao FSM, mas manter sua ação não centralizadora também pode evitar que se reproduzam apropriações indevidas que poderiam descaracterizar e dismantelar o movimento. Essa crise evidencia a constante tensão entre as formas partidárias tradicionais e os movimentos e organizações sociais que pretendem se construir sobre outras bases de participação. Assim nos cabe uma questão: Seria a função do FSM propor ações efetivas ou ele deve se colocar apenas como mediador, como espaço de encontro?

Segundo o autor, o medo de se criar uma estrutura rígida, hierarquizada e centralizadora não deve paralisar as ações políticas práticas. Esse apontamento constitui um dos grandes desafios para o movimento altermundialista: *“Alcançar a unidade estratégica do movimento, de modo que aquilo que o une seja mais importante do que aquilo que o divide.”*⁹³. Dessa forma, talvez o grande papel desempenhado pelo Fórum, nesse momento específico e entendendo suas limitações, seja não a efetiva realização de ações, mas dar visibilidade a diversos grupos organizados até então negligenciados pela própria esquerda. Ele nos permite o conhecimento de grupos sociais e demandas que não são trazidos pelos meios de comunicação tradicionais e empresariais. Trata-se de um período de reconhecimento do outro, de experimentação e abertura ao novo, retomando a esperança de que a história pode ser construída de uma forma diferente e que o capitalismo pode ser visto como sistema econômico passível de superação. Reconhecendo que nenhuma instituição ou instância de decisão pode ser capaz de responder às necessidades e possibilidades reais de todos, a proposta para a comemoração dos dez anos da primeira edição do Fórum a ser realizada em 2010 será descentralizada (como em 2006), ocorrendo em vários países paralelamente. Aprofunda-se portanto sua intenção em promover trocas de experiências entre grupos políticos, comunidades locais (como os assentamentos do MST e os muitos coletivos organizados em prol de suas próprias lutas) e todos os que se interessam pela criação de alternativas. Essa pluralidade de experiências que permite a troca e o enriquecimento

⁹³ GOMÉZ, José Maria. *op. cit.*, p. 188.

dos que participam do debate emerge de uma nova perspectiva de ação coletiva que prioriza o desenvolvimento a partir das necessidades locais em detrimento de projetos centralizados. A proposta dos assentamentos rurais próximos à cidade é um sintoma dessa nova forma de pensar o desenvolvimento na medida em que intenciona formular um projeto ainda único que responda às demandas específicas de trabalho e moradia de pessoas provenientes do meio urbano. Talvez dessa forma, atentando e ouvindo ao que realmente é importante e necessário por parte daqueles que constroem sua forma de viver, o termo utopia deixe de se aproximar tanto da idéia de impossível e passe a sinalizar o que ainda não existe. Apenas *ainda* não existe.

1.7 Espaços em disputa na cidade: A Comuna da Terra e seus lutadores

“Alô Comunidade....

Tamo junto e misturado.

Povo do campo e da cidade.

A lona preta vem trazendo seu recado.”

Samba enredo da Unidos da Lona Preta/Carnaval 2010

O processo de expansão das cidades continua tanto graças à dinâmica interna quanto ao fato de continuarem recebendo pessoas, sem que se criem para elas qualquer possibilidade de permanência digna. Contraditoriamente, os locais que mais acumulam riqueza são também os que mais acumulam miséria. No campo, a continuidade do processo de migração de trabalhadores, principalmente na época das colheitas, demonstra que a já pouca oferta de emprego é na maioria das vezes absorvida pelo trabalhador rural de outras regiões ainda mais pobres do país. O Serviço Pastoral do Migrante nos oferece um quadro geral sobre a problemática trabalhista em torno da migração rural-rural que envolve o trabalho sazonal. Tais apontamentos nos permitem perceber que a conjuntura trabalhista no campo está distante de oferecer possibilidades de retorno ou de manutenção da população em áreas rurais. Dessa forma:

As migrações temporárias ou sazonais ocorrem, especialmente, em direção às safras agrícolas. As safras da cana-de-açúcar, do café, da laranja, da uva - entre outras - são responsáveis por grandes fluxos de trabalhadores que, por um período de 4, 5, 6, 7 ou 8 meses, deixam sua terra natal e se dirigem às regiões da agroindústria. Alagoas, Bahia, Ceará, Piauí, Pernambuco, Maranhão, Paraíba Estados do Nordeste figuram como as áreas principais de origem desses migrantes. Quanto ao destino, podemos citar o estado de São Paulo principalmente as regiões

de Campinas – Piracicaba e Ribeirão Preto. Alguns estados, como Minas Gerais e Paraná, por exemplo, são simultaneamente pólos de origem e destino desses trabalhadores. Vale sublinhar, ainda, que as usinas canavieiras em geral preferem, em não poucos casos, contratar a mão-de-obra temporária (ou vinda de fora). Ela se adapta perfeitamente à oscilação da demanda nos setores apontados e, além disso, isenta a empresa dos encargos sociais mais onerosos e permanentes. É comum, nas regiões de origem, falar das mulheres como “viúvas de maridos vivos”, as quais, na ausência dos homens, têm de assumir, além da casa, a busca da água e da lenha, bem como o trato do roçado. Quanto aos trabalhadores, em alojamentos e pensões provisórios e precários, amargam uma situação extremamente precária de vida e trabalho.⁹⁴

Diante do contínuo inchaço urbano, das precárias condições de trabalho a que está submetido o trabalhador rural proletarizado e da não absorção dos trabalhadores no espaço urbano pelo sistema produtivo, não podemos mais ver o problema agrário como estritamente rural.

A crise urbana diz respeito diretamente aos jovens da cidade porque são eles que vivenciam as dificuldades para se manter em uma metrópole econômica, social e espacialmente injusta. Os muitos movimentos culturais ligados à juventude que se organizam nos espaços em disputa mostram como muitos jovens não estão politicamente alheios, mas antes criaram novas formas de contestação e questionamento da realidade vivida⁹⁵. O amplo alcance do movimento hip-hop e sua forte presença entre nossos colaboradores ilustra a movimentação juvenil e nos permite uma maior aproximação da visão do jovem sobre o universo periférico.

A proximidade de acampamentos e assentamentos com a região metropolitana se legitima graças a esse contexto urbano caótico, estendendo seu significado para a tentativa de realização de uma reforma urbana. A nova concepção de assentamento que começa a ser construída visa à mudança da dinâmica urbana e à massificação do projeto de Reforma Agrária, possibilitando através do acesso à terra a

⁹⁴ Site da Pastoral do Migrante. www.pastoraldomigrante.org

⁹⁵ SPOSITO, Marília Pontes. **Os Jovens no Brasil, desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003, p.11.

autonomia produtiva que permita ao trabalhador apropriar-se diretamente do seu trabalho. Os assentamentos se constituem sob a perspectiva de organização de núcleos de economia camponesa, sustentadores de um novo projeto de sociedade que garanta dignidade, moradia e trabalho para a população urbana, criando condições reais de resistência à subjugação degradante imposta pelo modelo de desenvolvimento capitalista. Têm como objetivo central questionar politicamente o próprio capital ao colocar em debate as formas de segregação e marginalidade urbana. As favelas singularizam um pouco desse universo de espoliação e violência que assombra a vida dos trabalhadores urbanos. Também concentram atividades criminais – como o tráfico de drogas – que se utilizam da população como escudo e a atrai como mão-de-obra, sobretudo os jovens pobres ávidos por participar da festa do consumo. Consumo a qualquer custo e de acordo com as poucas opções de geração de renda em que são aceitos e necessários, como o trabalho informal nas suas mais variadas manifestações. Davis nos oferece um perfil das chamadas cidades globais e seus problemas comuns de emprego e moradia. Assim, segundo o autor:

O crescimento global de um vasto proletariado informal é uma evolução estrutural totalmente original, não prevista pelo marxismo clássico nem pelos gurus da modernização. Na verdade a favela desafia a teoria social a perceber a novidade de um verdadeiro resíduo global sem o poder econômico estratégico da mão-de-obra socializada, mas maciçamente concentrado num mundo de barracos em torno dos enclaves fortificados dos ricos urbanos.⁹⁶

Os jovens moradores da periferia urbana representam uma parcela significativa desse proletariado informal a que se refere o autor. Aproximando-se dos problemas urbanos, a proposta da Comuna da Terra busca aliar a construção de um projeto rural à realidade desses novos assentamentos. Além da proximidade dos grandes centros urbanos que permite a mobilização de pessoas sem perspectivas de adentrarem o mercado formal de trabalho, uma das inovações da proposta diz respeito à extensão da

⁹⁶ DAVIS, Mike, Planeta de Favelas in: SADER, Emir (org), SADER, Emir (org.). **Contragolpes:** seleção de artigos da New Left Review. São Paulo: Boitempo, 2006, p.212.

área a ser cultivada já que:

Podemos desenvolvê-la numa área de terra bem menor que o modelo atual utilizado nos assentamentos rurais, assentar muito mais famílias, ou seja, entre 2 a 5 hectares de terras, garantir a subsistência das pessoas e também possibilitar uma renda, desenvolvendo a produção de forma planejada e diversificando a exploração racional dos recursos naturais como solo, água e meio ambiente com a produção orgânica ou ecológica de cereais, horticultura, frutas e criação de pequenos animais.⁹⁷

Na concretização do projeto de integração campo – cidade, a *frente de massa* é o setor responsável pelo estímulo e divulgação dessa nova proposta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra junto à população, sendo a proximidade geográfica um fator de viabilidade de ingresso na luta. Vencer a imagem construída pelos meios de comunicação é um dos grandes desafios dos militantes responsáveis por esse trabalho de base. Para tanto, alia-se o trabalho de exposição da proposta nas periferias, favelas e albergues à possibilidade concreta de conhecer assentamentos – como o Dom Tomás Balduino, na região de Franco da Rocha, já em outro estágio de desenvolvimento. O trabalho de base também é um dos instrumentos de formação política para os integrantes do movimento, que têm assim a oportunidade de rever sua própria realidade ao tentar atuar sobre a do outro. Dentre nossos colaboradores, Jonas e Cláudio passaram pela frente de massa e explicam como é feito o trabalho de base:

Fazendo os cursos de formação política comecei a me interessar, a conhecer a história do movimento, a me indignar, a enxergar outro mundo. E então entrei para a frente de massa e comecei a fazer trabalho de base... Passei um bom tempo na militância, dois anos militando. Olha, tinha 16 anos. Dezesesseis, dezessete anos eu já estava

⁹⁷ MATHEUS, Delwek. **Uma outra concepção de assentamento de reforma agrária: a Comuna da Terra**. Trabalho de conclusão de curso. FSS/UFJF/MG – MST, 2003, p.42.

fazendo trabalho de base nas favelas, nos albergues. Isso foi uma coisa engraçada porque eu peguei, comecei a estudar muito, comecei a me indignar, comecei a ficar fudido com tudo. Uma porrada de coisa que eu achava errado. E a forma que eu achei de contribuir foi essa, trabalho de base. Ir de porta em porta, de favela em favela, de albergue em albergue. Conversar com a companheirada nas ruas. Tentar apresentar o que é a proposta do movimento. (Jonas)

O movimento já mudou bastante coisa na gente. Eu trabalhei bastante tempo na Escola Nacional⁹⁸, e aprendi bastante lá porque a gente fazia de tudo. Plantei, trabalhei na horta, trabalhei na construção da escola, no jardim, fiz muita coisa. Fiz parte do “trabalho de base”⁹⁹ mas eu não gosto muito não, porque uma vez eu fui e quase saiu briga. Eu sou um cara que gosta das pessoas. Converso com elas e podem até me xingar, fazer o que for. Agora, se a pessoa relar a mão em mim ou começar a falar mal da minha família, aí eu já não gosto, já parto para a ignorância. Fui fazer um trabalho de base lá com um senhor, conversar com ele. Daí o senhor começou a falar, a xingar a gente, e eu saí, virei as costas. Mas tinha um outro rapaz e ele jogou uma pedra, que pegou nas costas da menina que estava junto com a gente. Eu virei e ele jogou outra que pegou no meu braço. Aí eu fui para cima dele... O pessoal também ficou com raiva. E eu resolvi sair desse negócio de fazer trabalho de base. Eu gosto mesmo é de ajudar a organizar o pessoal no assentamento. Ajudar a construir os barracos... (Claúdio)

O fortalecimento do cinturão de acampamentos na região da grande São Paulo é o momento de construção atual, criando condições de pressionar o governo e estender a luta por reforma agrária para as regiões próximas às cidades. A Regional do MST na Grande São Paulo agrega atualmente a organização dos assentamentos Dom Tomás Balduino, no município de Franco da Rocha, cuja ocupação ocorreu em sete de

⁹⁸ A Escola Nacional Florestan Fernandes foi inaugurada em 2005 na cidade de Guararema-SP. Trata-se de uma escola de capacitação técnica e de formação de trabalhadores rurais, cujo objetivo é proporcionar a jovens, mulheres e homens do meio rural educação voltada para a realidade do campo.

⁹⁹ Muitos jovens da Regional Grande São Paulo passaram pelo chamado “trabalho de base” ou “frente de massa”. Trata-se de visitas à favelas, albergues e bairros periféricos na cidade de São Paulo, visando divulgar a proposta do MST e trazer mais famílias para o movimento, massificando os acampamentos e promovendo ocupações de áreas próximas à região metropolitana.

setembro de 2001; Irmã Alberta, localizado próximo ao bairro de Perus numa área que seria destinada à construção de um aterro sanitário pela Prefeitura de São Paulo, cuja ocupação ocorreu em 20 de julho de 2002¹⁰⁰; Dom Pedro Casaldáliga no município de Cajamar, e o acampamento Che Guevara que foi assentado junto ao assentamento Elizabeth Teixeira e agora integra a Regional de Campinas do MST. Além destes assentamentos rurais, existe a experiência da Comuna Urbana de Jandira, que mobilizou antigos moradores de uma favela expulsos da área que ocupavam, e atualmente vem articulando parcerias para a construção de casas e a criação de projetos que permitam geração de renda. São focos de luta e organização popular, portanto, de esperança para as novas gerações.

O nome oficial do assentamento Dom Pedro Casaldáliga é PDS – Projeto de Desenvolvimento Sustentável – São Luiz. A área comprada pelo INCRA para reforma agrária foi adquirida em 2006 e sua extensão é de 123,04 ha. Esta área está inserida na Área de proteção Ambiental de Cajamar (APA-Cajamar) e 27,39% deste total pertence à Área Tombada da Serra do Japi. A proposta de PDS elaborado por profissionais do INCRA visa criar um assentamento cujo desenvolvimento se pautar pela exploração agroecológica sustentável. Esta intenção para o projeto e dados técnicos sobre a área constam no documento “*Agroecologia em perspectiva*”¹⁰¹. Segundo a proposta:

Caso consideremos um assentamento não somente como uma unidade produtiva, mas também como um conjunto de relações sociais específicas das quais resulta a modificação do ambiente à sua volta, podemos inferir que aliar a agroecologia ao poder de transformação da sociedade organizada garante duplamente a preservação dos recursos naturais, cumprindo assim a função social da terra.

Em face dessa postulação verifica-se não existir um modelo único a ser seguido, mas, sim, a construção de uma proposta adequada para cada caso, com a participação de todos os envolvidos no processo, sempre respeitado o universo da agroecologia, no qual se entende o homem integrando e interagindo positivamente com o sistema natural.

¹⁰⁰ MATHEUS, Delwek, **Uma outra concepção de assentamento de reforma agrária: A Comuna da Terra**. 2003, p.51, 52.

¹⁰¹ “*Agroecologia em perspectiva*” – Projeto de Desenvolvimento Sustentável, Fazenda São Luiz, município de Cajamar. Outubro de 2005.

Com base nesses pressupostos, os técnicos ligados à Superintendência Regional de São Paulo do INCRA, em conjunto com membros da sociedade civil, órgãos ambientais, poder público, movimentos sociais e universidades, elaboraram outros documentos. Nestes, os pré-projetos estabelecem critérios de zoneamento da área segundo as propostas de produção e as restrições criadas pela inserção do assentamento na Área de Proteção Ambiental - APA- Cajamar. Dentre essas propostas, temos a de *Floresta Social*, que faz parte do projeto FLORAM elaborado por um grupo interdisciplinar do Instituto de Estudos Avançados (IEA/USP), sendo um dos participantes o Prof. Emérito da Universidade de São Paulo, Dr. Aziz Ab'Saber. Segundo a pré-proposta do plano de utilização¹⁰², o zoneamento prevê:

- a) Áreas de preservação permanente. São áreas protegidas que devem ser recuperadas por meio de Sistemas Agroflorestais (SAF) nos locais onde não existe mata nativa. E não devem sofrer intervenção ou exploração de seus recursos nos locais ocupados por mata nativa (Mata Atlântica). São 17,7 ha da área com mata nativa e 8,54 ha a serem recuperadas. Representam juntas 21,39% da área total do assentamento.
- b) A Reserva Legal: Determinada pelo Código Florestal possui 24,61 ha e representa 20% da área total. Possui 13,54 ha de mata nativa e 13,07 ha a ser recuperada. Segundo a proposta de Floresta Social, na reserva legal:

A partir das áreas com matas nativas, é possível implantar uma rede de sistemas agroflorestais (corredores e talhões) bem distribuídos pela área, interligando os fragmentos florestais, pois, assim, a regeneração natural dos espaços onde não foram implantados os sistemas ver-se-á extremamente facilitada. Pode-se realizar a exploração como em áreas de reserva legal e o manejo de alguma espécie determinada por alguma espécie determinada por um estudo específico; alternativas – aqui tomadas como exemplos – que poderão ser consideradas: *Euterpe edulis* (Palmito Juçara), *Schinus terebinthifolius* (Aroeira pimenteira), *Stryphodendron adstringens* (Barbatimão), *Hymenaea courbaril*

¹⁰² Pré- proposta do plano de utilização. PDS – Projeto de Desenvolvimento Sustentável. Floresta Social. Fazenda São Luiz, município de Cajamar. Novembro de 2006.

C) Área utilizável:

Áreas individuais: Finalidade de moradia, produção para consumo e hortas orgânicas que precisam de pouco espaço para propiciarem retorno financeiro.

Áreas individuais - coletivas: Atividades produtivas realizadas em regime de mutirão que otimiza o trabalho e permite a troca de conhecimento entre os participantes.

Áreas comunitárias: destinada para agregar atividades coletivas do assentamento tais como escola, espaços de capacitação e cursos práticos, espaços religiosos e de lazer.

No âmbito da ação e discussão, a luta passa a ser não apenas dos camponeses, mas também dos moradores da cidade que possuem ou não relação direta com o trabalho no campo. A inversão populacional que coloca nas cidades o problema do campo permite a extensão da luta. A idéia é que a terra não é só de quem planta, mas também de quem já plantou e foi expulsa. No entanto, muitos entraves de ordem política impedem a plena implantação dos projetos de assentamento, revelando a tensão existente entre o movimento social e interesses econômicos da região. Apesar do projeto apresentado, do parecer positivo para sua implementação concedido pelo CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico, de Memorial assinado pela ABRA – Associação Brasileira de Reforma Agrária, e de diversos relatórios técnicos ambientais que atestam a viabilidade da proposta, vários documentos foram feitos por organizações não-governamentais e órgãos públicos na tentativa de impedir a consolidação do assentamento na Serra do Japi. A apropriação do discurso de defesa do meio ambiente é o caminho encontrado para barrar a permanência da comunidade, alegando que esta estaria destruindo e degradando a Serra do Japi. Além da violência cometida durante os despejos e das muitas dificuldades enfrentadas pelas famílias, donos do poder local insistem em criminalizar o movimento. O Memorial da ABRA traz um panfleto distribuído pelo vereador Marcelo Gastaldo (PTB) que demonstra a questão política travestida de ambientalista:

¹⁰³ Idem p.16

Diga não para a invasão do MST. Vamos Salvar a Serra do Japi.

Em fevereiro de 2006, o MST tentou invadir a nossa Serra do Japi. Seriam 1.000 famílias ou 4.000 pessoas entrando e destruindo o nosso maior patrimônio.

Os vereadores, O Condema, o Conselho Gestor da Serra, a prefeitura, a promotoria do meio ambiente, a OAB e os jornais de Jundiaí levantaram suas vozes e conseguiram impedir que esse crime acontecesse.

Agora o INCRA (órgão do governo federal) quer desapropriar uma fazenda (dentro da Serra do Japi) no município vizinho de Cajamar para assentar os sem terra do MST.

Se isso acontecer, as portas para uma invasão em massa estarão abertas (por onde passa um boi passa uma boiada).

As quatro cidades que participam da Serra do Japi (Jundiaí, Cajamar, Pirapora do Bom Jesus e Cabreúva) estão unidas para defender a nossa Serra do Japi. Por isso pedimos que assine o manifesto que está percorrendo a Jundiaí, para que possamos levá-lo ao presidente da República, demonstrando que aqui nós temos lei e ordem e ninguém e nem o MST vai tomar a nossa Serra do Japi.¹⁰⁴

Ainda segundo o Memorial da ABRA, está claro que não se trata de defender o meio ambiente, mas sim de resguardar áreas que se valorizam mediante especulação imobiliária, ou seja, não devem ser utilizadas para o assentamento porque futuramente podem abrigar condomínios de luxo:

Torna-se clara a política contra as famílias sem-terra quando, desde 2002, o ex-proprietário da Fazenda São Luiz anunciou sua venda nos jornais, visando realizar um empreendimento imobiliário através da venda de lotes. Nenhuma manifestação por parte dos “ambientalistas”

¹⁰⁴ Memorial da ABRA– PDS São Luiz, Município de Cajamar. Novembro de 2006.

foi feita como agora, como abaixo assinados enviados ao presidente da República, notas em jornais, atos públicos.

Além da especulação imobiliária na região – que já possui diversos condomínios de luxo – presencia-se também o cultivo e extração de eucaliptos, que conforme sabido e também denunciado, prejudica o meio-ambiente tornando impossibilitada de cultivo a terra utilizada. Essas plantações têm invadido a área de proteção ambiental e muitas vezes destruído a vegetação nativa. Infelizmente, os que defendem o meio-ambiente na região não atentaram para esta realidade.

As mobilizações locais resultaram numa ação do Ministério Público Federal que vetou a implementação da proposta de PDS no assentamento, dificultando o zoneamento e impedindo que os assentados tenham acesso a toda área conquistada. Atualmente, o INCRA mantém a tentativa de conseguir uma licença ambiental junto ao Departamento de Avaliação de Impacto Ambiental – DAIA que permita a continuidade do processo. Na defesa do assentamento, alega que projetos de desenvolvimento humano e social podem conviver com a preservação ambiental da área. No entanto, por questões já apontadas, não é dessa forma que as autoridades entendem o papel da bandeira de defesa do meio ambiente.

Capítulo 2

Entrevistas com jovens assentados da Comuna da Terra Dom Pedro Casaldáliga.

**“É o Brasil é mó zica há quanto tempo
E há quanto tempo o homem já não era violento
mais uma coisa puxa, outra é triste inevitável
A miséria não acaba porque ainda é favorável
Imaginem só, o Brasil sendo melhor
Com divisão de terra e espaço ao redor**

**Redor de quê? Redor de quem? Tá viajando
Esgoto a céu aberto é a real de vários manos
Você tá vivendo na ilusão da cidade
Do ensino meia boca lesando a mentalidade
difícil é resistir, se pensar vai ser pior**

**Nossa cara é ir pra cima e fazer nosso melhor
Melhor dentro da escola, melhor que uma vitrine
Melhor longe da esmola, melhor longe do crime
Que a vida nos ensine, traga o conhecimento
Que mostre o outro lado e não o sofrimento.”**

Tá na chuva – Racionais Mc's

Jonas

Jonas foi o primeiro colaborador desse trabalho. Desde que lhe expliquei que o trabalho de construção de documentos com fontes orais de forma colaborativa envolveria a realização de uma entrevista gravada, ele se mostrou entusiasmado e disposto a participar do projeto. Além disso, as conversas longas e reflexivas me ajudaram a compreender um pouco mais o cotidiano e as dificuldades do assentamento. Ele também facilitou o contato com outros jovens com quem eu não mantinha um relacionamento próximo. Conheci Jonas quando ele começou a namorar Aline, filha de D. Isabel, e a ficar mais integrado à família que sempre me acolheu em minhas visitas ao assentamento. Sem sombra de dúvida é um dos mais decididos a permanecer no assentamento e a fazer o projeto se transformar em realidade. Entrevista realizada em 23/05/2008.

É isso o que eu espero: um futuro muito bom aqui dentro. Um futuro que lá fora eu não ia ter nunca, jamais.

Eu sou o Jonas, tenho 20 anos. Eu vim de Mauá para cá com 15 anos. Estou há esse tempo todo aqui no assentamento Dom Pedro Casaldáliga. A gente foi criado na roça um bom tempo, desde moleque, como em Tocantins. Eu morei muito tempo lá com meu pai. Mas eu era criança, não era agricultor, não trabalhava na roça. Meu pai e meus irmãos eram, mas eu não, era muito criança. Nasci aqui em São Paulo. Meu pai veio para cá, mas tinha uma época que estava muito ruim de emprego, aí a saída era ir para lá, para o campo. Eu era muito pequeno, devia ter uns quatro, cinco anos.

Meu pai veio do Ceará, igual a maioria das pessoas que veio para São Paulo. Veio do Ceará para cá. A família dele todinha veio de lá para cá. São poucos os que

ficaram, acho que eu tenho dois ou três tios que ainda estão por lá. Lá estava ruim, vem para cá.

Minha mãe se separou do meu pai a gente era muito novo. Eu cheguei a ver umas três vezes a minha mãe. Na verdade meu pai criou três filhos sozinhos, é o heroizão. Criou três filhos sozinho. Minha mãe separou dele eu era criança, nem me lembro quando eu era pequeno dela junto com meu pai. Devia ter uns seis anos ou menos quando ela largou do meu pai. Ficou eu mais dois irmãos. Meu pai criou a gente, por isso que era essas vindas Tocantins – São Paulo, Tocantins – São Paulo, Tocantins-São Paulo. Lá tinha os parentes. Ele deixava a gente lá, vinha trabalhava, voltava e vice versa. A maioria dos parentes era de Tocantins. Tem uma parte que nasceu no Tocantins e outra no Ceará. Porque na verdade eu também já dei um rolê no Ceará já. Já fiquei uns dois anos lá na casa do meu tio. Cruel. A pegada é sinistra, se é louco. Para você ter uma idéia, para a molecada ir para a escola é mais longe do que ir daqui nos três pilares, não chega nem perto. É mais ou menos como daqui naquela igrejinha indo para Jordanésia. A pé é longe para bagaça. Arroz cara, do tempo que eu passei lá, eu passei lá uns dois anos, acho que eu comi arroz uma vez. O pessoal lá come mugunzá, é milho cozido, inteirão mesmo. Daí você joga na água, ferve, cozinha e vai que vai. Feijão, raramente tinha feijão porque lá é difícil, plantação lá é muito difícil. O que dá mais lá, que eu me lembre era melancia, essas coisas assim dá, mas o resto não dá não. É muita treta, é muito seco, é deserto, seco, seco, seco. Interiorzão do Ceará. Não lembro o nome da cidade. Nem quero lembrar. Terrível, tenho um trauma de lá, é muito difícil. Eu passei uma boa cota lá, um bom tempo, um bom tempo.

Quando eu fui lá para Tocantins, fui eu e o meu irmão. Ele ficou na cidade, eu fui para o campo trabalhar. É porque assim, lá eu tenho parente. Daí meu pai mandou a gente para lá, eu e meu irmão. A gente estava querendo ir. Chegou lá ele ficou na casa da minha tia, arrumou um trabalho de borracheiro e eu fui para o campo fazer farinha, trabalhar com farinha. Farinha de mandioca. Já trabalhei para caralho em casa de farinha, um trabalho de louco viu. Trabalhar fazendo farinha é foda. A gente acordava cinco horas da manhã e minha primeira tarefa era molhar um canteirão gigante. Não tinha água encanada, você tinha que entrar no rio para pegar água. E a gente fazia a farinha. O cara tinha bastante mandioca plantada e a renda de lá era farinha. Era uma projeto igual aqui, só que era diferente. Mas era do INCRA, lá se chama *Projeto Rio Preto*. O INCRA financia a terra, o gado e a vacina e você paga com o produto que você

plantar. Não é bem aquele projeto. O projeto é que o INCRA financia a área para você. Esse é o projeto, está lá seus vinte hectares. Eu fui trabalhar lá em uma casa de família, já tinha o cara que era titular, ele e a família dele. Eu era empregado, trabalhava a dia, a diária. Dez contos a diária. Com comida, dormida, tudo. Dez contos. Passei um bom tempo lá, quase dois anos. Daí meu pai pediu para eu voltar e eu voltei.

Nem sei o que deu no meu pai, mas é legal, é diferente. Meu pai criou nós três sozinho, fez o papel que minha mãe não fez. Fez o papel de pai e de mãe. Por isso que a gente nasceu mais diferente também. Os irmãos foram crescendo, meu pai trabalhava. Meu irmão mais velho foi crescendo, cuidava de nós. Cresceu foi trabalhar. O outro cuidava de mim, cresceu foi trabalhar. E aí eu cresci e vazei.

Todo mundo cozinhava. Foi crescendo ia aprendendo. Ia crescendo, ia aprendendo a cozinhar, fazer as coisas de casa. Todo mundo sabe cozinhar, lavar roupa, sabe tudo. Agora a Aline¹⁰⁵ faz mais, mas de vez em quando eu faço comida, lavo a louça, lavo roupa, varro a casa, arrumo a casa, não tem dessas não, vai que vai.

Em São Paulo, meu pai vivia naquela correria doida de arrumar emprego. Conseguia fazer uns bicos, mas a coisa ia apertando, apertando. Até que surgiu o movimento, aí tudo deu uma mudada, principalmente na minha vida depois que eu vim para cá mudou completamente. Deu um salto de mudança. O movimento foi minha salvação, com certeza, foi minha salvação. Meu pai veio por uma pessoa que era da minha família. Eu tenho uma tia que é do PT, ela conhece um pouco da história do movimento. Não tem ligação, mas é simpatizante, falou para o meu pai ir para o movimento. Meu pai me trouxe.

Meu pai continua em Mauá, casado, sossegado, continua trabalhando, tranquilo. Agora lá está bem urbanizado. Tem muita favela, tem muita pobreza, tem de tudo. É igual o centro de São Paulo, onde você vê a miséria correr solta, não está mais tão campo como era. E afastado do centro como sempre são as favelonas. Onde eu morava era uma favelona, parecia uma panela assim, um morrão, parecia uma panelona gigante. Morro do Macuco a gente chamava. Morro do Macuco. Cansei de estar em casa assistindo televisão, e os caras passarem ao redor do meu barraco atirando. Só drogas sem perspectiva. E eu estava vivendo naquela, com certeza se tivesse ficado por lá meu

¹⁰⁵ Aline é esposa de Jonas.

futuro talvez seria esse também. Se não arrumasse um emprego ia para o crime, passar um fuminho, roubar um carro, até rodar. E ser mais um.

Estava difícil na cidade, aí viemos para cá. Ele veio comigo, voltou para a cidade para trabalhar e eu fiquei cuidando do cadastro¹⁰⁶. Era novo na época, mas fiquei cuidando do cadastro. Cheguei aqui no movimento meio assustado como todo mundo. Eu não conhecia a realidade daqui. Cheguei meio apavorado com meu pai e no outro dia eu queria ir embora. Mas depois comecei a participar, comecei a enxergar outro mundo. Ia em algumas reuniões, falava qual era a minha perspectiva aqui dentro. O pessoal começou a se ligar um pouco, começou a me mandar para cursos. Comecei a me aprimorar e dentro desses cursos, eu comecei a enxergar outra perspectiva de mundo e de vida, que era o movimento e a luta do povo. Comecei a estudar, comecei a trabalhar pelo movimento. Comecei a fazer frente de massa e estou aí até hoje. Estamos aí.

Fazendo os cursos de formação política comecei a me interessar, a conhecer a história do movimento, a me indignar, a enxergar outro mundo. E então entrei para a frente de massa e comecei a fazer trabalho de base... Passei um bom tempo na militância, dois anos militando. Olha, tinha 16 anos. Dezesesseis, dezessete anos eu já estava fazendo trabalho de base nas favelas, nos albergues. Isso foi uma coisa engraçada porque eu peguei, comecei a estudar muito, comecei a me indignar, comecei a ficar fudido com tudo. Uma porrada de coisa que eu achava errado. E a forma que eu achei de contribuir foi essa, trabalho de base. Ir de porta em porta, de favela em favela, de albergue em albergue. Conversar com a companheirada nas ruas. Tentar apresentar o que é a proposta do movimento.

Nossa, eu tive umas oportunidades fudidas que eu nunca vou esquecer. Eu fiquei três meses em Campinas ajudando a formar o acampamento Milton Santos¹⁰⁷. Eu acho que agora eles estão em Limeira. O pessoal já está assentado, já está produzindo, estão ganhando dinheiro. A gente encontra o pessoal, não tem dinheiro que pague a satisfação. É muito louco fazer isso.

¹⁰⁶ O cadastro a que os assentados freqüentemente se referem é uma ficha com dados dos futuros assentados. Ou seja, trata-se de formalizar a intenção de participar do programa de Reforma Agrária e registrar o nome do assentado no qual será homologado a posse da área conquistada.

¹⁰⁷ O acampamento Milton Santos teve início a partir do trabalho de base realizado em 2005 sobretudo na região metropolitana de Campinas e na cidade de Limeira. As primeiras ocupações ocorreram em áreas próximas a cidade de Limeira. Ainda em 2005, as famílias foram assentadas em outra área comprada pelo INCRA em Americana. Sobre o assentamento Milton Santos ver: www.geografia.fflch.usp.br/inferior/laboratorios/agraria/Anais%20XIXENGA/artigos/Bombardi_LM.pdf

A gente entrava nas favelas e saía a pé, com panfletinho de casa em casa e ia conversando com o pessoal. Levava o panfletinho, entregava, falando o dia da reunião. Juntava o pessoal explicava o que era o movimento, porque a gente estava ali. Aí fazia diversas reuniões, uma em cima da outra, apresentando o que era o movimento e por que a gente estava ali. Com calma explicando o que era o movimento. Deixava o pessoal bem preparado, aí levava para a ocupação. Levava para a ocupação e o pessoal começava a se organizar. Núcleo. Coordenador de núcleo. E o pessoal ia pegando o espírito da coisa. Era igual aqui no começo, muita treta, muita gente indo embora. Muita gente chegava em um dia, no outro ia embora. Muita família chegava sem nada. Muita treta também.

O pessoal vinha, mas muitos vinham achando que seria mais fácil. Chegavam e viam que a realidade era embaçada. E o pessoal achava que voltar para a favela seria o mais viável, seria mais fácil. Vou voltar para a favela, lá tem luz, tem água, tranquilo. Tem o esgoto também, mas eu estou de boa. Aí o pessoal voltava mais tinha quem resistia. Porque não é fácil também você chegar em um acampamento, resistir e ficar. Não é fácil.

Aqui nós ocupamos sete, oito vezes. Ocupamos, fomos despejados, ocupamos, fomos despejados, ocupamos, fomos despejados, ocupamos... Nossa até ficar aqui foi um sofrimento louco. No primeiro dia que gente ocupou essa área aqui estava chovendo. Estava com chuva, isso aqui tudo era mato, não tinha nada. Não estava nem chovendo tão pesado, mas estava uma garoinha brava, estava tudo cheio de lama. Todo mundo começando, todo mundo novo, eu não tinha nem cinco meses de movimento. Muito duro. Mas tudo isso, pelo menos para mim, servia de alimento para não desistir. Cada despejo que tinha, dava mais revolta, dava mais sede de lutar, de ficar. Mais sede de montar mais acampamentos. Para mim servia disso, para mim não servia de desanimação não. E para muitos também, que estão aqui até hoje. A polícia chegar seis horas da manhã, você acordar com família e ir juntar as coisas, com criança. Os helicópteros aqui foram cruéis.

O primeiro curso que eu fiz foi de formação política aqui na frente de massa, mas antes de eu fazer esse curso, a gente estudava muito no espaço, no acampamento. A gente tinha reunião com dirigente, estudava. Tinha livro, incentivo. Primeiro de tudo a gente estudava o que é o movimento. O porquê do movimento, o que é o socialismo, o

porquê da nossa luta, o que é o capitalismo. E por aí vai, daí você começa a fazer os cursos e vai se aprimorando. Formação política. E uma boa parte vem da vontade também. Uma boa parte eu aprendi com força de vontade. Eu trabalhava em Campinas, passava noites e noites viajando nos livros. Karl Marx, Rosa Luxemburgo e uma porrada de livros que o movimento tem aí. E dentro disso eu fui me formando, com um conhecimento que é pouco, mas que eu adquiri com muito, com muito esforço. Eu fui me formando, fui me formando... até eu casar.

Conheci a Aline aqui. Cheguei aqui ela já estava. Fazia uns quatro meses que ela estava aqui. Eu cheguei já fazia alguns dias que eles já tinham ocupado a Mian¹⁰⁸. Conheci ela aqui, passaram um, dois, três, acho que até uns três anos e meio que a gente se conheceu, acabamos se casando e tendo a Alice e estamos ai até hoje. Vida de gente grande. Vida de gigante.

Aqui, eu e o Tripa que somos os mais jovens assim e temos um peso bastante grande. Eu já tinha um peso antes de vir para o movimento porque eu sempre gostei de morar sozinho, desde os 12 anos quando eu fui para Tocantins. Eu fui sem pai uma vez para ficar lá, sempre gostei. Mas aqui dentro a gente aprende a ter mais responsabilidade sim e com a família então... Aí ou você muda, ou você muda, não tem para onde correr não...

Agora para mim, nossa estou vivendo uma fase meio embaçada porque eu estou trabalhando muito. A Alice nasceu, está pequena ainda então estou mais trabalhando. Estou afastado das atividades do movimento, estou até enferrujado. Estou mais trabalhando fora e ganhando um dinheirinho aí.

Nossa, ter um filho muda tudo mesmo. Mas aqui dentro até que não muda tanto. Ainda dá para fazer esse trabalho da coordenação, do setor de cultura, dá para ir levando. Mas outros trabalhos pelo movimento está embaçado. Para fazer curso está cruel, não dá. Hoje está tendo curso de agro ecologia. Depois que eu casei, tive a filha,

¹⁰⁸ A Fazenda Mian localizada no município de Cajamar, região metropolitana de São Paulo, foi ocupada em abril de 2004 por famílias de dois acampamentos: O Camilo Torres, recém-formado, e o D. Pedro Casaldáliga, cujos integrantes já haviam participado de outras ocupações. Posteriormente ambos vieram a compor o assentamento D. Pedro Casaldáliga na área da antiga Fazenda São Luiz, próxima a área da Fazenda Mian. Essa área vistoriada para fins de reforma agrária depois da ocupação promovida pelo MST na região foi adquirida pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e oficialmente recebe o nome de PDS (Projeto de Desenvolvimento Sustentável) São Luiz desde 2006.

daí tive que sossegar mais um pouco. Estou mais organicamente aqui, com o Tripa¹⁰⁹ na coordenação. Estamos levando.

A gente está na coordenação do setor de cultura por enquanto. Estamos tentando levar a bagaça, mas é um trabalho que está difícil para caramba. Não existe uma formação ainda da juventude daqui, daí o trabalho não vai. Quer dizer, vai e não vai. Não tem muitos jovens. Tinha mais há um tempo. Deve ter uns 10 jovens. Se tiver, é muito.

Então é difícil porque agora com o assentamento, por exemplo, a gente tem uma caixa de som aí, uma aparelhagem fudida. Tem uma televisão. A gente pode usar para alienar, como para despertar nossa consciência. E no momento a gente está usando para alienar a gente mesmo. Os caras vão lá é “Matrix”, é um funk. Tudo bem, não é que não possa assistir, mas a galera está entrando na fase de alienação mesmo. A sala da cultura está lá então vamos assistir. Mas você chega lá, é “Motoqueiro fantasma”. Você viu o molequinho? Ele: Ô você tem que assistir não sei o quê, você tem que assistir não sei o quê. Puta que o pariu né? Porra, dentro do assentamento, espera aí. É onde a gente está embaçando. Porque a mídia é um grande instrumento de alienação. Acho que a mídia, ela faz o que quer principalmente com a grande massa, como o povo. Por exemplo, ela pode até jogar um presidente lá em cima, ela pode até fazer o que quiser com o movimento, ela pode fazer uma porrada de coisa, é um grande instrumento de alienação. Direto eu troco idéia com o Tripa: Vamos estudar, vamos se informar senão não tem como levar a bagaça. E é difícil. Como é que você vai levar sem entender? Aí você vai chamar a molecada para a reunião, vai falar, sei lá, da indústria cultural ou coisa assim. Se o cara não tem noção não vai entrar na cabeça. E dentro disso, a gente está procurando umas ferramentas para distorcer isso que está acontecendo. Devagarzinho, tranquilo, mas não é fácil não.

Acho que o mais velho entre todos é o Cláudio, porque a maioria é 20,23,19,17, 16,15, nessa faixa etária. Já foram muitos e muitos jovens embora. Tinha uma galera boa aqui. Antigamente o setor era uma beleza. A gente fazia intervenção cultural, era encontro direto. Agora está mais parado, depois do assentamento está devagar para caramba. Depois do assentamento muda tudo. Tudo é mais devagar, tudo é mais

¹⁰⁹ Tripa, como é conhecido Robério, também é colaborador de nosso trabalho. No momento em que a entrevista foi realizada, ele estava no assentamento e pouco tempo depois saiu para buscar trabalho na cidade.

complicado, é complexo. Não é igual no acampamento. Acampamento tem um coletivo, vamos roçar isso aqui, vamos plantar, é simples. Agora no assentamento é mais complicado.

Eu acho que primeiro a gente fica mais acomodado com o assentamento. Ah, virou assentamento, beleza, estou no meu lote, tranquilo. E a gente perde muito a mística de movimento social, de classe entendeu? Você ali, eu aqui, e o outro ali. Eu vou para o meu lote, você vai para o seu, eu vou para o meu. Não existe mais uma relação mais direta como era antes. Acho que é por isso que as coisas não andam muito. Falta essa mística que a gente está perdendo para caralho mesmo, essa mística de movimento e de classe. Até nas nossas reuniões dá para perceber isso. A gente faz reunião muitas vezes sem mística. A gente até já esqueceu o que é a mística. Eu mesmo já esqueci o que é mística. Reunião de coordenação, nenhuma tem mística. Reunião de setor? Nenhuma tem mística. Então a gente perde muito. A gente começa a viver como se fosse lá fora de novo. É essa a treta. A lógica do individualismo, de muita coisa. Isso a gente vai perdendo aos poucos, perde muito mesmo, perde bastante.

Também uma grande treta que a gente está tendo aqui é de organizar a produção. Isso é mais treta do que qualquer outra coisa. Parece fácil, mas não é fácil. Não é fácil. Aqui estamos com dez hectares para moradia, dez para produção. A gente não está conseguindo, não conseguimos organizar nem 10% dos dez hectares da produção. Primeiro que falta tudo. Falta água, a terra, o solo está degradado, está ruim, você planta não dá. Então uma série de coisas que atrapalha. E isso vai cansando, isso vai causando um stress, o pessoal vai ficando bravo, vai se revoltando com tudo. Não sai, a água não chega, não sei o quê não anda. Então isso vai enfraquecendo também, a mente, a cabeça. E daí que eu acho que entra essa perda dessa mística. Aí que perde tudo. E era o que mantinha. Porque a gente vivia diferente aqui, a relação era outra. Era outra, existia um companheirismo mais forte, um certo pensamento. Ninguém pensava igual, mas um certo pensamento que dava certo. Todo mundo ia, fazia, existia toda uma mística, todo um trabalho. E depois que saiu o assentamento a gente se acomodou no terreno, nos 2.400 metros e foi perdendo essa mística. É tanto que nossas reuniões hoje é até interessante, mas é meio desconcertante. Não existe mais toda aquela mística de vamos construir o assentamento juntos. Se perde muito, muito mesmo. Alguns projetos coletivos dão certo, outros não, o pessoal está indo mais por afinidade. É treta. Até organizar e ganhar alguma coisa, para ver se dá certo, é trêta. Vai continuar nessa.

A gente recebeu o primeiro fomento e agora está para chegar o segundo. O primeiro veio R\$ 2.400 por família. O segundo também. Só que esse primeiro a gente gastou em alimentação e ferramentas. O segundo vai ser para a área de produção. Ele veio em crédito essa linha do governo. Pelo menos aqui para a Comuna veio em crédito. Sai em crédito e aplicamos no Brama, aí cada família foi lá e comprou o que queria, mas vem em crédito. Não vem em dinheiro. Podemos comprar em qualquer estabelecimento que aceite as normas, que é em crédito pelo governo. Muitos não aceitam, mas muitos aceitam. Igual o Brama, que é um depósito de construção. A gente depositou, foi lá e comprou. Tudo certo, é tranquilo. Vem um cheque, você vai lá compra, acabou o crédito, acabou. Vem assim, desse jeito. Compramos enxada, foice, escavadeira, tudo o que se precisa para mexer com a terra. Compramos isso, o básico. E alimentação. Ficaram 700 reais para alimentação. Para não ficar só com a cesta básica.

A gente se vira do jeito que pode. Eu já coloquei diversas vezes isso em reunião. Estou falando de nova sociedade, estou falando de tudo, mas acabou a reunião eu vou fazer um bico. Faz, é consequência do sistema também, a contradição. Foi feita para isso mesmo. Mas a maioria é assim, só nessa, assistencialismo do governo, bolsa família, alguma coisa, aposentadoria. Ou então é bico lá fora, de tudo: ajudante de pedreiro, tudo. Tudo o que aparecer, carpir, roçar, a gente encara. Aqui, em Cajamar, em Polvilho, onde tiver a gente vai atrás. É nessa que entra, que vai perdendo até a mística de classe e de luta também.

Chegou uma época em que eu estava parado também, estava desanimado. Estava fazendo bico a semana toda lá fora. Olha que merda. É foda. Mas é consequência da luta. Tem que acontecer, porque o movimento, a gente, não tem estrutura para viver sem dinheiro. Tem que fazer esses corres mesmo até a coisa começar a funcionar. E a gente começar a trabalhar por nós mesmos. Mas até aí, vai se virando do jeito que pode. Vai dando uns pulos. Tem que ser assim, vai levando. Infelizmente. Aqui é o dinheiro que manda, fazer o quê? Correr atrás dele.

Eu não fui embora porque primeiro eu acredito no projeto. Acredito numa construção de uma sociedade nova e para isso a gente tem que passar por isso mesmo. Se eu sair daqui e for lá para fora vai resolver o quê? Vou ser mais um lá, marionete do sistema. Não, vou ficar, vou resistir, vou lutar porque esse é o processo para se chegar até lá. A mudança também, ela não vem do nada, se aqui não tivesse problema, não

tivesse contradição, não precisaria de movimento. Não precisaria. Nem precisaria o povo se organizar. Já que nos estamos questionando a outra sociedade que é errada, para a gente criar uma nova tem que ter contradição também. Se o sistema capitalista apresenta contradições, porque o sistema socialista não vai apresentar? Vai apresentar também, com certeza.

Na verdade a gente está tentando se construir. Não é bonitinho, não é lindo. Eu poderia falar aqui que pelo menos nosso assentamento seria uma realidade viva do socialismo? Não. A gente enfrenta muitas dificuldades, como eu falei do bico, de reproduzir o sistema e de alguns vícios que ainda estão dentro da gente porque não é fácil mudar mesmo não. Mesmo a gente com mesmo seis, sete anos de luta carrega alguns vícios ainda. Então ainda não é socialismo, a gente está lutando para isso. Mas mudar como pessoa, como ser humano, é difícil. Não é fácil você ser um novo ser um novo homem, uma nova mulher, com outras concepções, com outra filosofia, não é fácil. Essa é a realidade que eu vejo aqui. Por exemplo o individualismo, isso é foda. Aqui tem gente, por exemplo, que não quer núcleo de afinidade, nem coletivo. Tudo bem, é uma decisão do cara, tranquilo, vai lá e faz. Outro tipo de vício, esse da cultura, isso é foda eu fico puto vendo isso. Por isso que eu não te falo que é o socialismo puro, que é uma nova sociedade entendeu?

E para se libertar também não é fácil. É um processo longo, cansativo e duro para caramba. Por exemplo, está eu e o Tripa na coordenação. Ele, o Tripa está começando a fazer uns cursos agora, mas ele ainda carrega alguns vícios, como eu também. Mas ele ainda está mais pesado. Ouve funk, faz isso, faz aquilo. Aí não conhece a história, não conhece o processo, não conhece toda a mística, não se identifica como classe, a bagaça não tem para onde ir. Em vez de ir para a frente vai para trás. Você vai conduzindo o processo errado. Outro exemplo que é uma coisa até chata, mas que acontece também às vezes: centralização. Isso é um vício, isso é uma coisa que não tem nada a ver com a nossa linha política, mas que às vezes acontece aqui também, centralização. Aquela coisa uma cabeça pensa por cinqüenta. Entendeu? Não que seja... acontece. Eu considero isso como vício.

Eu acho que aqui dentro acho que a gente nem usa democracia mas a coletividade dos assuntos e de tudo. É isso. É se você é da comunidade, você tem que opinar em tudo. Se acontece alguma coisa lá no núcleo de baixo, não afeta só o núcleo

de baixo, afeta você aqui. Então se você não faz parte da decisão, se você não opina, não está sendo coletiva. Acho que fica centralizado. Existe uma coordenação, existe uma direção e existe o núcleo, a base. Mas a base tem que participar principalmente senão não está sendo coletiva. Não precisa por qualquer coisinha se reunir. Mas acontece uma pouco essa parada aqui, é chato mas acontece. Eu acho que todos são militantes a partir do momento que você entra na luta, que você resiste, que você fica debaixo do barraco, que você vai para ato, que você enfrente polícia você está sendo militante. Mas se isso não é ser militante, eu não sei o que é não. Para mim não existe essa diferença. Igual eu, tem uma galera que faz o corre lá fora, que vai na favela, que vai no albergue ou faz outras tarefas de dirigentes. A única diferença que eu vejo é essa. Tem os militantes que ficam na base, organicamente, que faz ato e tal, e tem o pessoal que vai para a cidade, vai para as ruas, para o albergue. Essa é a diferença que eu vejo. Mas todos são militantes com certeza. Nossa, e é difícil para caramba. É mais difícil que lá fora. É treta. Se organizar não fácil. Lá fora, é cada um por si e Deus por nós. Aquela coisa desorganizada: eu quero ter meu carro do ano, eu quero ter meu celular da hora, eu quero ter uma calça igual o ator da globo e já era, vive em função disso. O pessoal lá fora vive em função disso.

Aqui a gente criou os *Rebeldes do Campo*. A gente começou eu nem lembro quanto tempo faz, mas deve ter uns três anos, três anos e meio por aí. Sou eu, o Kenedy, a Adriana e o Tripa. Eu sempre curti rap desde moleque, desde pequeno. Eu não sabia que eu sabia escrever, não tinha esse conhecimento. O Kenedy e a Adriana, eles já tinham um grupo de rap no movimento, só que eles já estavam atuando, eles já tem muito tempo de luta, tem uns seis anos de luta. Na época eu tinha uns dois anos de luta, eu conheci o Kenedy, ele falou do grupo, eu entrei, depois o Tripa entrou, daí foi que foi. Na época a gente estava com um trabalho legal, estava escrevendo, estava cantando nos espaços, em alguns encontros e tal, mas agora está meio enfraquecido.

Sempre quando a gente vai escrever a gente senta e escreve coletivamente. As letras a gente fazia assim: sentava, cada um falava uma coisa e ia escrevendo. E a gente escreve mais sobre o movimento, sobre a luta, sobre o povo. Sobre o sofrimento que a gente passa no nosso dia a dia. Mas agora está meio parado. As coisas mudaram muito de lá para cá, o tripa casou, eu casei, está mais parado. Esta igual ao setor de cultura, vai não vai. Mas estamos aí, continuo escrevendo. O Tripa também escreve, tem um caderno cheio de músicas. Estamos com um projeto para ver se a gente consegue gravar

mais aqui mesmo, pela Regional. Gravar um CD com a Regional. A Adriana está aqui, o Kenedy está no Irmã Alberta, então isso que está treta, não tem como a gente ir para lá para ensaiar, para conversar, não tem como ele vir para cá. A gente não definiu o que quer com o grupo mesmo, qual a nossa idéia com o rap, o que a gente quer fazer, entendeu. Todas as letras que a gente fez eu gosto muito, não gosto mais nem de uma nem outra porque a gente escreve tudo junto. O que eu acho legal nisso, nas nossas letras, é isso. Porque é coletivamente. A gente coloca o que a gente passa, nossa realidade, não é uma coisa fictícia não. Todas, todas para mim são muito loucas, é interessante. Vou falar uma poesia que eu estou escrevendo aqui:

Povo lutador

que deixa marca no chão

Que ocupa o latifúndio

para poder ganhar seu pão

Marchando todo dia

Marchando sem parar

Marchando pela causa

que temos que abraçar

Jogado nas ruas

sem ter nada para comer

Mas a gente não liga

É iludido com a TV

Cachorros assassinos

que matam sem parar

A cada ocupação

eles estão por lá
Para manter a lei
usam a repressão
Para o povo que se organiza
eles mandam é camburão
Mas o povo é lutador
e luta sem parar
e bate no peito na esperança de mudar
E é o capitalismo, avassalador
que massacra nossa gente
o povo sofredor
E é o trabalhador que tudo constrói
com as mãos calejadas do cimento que corrói.

Essa é uma poesia que eu estou escrevendo para por numa música aí. Estou tentando escrever ela ainda. Eu como palavra para caramba. Faz um tempinho que eu não escrevo, olha está todo zoadado o meu caderno. Na verdade esse caderno aqui eu peguei do Cláudio. Bom, letra tem bastante, mas inteira não. Tem uma aqui que é bem legal.

“Para pensar
na fome da favela
São milhões de brasileiros
que dormem a luz de vela

vermes imundos
vida sem valor
mão-de-obra barata
enriquecendo o senhor
do navio negreiro
as manchetes do puteiro
esse é o itinerário do Brasil brasileiro
para de discurso
não vai me iludir
sou mais revolução
estou chegando por aqui
O PIB mundial não para de crescer
No Brasil são milhões que não tem nem o que comer
A paz é utopia
Sonhar é ilusão
Enquanto houver burguesia não haverá revolução
Os pilares da massa também tem que mudar
não adianta ser milhões e não parar para pensar .

Essa é uma. É que eu escrevo, por exemplo, um pedaço aqui, vou e guardo. Aí de repente a noite dá vontade de escrever, eu vou na outra folha escrevo, vou e guardo. Daí nunca está completo. Essa outra é a continuação daquela poesia lá que eu li. Está aqui:

“Pesadelo do sistema, aqui estamos de volta.

O elo da corrente, do povo que revolta

Seguindo a missão, sempre sem parar

Fazendo o papel do rap

que é denunciar

Na luta do povo contra o sistema

Assistencialismo não resolve o problema

Olha só a mídia, tentando corromper

Coloca como crime hediondo, o MST

Não é brincadeira, nem filme de terror

Essa é a revolta, do povo sofredor

Olha só a fome que cresce sem parar

Crime hediondo é não ter terra para plantar

É o que implantaram, está nas nossas mentes

Individualismo que atrapalha toda a gente

É o capitalismo, avassalador

Massacra nossa gente, o povo sofredor

Jogam na favela, polícia e repressão

Depois vem a mídia e diz que não tem solução

Pisa nessa terra

E luta com firmeza

Garante a dignidade e a fartura na mesa

Viver no país do carnaval

onde o povo passa fome
onde a rota mata e o latifúndio nunca some
Mas o povo é sofredor, e marcha sem parar
quebrando a cerca do latifúndio
para a coisa melhorar
Aí vem a tropa de choque e o pm cuzão
com sangue no olho para manter a repressão

O Pior é que eu já perdi uns dois cadernos dessa aqui já. De letras. Já perdi uma porrada... O Joninhas daqui colocou em um disquete para mim, aí eu emprestei para o Robstain, ele perdeu o disquete. Perdi umas oito músicas da hora, muito loucas, digitadinhas, tudo firmeza, que ele tinha digitado para mim. Ele foi e perdeu. E eu fui fazer um curso em Ribeirão Preto e esqueci o caderno, cheio de músicas. Eu me lembrei de uma letra aqui.

“Fome, miséria e também a repressão,
Ideologia moderna pela tela da televisão
Te querem consumista, trabalha sem parar
Mão-de-obra barata para o capitalista enriquecer
Andando de chinelo procurando a solução
O jeito é se unir para acabar com a repressão
Do moleque na rua sem ter nada para comer
Da raça de abutres aparecendo todo dia na TV

É nojenta a novela, um monte de coisa por isso que eu falo tanto dela. É nojento, põe nojento nisso. Como se livrar dela? Como sei lá. Por isso que o trabalho aqui no setor de cultura ele está sendo bem difícil, está sendo complicado para caramba mesmo. Porque ao mesmo tempo que a gente quer se livrar dela, ela está ali e se a gente não souber usar, é aquela coisa, a gente vai se alienando sem perceber. Ah, um filminho não tem nada a ver, mas é complicado.

Aquilo que eu te falei: a primeira coisa é a identidade de classe. Firmeza, a gente tem o Diário de Motocicleta¹¹⁰, tem umas paradas aí do movimento. Se por a gente assiste, tudo firmeza. Tem um começo entendeu? A gente está tentando começar fazendo a galera entender, como um exemplo, o porquê do funk. Ah, o funk é bom e não é ruim. Ah, por que eu não posso ouvir funk? Poder você pode, mas vamos estudar, vamos conhecer o porquê entendeu?

O que é cultura? Olha cultura para mim é um monte de coisa, envolve muita coisa. Não é só uma música, não é só tocar um instrumento, mas é além, sei lá, é uma coisa muito forte cultura, é o que move nação. E aqui dentro, para você ter uma idéia como esse sistema capitalista filha-da-puta é tão cruel que ele tira a cultura da gente e impõe outra. Tem aquela coisa que eu estava te falando que tem muita gente aqui ainda com vício, que a gente está lutando para construir, tentar fazer uma nova cultura e está sendo difícil. Mas cultura para mim é isso, se libertar dessa cultura infernal que os caras impregnam na nossa mente, na nossa cabeça e tal, e construir algo novo e diferente. Sem palco, sem show, sem nada, uma coisa mais popularzona mesmo. Por que tem um setor de cultura aqui dentro? Pode ser também para ver filmes, mas de uma outra forma. Põe o filme lá, a gente assiste e tudo, mas fica sem sentido, entendeu? Não vai ter discussão, não vai ter argumento e vai faltar ferramenta. A gente já rolou filme aí para fazer discussão, mas não vai. Não rolou mesmo. Porque falta informação para o pessoal, até para discutir. Não tem como você discutir uma coisa que você não tem informação. Era igual eu antigamente, eu ia nas reuniões mas por falta de informação ficava quieto. Estou perdido, estou aqui, estou quietinho. Mas é isso, a gente vai articular até uma discussão sobre a indústria cultural, com o Mauro. Estou pensando em usar algumas

¹¹⁰ Diário de Motocicleta é um filme dirigido por Walter Salles que estreou em 2004 e retrata a juventude do revolucionário argentino Ernesto Guevara.

coisas, não numa linguagem difícil. Com a galera inteira, daí vai começando a pegar o ritmo das coisas. Estou trocando uma idéia com ele, para ele ir lá e explicar um pouco sobre a indústria cultural, sobre a cultura. Porque é interessante, o setor da cultura está aqui mas não está cumprindo o papel dele. Como se organizar para começar? É foda. E com o assentamento vem isso. Para você ter uma idéia, a maioria dos setores estão assim, vai não vai. Cultura, educação, saúde, tem de massa, acho que setor de gênero ainda funciona, comunicação. O único setor que está andando bem por aqui é o setor da educação. Estão todos assim. Por isso que eu te falei da questão da mística. Esta perdida toda a mística de sem terra, de lutar... Não está totalmente perdida, mas está bem esquecida.

Está tendo o “Sim, eu posso”¹¹¹, o pessoal está fazendo um trabalho muito louco, legal para caralho. A maioria dos vovozinhos estão voltando a estudar. Está rolando lá em cima, no casarão. Acho que é uma ou duas vezes por semana. A Joice e a Ediana estão dando aula. Daí os tiozinhos descem para lá, estudam, está bem interessante, está engraçado, está legal para caralho. Tem gente nova também estudando. Tem um rapaz novo que está estudando também. A televisão também é um método mais fácil também. É interessante. É muito bom esse método que eles estão usando aqui. Está rolando, tem gente que nem escrevia o nome já está escrevendo. Mas naquela, como suas contradições, às vezes vai, às vezes não vai. Mas está indo. Tem dia certo, mas tem dia que rola, tem dia que não rola, tem dia que fica dois dias sem rolar, tem vezes que vai três semanas rolando, mas naquele impasse. Mas está indo, está andando. Tem bastante gente, está legal viu.

O setor de produção agora, junto com algumas pessoas vai começar a organizar a área tombada. É um setor que está andando também, mas é difícil.

Essa área tombada a gente não pode ter moradia nela, mas plantação é tranquilo. Mas tem uma parte que tem que reflorestar, que é área de APP, Área de Preservação Permanente. Então a gente vai trabalhar, mas reflorestando também. Numa certa parte, é tranquilo, passar a enxada, passar o trator, tranquilo. Por exemplo, nessa área aqui em cima, a gente passa o trator mas, a área dos lados é de APP e a gente refloresta. Tem se não me engano, parece que são dez anos ou vinte anos para você trabalhar reflorestando.

¹¹¹ “Sim eu posso” é um projeto que visa à alfabetização em massa dentro do movimento. Trata-se de fitas cassetes com aulas em formato de novela inspirado no projeto “**Yo, si puedo**” de origem cubana.

É isso, na área de APP a gente não mexe, a gente mexe no que é agricultável. Tem uma cota ali que é agricultável. Porque a gente na verdade não estava nem podendo mexer ali, mas aí o INCRA conseguiu um papel de um órgão¹¹². E a gente vai ver se consegue plantar uva, milho, outras coisas.

Quando a gente entrou aqui os caras falaram que a gente estava derrubando a serra do Japi. Aqui é um assentamento que é muita treta. Para você ter uma idéia não é só aquela parte ali não que tem que reflorestar. É muita coisa. Aqui tem muita mina de água. E os caras que estão contra a gente estão usando de tudo, que aqui tem que cuidar, tem que não sei o quê. Mas na época de eucalipto se você chegasse aqui, não ia enxergar nada, só terra porque os caras cortam tudo. Os caras degradam tudo por aqui. Aqui vai ser treta, para construir esse assentamento. Isso aqui ia ser uma área de condomínio de luxo. A gente chegou e tesourou. Maravilha. Essa é a parte legal. Chegamos entrando.

Daqui para frente é se estabilizar. Tomara que a gente consiga organizar nossa produção, organizar nossa comunidade como deve ser, fazer diferente, construir uma nova sociedade mesmo, pelo menos uma nova comunidade aqui dentro. É isso o que eu espero: um futuro muito bom aqui dentro. Um futuro que lá fora eu não ia ter nunca, jamais. Apesar das dificuldades, é isso o que eu espero.

¹¹² A entrevista foi realizada em maio de 2008. Em junho do mesmo ano, o Ministério Público Federal (MPF) proibiu o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária de dar andamento ao Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) da fazenda São Luíz, onde se localiza o assentamento Dom Pedro Casáldaliga. A suspensão das atividades deveria perdurar até que sejam analisadas e concedidas as licenças ambientais para a área pelo Departamento de Avaliação de Impacto Ambiental (DAIA).

José Carlos

José Carlos, ou Pi como é mais conhecido, é filho de Dona Almerinda e seu José Carlos. Seus pais são muito ativos e entusiastas do movimento e a ambos conheci em atividades ligadas ao setor de gênero e educação promovidas pela Regional Grande São Paulo, em parceria com coletivos de estudantes, do qual eu fazia parte. Trata-se de uma família unida que escolheu viver e construir o projeto do assentamento, com grande afinidade com o trabalho agrícola e com as diversas atividades promovidos pelo movimento, como a Marcha Nacional até Brasília realizada em 1995, atos e encontros. Entrevista realizada em dezembro de 2008.

“Alguns voltam pra cidade e alguns não. É por causa de dinheiro. Ilusão.”

Meu nome é José Carlos e tenho hoje vinte e dois anos. Eu vim de Ibiúna para lutar aqui no MST e estamos aqui até quando Deus quiser mesmo. Por causa do meu pai eu me chamo José Carlos. Para não chamar José Carlos e confundir eu e meu pai, colocaram o meu apelido de Pi. Eu fiquei sabendo quando eu tinha oito anos. Eu falava: Mãe, meu nome é José Carlos? E a minha mãe falava: É. Aí eu falei: Por que me chamam de Pi? Por causa que teu pai se chama José Carlos e você tem que ser Pi, tem o apelido de Pi. Então, está bom. Mas em alguns lugares meus amigos mudaram meu apelido porque eu acho que eles não gostavam muito. Eles colocaram outro: Ah, seu apelido vai ser 765. Não sei por que. Eu não gosto muito desse apelido. Quando vou para Jandira¹¹³ e vejo os meus amigos, os meninos falam: Ei Pi. E outros: E aí 765.

Eu tinha dez anos quando eu saí da cidade. Morava em Jandira, e a minha mãe tirou a gente da cidade para ir para o interior por causa da violência. Nem sentia falta da cidade. E eu vim ficar no mato mesmo. Ela vendeu a casa que a gente tinha em Jandira e comprou um terreno lá em Ibiúna. E nós fomos para lá. Os meus tios também falaram

¹¹³ Jandira é um município na região metropolitana de São Paulo com população estimada em 110.325 pessoas. Ver: www.jandira.sp.gov.br

com a minha mãe para tirar a gente da cidade. Eu não culpo minha mãe não porque eu gosto do mato mesmo. Meus irmãos também gostam. Ainda mais o João.

Lá em Ibiúna eu trabalhava na roça. Trabalhava por dia¹¹⁴ para o latifundiário de lá. Ganhava pouco também. Comecei a trabalhar na roça com onze anos. De segunda a sábado. Depois o meu pai resolveu trabalhar de meeiro¹¹⁵. Era o dia todo e não tinha um domingo que a gente parava.

Mas só que o cara, o dono da terra, passava o meu pai para trás. Meus amigos trabalham para ele também, e ele via que meus amigos compravam carro, moto. Aí ele dizia: Meus empregados estão subindo mais do que eu. Então ele roubava eles e chegou a roubar o meu pai também. Na hora de vender ele pegava mais e não dividia igual, puxava mais dinheiro para ele. Ele dava a terra e o trator. A única plantação que nós conseguia mesmo lidar era ervilha. Ele não queria que ninguém plantasse ervilha lá, só o meu pai. Assim, ele dava a terra para os meeiros dele plantarem as coisas. Cada um escolhia o que ia plantar do que ele deixava. Então ele ia buscar e levava para o Box¹¹⁶ no Ceasa que também é dele. Ele cobria o caminhão, o óleo, o trator, o veneno que a gente usava e o terreno. E descontava tudo depois. O nome dele é Roque Neves. Assim era só na época do frio que a gente trabalhava com ervilha porque que dá mais na época de frio. Na época do calor, era trabalhar por dia para ele. Ele tem um filho rapaz já com quatorze anos, duas meninas, uma de nove e outra de dois e tomara que o filho não puxe ao pai. Ele já teve um acidente de carro, com o caminhão dele. Ele entregou para um cara ir dirigindo. Depois ele mandou pisar o pé para ir mais rápido e o caminhão tombou. Aí o cara, o motorista, só quebrou o dedo; ele ficou todo quebrado. Dentro do caminhão, quando foram tirar ele, estava a mulher dele. Ele falou: “E a plantação? Ele nunca pensou na vida dele, só pensa no dinheiro. Quando ele saiu do hospital, mesmo quebrado ele ia pra roça ver o pessoal. Ele só pensa no dinheiro só, no capital.

Quando está nesse horário de agora, horário de verão, ele queria que trabalhasse até às seis horas. Agora quando está no horário velho, até as cinco e meia que ainda está

¹¹⁴ Expressão que diz respeito à forma do contrato informal que prevê a remuneração por diária trabalhada, ou seja, sem nenhuma garantia, lei trabalhista ou relação formal junto ao empregador.

¹¹⁵ Forma de exploração da renda capitalista da terra pelo grande proprietário. Como pagamento pelo uso da terra, a família que produz as mercadorias entrega metade da sua colheita para o dono da propriedade.

¹¹⁶ Box é um ponto comercial na Companhia de Entrepósito e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), central de abastecimento onde muitos atravessadores vendem as mercadorias compradas dos agricultores.

claro, de tardezinha. E entrava às sete e meia da manhã. Tinha que levar almoço. De vez em quando minha mãe também ia.

Conheci o MST através da minha tia. Ela veio para cá e convidou a minha mãe. Depois a minha mãe queria vir, mas o meu pai não queria. Meu pai ficava pensando que ia tomar a terra dos outros. Daí a pouco o meu pai veio para ver, acabou ficando e nós viemos embora. E estamos até hoje. Minha tia é a Paula que está assentada em Andradina.

Faz uns três ou quatro anos já que estamos aqui. A gente chegou e fomos para o Irmã Alberta, ficamos uns seis meses lá. Aí viemos ocupar aqui. Teve uma ordem de despejo, nós fomos para Franco da Rocha e ficamos um pouco lá, voltamos para cá e estamos até hoje. Lá no Irmã Alberta é legal. O ruim é que tem os traficantes que vai fumar lá dentro. É grudado na cidade.

O primeiro dia que eu fiquei debaixo da lona, eu tive vontade de ir embora. Até cheguei a falar para os meus pais que ia embora. E fui, meu pai falou: Pensa bem. Eu fui para casa, lá em Ibiúna, e fiquei uma semana lá sozinho. Depois eu pensei: Não, vou voltar para lá. E voltei de vez. Mas o mais difícil, era estar levantar todo dia de manhã quando vinha reintegração de posse. Naquele frio, fazer ronda esperando a polícia chegar. É o que eu acho mais difícil, arrumar as coisas correndo quando acontecia despejo. Se eu tenho muito roupa eu tenho que desfazer de algumas para poder ceder vaga no caminhão para os companheiros colocar as coisas deles. Perdi várias roupas. Hoje em dia eu tenho bastante roupa, muitas coisas que eu ganho. Isso tudo foi o mais difícil pra mim assim, no meu modo de pensar e de ver.

Lá na cidade eu não ia ter oportunidade igual ao que eu tenho aqui no movimento. Fazer cursos... ter amizades legais igual eu tenho aqui no movimento. Algumas amizades que eu tinha lá na cidade não eram muito boas. Os caras fumavam maconha, andavam armados, queriam que eu andasse. Estava na roda ali, e alguns amigos e uns que eu não conheço, começam fumando daí oferecem e ficam tirando você: Ah, se você não fumar você não fica no meio. Aí eu resolvi sair e não ficar no meio, porque aquela vida não é vida para gente não... Eu nunca fumei. Eu nem consigo pensar nisso. Perdi vários amigos por causa disso. Morreram quatro. O meu melhor amigo que mexia com o tráfico, não pagava. Os meus outros amigos morreram por

causa dele, porque andavam com ele. O último morreu foi em 2007. Eu estava na casa dele, chamaram ele e mataram no bar perto da casa da minha tia, em Jandira.

Eu ia para Jandira por causa da família de minhas tias, os meus tios. Eu não queria ficar longe dos meus tios, então no fim de semana eu ia para lá. Ia sábado e só voltava no domingo à tarde para casa. Ia para as festas nem que não fosse convidado, mas a gente ia. Depois disso daí, poucos amigos. Alguns casaram, outros estavam mesmo no vício. Eu agradeço a minha mãe e meu pai porque eles me tiraram de dentro da cidade. Mas eu continuava indo nas casas dos meus primos fazer amizade. Quando eu ia no fim de semana para ver meus primos, minha tia dizia: Você vai sair com quem? Ela falava: Você veio para cá e tem que ficar aqui, não pode sair não. Eu falava: Ah, eu vou sair com uns amigos porque eu tenho saudade deles. A minha tia falava para os meus pais: Ah, o Pi está saindo com fulano. Meus pais proibiram. Lembro que eu pegava dinheiro na roça para ir para lá e meu pai nunca gostou. Está certo. Minha mãe falava: “Nós faz isso para o seu bem”. Sentia falta de festa. É o melhor que tem. Aqui tem festa, mas as músicas que eles passam aqui é só do movimento. Aqui mudou tudo... Mudou tudo... Meus primos quase não vêm visitar a minha mãe, nem eu. Por que lá em Ibiúna eles vinham visitar, aqui não. Tem uns que moram em Jandira, outros moram em Osasco, Itapevi.

Aqui eu gostei da natureza. Um lugar muito legal, não tem poluição. Eu gosto de trabalhar com lavoura. E criação também. Somos três irmãos. O João, o Gilmar e eu. O lote está no nome do Gilmar. Já plantamos uva. Plantar uva e fazer mais coisas por aí. Sem patrão. Sem falar: “Faz isso!” O melhor é isso, trabalhar sem ter pessoas falando, mandando. Nós entramos no CONAB¹¹⁷. Nós temos uva, a gente vai plantar mais uva rubimel. É uma plantinha bem cara, que vende bem cara. É de comer, fazer suco. E trabalhar para nós mesmo. Aqui não no assentamento eu tiro umas horas para trabalhar, outras horas eu tiro de lazer. Eu estou fazendo para mim mesmo, então eu tiro umas horas pra poder descansar também.

Eu estava namorando, só que não deu certo. Ela era do movimento também. Não daqui. Ela tinha montado o acampamento do Che. Depois ela foi embora. Eu fiquei um ano e meio com ela. Mas casar não. Por enquanto não. Tô de boa...

¹¹⁷ Conselho Nacional de Abastecimento.

O pessoal mais novo quer mais saber de curtir a vida na cidade. Não tem o pensamento de ter um lugar pra morar. Alguns voltam pra cidade e alguns não. É por causa de dinheiro. Ilusão. Eles pensam em dinheiro na hora. Eu não quero não. Eu morro. Mas daqui alguns anos eu não sei o que vai ser. Eu não sei.

Eu me envolvo muito com o rap. Antigamente eu tinha outro grupo fora com o meu irmão. Lá em Ibiúna mesmo tinham dois amigos e uma amiga que cantavam com a gente. Mas só que os rap que a gente fazia eram coletivos. E então a gente resolveu, eu e o João, fazer o nosso próprio rap. Terminamos com aquele grupo e ficamos com o nosso. Aquele de antes chamava “A Favela”. Ah, não tinha nada ver com o grupo. Mas foi o coletivo que ganhou com esse nome. Hoje em dia, estamos eu, o João e minha sobrinha, a Tainá, nós fazemos nossas canções. Hoje o grupo chama “Os manos da revolução”. A Tainá é filha da minha irmã que mora aqui do lado da fazenda. Ela também fez parte do movimento, depois ela resolveu casar e foi embora porque o marido não queria vir para cá. A Tainá fica com a minha mãe que cria ela desde pequena. É como irmã. Ela tem nove anos e já canta. Daqui a pouco ela aparece. Tem uma música que eu gosto.

Quando o companheiro vem fazer revolução

O capitalismo vem trazer destruição

Só quem fica: é povo da periferia

Tirando ele, dá tua alegria

Cadê? A merda da educação

Que há tempo não faz revolução

Vamos seguir o exemplo do mano Che Guevara

Que veio pra fazer revolução

Esse é o dia-a-dia

Do povo da periferia

Esse é o dia-a-dia

Do povo da periferia

Ta tirando porra!

Quer que eu volte a passar fome?

*Eu sei que não, nem deixou eu terminar de falar, foi colocando a cesta no carro
e se mandando*

Já saí da cidade por causa do opressor

Eu chego aqui e você quer me humilhar

Companheiro você diz que a ordem é ninguém passar fome

Eu sei que não

Esse é o dia-a-dia

Do povo da periferia

Esse é o dia-a-dia

Do povo da periferia

O MST não saí da minha mente

Com duas foices e duas enxadas no pensamento

O MST não saí da minha mente

E no natal foi melhor pra muita gente

Estava no meu lote quando alguém me chamou

Eu parei pra ouvir aquele companheiro me dizendo assim:

“Vai ter ocupação bem ali em frente

Vamos em frente porque sorrir é difícil

Entenda: sou verdadeiro e não lenda

Hoje ocupamos,

Ó, uma unidade

Nós costuma ocupar até tomarmos tudo

Então vem pra clarear ou esconder os problemas

Minha vidinha acontecendo, este é o meu dilema

Coisa de louco, a dor me aliviou um pouco

O MST não sai da minha mente

Com duas foices e duas enxadas no pensamento

O MST não sai da minha mente

E no natal foi melhor pra muita gente

É isso aí. Eu gaguejei por que eram três pontas. Tainá e João que cantam uma parte, a outra eu canto, né?

Vamos para cursos pelo movimento. Mas poucas vezes a gente canta porque às vezes eu vou para o curso e o João não vai, às vezes ele vai e eu não posso ir. Mas a gente já cantou em Jandira, a gente cantou lá em Jarinú¹¹⁸. E de vez em quando, quando aparece oportunidade a gente canta o nosso rap. O mais legal é o curso de agroecologia. Mexer com lavoura, né? Acho que está no sangue da pessoa. Minha mãe mexe com lavoura desde pequena, meu pai também. Eu fiz até a quarta série só, mas aprendo outras coisas nos cursos. Estou também fazendo eliminação de matérias. Teve a prova¹¹⁹, eu fui e não vou parar de fazer essas provas, quero terminar. Fiz de português, ciências, e a outra eu não consigo lembrar. Eu quero terminar. Tem que saber de tudo. Quero ficar por aqui. Cantando o meu rap quando tiver oportunidade de ir para a cidade. Só para cantar, comprar algumas coisas. Porque o campo é o melhor. É bem afastado da cidade, é legal.

¹¹⁸ O Centro de Formação da Regional Grande São Paulo do MST onde são realizados cursos e atividades do movimento fica na cidade de Jarinú, lugar escolhido por ficar próximo dos assentamentos, no mesmo eixo da rodovia Anhanguera.

¹¹⁹ Trata-se do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA).

Nós vamos ensaiar todo domingo em Jandira com a Unidos da Lona Preta.¹²⁰ Esse domingo teve, mas a gente estava na praça fazendo prova. Nós ficamos lá na Comuna¹²¹. A minha mãe todo vez que vamos para Jandira, ela quer vir cedo pra casa. Aí quando eu falo que eu quero ir lá ver os meus amigos, a minha família, a minha mãe proíbe: “Não vai não”. Está bom então, eu fico por aqui mesmo. Às vezes quando eu fico com vontade de ir, eu fico rodando para lá e para cá querendo ir, quando a minha mãe me vê: “Não, pode ficar quieto, eu sei que você quer ir para lá, fica aqui.”

Eu ficaria aqui sem meus pais porque uma lembrança é que meu pai e minha mãe queriam que eu ficasse no campo. Então eu ficaria no campo. Meus irmãos também gostam. O João e o Gilmar não sentem falta da cidade, para eles qualquer lugar é bom, mas aqui é o melhor lugar que tem. É porque eu me acostumei aqui. É um silêncio. Você acostuma com a água daqui e bebe a de lá e é outro gosto. A gente vai tocar lá na Unidos, fazer ensaio, eu levo uma garrafa de água daqui. Outro dia eu fui beber água de lá, voltei com a barriga ruim por causa da água. Quando eu não levo e fico com vontade de beber água, eles dizem: Bebe daqui. Não. É melhor ficar com sede do que beber daqui.

Quando não trabalho eu gosto de estar compondo. Fazendo as letras. Eu não gosto muito de ler não. Tem os livros lá, quando eu vou pegar uns para ler gravo umas letras na cabeça e começo a escrever. Ah, não gosto de ler muito não. Eu tentei fazer um rap com a minha vida. Mas não me lembro. As letras a gente escreve, quando não tem nada para fazer aqui. A gente também vai lá para Ibiúna, escreve, pega umas letras nossas e fica por lá mesmo. Tem outras que ficaram com meu primo, umas que fizeram parte de nosso primeiro grupo de rap. Vou trazer ainda.

Desde pequeno, desde sete anos que eu ficava escutando rap. Quando eu escutava, ligava o som no quarto e meu pai falava: Ah, Pi abaixa esse som aí. Eu gostava de escutar quase no último volume, até balançava. Meu pai falava para abaixar, minha mãe falava: Ou abaixa ou desliga. Eu abaixava, mas às vezes os vizinhos falavam: Ah, quem é que escuta rap aí? É o Pi, né. Eu abaixava, mas quando a minha mãe e meu pai não ficavam em casa e saía para a casa dos meus tios, eu ligava no último volume. Tinham umas caixas desse tamanho assim, pegava um fio e colocava

¹²⁰ “Unidos da Lona Preta” é um bloco de carnaval criado na Regional Grande São Paulo do MST e que desfila nas ruas de Jandira.

¹²¹ Comuna Urbana de Jandira.

elas ao redor da casa. Tinham quatro caixas de som, eu colocava nos lugares para escutar. Alguns vizinhos não gostam não. Aí eu falava: Se você não gosta, o problema é seu, né? Quem vai pagar a conta é minha família. Eu escutava direto. Pela 105¹²².

Era mais por mim mesmo, por que o João gostava mais de sertanejo, samba. Eu gostava mais. Só escutava Racionais Mc's¹²³. Eu gostava mais dos Racionais, depois vinham outros grupos que eu não me lembro. Dos Racionais minha preferida é “O Homem na Estrada”. Era o que eu mais escutava.

Algumas músicas deles eu gravava igual você está gravando na fita. Eu colocava em casa quando eu tinha os meus dezoito anos. Meu irmão Gilmar, meu pai e eu resolvemos comprar um carro. Da roça mesmo, a gente tirava um dinheiro e uma parte ia para alimentação, outra parte para ficar com a despesa da produção. Com o que sobrava nós resolvemos comprar um carro, um fusquinha e arrumamos ele. No fusquinha tinha um toca fita, eu colocava lá e meu pai falava: Liga o rádio aí. Eu ligava, colocava a fita, e então ele falava: Ah, tira isso daí. A gente escutava, mas o meu pai não gostava não e falava: Ah, tem muito palavrão. ...

É o modo deles falarem o que sentem, né? O que se passa na cidade. Mas o meu pai não gostava. Ele falava que a música faz a gente falar palavrão... Eu escuto direitão. Então quando ele saía, eu ficava em casa, e sabia que ele guardava a chave atrás do carro. Mas ele nunca descobriu. Depois ele resolveu trocar de carro, já teve dois carros e depois resolveu vender. Eu passei a comprar um toca fita e usava na bateria. Eram umas caixas de som e eu escutava lá no quintal. Depois ele foi parando de falar quando veio para o movimento. Porque antigamente ele não era muito fã de rap. Hoje em dia ele não é muito também. Mas tem uma letra dele que ele mesmo me deu. Ele falou lá umas letras e eu peguei e escrevi. Mais o meu pai gosta, ele fala assim da boca para fora, porque lá dentro ele sente que gosta de rap. Hoje em dia eu escuto samba. Mas eu não gosto muito não. O meu negócio é mais rap. Mas eu escuto Martinho da Vila, Zeca Pagodinho, Leci Brandão....

¹²² 105 fm é uma rádio localizada em Jundiaí, mas que possui um grande alcance de transmissão na região metropolitana e cidades próximas da capital. Destacou-se nos anos 1990 por divulgar os grupos de rap nacional que começavam a gravar seus primeiros trabalhos como os Racionais Mc's. O programa “espaço rap” que trazia para o público o movimento hip hop existe até hoje e constitui uma das marcas da programação da rádio.

¹²³ Racionais Mc's – Grupo de Rap formado na zona sul de São Paulo do qual se destaca o compositor de boa parte das letras, Mano Brown.

Depois ele trocou o fusquinha. O meu cunhado ganhou uma variant do patrão dele e meu pai resolveu trocar pelo fusquinha. Me doeu no coração. Meu pai falou: Venha aqui ver o outro carro. Aí eu: Já que o senhor está falando que está bom, então manda levar o carro. Só que não me deixa ver o carro sair daqui. Deu um aperto no coração, foi o primeiro carro que eu aprendi a dirigir. Meu pai pegou uma variant, depois pegou um uno, um voiage, depois a gente não pegou nenhum carro. Mas eu sou mais ligado em moto, meu pai fala que moto é perigoso. Mas tudo é. Sabendo usar... Outro dia teve um acidente de moto aqui na rua. O cara quebrou o braço. Aqui passa uns caras loucos de moto. Eu não via muita moto com os meus amigos. Era mais quando eu era pequeno e minha mãe me dava dinheiro para comprar lanche na escola... Aí eu juntava o dinheiro e comprava moto, aquelas motinhas pequenas. Fazia uma coleção que eu tenho até hoje em casa. A minha mãe falava todo dia: Você comprou lanche? Eu falava a verdade: Não, eu estou comprando motinha aqui para a coleção.

Quando eu vejo uma moto assim parada, a minha mãe fala com meu pai: Pode tirar do sonho porque uma moto é perigoso. Você pode comprar um carro, mas moto não. Aí meu pai fala: Pode tirar do sonho. Até meu irmão, quando ele fala de um dia ele me ajudar a comprar um carro, eu digo: Melhor você me dar o dinheiro que fica mais barato a moto. Ele fala: Não, te dou um carro que é melhor para você.

Alguns amigos lá em Ibiúna mesmo – para quem eu trabalhava na roça- me deixavam andar de moto. Eu aprendi a pilotar moto assim. Eles falavam: Ah, vai lá na casa buscar as coisas e leva a moto. Eu ia de moto, voltava. Meu pai não gostava muito não. Era uma beleza.

Claúdio

Entrevistei Cláudio em sua casa no assentamento D. Pedro Casaldáliga, onde mora com sua mãe D. Isabel e suas duas irmãs mais novas, Mayara e Geórgia. Tenho uma especial ligação com sua família porque nos conhecemos desde a primeira ocupação da Fazenda Mian, que marca o surgimento do acampamento Camilo Torres e do qual passou a fazer parte de forma atuante. D. Isabel sempre foi meu porto de chegada e minha moradia no assentamento. Mesmo sendo muito ligado à mãe e às irmãs e representando a figura masculina do núcleo familiar, por algumas vezes Cláudio se afastou do assentamento para trabalhar na cidade ou executar outras tarefas no movimento. Nesses momentos de ausência, D. Isabel costumava me colocar para dormir no quarto dele, o único individual da casa construída com chapas de madeira e lona. Gostava quando alguém ocupava o quarto que permanecia vazio evidenciando a ausência de “Claudinho”, como ela costuma chamá-lo. Combinamos diversas vezes de gravar a entrevista, mas os desencontros foram muitos ao longo do tempo. Ele, apesar de aceitar colaborar, mostrou-se um pouco tímido ao falar sobre sua vida dentro e fora do assentamento. Entrevista realizada em julho de 2009.

“Gostaria de caçar outras coisas para aprender mais, com outras pessoas, para passar para os outros o que eu aprendi. Aprender com uns e ensinar outros.

Meu nome é Cláudio, tenho 26 anos e vou fazer 27... Eu tinha menos de 20 anos quando eu vim para cá. A gente não sabia de nada. Fomos aprendendo algumas coisas com os outros, com o pessoal daqui e foi bom.

Vim de Itaquaquecetuba¹²⁴ e não achava lá muito bom porque era cidade. Aqui já é melhor. Quer dizer, nem tanto assim... mas é bom. Nós saímos de lá, na verdade, porque o meu padrasto queria agredir a minha mãe. Ele chegou a levantar a mão para ela. Nós soubemos com a minha tia desse lugar... Viemos conhecer para ver e meu padrasto nem ficou sabendo disso. Então teve um dia que nós saímos escondidos lá de

¹²⁴ Município da região metropolitana de São Paulo com aproximadamente 359.253 habitantes segundo o censo IBGE 2009.

casa e viemos para cá. Eu vim mesmo por causa da minha mãe, porque eu não gostava de deixar ela sozinha. Vim acompanhando ela, ajudar em tudo, no cuidado com as minhas irmãs. Não é que eu estava morrendo de vontade de morar assim na terra, no mato. Eu gostava de Itaquaquecetuba, tinha muitos amigos. Lá eu saía bastante, ia para a escola, estudava à noite. E... às vezes nem ia para a escola, saía com os colegas para festa, balada, essas coisas. Minha mãe também nem ficava sabendo. Outras vezes ela sabia e falava bastante. Mas eu sempre gostei da minha mãe e sempre a ajudei em tudo. Para onde ela ia, eu estava junto. Ela me trouxe lá de Minas Gerais quando eu tinha 5 anos. Sempre viveu na roça e sempre gostou. Gostava da roça porque desde pequena foi criada e viveu na roça. Depois, com quase 30 anos, ela veio para São Paulo. Eu fui o primeiro a vir com ela e depois, ela mandou buscar minhas irmãs.

O meu pai estava aqui em São Paulo. Fazia muito tempo que ele não ia para lá, mas mandou dinheiro para que ela pudesse vir para cá... Nós viemos para São Paulo e deixamos as minhas irmãs lá em Minas. Primeiro viemos para Pinheiros e depois nós fomos para o Ipiranga. Do Ipiranga fomos para Itaquera... Rodamos muito em São Paulo morando de aluguel. Minha mãe se separou do meu pai porque ele tentou agredir ela e, uma vez... logo quando eu vim de Minas com a minha mãe, eu ia fazer seis anos, ele colocou fogo na minha cabeça, queimou, eu fui parar no hospital, fiquei uns tempos internado, quase morri por causa disso. Ele estava bêbado. Bebia muito. Bebia muito e sempre brigava com a minha mãe. Até que um dia, depois que aconteceu isso, minha mãe não procurou polícia nem nada não. Nós só saímos de casa. Não soube mais do meu pai. A última notícia... falaram que ele tinha morrido, mas também nunca procurei saber. Nunca tive vontade de procurar.

Ficamos um tempo morando na casa de uma patroa dela. Eu me lembro até hoje de quando nós moramos juntos lá. Eu acordava e minha mãe estava trabalhando de empregada com essa mulher. Ela era boa para caramba. Dava de tudo para minha mãe. Depois minha mãe arrumou esse meu padrasto, que é pai das meninas. Fomos morar com ele. Moramos no Ipiranga, Itaquera, e então viemos para Itaquaquecetuba. Lugar que a gente está morando há mais tempo é aqui no assentamento.

Comecei a trabalhar com 12 anos ajudando meu padrasto. Trabalhava com ele, na mesma firma. Aí parava, ficava uns tempos em casa. Estudava à noite e não era muito bom. Às vezes sentia falta, durante o dia, de brincar, sair com os colegas, mas...

tinha que trabalhar. Sempre trabalhei de ajudante de pedreiro. Sempre construção. Uma vez eu trabalhei registrado na jardinagem, depois saí fora. Só sobrava o final de semana mesmo, e olhe lá! Às vezes até no final de semana a gente ia trabalhar também. Era bem difícil. Tinha final de semana que eu não saía, ficava mais em casa. E minha mãe também ficava falando para eu não sair, que era perigoso, isso é aquilo. Mas eu não escutava e quando podia, saía escondido.

Aqui... não dá para fazer nada escondido. Saiu na esquina ali: Ô, seu filho está saindo ali para tal lugar. Aqui todo mundo conhece todo mundo.

Em Itaquaquecetuba foi a primeira casa que conseguimos comprar. Eu e minhas irmãs estávamos trabalhando também para poder ajudar a pagar essa casa. Nós compramos só o lote e construímos. O meu padrasto trabalhava na firma registrado. Saiu dessa firma, pegou o dinheiro. Mas o dinheiro não deu para construir a casa toda. Minhas duas irmãs também estavam trabalhando. A Eliene e a Marlene. Eu trabalhando também, pegamos o dinheiro e ajudamos a construir a casa. Nós saímos de lá por causa desse nosso padrasto. Eu acho que ele ainda está lá. Não sei. Para falar a verdade, nós nunca fomos atrás de saber. Minha mãe sempre falava: Vamos atrás da nossa casa, vamos correr na justiça. Eu falei: Não, deixa quieto. Aí não fomos. Minhas irmãs também sempre falaram para nós: Vamos correr atrás da casa, nós ajudamos a pagar, nós temos direitos nela. Mas eu falei que por mim eu não vou atrás disso não. Que nós íamos passar por mais problemas, mais confusão. Ele podia querer os direitos das meninas, a Geórgia e a Maiara que eram pequenas, principalmente porque nós estávamos aqui no movimento sem terra. A Gê só tinha dois anos naquele tempo. A Maiara só tinha sete ou oito anos. Pouquinho também. Ele podia recorrer na justiça. E a justiça podia falar que nós não temos direito de ficar com as crianças porque aqui não tem o jeito certo de criar elas. É isso o que o juiz ia falar. Se corresse isso na justiça, o juiz ia dar as meninas para ele. Minha mãe ia perder porque nós estávamos aqui, não tínhamos casa, morando debaixo de uma lona. O juiz ia vir aqui, ia ver como é que é, e minha mãe ia perder a guarda. Eu falei isso e ela desistiu. Minha mãe falou que era verdade e deixou quieto. Não fomos mais atrás. Minhas irmãs falam até hoje que podíamos ir atrás. Mas por mim eu deixo para lá. Isso aí a gente pode conseguir outra. Vai fazer uns cinco anos que eu não vejo a Marlene. Faz muito tempo. A Eliane mora aqui em Franco da Rocha. É pertinho. A Marlene já não sei onde ela mora. Na última vez que a gente se viu ela morava numa cidade perto de Guarulhos. Minha mãe sempre

ia atrás. Mas ela mudou de lá. Não sabemos mais. Elas sabem onde a gente está. Mas não vieram procurar. Não ligam, não falam nada. Tem telefone da nossa vizinha daqui... Não liga para nós. É o jeitão delas. Minha mãe tem vezes que pensa que a Marlene, como o marido dela é lá da Bahia, foi embora com ele para lá. Mas eu acho que, como ela gostava muito da minha mãe também, se ela tivesse ido ligava. Mas não ligou, não telefona, não faz nada.

Estou aqui desde a ocupação da Mian¹²⁵. Logo que a gente veio para cá, a Mian foi o primeiro lugar, o primeiro acampamento. Lá foi... Como é que se diz? Uma escola para a gente. Aprendemos bastante coisa. Nos primeiros dias tinha que levantar, acordar cedo, de baixo da lona, frio... montar barraco... Não sabia nada. A primeira vez que trabalhei com roça foi aqui. Mas foi legal. Estou aprendendo ainda.

Eu não sabia o que era o MST. A primeira vez que eu vi foi aqui. Passou uma vez na televisão uma reportagem falando sobre isso. Mas era diferente do que é. Falou que tinha muita gente que ganhava as terras e não plantava, não colhia, perdeu o dinheiro todinho, não tinha como pagar o governo. Mesmo assim eu falei: Ah, deve ser bom esse negócio. Nós viemos conhecer e foi legal. Logo de cara eu gostei. Vivo aqui, fazendo as coisas daqui, limpando mato, plantando, comendo as coisas boas da horta. Lá em Itaquaquecetuba não era muito bom porque gastava bastante. Não tinha como plantar, tinha que comprar nas lojas, mercado... Aqui já é diferente. O movimento já mudou bastante coisa na gente. Eu trabalhei bastante tempo na Escola Nacional, e aprendi bastante lá porque a gente fazia de tudo. Plantei, trabalhei na horta, trabalhei na construção da escola, no jardim, fiz muita coisa. Fiz parte do “trabalho de base” mas eu não gosto muito não, porque uma vez eu fui e quase saiu briga. Eu sou um cara que gosta das pessoas. Converso com elas e podem até me xingar, fazer o que for. Agora, se a pessoa relar a mão em mim ou começar a falar mal da minha família, aí eu já não gosto, já parto para a ignorância. Fui fazer um trabalho de base lá com um senhor, conversar com ele. Daí o senhor começou a falar, a xingar a gente, e eu saí, virei as costas. Mas tinha um outro rapaz e ele jogou uma pedra, que pegou nas costas da

¹²⁵ Primeira ocupação com as famílias que constituíram o acampamento Camilo Torres. A ação realizou-se em conjunto com o acampamento Dom Pedro Casaldáliga e com integrantes de outros acampamentos e assentamentos da Regional Grande São Paulo do MST como o Irmã Alberta e Dom Tomás Balduino. Posteriormente, depois de muitas ocupações e alta rotatividade famílias, os dois acampamentos iniciais formam hoje a Comuna da Terra Dom Pedro Casaldáliga. A sede da antiga fazenda São Luiz pretende ser transformada em centro de convivência que receberá o nome de Camilo Torres, mantendo a primeira homenagem prestada ao padre e integrante do Exército de Libertação Nacional (ELN) colombiano, morto em combate contra o exército colombiano em 1966.

menina que estava junto com a gente. Eu virei e ele jogou outra que pegou no meu braço. Aí eu fui para cima dele... O pessoal também ficou com raiva. E eu resolvi sair desse negócio de fazer trabalho de base. Eu gosto mesmo é de ajudar a organizar o pessoal no assentamento. Ajudar a construir os barracos... essas coisas¹²⁶. Mas passa uns tempos... a pessoa se ficar só no mesmo lugar desacostuma, vai achando aquele negócio chato, principalmente quando é só parado. Mas nas ocupações foi legal. Saía para ocupar, daí era legal. No acampamento também era bom. Saía para um lado para o outro, eu gostava mais...

Depois acabaram os negócios de ocupação, acabou as coisas de antes e daí a gente vai cansando, só ficando, ficando.... Parado e sem dinheiro. Então resolvi sair nos últimos tempos, procurar serviço e ficar um pouco fora, conhecer outras coisas também. Eu já estava ficando um pouco cansado daqui. O campo é parado. Se a pessoa não acostumar, cansa. Principalmente eu que vivi no meio da cidade, acostumado com a vida lá fora. Sinto falta das amizades lá de fora. E nem tanto, porque para falar a verdade, amizade até que a gente tem aqui. Mas não é igual as amizades lá de fora, porque aqui é bem sossegado, cada um está na sua casa. Lá não, os colegas iam em casa e chamavam: Ô, vamos ter uma festa em tal lugar, vamos lá. Daí a gente saía, ia para a festa. Não é igual aqui. Aqui é... totalmente sossegado, parado de tudo [risos].

Aqui só tem o pesqueiro mesmo ali e de vez em quando nós vamos lá, pescar, se divertir um pouquinho, brincar de bola um pouco na rua, assistir um filme lá embaixo, no barracão¹²⁷... Cada um sai juntando os filmes nas casas das pessoas que tem e leva lá para todo mundo assistir. Mas é pouquinho coisa, né? A molecada de agora, a juventude que está crescendo aqui pensa mais no campinho. Daí nós resolvemos pedir para a

¹²⁶ O conjunto de acampamentos e assentamentos que formam a Regional Grande São Paulo do MST constituem uma rede de solidariedade em que integrantes mais experientes do movimento colaboram com ocupações e criação de estrutura mínima para os primeiros dias de permanência e resistência na área. Tal colaboração é fundamental principalmente para as pessoas que estão ingressando na luta, dado que na maioria são moradores urbanos e, portanto, tem pouca ou nenhuma experiência de sobrevivência em áreas rurais sem estrutura de moradia. Os integrantes mais antigos costumam ensinar e colaborar com a construção dos barracos de lona, ajudar as famílias com mais crianças ou sem homens e pessoas que vão acampar sem a família. Além da procura e busca por água, organização de cozinha coletiva, da ciranda (atividades e cuidado para com as crianças, enquanto os pais estão trabalhando), segurança, negociação com a polícia e com a imprensa que pode eventualmente aparecer. Toda essa estrutura de resistência é importante sobretudo nas primeiras 48 horas, pois depois desse prazo, as famílias só podem ser retiradas da área ocupada mediante a ordem de reintegração de posse expedido pela justiça.

¹²⁷ Barracão é um dos espaços da sede da antiga Fazenda São Luiz. Por um bom tempo foi um dos poucos lugares da comunidade com energia elétrica. Possui uma televisão coletiva para que os assentados, sobretudo os jovens e as crianças possam ver filmes já que a televisão não tem antena. O aparelho de DVD e os filmes (a maioria piratas) são pertences pessoais.

máquina¹²⁸ arrumar o campo, para os que estão crescendo aqui. Mas os outros, que começaram junto com a gente, a maioria já saiu, já não estão mais aqui. Têm poucos. Ninguém sabe se volta ou se não. Acho que também cansaram de viver nesse sossego.

A cidade não é tão legal assim. Acho que é mais para poder esfriar um pouco, sair daquele sossego e procurar uma coisa mais movimentada. Tipo o trabalho. Você vai, trabalha, mas à noite pode sair, vai para um barzinho junto com os colegas tomar cerveja... Mas aqui, para juntar os colegas e ir para um barzinho tem que andar muito, então não dá. Eu acho que é a molecada que saiu foi por causa disso. E ainda estão saindo por causa disso. E com namorada, quem se ajeitou aqui já se ajeitou¹²⁹. Quem não, não se ajeita mais. Não tenho namorada. Nem no movimento. *Ainda* não. Já tive. Tive uma, fiquei uns tempos com ela, depois separei, não deu certo. Foi lá na Escola Nacional que eu comecei a ficar com ela. Ficamos mais ou menos um ano juntos. Ela morava na escola. Trabalhava também, cuidava das crianças. Não deu certo, ela foi embora, eu também vim embora para cá. De vez em quando ela liga, pergunta como é que eu estou. Ela se preocupava muito comigo. Mas é sempre assim, se não dá certo, tem que sair de perto. [risos]

O lote daqui está no meu nome. Está no meu nome porque teve uma confusão e eu não estava aqui. Estava na Escola Nacional. Eu não sei muito bem qual foi o motivo, mas minha mãe abandonou o lote, ela saiu. Daí o pessoal me ligou. Eu tinha um lote mas já tinha abandonado o meu. Abandonei para ficar ajudando a minha mãe porque ela tinha uns problemas nas pernas e não podia fazer força... Mas ela teve os problemas dela, saiu fora, e abandonou o lote. Quando o pessoal me ligou e perguntou se eu ia abandonar tudo, eu vim para cá e peguei o lote de novo. Saí da Escola Nacional para vir para cá.

E eu gostava de ficar lá na escola. Lá tinha muito movimento, conhecia bastante gente de vários lugares, vários estados, países... Fui uma vez para Cuba acompanhar

¹²⁸ Máquinas da CODASP (Companhia de Desenvolvimento Agrícola do Estado de São Paulo) empresa responsável pela manutenção de estradas e pela obras de terraplanagem para a construção de platôs nos locais de construção das casas de alvenaria por meio do crédito habitação do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

¹²⁹ Pouco tempo depois de realizada a entrevista, a filha de um assentado mudou-se da cidade de São Paulo para a casa do pai. Conheceu Cláudio e eles passaram a namorar. As dificuldades de se encontrar um parceiro se dá pelo fato de que existem poucos jovens de idade próxima no assentamento (principalmente meninas), e dentre esses, alguns já são casados como é o caso de dois dos nossos colaboradores.

um pessoal do curso de medicina¹³⁰. Fiquei dois meses e voltei. Lá é legal. Eu conheci bastante gente. Uma das coisas que eu achei mais interessante lá é que se come muita massa. A maioria do pessoal lá só mexe com massa e faz os negócios no meio da rua. Macarrão, pizza... Coloca o carrinho, que é igual de cachorro-quente, só que eles fazem uma pizza no meio da rua, pronta e rapidinho. Eu fiquei só acompanhando porque o pessoal me dava o dinheiro, deixava na minha conta para transferir para as pessoas, ir pegando os nomes, controlando. Se o pessoal precisava do dinheiro para comprar algum material, para comprar uma roupa, eu passava para essas pessoas. Quem vai fica dois meses e depois vai outro para cobrir. Quando você quiser voltar, dá o nome e volta. Mas é super legal. Eu conheci as praias e gostei de lá. Vi o Fidel. De longe, mas vi. Consegui ver o jogo da seleção Cubana. Esse foi bem de pertinho. Nós conseguimos entrar. Mas a polícia não queria deixar a gente entrar porque nós era do Brasil, né? Teve que fazer uns documentos no mesmo dia para poder conseguir entrar. Quase não entramos para assistir o jogo.

Eu mesmo de escola fiz até a oitava série. Posso fazer os cursos do movimento¹³¹. Lá na Escola Nacional eu fiz curso de medicina com plantas e de gestão ambiental. Fiz vários cursos na escola porque eu trabalhava e estudava. Mas medicina mesmo como em Cuba não. É muito nojento. O pessoal mexe com muito defunto, joga em cima da mesa... Se a pessoa não agüenta sai tudo para fora [*risos*]. Tem que abrir tudinho ali... Me interessava mais no de gestão ambiental, que eu não fiz completo. Mexia mais com isso. Eu gostava de pegar as plantas, fazia um monte de coisa com elas. Mas daí eu parei. Esse também não tem diploma. A gente faz o curso praticamente escondido. Eu queria fazer um curso pelo menos para ter o diploma, né? Uns dias aqui eu estava falando para a minha mãe que quero voltar a estudar. Minha mãe falou que também queria estudar. Só que a pequenininha aí ficava sozinha¹³². A Maiara chega só às sete horas da escola. Mas às sete horas a gente tem que estar lá na escola.

Depois que minha mãe voltou aqui para o assentamento para ficar no lote, fiquei um tempo trabalhando em São Paulo e fiz essa tatuagem nessa época. Para falar a verdade, não foi um desenho muito escolhido... Nós estávamos lá na casa de um colega

¹³⁰ Trata-se de um convênio criado com Cuba e que conta atualmente com 80 jovens estudando na Escola Latino-Americana de Medicina, de Cuba. Outros 20 já se formaram médicos e 40 iniciam seus estudos ainda este ano. Ver: www.mst.org.br

¹³¹ Uma parte dos cursos técnicos oferecidos pelo MST exige que o educando possua o primeiro grau completo.

¹³² Referindo-se a Geórgia, a irmã caçula que hoje tem 9 anos.

meu. Tinha um bocado de gente, e daí rolou um festa. A gente estava tudo chapado, já tinha tomado umas, e o meu amigo falou: Ah, vamos fazer uma tatuagem... Daí ele fez... Ele já chapado fez esses riscos aqui, mas eu não gostei muito não (*risos*). Pensei em fazer outra por cima. Fazer uma mais bonita. Essa não gostei muito. Nas últimas vezes em que fui trabalhar em São Paulo, a firma mesmo alugava as casas para a gente e cada um tinha o seu quarto, sua cama, tudo... Era legal. Trabalhava e quando era de noite estava lá. E quem quisesse comprar sua televisão, seu som, colocava lá no seu quarto e ficava sossegado, ninguém atrapalhava. Eu morava na Freguesia do Ó, mas a firma em que eu trabalhava era na praça da Sé. Meus amigos estão trabalhando lá ainda, nessa firma. Pegava o ônibus ali de manhã e ia para lá.

Alguns amigos lá da casa em São Paulo usavam drogas. Cheiravam farinha, fumavam um baseado, e outras drogas lá que eu não conheço pelo nome. Tinha uma agulha de injeção que eles colocavam no braço... Eles ficavam me oferecendo: Vai, usa, é bom! Eu falei: Não, estou fora, use seus negócios quieto aí no canto. Ofereciam mas eu nunca usei, nem nunca quero usar, mas vivia com eles... Eram meus amigos, gostava deles para caramba. Mas eles me ofereciam e eu não usava não. Me ofereciam direto porque a gente trabalhava junto. Eles falavam que dava mais força, mais apetite de trabalhar porque o serviço era pesado. Pegava às sete, largava às oito e fazia hora-extra. Tinha vez que nós parava à meia-noite e fazia uma hora-extra a mais. O serviço já era pesado e tinha vezes que chegava uns caminhões de concreto. Chegava tarde, tinha que espalhar, tinha que jogar tudo e gastar. Já chegou uma vez da gente ficar até três horas da manhã espalhando concreto. No outro dia ficava parado, não ia. O patrão dava esse desconto.

Eu larguei esse emprego em São Paulo para voltar para cá. Trouxe tudo de volta. Está tudo aí. Não queria voltar para a cidade para trabalhar nisso. Gostaria de caçar outras coisas para aprender mais, com outras pessoas, para passar para os outros o que eu aprendi. Aprender com uns e ensinar os outros. Eu gosto do MST. Não tenho vontade de largar. Eu falo de sair porque é difícil ficar morando num lugar só como é aqui no MST, no assentamento. Aqui no assentamento é muito quieto. Eu gosto de lugar mais movimentado. Lugar quieto assim é mais para quando ficar velho... arrumar uma velha e ficar sossegado. Aí sim. Criar os filhos bem, num lugar quieto. Mas para mim, nesse momento, nessa hora, está tudo muito quieto. [*risos*]. Eu, para falar a verdade, não penso muito bem em casar... Agora não penso não. Porque primeiro eu penso em ajudar

a minha mãe, construir a casinha dela e depois eu vou caçar meu rumo. Depois de construir a casa dela, não penso em ficar aqui. Penso em fazer outras coisas com o movimento também. Sair para fazer ocupação, essas coisas que eu acho legal. Ajudar outros colegas, o pessoal que está precisando da luta também. Porque a minha luta... para mim, a minha luta está quase completa. Aí ajudar os outros. Continuar ocupando e ajudando o pessoal.

KELLY ADRIANA

Adriana é a única mulher dentre nossos colaboradores. De fala recuada e tímida, é muito próxima da família e gosta da vida tranqüila do assentamento. Antes de conhecê-la, tive contato com sua irmã Célia em atividades do setor de gênero do MST, uma mulher extremamente forte e autônoma. Um exemplo muito presente para nossa colaboradora, que foi educada por ela. Adriana surpreende pela seriedade com que trata a própria vida. Além de estudar agroecologia no assentamento de Itapeva, é o braço direito da irmã em todas as outras atividades, domésticas ou não. Entrevista realizada em junho de 2009.

“Aqui já é muito tranqüilo. Por isso eu gosto muito daqui. Não sinto falta da cidade, não.”

Eu sou Adriana, tenho 22 anos e morava em Minas Gerais antes de vir para São Paulo.

Sempre morei com a minha irmã. Quer dizer, fui começar a morar com ela mesmo quando eu tinha 14 anos porque minha mãe faleceu. Antes eu morava com a minha mãe porque a Célia era casada, depois eu fui definitivamente morar com ela. Meu pai faleceu quando eu ia fazer 7 anos. Eu sou a caçula. Gosto muito de morar com ela e eu quero estudar, assim ajudo a construir a casa dela.

Minha infância foi boa porque tudo o que queria eu tive. Tudo o que eu falava para a minha mãe que queria, ela ia, comprava e me dava. A minha infância foi normal, a gente morava em Minas Gerais ainda. Eu morei em Minas Gerais até os 14 anos. Porque eu fiz 15 anos e já estava no movimento. A minha mãe faleceu e a gente veio morar em São Paulo. A gente ficou em Francisco Morato, um pouco. Eu, a minha irmã e na época estavam os cinco filhos dela. Veio todo mundo pra São Paulo. O Edson,

marido da Célia na época já estava aqui na casa da irmã dele, em Guarulhos. Já tinha vindo para poder arrumar um emprego aqui, para poder estar trabalhando e ajudando.

Moramos um tempo em Francisco Morato, uma cidade aqui perto de São Paulo na casa da minha avó. Foi muito difícil porque os meus avós eram muito rígidos. Tenho outros parentes que também moram em Francisco Morato. Mora tio, tia ... Tem primo que mora em Salvador. Tem parente que mora bastante longe. Mas os únicos mais perto da gente que tem é aqui em Francisco Morato. Só que aí a gente nem vai lá. A minha vó ela é um pouco chata. Quando a gente morava com ela tinha que ir para a Igreja todo dia. Ela era da Quadrangular também. Não podia vestir calça. Só saia para baixo do joelho e tinha que ser para cima do estômago, passando do umbigo. Como eu estudava de manhã não podia vestir saia. Quando eu ia para a escola de manhã de calça ela não via, e quando eu chegava tinha que ir correndo tirar a calça e vestir a saia. Nossa! É muito bizarro! Muito chato! Tudo para ela era errado. Já a Célia me educou muito bem.

Conhecemos um rapaz que falava que tinha um acampamento do MST, e que se a gente quisesse podia ir para lá com nossa família. A minha irmã foi e falou assim: Ah, então, eu vou sair e vou lá ver como é que é, e vocês vão arrumando as coisas, para a gente poder ir para o movimento. Ela veio, olhou tudo e nós começamos a juntar as coisas. A gente veio para o acampamento Irmã Alberta em 2002. E está aí na luta, até hoje, né?

Quando eu vim para o movimento, primeiro eu achei muito estranho ter que morar no barraco de lona. Sair de cidade e ter que ir morar no barraco de lona... Quando chovia, era aquele monte de barro... Nossa, até eu acostumar foi muito difícil. Mas quando cheguei lá no Irmã Alberta, tinham os jovens. Lá tinham muitos jovens. Aí eu consegui me adaptar bem no movimento. Às vezes eu não gostava muito de sair, ficava mais dentro de casa, e a Célia falava assim: Não, menina, vai lá brincar, vai jogar um futebol com os jovens, se junta, vocês são jovens, se entrosa mais. Foi isso que deu força para eu entrar no movimento mesmo. Eu jogava futebol, vôlei, a gente sempre marcava um dia. A gente tinha um técnico de futebol só de feminino. Jogava fora, em outros lugares, com outras pessoas, era muito legal. Eu gostava bastante.

Uma boa parte da minha vida foi no movimento. Agora estou estudando, fazendo ensino médio técnico em agroecologia e, mais para frente, pretendo fazer faculdade de agronomia. Eu gosto de agroecologia porque mexe com a terra, com as

plantas, então você aprende a plantar sem usar adubos químicos, tudo orgânico. Aí eu gosto muito. Aprendi bastante no movimento. Aprendi a conviver com as pessoas. Eu me sentia uma menina muito chata, mimada, insuportável. Tem muitas pessoas humildes no MST. Eu aprendi a ser humilde com eles também.

Fiz muitos amigos. Principalmente meninos. Eu faço amizade mais rápido com meninos, porque eu acho que as meninas não vão muito com a minha cara. [risos] Então faço amizade com menino mesmo. Como quando eu estava no Irmã Alberta. Andava eu, o Kenedy, o Jonas, o Tripa, o Maninho e o Wesh. Às vezes a gente até pára e conversa: Pô, Jonas, você lembra quando a gente saía, todo mundo junto, só eu de menina no meio [riso]... Nossa! Era aquela galera, né? Eu falava assim: Eu vou para a minha galera, só menino e só eu de menina...

No Irmã Alberta a gente teve um grupo de rap que de primeiro, foi eu, o Kennedy, o Jonas, o Tripa, a Vivi e daí surgiu o “Rebeldes do Campo”. Juntou tudo, então a gente falou: Vamos fazer um grupo de rap. Surgiu até o Canto do Morro, também. (risos) O Canto do Morro é lá de Franco da Rocha no Dom Tomás Balduino. Eles fizeram um grupo também, de rap. É legal também as músicas deles, são interessantes.

Agora a gente até brinca que é a turminha dos 22, porque o Kennedy faz 22, eu fiz 22, a Ester faz 22, o Jonas... o Tripa já fez acho que 22... é a turminha dos 22. Era muito legal. Todo mundo, uma turminha com a mesma idade. E todo mundo gostava bastante do movimento.

Agora eles são casados então fica meio chato. Porque às vezes as mulheres deles tinham ciúmes, não sei... Aí a gente nem conversava muito mais. Depois que casa acho que muda muito porque tem que ter muita responsabilidade. Tudo mudou bastante. Mas agora o Jonas está fazendo música evangélica, antes fazia rap. Agora a gente quer montar um grupo que vai chamar “Só para Jesus”. Eu, o Kennedy, o Jonas e o Tripa. Se Deus quiser vai dar certo.

A gente se afastou bastante uns dos outros. Quem está solteiro mesmo eu acho que é só eu, o Maninho e o Wesh... só que aí eles moram longe, no Irmã Alberta. É muito difícil ir para lá. O Kennedy, também. De menina ficou só eu, porque as minhas amigas também, todas casaram, já tem filho. Então ficou só eu, sozinha.

Eu e a Aline¹³³, a gente era muito amiga também. Era eu, a Aline, a Ester, as meninas lá do Irmã Alberta. A gente andava muito junta. Ainda sou amiga da Aline. Eu dei a maior força para ela poder ficar com o Jonas porque um gostava muito do outro. Só que aí a gente não se vê tanto porque eu sou mais de ficar em casa, eu não fico muito na casa dos outros. Quando ela vai lá em casa a gente conversa, a gente vem para o casarão, ficar assistindo.

Mas mudou bastante. Tem que dedicar a vida para o filho, marido, dentro de casa. Não pode sair para conversar mais, nas casas dos outros. É ruim para mim aqui sozinha. Às vezes eu me sinto muito sozinha. Apesar de que tem a Célia, e tudo, mas... Não tem amiga, nem nada. Cruel, né?

Eu gosto de conversar mais com o Sem Chance, o Lika. Agora ele virou maior amigão, também. Alguns ficaram na luta. Mas muitos foram embora e eu acho que é por não ter condição para trabalhar. Porque é jovem quer andar não nos panos, mas com uma roupinha melhor. Então eu acho que eles vão para a cidade para poder arrumar um biquinho, um emprego. Para poder comprar suas coisas. Precisa, né?

Eu nunca trabalhei fora. Eu nunca aprendi a mexer com a casa dos outros. Como eu fui uma menina muito mimada em casa, então eu nunca aprendi a fazer nada na casa dos outros. Eu sei fazer na minha, mas na casa dos outros não. Na casa dos outros já é diferente. A minha irmã me ajuda bastante. Agora eu vou pro curso e tem uma amiga dela que a gente considera como tia que ajuda também. Ela fala assim: Adriana, então você vai lá em casa, você passa a roupa para mim. Aí eu vou lá, ajudo ela e ela me ajuda também. Aí eu vou. É assim.

O dinheiro eu uso para poder comprar material escolar para poder levar para a escola. Às vezes, nossa, é muita dificuldade, para poder comprar xampu, condicionador, sabonete, essas coisas básicas para levar. Mas nem ligo muito para o dinheiro, não. Meu pai deixou uma poupança para mim lá em Minas. Esse dinheiro, eles não falam quanto tem porque ele colocou no banco quando eu tinha cinco anos de idade. Eu liguei agora e eles falaram que tem que ir buscar. Só que agora como que vai buscar esse dinheiro? Lá em Minas Gerais? Não dá para transferir. Tem que ir buscar. Eu queria esse dinheiro

¹³³ Aline se casou com Jonas, também colaborador deste trabalho. Eles são pais da Alice que completou dois anos em julho de 2009.

para ajudar a minha irmã. Poder ajudar na construção da casa¹³⁴. Se fosse um dinheiro bom, ia ajudar ela na construção da casa ou então arrumar meu quarto, o quarto da minha sobrinha. Ajudando em casa mesmo.

Eu nunca gostei muito do Irmã Alberta, porque lá tinha a cidade, e para mim poder estudar era tudo escuro. Eu estudava à noite, das sete as onze, e achava um pouco perigoso. Não o assentamento, porque lá o pessoal é companheiro e tudo, mas o por causa da cidade mesmo onde a gente passava. Foi aí que eu pedi para a Célia para a gente poder vir aqui pro Dom Pedro e a gente veio. A Célia também queria vir. Mas quando a gente resolveu, tinha as pessoas que não queriam que a gente viesse para cá. Os amigos não queriam que a gente viesse, e eles iam dar conselho para a gente: Ah, não vão não, fiquem aqui. E a Célia falou que era melhor a gente ir para o Dom Pedro e a gente veio para cá. Eu fiquei no Irmã Alberta até 2007. Vim com a minha irmã e os dois filhos dela para cá já no final de 2007, para o Dom Pedro.

Eu gosto daqui. Gosto de ficar no barracão. E gosto às vezes de ir no rio, aqui, no pesqueiro... Eu gosto muito desse lugar porque é bem distante da cidade, não tem muito barulho. E lá na cidade já é o som... Quando ligavam o som lá no sábado e no domingo estrondava, parecia que estava debaixo da cama. Nossa! E aqui já é muito tranquilo. Por isso eu gosto muito daqui. Não sinto falta da cidade, não.

Eu sou uma pessoa que gosta de ficar mais dentro de casa, não gosto muito de sair... Para mim fazer muitas amizades é mais difícil, porque eu gosto mais mesmo é de ficar dentro de casa. Não gosto de ficar na casa dos outros, ficar perturbando ninguém. Então, eu acho melhor assim. Eu não ligo muito para arrumar namorado e também nem gosto muito de festa. Eu sou mais sossegada. Eu gosto de ficar em casa, ir para a Igreja¹³⁵, aí sim... Porque tem homem que eu vou te contar, viu. Só quer aproveitar das meninas, e elas são muito tontas! Eu não sou assim. Eu sou sossegada. Por enquanto, eu quero ficar sozinha, quero estudar, fazer faculdade, ajudar a minha irmã, trabalhar, fazer todo um planejamento para eu poder arrumar uma coisa melhor. Aí eu posso arrumar um namorado. Se eu arrumar um namorado agora, vou pensar no namorado e não no estudo, e isso não dá certo. Posso pensar mais para a frente...

¹³⁴ Na ocasião da entrevista, em julho de 2009, o assentamento estava recebendo o primeiro crédito habitação, iniciando a compra dos materiais e organizando a construção das casas de alvenaria.

¹³⁵ Adriana frequenta a Igreja do Evangelho Quadrangular que realiza cultos semanalmente no assentamento.

Já tive namorado, mas esses meninos só querem aproveitar das meninas. Eu estou sossegada. Por isso eu falei para minha irmã que eu não vou arrumar namorado agora. Ai, Deus me livre. Eu namorei com um rapaz por um mês, e depois ele me falou que tinha uma filha. Nossa Senhora! Aquilo acabou comigo. Depois dele eu falei assim: Não vou namorar com mais ninguém. Já faz uns quase três anos que eu estou sozinha. Eu não quero ficar com ninguém mais, não.

Ele era lá de Jandira¹³⁶. Ai, Deus me livre! Por que ele não falou no começo que tinha uma filha? Eu ia compreender, mas depois de quase um mês ele vem falar que tem uma filha!?! Eu terminei. Não dava certo. Mas agora eu quero ficar sozinha por um tempo. Às vezes os meninos falam comigo: você não vai casar também não, Adriana? [risos] Você não vai casar, não? Só tem você agora, suas amigas casaram todas. Os meninos ficam zoando comigo. Até minha sobrinha, sabe? Todas casaram.

Por enquanto eu prefiro morar com minha irmã. Ajudar porque os filhos dela não param aqui, eu sou a única que fica aqui com ela. Quero ficar com ela. Às vezes eu penso assim: Se eu fosse homem, eu ajudava mais a minha irmã. Se eu fosse homem, eu já limpava a uva eu mesmo, sozinha. Pegava e limpava, mas por ser menina a dificuldade é maior. Muito maior.

Pretendo morar com ela sim, só que como eu falei para ela, mais para frente eu vou querer ser assentada e queria que fosse aqui. Mas eu acho que não vai ter jeito¹³⁷, então com o tempo eu vou ter que me desgarrar dela porque eu já tenho vinte e dois anos. Um dia eu vou ter que caçar meu rumo. Eu não penso em sair tão cedo. Acho que eu não conseguiria mais, porque se eu for para a cidade, é muito barulho de carro, é muita coisa, muita gente correndo. Eu passo mal demais [risos]. Eu fico que nem aquelas pessoas da roça [risos] Fico perdida. Muito difícil. Não gosto do barulho, da bagunça. Eu não gosto de sair. Nunca gostei de balada, essas coisas assim, não. Nunca foi o meu forte. Sempre foi ficar em casa, então...

A Célia não me prendia, até porque eu que nunca fui de ligar para sair mesmo. Desde pequena fui criada indo para a Igreja, porque meu pai era pastor, então, minha mãe era obreira. Só uma vez fui tentar ir no baile da espuma e caí, fraturei o crânio e

¹³⁶ Comuna Urbana de Jandira Dom Helder Câmara que também integra a Regional Grande São Paulo do MST.

¹³⁷ A área foi homologada para as famílias que já estão no assentamento, não sendo permitido a partir disso que outras pessoas possam ser assentadas na mesma área futuramente.

quebrei o braço. Depois disso eu pensei: nunca mais eu vou sair na minha vida agora. (*risos*) Nunca mais eu quero sair. Já não gostava e ainda aconteceu isso. Agora que eu não saio mesmo. Mas das noites culturais do movimento eu gosto. Não é igual a esses funk feio que existe hoje. Aqueles forró que, meu Deus do céu... é uma linguagem muito feia. Não é assim. É tipo de um forrozinho pé-de-serra, já é diferente. As noites culturais são muito boas no movimento. Mais aqueles forrozinhos calminhos, por exemplo do “Fala Mansa”¹³⁸. O pessoal fica mais sossegado. Tem poesia também. Eu quero aprender a tocar violão. Vou fazer o curso lá na igreja que eu vou, do Evangelho Quadrangular. O pastor vem buscar e trazer. O violão foi o melhor presente que eu ganhei em toda a minha vida. Gostei muito. Quero aprender para poder tocar lá na frente, dentro da igreja. E no movimento também. Eu gosto muito das músicas do movimento. Tem o “Xote Ecológico”, tem uma que fala assim:

“Sabemos que o capitalista diz não ser preciso ter reforma agrária. Que seu projeto traz misérias, milhões de sem-terras jogados na estrada, com medo de ir para a cidade e enfrentar favela, fome e desemprego, saída dessa situação é segurar as mãos de outros companheiros. E assim já ninguém chora mais. Ninguém tira o pão de ninguém. O chão onde pisava o boi, é feijão e arroz, capim já não convém”. Essa daí é legal, eu gosto.

A mística para o movimento é muito importante porque eu acho que sem ela a gente não consegue ter inspiração para estudar. Todo dia de manhã no curso, se não tiver aquela mística eu acho que não tem um sentido para a gente estar ali naquela sala. E se tiver a mística a gente já se sente mais à vontade para poder estudar. Já ajuda bastante. Eu gosto muito da mística. A mística não é falada. É tudo mímica, essas coisas que você vai pegando e aprendendo a fazer. Já o teatro é mais falado. É diferente. Não é um teatro. É para manter a união do grupo.

Aqui tem mística só às vezes. Quando chega algum visitante, tem que ensaiar a mística. Mas no cotidiano, não. Quer dizer tem uma mística também. Se a gente está trabalhando lá na uva ou fazendo alguma coisa, já é uma mística! [*risos*]

Às vezes aqui tem alguma confusãozinha, uma contenda, uma picuinha, mas a gente tenta levar como pode. Mas é tranquilo. Dá para resolver. Leva para assembléia,

¹³⁸ Grupo famoso de forró. Em São Paulo se destacaram com o chamado “forró universitário”.

reunião e resolve. Nós estamos também no CONAB¹³⁹. A minha família assinou. E assim vamos continuando na luta.

Às vezes, nas noites culturais lá no curso em Itapeva, eu até bebia um pouquinho. Agora eu parei mesmo. Lá na escola tem noite cultural no sábado, aí quando eu bebia o Lika não bebia porque era para cuidar de mim [*risos*] e quando ele bebia eu não bebia para cuidar dele. A gente combinou assim. Agora é sossegado. Eu não bebo mais e ele também não bebe mais.

Esse curso de agroecologia é em Itapeva e eu sinto uma dificuldade muito grande porque lá você estuda o dia inteiro. Você fica estressado, cansado, é muito cansativo mesmo. Eu fico dois meses na escola e três meses em casa que é o tempo comunidade, para passar o que aprendemos na escola para a comunidade. Além de estudo, tem o tempo esporte que você vai jogar futebol ou baralho. Têm também torneios de queimada, de futebol... Torneio de truco também tem [*risos*]. Eu também jogo truco. Até umas dez e meia, onze horas tem gente jogando truco. Todo dia. Então é a única coisa que o pessoal tem pra se divertir, porque a gente estuda até as dez horas e depois até onze horas, meia-noite, a gente está na sala, ou limpando ou pensando a mística para outro dia. São jovens na maioria daqui do Estado de São Paulo. Fiz muitos amigos.

A mulher do postinho, ela vai lá uma vez por mês, nos dois meses que a gente fica lá para falar com a gente. Ela passa naqueles *slides* tudo sobre doenças e tal. Ela conversa com a gente bastante, distribui camisinha. Todo mundo junto na sala. Eles passam para a gente tudo. Conversam... tudinho. Mas tem até uma companheira nossa que está grávida. Ela tem 17 anos, está estudando também e casou por lá mesmo. Ela morava em outro estado, ela casou com um rapaz de lá do assentamento...

Tem menina que não liga muito mesmo. Se a gente pergunta se a mãe não fala nada, tem umas que falam assim: não, minha mãe é minha amiga... Mas será que tipo de amiga, né? Porque teve uma menina lá que falou que achava que estava grávida. Ai

¹³⁹ Convênio feito entre os assentados e a Companhia Nacional de Abastecimento, empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, para a compra da produção. A Conab é a empresa oficial do Governo Federal, encarregada de gerir as políticas agrícolas e de abastecimento, visando assegurar o atendimento das necessidades básicas da sociedade, preservando e estimulando os mecanismos de mercado. Ver: www.conab.gov.br.

meu deus do céu... A gente perguntou: e a sua mãe, não faz nada? Ela falou assim: não, mas a minha mãe é minha amiga, ela não liga. E eu: Putz!

Eu acho que em primeiro lugar vem o estudo, cara. Porque hoje em dia, se com o estudo é difícil, imagina sem o estudo. É tudo mais difícil. Hoje em dia para você comprar um sapatinho de criança está mais caro do que o sapato de adulto. [risos] Nossa! Um trenzinho daquele... desse tamanhozinho, o olho da cara. E você tem que parar com tudo. Os meninos não. Eles nem ligam. [risos] Tem uns que criam mais juízo, mas tem outros que não mudam nada. Ter filho ou não ter, tanto faz.

Eu faço todo um planejamento da minha vida, de como vai ser daqui pra frente. Esse é o meu sonho. Eu falo sempre com a minha irmã que eu quero estudar, dedicar minha vida aos estudos por enquanto, não pensar em filho agora. Depois mais para frente, quem sabe? Casar, ter filho... Tenho vontade, mas não por agora. Não é o momento. Eu penso em ajudar muito a minha irmã ainda. É minha família.

José Wilk

José Wilk é mais conhecido como Lika por todo o assentamento. É o mais novo dos entrevistados, de fala fácil, e prontamente se dispôs a ser colaborador desse trabalho. No momento do nosso encontro para a gravação da entrevista, morava no assentamento apenas com o pai. A mãe, os irmãos e a irmã estavam morando em Várzea Paulista, cidade próxima à cidade de Jundiaí-SP. Isso permite que Lika seja muito ligado à cidade em que morava antes do assentamento e a permanente vivência entre os dois universos, cuja percepção norteia boa parte de suas impressões e reflexões. Entrevista realizada em julho de 2009.

“É favela, é favela, pronto e acabou. Não tem como mudar, mano.”

Minha vida foi assim. Morei na Bahia quatro anos, cinco anos. Em 1996 a gente veio para São Paulo. Em São Paulo nada é bom, uma vidinha meio difícil.

Fomos morar na Vargem Paulista. O nome da vila é Felicidades. Lá ficamos muito tempo, vivendo numa casinha simples. Meu pai trabalhava de pedreiro. Ganhava um salário bom. Pouquinho assim, sabe? Mas dava para sobreviver. Moravam muitas pessoas na casa: eu, meus sete irmãos, minha mãe, meu pai.

Meus pais não participaram da ocupação da Mian. Quando a gente chegou já estava lá no Irmã Alberta para vir para cá de novo. Viemos para o movimento com a ajuda da minha tia. Tinha um cara que morava lá na Várzea, ele comentou com ela e a trouxe aqui. Era o seu Luís, que faleceu esses tempos, num ato que aconteceu. Ele foi lá e falou com a gente. Quer dizer com a minha tia. Minha tia veio, gostou, foi lá e falou para o meu pai. Então meu pai veio. E eu com aquele preconceito: Não, não vou para lá, aqui é meu lugar, meus colegas estão aqui. Lá não vou gostar, aquele pessoal... E comecei a desfazer do negócio, tá ligado?

Nossa! Cheguei no bagulho. O primeiro mês eu ficava meio assim... Olhava e queria brigar com o Tripa, nunca me dava bem com ele. Eu, o meu primo Cloide que saiu daqui, e o Gerson meu irmão. A gente não gostava do Tripa e queria bater nele, entendeu? Nós queria arrumar uma confusão com o Tripa para bater nele, mas nunca dava certo. Passado um tempo, comecei a gostar do movimento, consegui amizades, fui viajar e tudo. Comecei a ver que tudo não é bem assim, que tem que ser unido. Mas eu ia para a Várzea e encontrava os moleques lá... Nossa... Soltava pipa com eles e começava a querer ficar lá. Mas quando eu vinha para cá, começava a querer ficar aqui. Eu ficava dividido, tá ligado? Se eu for para Várzea eu vou querer ficar lá, se eu ficar aqui eu vou querer ficar aqui. Não vou querer nem ir para um nem ir para outro. Onde eu fico?

Depois eu comecei a me acostumar, e falei: Ah, eu vou na Várzea, fico um tempo lá, e volto pra cá e fico um tempo aqui. Aí é firmeza. Gostei de lá e daqui. Gosto de lá e daqui ainda, graças a Deus. Estou sossegado. Mas sempre foi assim, minha tia que falou para nós, e a gente foi e falou para outra pessoa, sabe? Começou a vir um monte de gente da nossa família. A gente ficou impressionado, e falou: Pô, nossa família está toda aqui, mano? Veio minha outra tia Carmem, veio a tia Nilda. Meu primo já veio só que não ficou muito tempo e depois foi preso. Ficou pouco tempo. A bem dizer, ele veio só fazer o cadastro e voltou e foi preso. Começou a vir um pessoal bem conhecido. Veio o Nildo, e aí nós começamos a ter amizade com ele. Assim, a gente ficou lá um bom tempinho, tudo maior organizado, aí meu pai já estava ganhando bem até porque já fazia uma cota que a gente estava na Várzea. Já estava ganhando um dinheirinho a mais, contribuía bastante com o movimento... Ficamos lá. Foi pouco tempo que a gente ficou lá no Irmã Alberta. Foi lá que eu vi que os moleque cantavam rap. Quem mais curtia um rap era o Tripa, o Kennedy, a Adriana, meu primo Cloide, o Gérson, eu, Maninho. O Weshelei nunca cantou. O Weshelei era só cara feia. Ele ainda ia lá mas nunca foi assim de cantar. Ele participava, fazia presença. Tinha vários outros, tá ligado? Eu falava: Pô, até que enfim cá num lugar bom assim, né?

Eu adoro cantar um rap com o João e o Pi. Só que o que mais canta mesmo é o Pi. Ele gosta mesmo, onde ele está, está cantando. Então eu e ele fica nós dois cantando. Às vezes eu falo assim: Pô mano, não sei quem viaja mais, eu ou você... Começa a cantar as músicas, assim, não para mais...

Depois do Irmão Alberta, a gente teve a primeira ocupação aqui e ficamos três dias. Voltamos e fomos para Franco da Rocha, no pavilhão lá embaixo e ficamos numa área pequena que tinha lá. Ficamos umas duas semanas, depois viemos para cá de novo e ficamos. Nunca mais saímos daqui. Mas minhas tias foram embora. Uma foi por causa de doença, meu avô... Como ele não tem uma perna, ele tinha que fazer algumas operações, e ela acabou desistindo... Está bem hoje, graças a Deus, paga até R\$450,00 de aluguel [*risos*]... tem um carrinho, então está bem melhor. Tem uns tios meus que também tem uma condição boa de vida.

Agora meus pais se separaram e só está eu, meu pai e minha irmã que já vai embora. Só vai ficar eu e meu pai aqui. O meu irmão mais novo foi também com a minha mãe. Ela voltou para Várzea morar com minhas irmãs. Meu pai falou que não sai daqui nem a pau e está certo. E eu falei: Só saio daqui no dia que eu for trabalhar. Se eu não conseguir trabalho aqui, aí eu saio e eu vou trabalhar em outro lugar, né? Mas se eu conseguir trabalho aqui...

Porque é assim: lá nós tem bastante parente. Você sobe a avenida e mora um pouco da nossa família. Você vira uma rua, tem um pouco da nossa família. Quer dizer, cada um trabalha num certo lugar, e se um precisa de trabalho o outro vai lá e fala com o gerente. O gerente sempre gostou da nossa família que nunca foi de arrumar briga e tudo mais no trabalho. Aí a gente tem um jeito fácil de conseguir um trabalho um pro outro. Você fica desempregado pouco tempo. Eles foram para lá, já para trabalhar. Meu irmão, assim que chegou lá, minha irmã arrumou serviço para ele e ele ficou. E aí já falava para mim: Ah, Wilk se você quiser vir para cá trabalhar, a gente dá um jeito. Só que eu gostei daqui, né? Como eu gosto do curso, eu falei que eu não vou sair do curso¹⁴⁰. Gosto de ficar no movimento, de ir para os bagulhos do movimento, tá ligado? Eu não sou aquele *fanático* pelo movimento... Mas eu gosto. A ideologia do movimento é bem legal, chique mesmo. Eu nunca vi uma ideologia dessa. Todo mundo unido. Quando um precisa do outro, o outro está ali. Por mais que brigue, mas está sempre ali. Daí eu gosto...

¹⁴⁰ Curso Médio Integrado ao Técnico em Agroecologia desenvolvido a partir de um convênio entre o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e a Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e que faz parte do PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária). O método de ensino é baseado na Pedagogia da Alternância, ou seja, há uma etapa presencial e uma outra em que os assentados voltam para suas comunidades para aplicar as técnicas aprendidas nas aulas. Do total de 3.200 horas de curso, cerca de 30% são realizadas na comunidade. Fonte: www.incra.gov.br

O mais difícil aqui eu achava que era a falta de luz. Só que a gente puxou a luz e agora está de boa. Porque a gente saiu do Irmã Alberta, ficou um tanto de pessoas lá, um tanto da juventude que se reunia antes, fazia a fogueirinha, cantava rap... Aí você vem para cá, poucos saem de casa. O que mais sai sou eu, onde você passa eu estou... *[risos]* Os outros me falam: ah, você não trabalha. Eu falo assim: Não, eu trabalho o necessário. Quando eu vejo que precisa, eu vou lá e faço. E eu fico meio assim e falo: Ah, mano, eu sou eu. Me deixa sozinho aqui. Aí sei lá, você olha para esses outros... E tem alguns que os pais não deixam sair. Acho mais chato isso. Porque quando eu colo na Várzea, aí tem aquela funcãozinha que gosta de mim. Função, aquele grupo que gosta de mim. Onde nós cola, se está um, está dez. Aí você fala: Pô mano, aqui que estão meus amigos. E todos lá que eu conheço curtem rap. Uns pintam o cabelo de loiro. Vira aquela zoeira... Você está usando brinquinho, você é mulherzinha. Você está com o cabelo loiro, você é a lacraia. Aquela zoeira. Aí eu venho para cá, chego aqui e não tem ninguém assim, para zoar. Eu não gosto de televisão, a não ser que seja um filme que eu acho da hora. Mas não curto televisão, a não ser filme e jogo. Torço para o Tricolor, nada contra o Richarlison *(risos)*... Mas jogo só passa dia de quarta, sábado e domingo. Aí eu fico perdido...

Chega aqui, você vê. O único que saía mais era o Cláudio. Agora ele não está nem saindo. Eu fui lá agora vê se ele estava lá, não estava. Agora está mais assim. Mais eu e meus cachorros, do que eu e o povo *[risos]* Em vez de eu sair para zoar com o pessoal, tipo assim: Ô, vamos fazer uma fogueirinha hoje, vamos fazer isso, aquilo, vamos fazer um rap, vamos fazer uma rima, vamos bagunçar... Tenho que ficar em casa, sentado... Nunca gostei de novela, estou começando a gostar e isso já é um problema pra mim. *(risos)* Já começo a comentar, está foda.

Os outros, sei lá, mano, o que acontece com eles, eu nem pergunto. É difícil, você chegar: Oh, por que você não sai de casa? Aí o cara: Não, é que minha mulher não deixa *(risos)*. Aí é foda. Que nem o Cláudio. O Cláudio nós fala: Ai, já era, né? Ó, coleira. Mas, porque ele é o que mais estava por aí¹⁴¹... Agora, eu não gosto de chegar e falar: Oh, por que tu não sai? Porque eu sei que vai ter uma desculpa. Eu sou sincero, mano. Se meu pai não deixa, eu falo: Ah, meu pai não deixou. Então não estou nem

¹⁴¹ Quando foi realizada a entrevista com o Claudio, ele não estava namorando. Pouco tempo depois, quando gravei a entrevista com o Lika, o Claudio começou a namorar a filha de um assentado que havia chegado há pouco para morar no assentamento.

vendo se tiver que falar: Ah, minha mãe não deixou. Mas minha mãe nunca foi de proibir. Que nem, eu ia para Iaras. Era para mim ficar lá. Meu pai nunca foi de dizer: Não, você não vai, porque lá é um lugar que eu não conheço. Não. Porque ele sabe que se ele não confiar em mim, quem vai confiar? [risos] Eu ia com o movimento. E eu nem fui. Eu fiquei com vergonha. Era na época, quando deu umas tretas lá¹⁴².

Meu pai nunca foi de dizer: não, você não vai porque você é de menor. Porque ele tá ligado que, vixi... Eu não sou bobo. Se vier polícia, o que eu vou fazer? Ficar de boa. Os documentos? Estão aqui os documentos. Tem passagem? Graças a Deus, não.

Estou fazendo o curso de agroecologia¹⁴³ em Itapeva. Nossa, é muito diferente. Lá é roça mesmo. O povo é da roça. Ó, as gírias. Não tem o que falar de gíria lá. O negócio deles é falar... Como é? Esqueci o nome, mas tem um que eles falam bastante. A Adriana que sabe imitar eles certinho. Eles puxam bastante para falar. Eles falam umas coisas que você dá risada, mano. Como é mesmo? Caipora.

Nossa, eu racho o bico. Os caras: seu caipora! Eu falo: Pô, quem é caipora? Caipora, que eu saiba, é a historinha do bicho do mato. Aí, tipo assim, se falar: Ai, mano, passa esse bagulho aí. Os caras não sabem o que é bagulho. Para eles, bagulho é coisa que não vale mais. Aí eu falo: Pô, mano, passa isso aí para mim. E eles: ô caipora, vem aqui. E eu: ah, caipora não, mano, está me xingando? Está louco? Já não batia o gênio. Eu falava na gíria e os caras falando caipora? [risos]

Fomos para um rodeio, cheguei lá os caras tudo com roupa de *cowboy* e eu com roupa de rap [risos]. Aí você olha assim e fala: Caralho, o que está acontecendo aqui nessa porra, mano? Eu rachava o bico do jeito dos caras se vestir. Eles acordam às cinco hora da manhã. Eu acordava às seis, por que era obrigado ainda. [risos] E, tá ligado, já acorda naquela energia. Os marido e mulher: Você ainda não foi pegar o ovo da galinha? Você não tirou leite da vaca? E eu não agüentava aquilo. Pô mano, em São Paulo se você liga o rádio 10 horas da manhã, o vizinho fala: Caralho, mano, quero dormir! E se, vamos supor... Lá, você vai na casa do vizinho e pede um milho, tá ligado? Aqui você tem que pagar tudo o que você for fazer. Lá, não. Lá você chega: Ô, dá uma mexerica, dá um bagulho... E os caras: toma. Dá uma sacola logo para você.

¹⁴² Conflito que ocorreu na cidade de Iaras-SP por ocasião de uma reintegração de posse a que o movimento decidiu resistir. Alguns membros do acampamento Dom Pedro Casaldáliga estavam lá ajudando os companheiros.

¹⁴³

Bem diferente da gente. Se você chega na casa do cara daqui, ele pode ter quinze lá, mas se você fala dá uma, eles te dão uma. [risos] Reclamando ainda...

Nossa! Você vai comprar umas coisas, e é tudo baratinho. Você fala: Ai que pessoal bobo. Só que não, o pessoal é humilde, bem chique. Que nem, da vez que eu estava voltando lá de Itapeva para cá no busão. Esses busão chique. Tinha uma mulher bem mala e eu estava com um short com o desenho da maconha. Aí tinha um policial sentado do meu lado e ela veio. Aquelas madames... e reclamando: Porque esse pessoal da roça eu não agüento, não era pra ter lugar aqui. Eu olhei para a cara dela assim, mano... Ela olhou para a minha cara... Eu falei: Moça, dá pra você falar baixo, mano? Ela: Você está pegando meu lugar, eu paguei. Eu falei assim: Eu também paguei moça, dá licença. Continuou reclamando, falando do pessoal da roça. Eu falei: Moça, dá um tempo, mano, você enche o saco. Aí o policial: Moça, senta aqui, senta aqui. Ela sentou lá, eu falei: Mano, deixa essa mulher aí. O policial me olhou e ela também viu que eu não era da roça. Tipo assim, ela viu que eu era da cidade, e começou a desfazer dos da roça. Tinha um pessoalzinho da roça com o jeito deles de vestir.

Eu estava com uma blusa de frio da Onbongo¹⁴⁴... Os cara da roça com calça jeans, com cinturão... uns bagulho... Eu olhava e as madaminha tudo arrumada e as outras mulheres com aqueles vestidos de roça mesmo, todo costuradinho, do jeito das pessoas da roça mesmo. As madaminha de bolsinha, cheia de frescura e elas não. E a conversas nossas no busão? Nós conversava e falava: Nossa, você foi naquela festa? Eles não. Eles falavam assim: Eu vendi minha vaca por isso, eu tiro tantos litro de leite... Eu não agüentava, tá ligado, eu viajava dando risada, mano!

Porque aqui é um assentamento mas o pessoal você vê que é da cidade mesmo. Eles não ficam andando e falando: minha vaquinha dá não sei quanto de leite. Não acorda às cinco hora da manhã gritando com boi. “Vem, não sei o que lá!”, com nome de boi, de animal, entendeu? Você pergunta o nome de um animal eles têm um nome. “Ah, vem aqui, não sei o que lá! Esse aqui é o meu não sei o que lá” Os caras falam uns bagulhos que você fala: “Pô, mano, qué isso ?! Explica para mim o que você está falando”. Queria lembrar alguns nomes que eles falam ainda...

É parecido com quando a gente foi falar com os gaúchos. Os gaúchos é tudo: “tche, tche, tche”. Aí você vai trocar uma idéia com eles e te chamam de “tche”. E eu

¹⁴⁴ Marca de roupa muito usada por jovens da periferia urbana.

ficava falando: “Não, meu nome não é tche, meu nome é Wilk” [risos] E eles: Mas tche, não sei o que lá! Toma um chimarrão.” Mas meu nome não é tche, mano!” Começava a ficar nervoso. Você chega na cidade: “Oh, Joe!”, “E aê, mano!” Agora você chega no lugar: “Tche!” Pô, quem é tche, caralho?!” [risos] Aí no movimento eu fui aprendendo que os gaúchos falam tche porque é a linguagem deles, na roça eles falam assim porque é a linguagem deles...Assim como a nossa é a gíria. Eles pegavam bastante as gírias. Até a professora pediu para nós pararmos de falar muita gíria e palavrão. Eles não falam muito palavrão. Já a gente, não: “Caralho, meu! Toca essa porra!”, na hora de jogar futebol. A gente fala “sainha” e lá eles falam... é... eles falam um nome esquisito lá. Eu não agüentava, mano. Eu falava: Como é que pode, mano?! Fala o bagulho direito! [risos] E se você ficar vinte e quatro hora ali na rua, não vê ninguém. Tudo dentro de casa. Meu Deus! Eu falava: Não, não pode ser, cara! Não acredito que eu estou num lugar desse, mano! Eu estou viajando. Mas lá você não vê o pessoal, brigando à toa. Você vai numa usina de leite, o pessoal só fala em leite. [risos] Porque você chega em São Paulo, você vai numa fábrica de cimento, dessas coisas, e os caras estão conversando de quê? De mulher, de bebida, de qualquer coisa... Você chega na usina de leite os caras estão falando do leite! [risos] Meu Deus do céu!

Ninguém está falando: Meu patrão é muito chato! Os caras não estão nem aí, eles querem saber deles, tá ligado? Eles: Ah, não! Você viu hoje o leite? O leite veio com muita coisa! Esse leite está ótimo. Eu falava: Caramba, mano! Como que pode?! Não existe isso! Ninguém mais trabalha gostando tanto, que nem eles gostam de trabalhar. Não sei se é porque eles cuidam do leite deles. Eu viajava. Se alguém falava assim: Quem vai ajudar hoje na usina de leite? Se você fala isso aqui em São Paulo, quem vai trabalhar hoje ali, ninguém quer ir. Lá não, lá: Ah, eu posso ajudar. Gostam de trabalhar. E eu falo: Caramba! Como que pode, mano?!

Aqui em São Paulo, o que importa para nós é o dinheiro. Agora eu nem ligo tanto para dinheiro, mas o que importa aqui para as pessoas é o dinheiro. Se não tiver dinheiro, você não é ninguém. E lá, não. Lá para eles o que importa é ter um animalzinho, ter sua plantação, entendeu? Eles não querem saber de comprar roupa. Eles não querem saber de ter um carro, entendeu? Apesar da maioria já ter moto, nem quer saber muito disso. Eu acho engraçado.

Os moleques gostam de cavalo... Vixi! O Beronha, ele parece uma criança e tem vinte e poucos anos... As brincadeiras dele, sabe? Aquelas brincadeiras de criança: catar milho e fazer rodinha com milho. Aqui em São Paulo, se você der um milho com rodinha para uma criança, ele taca na sua cara [risos] Eu falei: Caramba! Como que pode?! O pessoal aqui é bem diferente! Eu achava engraçado. Eu fico até falando para minha mãe: Eu quero ir pra Bahia, eu quero ir pra Bahia. Porque lá eu sei que também vai ser a mesma coisa e eu vou gostar por causa disso. Eu acho chique esse jeito deles. Totalmente diferente... Mas quando eu chego lá na Várzea, por mais que você não queira, você começa a falar gíria de novo, mano. Eu chego na Várzea, os moleque: E aê, Zé Ruela!. Aí você já vai no embalo: Fala aí, ô pé de breque! E lá no curso a gente chamava os moleques de pé de breque, eles vinham perguntar o que era isso [risos]. Desanimava, tá ligado? Eu falava: Porra, mano! Tem que explicar para vocês! [risos]

Lá você chega na rua, xinga um moleque de Zé Ruela e ele: Zé Ruela? Por que Zé Ruela? Você tem que explicar tudo de novo [risos]. Aí, está ligado, vai perdendo o pique. Agora, você chega na Várzea: Aí, Zé Ruela! Os moleques já sabem o que é: Ai, Zé Ruela é você, ô! Vai, ô! Aí, tá ligado, vira aquela bagunça.

A Paula. A Paula é uma colega nossa, bem colega da Adriana lá de Itapeva mesmo... Ela fala assim... E eu começo a rachar o bico. Agora que eu até parei. Tudo o que ela falava tinha o caipora no meio. Não, que não sei o que lá, aquele caipora... Tá ligado? Discutia com você, você xingava e ela: Seu caipora! Seu caipora! Seu caipora! E eu: Pô, mano! Que é caipora, mano?! Caipora será que é aquele bichinho, ainda? [risos] Pô, mano, por que o pessoal que mora na roça, em vez deles usar Saci Pererê, só usa o Caipora? [risos] Já pensou chegar lá: Ô seu Saci Pererê! [risos] Eles não falam. É caipora. Não sei o que eles têm contra o Caipora.

É legal. Da hora! Oh! Você vê assim: Pô! Da onde eles tiram esses nomes? Firmeza que tem a historinha. Mas o que o Caipora fez de ruim para eles chamarem uma pessoa de caipora? Pé de breque, a gente já sabe, aquele cara que dá muita falha, tudo... Agora, caipora?! Caipora é um bichinho da mata que... defendia a mata. Nós sempre discutia isso na sala, de onde saem as gírias. Talarico por quê? Eu estou com fome: Nossa, eu estou com a maior larica!. Eu estou pensando em uma coisa, entendeu? Aí, é tipo assim... você está olhando para a mulher... do cara. Você não vai falar: Ô, tá larica! Você fala: Tá lariço. Porque é homem... Mas está pensando na mulher, como se

eu estou com fome eu estou pensando na comida. Aí, “talarico”. Está pensando na mulher dos outros. Todos falavam a mesma coisa, entendeu? Tem o mesmo sentido. Que nem... Um moleque lá nós chamava de freio de burro, porque ele usava aparelho. Por que freio de burro? O burro não usa aqueles freios? Aí pegava o bagulho e a gente passou a ter essa gíria. Aí eles também falavam, mas sempre, para tudo tinha que ter uma desculpa, uma explicação. Se xingava de freio de burro... sei lá... de pé de breque... tudo tinha que ter seu sentido. Uma professora de português sempre ficava brava com nós: Mas por que vocês chamam eles disso? Como nós era uma turminha que sempre andava junto, a gente explicava, sempre... Não sei, parecia que a gente até um comentava um com o outro, que um pensava a mesma coisa que o outro. Por que talarico? Por isso. Por que pé de breque? Por isso. Por que aquilo? Sempre a gente falava a mesma coisa. A professora falava: Ah! Entendi qual é a gíria de vocês aqui. A gente teve algumas professoras da roça, lá na Várzea mesmo, e ela não entendia muito, a gente explicou para ela. Foi sempre foi assim...

Quando eu cheguei no Irmã Alberta não tinha isso porque os moleques eram como eu. E ali ainda tem a cidade do lado. Era a mesma coisa. Talarico... tudo as mesmas gírias. E que nem diz: gíria é tão fácil que até papagaio aprende.

Você vai pensando. Você fala: Pô! Como você chega na roça e chama alguém assim. Por exemplo, se eu chegar agora na Várzea e falar: Ô, seu caipora! O cara vai olhar da minha cara: Você está me xingando de pé torto? *[risos]*

Não tem como. Ô, seu pé torto! É melhor chamar o cara assim do que de “caipora”. A galera já começa a zoar você. Ah! Está vendo muito quadrinho, gibi!... Você já fica tirado já. Agora você chega no cara: Ô, seu pé de breque! Freio de burro! É diferente! Os caras já sabem que é um bagulho ruim, né, mano? Pô! Freio de burro?! Está me tirando? Agora, se chama de caipora: Ah! Pé torto? Meu pé é normal, pô! *[risos]* Se é um cara jogando bola, chuta para fora, aí sim: Seu caipora! Agora, você chega num lugar, você vai cumprimentar as pessoas, e ela chega: E aí seu caipora! Você já olha logo para o pé. *[risos]*

Mesmo morando aqui no assentamento eu vou muito na cidade. Não vou conseguir pegar o sotaque da roça. Agora, muitos que nem o Chiquinho vivem mais aqui dentro. Ele pode até puxar um pouquinho o sotaque da roça. Mas mesmo assim, a gente já vem de uma origem, da favela. Tudo é: Ah, mano! Tá ligado? Desse jeito

mesmo, você não consegue assimilar uma coisa de “caipora”, ou “oxente!” que nem na Bahia, essas coisas deles. Lá em Itapeva a maioria das pessoas já nasceu na roça. É tudo da roça. Eles falam umas coisas que você não entende. O cara vê, olha para uma árvore, e ele sabe que tipo de árvore é aquela. Você olha para a árvore, você fala que é uma árvore, não importa qual é. É uma árvore, entendeu? Você pergunta assim: Pô, mano, aquela árvore ela é fêmea ou é macho? Os caras sabem dizer isso! Porque a árvore também tem, tipo assim, o seu lado masculino e feminino, que nem dizem eles lá. Os caras lá começam a explicar: Não, é que na roça vem um bichinho ali, faz tal coisa..., aí você viaja: Pô! Como que vem um bichinho e...o bichinho fecunda a árvore, caramba? Como é que pode? Não, é que tem outra espécie do lado, aí uma árvore cruza com a outra. Cruza, pô. Mas como você sabe que ela é fêmea e macho? Você olha umas folha, você olha não sei o que lá.... Aí você vai, você vê que os caras são bem da roça mesmo. Agora, você chega em São Paulo, aqui, e pergunta : Ô, que árvore é essa? Só conhece a árvore que dá fruto, porque ele está vendo o fruto ali... (*risos*) E bananeira, que nunca muda. Agora, que nem eu, se chegar e perguntar: Que árvore é aquela? Não sei, mano! É uma árvore! Só sei que é uma árvore. Aí eu fui lá e gostei também do estudo por causa disso, eles explicam bastante...

Mas para falar a verdade, eu prefiro bicho. Porque bicho, ele diz quando ele está feliz e quando ele vai morrer. Planta, não. Planta, você moscou ela já está morta. É um bicho mais silencioso. Eu sempre gostei de mexer com bicho... e o que eu mais gosto de mexer é porco, que faz muito barulho, sabe? O bicho faz muito barulho! Nós chegava lá, só batia nas costas do porco, ele deitava. Aí você vê a amizade: Ô, ele está feliz. Daí tem um dia que ele vem em cima. E a gente já sabe que ele não está nada feliz, por causa da fêmea, tudo... A gente vai aprendendo isso. Planta, não. Planta,vamos supor, você planta uma ali, se não tem outra que dê uma força para ela crescer, ela não cresce. Por isso que você chega num lugar e fala: Ô, você vai trabalhar com quê? Com SAF¹⁴⁵. SAF? Para que SAF? Você ficava perdido. Lá eles explicam: não, SAF por isso, porque vão ter várias árvores juntas, uma vai dar força para outra, sempre trabalhar com ajuda. Se uma gosta de ferro, a outra você trabalha com cálcio, aí uma troca cálcio e ferro com a outra, e tudo. Aí isso tudo nós vai aprendendo nisso.

¹⁴⁵ Sistema Agroflorestral.

É o básico o que a gente está aprendendo. Aplicar eu não tenho muita certeza, não. Mas eu já estou conseguindo assimilar para mim e posso passar para os outros. Só que aplicar, eu chegar na terra e falar: Ah, isso vai dar certo. Eu não tenho aquela firmeza ainda. Vou fazendo aos poucos. Fiz enxerto. Nasceu uma, outra morreu. Quer dizer, se eu falo para o pessoal que dá certo... Eu podia ter trazido uma única que eu fiz, e que depois morreu... E a que deu certo eu podia ter deixado no curso. O que eu fiz? Trouxe as duas, né. Uma que eu achei que ia dar certo e a que eu achei que ia morrer... E eu achei errado. A que eu achei que ia morrer não morreu, que foi a que eu fiz um enxerto só. E a que eu fiz dois e pensei que ia crescer, não cresceu. Aí eu vou vendo essas coisas. Lá é bem da hora por causa disso. Você vê e os outros ajudam você, entendeu? Você chega lá e fala assim: Ô, dá uma dúzia de ovo aí, eles não falam assim: Ah, é cinco conto. Você chega com dois reais, você compra um monte de ovo. Porque eles não ligam para dinheiro. Eles não... sei lá... É tipo índio. Quer saber só das plantas deles... Quer ajudar você... Tem uns lá que já estão começando a sair para a cidade e estão mudando. E tem um pessoal lá que você pergunta para um cara assim: Ô, no que que você trabalha? Rodeio. *[risos]* Aí você fala para outro: Pô! Ô, no que você trabalha? Ajudo no rodeio. Aí você pergunta para outro: Ô, no que você trabalha? Monto no rodeio. Tem apenas alguns que trabalham em outras coisas, mas na maioria você não vê trabalho diferente a não ser mexer com animal. Aquela região é animal e planta, animal e planta, animal e planta... Aí você chega em São Paulo, muda tudo. Eu pergunto para o pessoal lá... Cheguei lá, perguntei pra um monte de gente: Ô, você já foi em São Paulo? Ô, você já foi em São Paulo? Ninguém conhece São Paulo. E você fala com o pessoal sobre São Paulo, e todo mundo sabe o que é São Paulo: Nossa! Coisa linda! O pessoal viaja. Eles acham que aqui é bacana, tá ligado? Dizem: Lá tem altas roupa dá hora! Porque o pessoal vê a televisão que só mostra coisa da hora, entendeu? Não é que nem aqui. Você coloca no jornal, está passando notícia ruim daqui. Jornal de São Paulo mostra só notícia ruim. Você vai na roça, não. Eles estão assistindo o quê? Uma novela... Mas o Big Brother eles não assistiam porque era muito tarde, eles já estavam dormindo. Assistem Jogo... Tem alguns lá que são viciados em jogo. Porque lá até as mulheres são viciadas. Nossa! Juro para você, cara! Mulher e homem viciado em futebol é daqueles lados.

E nooosa! As meninas jogam demais. Fiquei bobo mano, quando eu cheguei lá. Os homens de lá marcando jogo contra os caras da escola e as mulheres queriam marcar

jogo contra com as meninas também. As meninas da escola não agüentavam...É bem chique, sabe?

Mas eles acham que São Paulo é uma coisa boa. Porque lá eles não vêem o Tietê. Eles não vêem a Cracolândia. Eles não conhecem a Várzea Paulista de antigamente, antes do PCC chegar. Eles não vêem a cidade dos playboys em Jundiaí, entendeu? O jeito que os playboys andam, drogados e tudo. Se mostrar um playboy, mostra aquele filhinho de papai, de gravatinha, trabalhador... Da Malhação. É isso mais que eles vêem. As notícias ruins que passam na televisão são as de lá. E as notícia ruins de lá: Ah, fulano matou fulano por causa de uma vaca [*risos*]. Não é que nem em São Paulo: Ah! Fulano roubou, não sei, aquele carro! Lá tem uns roubinhos, mas é aqueles roubinhos de ...vaca! [*risos*]

Os que têm mais vontade de vir aqui são os juvenzinhos que tem lá. A molecada mesmo que diz: Quero ir em São Paulo. Ou: Ô, eu vou em São Paulo ainda.

São Paulo é bacana em algumas partes. Você chega em Franco da Rocha. Tem uns bairros lá que você vê que o pessoal tem humildade, sabe? É um pessoal simples, humilde, a gente foi fazer uma entrega, o pessoal conversava ali na rua, não tinha muita droga... Ali sim é um lugar legal de São Paulo, que você vê que não tem muita droga. O pessoal simples, conversa bastante, você chega, você vai entregar uma coisa lá, eles cumprimentam, te dá um café. Você vê a humildade das pessoas. Então São Paulo é bom? Depende. Um lugar é outro não é. Você vai na Cracolândia e vai dizer que é bonito? Você vê o bagulho lá, vê que é sinistro. Se trazer uma pessoa da roça, nem precisa ser de Itapeva, e colocar ali vai querer voltar na hora. Vai falar: Que isso? Onde eu estou? Estou perdido. Ali eles não iam gostar não. Ali você pergunta para um pessoal da Cracolândia: Ô, o que você acha daqui? Vão dizer: Chiiiiique. Da hora. Porque vive ali e não tem dinheiro ou o único dinheiro que tem gasta com crack. Mas tem um pessoal que vive ali e que não usa. Esse pessoal vive ali com medo. Para eles aquilo não é bom. Para mim não é bom. Para ninguém é bom. Agora, o pessoal que está lá e usa, alguns acham que é bom e outros tentam se recuperar. Só que é a vida deles, não tem condição de ir para outro lugar melhor e tem que ficar ali. Por isso São Paulo é boa em algumas partes, cara. São Paulo é dividido. Que nem, se quiser ganhar dinheiro, entra no governo. Ah, é o dilema de São Paulo. Tem o Hulk. Ele é o vereador da Várzea. O Hulk paga bagulho para todo mundo lá. Não droga... comida, esses bagulho, tá ligado? O

cara é humilde mesmo. Foi criado ali e sabe qual é a situação do povo. Ele chega e ajuda o pessoal que tem lá. O pessoal fala: Ah! Você está assim porque você é vereador. Não, mano, o cara está na humildade mesmo. Como ele disse: Não vou dizer que eu não ganho nada. Ele mesmo disse isso: Não vou dizer que eu não tiro minha porcentagem por trás de tudo, mas eu ajudo porque eu sei como é. Chega o Eduardo, o prefeito de lá. É um mala! Ele não é mala, mano, ele anda normal. Ele tem o carrão dele, ele tem o jeito dele, mas é firmeza. É normal, mano. Você fala assim: Ô Hulk, vamos lá em cima tomar uma cerveja? Ele diz: Ô, demorou! E vai com você. Chega um monte de gente, ele não está nem aí. Tudo doido mesmo. Ele é doido. É bem legal, assim. Mas tem uns vereadores lá que já são mais mala. É que nem ele falou: Eu ganho minha porcentagem por trás de tudo. Ele sabe que não vai perder.

Meu sonho é... que nem diz os Racionais¹⁴⁶, o sonho de todo jovem é ser jogador de futebol, né? Quem não quer ser jogador de futebol? Eu acho que nem tanto pelo dinheiro, tá ligado? Mas porque é um bagulho que eu gosto. Queria estar lá na seleção lutando pelo meu país. Só que eu falo: Eu sou brasileiro, mas curto mais os jogadores da Argentina. Eles dão o sangue pelo país deles. Se os argentinos perdem, eles não fazem que nem o brasileiro. Sai na rua desfilando, dando risada. Eles, não. Ficam chorando, mostram mesmo que eles foram para jogar. Firmeza que eles são brutos. Batem e não estão nem vendo. Mas os caras lutam pelo país, tá ligado? Você vê uma reportagem dos caras, no Brasil não vai mostrar bem. Mas você vê a vida dos caras. Sofrida, mano! Maradona, já vi entrevista dele na televisão contando isso. Porque na Argentina é um lugar bem simples, mano, tá ligado? Pelo menos eu imagino assim, pelo que eu vi na reportagem... O Riquelme não gosta de falar com ninguém, porque ele já sofreu. Lá é um lugar sofrido. A maioria dos jogadores conta, tá ligado? E o brasileiro, não. Os brasileiros antes vinham tudo de periferia. Agora, se você tem dinheiro você é jogador. E o Kaká? É jogador por quê? Foi *playboy*. O Robinho. Sofreu, se lascou. É jogador, ficou rico. A mãe morava na favela, seqüestraram a mãe. O cara assim merece uma honra. Ronaldo. Ronaldinho Gaúcho. Sofreu. Os caras de favela. Viviam no bar tocando um pagode. Os caras merecem uma honra. Agora, você chega no KaKá e pergunta: Ô KaKá, o que você fazia da vida? Acordava às cinco horas, ia para escola particular, natação, futebol... Só vivia na mordomia do São Paulo. Aí você

¹⁴⁶ Racionais Mc's – Grupo de Rap formado na zona sul de São Paulo no qual se destaca o compositor de boa parte das letras, Mano Brown.

pergunta para um Pelé da vida. [risos] É que nem o Zeca Pagodinho! Você chega num cantor de hoje, os caras já eram grande. E o Zeca Pagodinho foi tirado da onde? Periferia, cachaceiro maldito. [risos] O cara vivia só na cachaça e agora? O cara é cantor e é humilde. Tem outros cantores aí que, vou falar para você, os caras nunca foram de periferia e é cantor por causa do dinheiro. Zeca Pagodinho nunca teve condição do comprar um instrumento. Só na porta de bar, ali. [risos] Um microfoninho murcho. Agora o cara é grande. Lembrei de antigamente, das reportagens sobre ele, quando falava da vida. Não é à toa que no aniversário dele foi cortar o bolo bêbado. Caiu até um pedaço do bolo no chão [risos]. Você vê, mano, como o cara foi criado. Por isso que eu curto rap. O Racionais diz: Crescer na favela, vai morrer favela, mano. Os caras sempre dizem isso. E é verdade, mano. Quem viveu na favela, nunca sai... Pergunta para o Robinho: Robinho, quando você parar de ser jogador, o que você vai ser? Sabe o que o Robinho falou? Vou cantar pagode. É coisa da favela. Não sai, mano, não tem como. Ele tem até o grupo dele, tudo.

Canta pagode. O nome... Tem até o nome do grupo. Ah, não lembro o nome do grupo. Mas não adianta, mano. É favela, é favela, pronto e acabou. Não tem como mudar, mano. Você chega na casa do Grafite. A casa do cara é humilde. É a mesma coisa da minha casa. Se eu ficar rico, por mais que eu tente, mano, crescer na vida, eu vou ter o quê? Vou ter minha humildade, mano. Ô, 100% os manos da favela. Ô, 100% vida louca. É sempre assim. Por mais que você não queira, mano. Se está dentro de você, nunca mais sai, mano.

Eu queria ser jogador de futebol. É uma coisa que eu sempre quis. Agora, nunca gostei dessas coisas de Internet ... Essas coisas eu nunca gostei. Jogador de futebol e mexer com animal e planta, tá ligado? Bagulho louco, tipo Richard¹⁴⁷. Richard e aqueles caras doidos mesmo que entram na floresta para fazer revolução. Enquanto não acha uns bicho louco... Ah, se eu trombo com um cara desse, eu me dou bem, porque eu vou querer fazer uns bagulho loucos também, pular no mar, ver arraia, ver polvo, ver tudo, até tubarão de perto. Ah, se morrer, foda-se o resto e... a vida é bela, mano. Vida louca 100%. Mas não tem como, né, mano? Ali tem que ter um dinheirinho. O Richard fazia aquilo por quê? Ele sofreu. Para ele, se ele morrer, se ele tivesse vivo, se foda. É aquele

¹⁴⁷ Richard Rasmussen, criador e apresentador do programa Selvagem ao Extremo, que vai ao ar como uma das principais atrações do Domingo Espetacular, exibido pela Rede Record de televisão.

cara que vai na floresta, pega os bichos, tá ligado? Ele faz “Selvagem ao Extremo”, agora. Ele sofreu para caralho! O cara é doido, hein, mano? Teve o outro que morreu. Só que o outro era estrangeiro, ele morreu porque a arraia furou ele. Esqueci o nome dele.

Agora o Richard está quase igual ele. Mais doido. Ele faz as mesmas loucuras, tá ligado? Eu gosto de assistir. “Selvagem ao Extremo”, que agora ele está fazendo na Record. Imagine, mano! Você nunca viu um jacaré. O dia que você ver um jacaré, chegar e pegar na boca do bicho... Enfrentar aqueles bichos, aquelas cobronas gigantes, mano. O cara é doido. Aí, eu queria ser que nem ele, tá ligado? Ou então ser jogador de futebol. Lutar pelo país, pelo time. Fazer gol, Pelé e isso tudo. É chique.

Onde eu morava, era vinte e quatro horas na quadra. Só parava na hora de escola. Saía da escola, quadra. Esquecia até de almoçar, tinha vez. Chegava cinco horas, jantava e saía de novo. Já não ia para a quadra, ia para as festa né...Era a rotina do brasileiro. Não é à toa que a bebida típica do Brasil é a cachaça.

A vida do brasileiro é essa, né, mano? É bem chique. Mas eu também tenho vontade de escrever um livro... Só que eu falava: Não, eu não nasci para escrever livro. Pô, eu não entendo porra nenhuma de português, matemática eu odiava, até hoje eu odeio, tá ligado... Eu queria ser igual ao pessoal da roça, tá ligado? Vida louca, eu e eu, pronto e acabou. Tipo assim, ser uma roça, mas... em São Paulo, entendeu? *[risos]* Não precisava falar “caipora”, tá ligado. Precisava só ser vida louca. Não aquele vida louca que mata. Vida louca diferente. Vida louca tipo suave, aquele vida louca mais de enfrentar os bichos loucos... Como o rodeio. Imagine montar num touro. Nooossa! O bagulho é louco! Da hora! Eu gosto. Eu fui no rodeio. Só que aí que entra, né? Sempre tem uns caras que eu gosto de ouvir. O Richard, nas entrevistas que eu vi dele, eu vi ele dizer ele não gosta de pessoas que judiam dos animais, entendeu? Que nem, você vai num rodeio, e os caras judiam, mano. Imagine você ser apertado, os caras puxam a corda. Eu tenho raiva disso. Mas eu acho da hora, um bichão gigante ali, você em cima dele. Lá em Itapeva eles gostam. Eles gostam, eles falam: Não, rodeio é bom. Nossa, mano, judiar dos bichos cara, maior chato. Os cavalos, os bichos pulando de dor, mano. É a mesma coisa que você chegar numa favela e ver um cara apanhando. Ô! Você vê na cara do bicho, mano. O bicho fica ali atordoado. Eu não gosto disso, mas eu acho da hora porque é um bagulho louco, né? Imagine, você enfrentar um jacaré de seis metros.

A boca do bicho... Não precisa judiar dele, só fazer que nem os caras, laçar, mexer com ele, tudo, e depois solta. Bagulho louco... Touro. Você sai correndo... Aquele bagulho é da hora! O bagulho vermelho, o toureiro.

Fevereiro é a última etapa do curso. Eu posso terminar mais depois, porque é a última etapa, tem outras coisas que tem que resolver. Pode demorar um tempo a mais. Mas, até julho, a gente está de volta, sim. Eu acho, né? Se Deus quiser, até lá nós termina.

Mais para frente eu queria fazer alguma coisa ambiental. Eu falo para a minha professora: Se eu não for jogador de futebol, eu quero fazer ambiental, escrever um livro desses bagulhos todos que eu já vi. Não fazer um livro para vender. Para mim, para deixar em casa, para falar: Nossa! Isso aqui eu lembro, ó. Como da vez que a gente foi no rodeio... Altos bagulhos loucos. Eu falei: Nossa, mano! Isso aqui ó, todo mundo vestido desse jeito tal, e só eu de rap, com a roupa de rap, diferentes dos outros. Tipo assim, tá ligado? Você vê a diferença do lugar. Conheci o pessoal lá do Rio Grande do Sul. Em pleno frio, os caras de blusa, mano! Viajar, assim, mesmo. Fazer uns bagulhos pra mim.

Sabe o que eu acho da hora? Que eu não esqueço, tá ligado? Não esqueço de nada. Não esqueço da Várzea, de lugar nenhum que eu vou. Eu lembro de tudo o que acontece. Se eu vou para Curitiba. Os moleque falam: Ô! Lá em Curitiba, o que que aconteceu? Eu falo tudo: Lá nós zoou, tal, jogamos snooker, ficamos nos bagulho, nas casas dos padre, sei lá como é que chama aquilo lá, de missionário. Fomos para a plenária, tivemos estudos, falou isso, aquilo... Eu não esqueço, entendeu? Só que na hora de escrever no papel, eu sei lá, eu tenho vergonha de escrever. É difícil, né? Eu já falei e vou ver se eu consigo escrever. Porque é da hora. É chique, mesmo, você lembrar das coisas, assim, nos mínimos detalhes. Por mais que você não lembre de tudo, mas o básico, você viaja. Por exemplo lembrar da época que eu queria bater no Tripa. Hoje o cara é meu amigo, onde nós vai zoa. E eu queria bater nele. Pergunta até para ele, se você quiser. Vai lá em Curitiba e pergunta para os caras. Fala para o Foguinho se ele não comeu dez pães. Você está ligado que está falando uma coisa verdade, uma coisa real. Não é como você chegar e contar uma história. Como sentar com o pessoal da roça e falar de Lampião. O pessoal conhece tudo de Lampião. Mas o pessoal nunca viveu, tá ligado? Aí você pergunta: Mas, como você sabe? Aí: Não, é que meu vô, meu tataravô

conta, sabe? Aí você fala: Pô, em São Paulo é diferente, ninguém lembra e nem conta mais nada.

Robério (Tripa)

Robério, ou Tripa, como prefere ser chamado, chegou ao acampamento Camilo Torres acompanhado de sua mãe Dona Raimunda, quando, depois do despejo da fazenda São Luiz¹⁴⁸, as famílias se encontravam recuadas, ou seja, provisoriamente acomodadas junto ao acampamento Irmã Alberta, no bairro de Perus, em São Paulo. Nós nos conhecemos nas muitas noites de fogueira e rap que agrupavam principalmente os jovens do recém constituído acampamento. Tripa sempre foi muito atuante e participava de muitas atividades do movimento, como os encontros do setor de educação promovidos pela Regional Grande São Paulo e o bloco carnavalesco “Unidos da Lona Preta”. A dificuldade em entrevistá-lo residia no fato de que o início desse projeto de pesquisa coincidiu com o período em que nosso colaborador se afastou do assentamento para buscar emprego na cidade. Encontrávamo-nos eventualmente durante seus breves retornos para a área, sempre de forma rápida e com tempo insuficiente para a realização das conversas e da gravação em si. Marcamos a entrevista algumas vezes porque ele sempre mostrava vontade de ficar no assentamento e de colaborar com este trabalho. Reencontramo-nos e por fim realizamos a entrevista em julho de 2009. Nessa ocasião, Tripa estava no assentamento D. Pedro Casaldáliga ajudando seu irmão Robistain, que agora é assentado, com as primeiras obras para a construção de sua moradia. Além disso, estava separado de sua mulher e dos dois filhos que permaneceram na periferia de São Paulo. Diversas questões o impedem de permanecer definitivamente no projeto da Comuna Terra Dom Pedro Casaldáliga, sobretudo a necessidade de trabalho assalariado que lhe permita contribuir financeiramente com a criação de seus dois filhos. Entrevista realizada em julho de 2009.

¹⁴⁸ A primeira ocupação do acampamento Camilo Torres se realizou na propriedade denominada Fazenda Mian em abril de 2004. Com a chegada da ordem de reintegração de posse depois de algumas semanas, as famílias se transferiram para a área que viria a ser definitiva em meados de 2006: A Fazenda São Luiz. Após uma ação extremamente violenta de despejo executada pela polícia militar do Estado de São Paulo, os integrantes do Camilo Torres recuaram provisoriamente para o local onde se encontra o hoje assentamento Irmã Alberta, no bairro de Perus, São Paulo. Dessa base de recuo é que partiam para atos como ocupações relâmpagos (de no máximo 3 dias), até que houve a reocupação e compra da fazenda por parte do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

“Depois que a gente entrou no movimento, teve um ponto de vista só. A gente só teve um objetivo: conquistar. Esquecer o passado, tocar para frente e conquistar o que a gente quer.”

Primeiramente deixa eu me apresentar. Meu nome é Robério Soares do Nascimento, o Tripa, como eu sou mais conhecido. Tenho 22 anos e quatro anos de movimento, mas conforme umas dificuldades que aconteceram na minha vida e da minha esposa, eu tive que, infelizmente, vender minha mão-de-obra, minha força de trabalho. A dificuldade bateu forte na minha porta. Mas ainda estou aí, na luta, estou com meu irmão, mas também trabalhando fora, infelizmente.

Eu sou cearense. Nasci no Ceará e com uns 2 anos de idade eu vim para São Paulo e minha mãe ficou lá. Ficou lá no Ceará e eu vim pra São Paulo com minha irmã. O meu irmão Robistaine ficou com ela lá no Ceará. Eu vim para São Paulo e com 7 anos eu voltei lá para o Ceará. Conheci minha mãe de novo. Nisso eu me matriculava lá no Ceará e vinha para cá, para São Paulo de novo. Me matriculava aqui em São Paulo e ia para o Ceará. Fui perdendo meus estudos que infelizmente, ficaram para trás. Quando eu cheguei para ficar mesmo em São Paulo eu tinha 11 anos de idade.

Vim com a minha mãe e a gente veio para ficar mesmo dessa vez. Sempre eu e minha mãe. Nesse tempo eu acho que não pagava a passagem do ônibus e minha mãe aproveitava, vinha para cá, ia para lá. O emprego da minha mãe, por muito tempo, mais de 30 anos da vida, foi vender churrasco na praça lá do Ceará, na Praça Coração de Jesus. Ela era bem conhecida lá e tinha bastante cliente, então tinha condições de viajar assim. Quando a gente chegou aqui em São Paulo, eu me matriculei na escola e passei uns dois anos estudando. Depois fui andando com as más influências por conta das dificuldades da vida mesmo, por mais que eu tivesse tudo na mão, não trabalhava, nem nada. Tinha tudo da família. Mas então o que aconteceu? Eu entrei por lado mais errado da vida. Fui nessa vida ruim.... Uma vida que você... sei lá, não tem gosto de viver. Você tem alegria momentânea, mas alegria permanente você não tem. É tirar de quem não tem, é usar droga, essas coisa assim, entendeu? Estragou a maior parte da minha vida. Teve uma época que aconteceu um problema lá na onde eu morava, que foi a

entrega¹⁴⁹ de uma boca de fumo. Pensaram que tinha sido eu e falaram que iam me matar. O que eu fiz? Eu achei melhor sair dali, porque senão o negócio ia esquentar para o meu lado. Eu já estava com 16 anos de idade e já estava meio louco com aquela vida. Então saí dali, passei quase um ano dormindo na casa da minha tia, da minha irmã, indo para a casa de recuperação. Ia para esse, ia para aquele lugar, ia para clínica, ia para um monte de lugar. Só lugar que o pessoal não gosta da gente. Eles querem te tratar para te jogar de novo na rua.

Na verdade, eu não estava me recuperando. Estava lá porque eu não tinha onde morar. Eu não podia voltar para minha casa que era na casa da minha avó, porque senão os caras iam querer tirar a minha vida. Então eu dormia de um lado para outro e minha mãe foi sofrendo vendo meu sofrimento. Eu ligava sempre, infelizmente tirando dos outros. Eu tirava dos outros e conseguia ligar. É o jeito de viver na rua, sem ninguém. Minha mãe preocupada chegou para mim e falou: Robério, a gente vai viajar. E eu falei: Vamos mãe, mas para onde que a gente vai? Ela então falou que a gente ia para algum lugar, mas também não sabia para onde. Aí a gente conheceu os sem-teto, o movimento sem-teto¹⁵⁰, só que estava muito próximo de onde eu morava, no Jardim São Luís¹⁵¹, na zona sul.

Isso já faz muito tempo. Era MTST mesmo. O que aconteceu? A gente foi mas o choque¹⁵² tirou a gente de lá. Nisso eu já comecei a ficar esperto com esse negócio de polícia. Não queria nem saber, já saía correndo de perto e tirava minha mãe para não ter problema. Depois disso, minha mãe queria ir para o Ceará. Eu falei: Aceito mãe, para sair desse inferno aqui eu vou para onde a senhora quiser, para qualquer lugar. Então a gente conheceu o Júlio. O marido da minha prima conheceu um rapaz chamado Júlio, aqui do movimento. Ele fazia trabalho de base, de frente de massa. Ele conversou com a minha mãe e ela gostou. Nesse tempo eu usava muita maconha. Sempre só usei maconha, mas usava muito mesmo. Ele falou que no movimento não podia usar droga, que se eu gostasse de jogar bola podia jogar lá, que a gente não ia passar fome, que não ia precisar muito de dinheiro. E que lá o pessoal ia me tratar como uma pessoa, não

¹⁴⁹ Delação.

¹⁵⁰ MTST – Movimento de Trabalhadores Sem Teto – Movimento urbano que mobiliza trabalhadores da cidade na luta por moradia. Promove ocupações de áreas na periferia de São Paulo, de prédios desocupados na região central da capital, atuando também na região metropolitana.

¹⁵¹ Zona sul, próximo ao bairro Capão Redondo.

¹⁵² Tropa de choque da Polícia Militar do Estado de São Paulo, responsável por executar mandatos de reintegração de posse.

como aqui na rua em que as pessoas te tratam como cachorro, como mendigo. Lá eu ia ser tratado como uma pessoa, porque ele disse que eu tinha cara de vencedor, mano. Falou desse jeito comigo. Eu, moleque, já senti aquele negócio e viemos. Nós fomos lá para o Irmã Alberta¹⁵³, porque eles já tinham ocupado a Mian¹⁵⁴. E já tinham sido despejados daqui da São Luiz¹⁵⁵. Ocuparam e depois foram lá para o Irmã Alberta depois do despejo. Foi nessa época que eu fui.

Teve uma ocupação de três dias aqui na São Luiz¹⁵⁶. A gente veio nessa ocupação de três dias... Quando eu cheguei aqui, senti que era um lugar ótimo, maravilhoso, o melhor lugar. Falei para minha mãe: Daqui eu não saio, daqui ninguém me tira. Já quando eu cheguei no Irmã Alberta tinha falado para a minha mãe: Eu juro para a senhora que eu não saio daqui. Se a senhora quiser ir para outro lugar, pode voltar e ficar tranqüila. Porque depois que eu vi que o pessoal me tratava do jeito que o rapaz tinha falado, eu me senti uma pessoa livre. Uma pessoa, sabe? Aí, firmeza, fui para essa ocupação de três dias aqui na São Luiz. Daqui eu voltei lá para a casa da minha irmã. Aí nisso, comecei tudo de novo.

A casa da minha irmã ficava no Jardim Comercial¹⁵⁷. O que é que aconteceu? Eu fui para lá e tropecei de novo na vida. Comecei a tirar dos outros de novo. Minha irmã falou: Ó, ou você pára com isso ou você vai embora da minha casa. Eu fui embora da casa dela, e vim para cá de novo. Quando cheguei no Irmã Alberta minha mãe já estava com tudo arrumado para poder ir embora daqui do movimento. Ela já tinha desistido e

¹⁵³ Assentamento que também integra a Regional Grande São Paulo do MST e fica localizado no bairro de Perus na capital paulista.

¹⁵⁴ Primeira ocupação com as famílias que constituíram o acampamento Camilo Torres. A ação realizou-se em conjunto com o acampamento Dom Pedro Casaldáliga e com integrantes de outros acampamentos e assentamentos da Regional Grande São Paulo do MST como o Irmã Alberta e Dom Tomás Balduino. Posteriormente, depois de muitas ocupações e alta rotatividade famílias, os dois acampamentos iniciais formam hoje a Comuna da Terra Dom Pedro Casaldáliga. A sede da antiga fazenda São Luiz pretende ser transformada em centro de convivência que receberá o nome de Camilo Torres, mantendo a primeira homenagem prestada ao padre e integrante do Exército de Libertação Nacional (ELN) colombiano, morto em combate contra o exército colombiano em 1966.

¹⁵⁵ Fazenda São Luiz era o antigo nome da área ocupada pelo acampamento Camilo Torres e Dom Pedro Casaldáliga depois que eles saíram da Fazenda Mian, na mesma região de Cajamar. Na fazenda São Luiz, ocorreu um despejo violento executado pela cavalaria da polícia militar que obrigou as famílias do acampamento a se acomodarem provisoriamente na área do acampamento Irmã Alberta, em Perus. A Fazenda foi vistoriada para fins de Reforma Agrária, negociada e adquirida pelo INCRA em 2007 e hoje oficialmente se chama PDS – Projeto de Desenvolvimento Sustentável – São Luiz.

¹⁵⁶ Após a reintegração de posse executada pela polícia militar, as famílias ficaram provisoriamente junto ao acampamento Irmã Alberta e de lá partiram para uma ocupação relâmpago de apenas 3 dias cujo objetivo era reafirmar o interesse pela área e pressionar o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) a realizar a vistoria e atestar a improdutividade da Fazenda e, conseqüentemente, sua função social garantida prevista na Constituição.

¹⁵⁷ Bairro da zona sul também próximo ao Capão Redondo.

arrumado as coisas para poder ir embora. Minha mãe arrumada para ir embora e eu falei: Mãe, a senhora vai embora? Aí ela: Lógico, vou ficar aqui sofrendo sozinha, sem você me ajudar, nem nada? Eu falei: Não mãe, agora é verdade, eu vim para mudar mesmo, eu juro, eu prometo para a senhora que eu não vou fazer mais nada de errado, eu vou te ouvir mesmo. Ela: Tá bom, então vamos ver se é verdade. Ela desarrumou as coisas e colocou tudo no barraco de novo. Ficamos vivendo lá até que a gente voltou de vez para cá, na São Luiz. Eu fui em uma atividade em Brasília, que foi o Congresso Nacional do MST. Lá eu conheci a Shirlei¹⁵⁸ e a gente começou a namorar. Nisso o tempo vai, tempo vai, tempo vai, e... nós tivemos o Isaac.¹⁵⁹

O Robistaine veio morar com a gente para poder passar o cadastro para o nome dele. Minha mãe não podia ter o cadastro no nome dela porque ela é aposentada por invalidez. Ela não queria colocar no meu nome, porque eu tinha apenas 18 anos. Eu era de maior já, mas tinha só 18 anos. Agora eu tenho 22.

Passamos um tempo, mas as dificuldades aqui estavam demais. O Robistaine e a Shirlei não se davam. A alegria da casa era o Isaac. O Isaac ia para a creche, ficava um inferno. Eu cheguei numa reunião de coordenação, troquei umas idéias com eles, e falei que precisava de um lote. Sabia que tinha lote sobrando, de gente que tinha saído, e precisava de um porque senão eu e o Robistaine a gente ia acabar se esborrachando no chão. Eu falei brincando, mas já para dar um alerta, porque isso estava para acontecer mesmo. Falei com o pessoal, todo mundo concordou e peguei o terreno. Mas as dificuldades foram aumentando.

A Shirlei engravidou do meu outro filho e arrumei um serviço de três meses na cidade. A Shirlei passou uns dois meses também comigo... Fiz o serviço e quando eu voltei para cá o pessoal não queria me dar a cesta básica¹⁶⁰. Aí eu fiquei bem chateado, fiquei bastante chateado com isso. Os moleques pedindo comida, e ninguém queria dar a cesta, falavam que eu estava devendo três cestas, sendo que eu só estava devendo duas.

¹⁵⁸ Esposa do Robério.

¹⁵⁹ Primeiro filho do casal.

¹⁶⁰ As cestas distribuídas pelo movimento para as famílias exige uma contribuição pequena relativa ao transporte dos alimentos até o assentamento. Decorrem disso alguns conflitos internos quanto ao não pagamento dessa contribuição, o que resulta em ônus para os outros assentados.

O pessoal enchendo o saco por causa disso. Viemos aqui para casa do Robistaine e nesse tempo ainda eu estava com o barraco. Só que o pessoal não estava querendo dar a cesta sem eu dar o dinheiro. E a dificuldade apertando. Eu estava metendo fralda de pano nas crianças para não ter muito problema com isso. Passa o tempo e os moleques pedindo comida, carne, e eu sem trabalhar fora. O pessoal não queria que eu trabalhasse, eu estava sem um serviço bom que desse dinheiro. Só bico para pagar a cesta. Então saí para trabalhar e levei Shirlei comigo.

A gente foi lá pro Jardim Damasceno¹⁶¹, morar do lado da casa da irmã dela, que é o mesmo terreno, só que ela deu para nós.

Da primeira vez que eu fui estava só trabalhando. Trabalhava e ia para casa da minha irmã. A Shirlei ficava aqui, no assentamento. Ela ficou aqui um mês sozinha e começou a escutar uns barulhos diferentes... Ela ficou assustada e foi lá ficar lá comigo e com a minha irmã no Capão Rendondo, Jardim Comercial.

Depois quando a gente foi morar lá no Jardim Damasceno, eu arrumei um serviço e estava dando assistência. Aí o segundo filho nasceu e não sei o que aconteceu. A gente ficou meio paranóico, brigava por qualquer coisa. Quando o casal chega nesses tempos, então qualquer coisa vira motivo de briga. Eu tentava fazer o máximo, né? Eu sei que eu dei umas mancadas brabas mesmo. Ela me pegava bem louco de droga às vezes...

Os problemas estavam tão grandes que eu acabava fumando para sair da realidade e ficar só naquela coisa. Para esquecer o mundo e ficar só naquilo, entende? Era por isso que eu fumava. Então quando eu parei, ela falou que não estava dando certo. Ela falava até que eu não estava querendo trabalhar, porque eu comecei a estudar. Eu dei uma mancada porque eu falei sem querer para a mulher que me entrevistava para um emprego que eu estava estudando à noite. A mulher falou que então eu não servia. Era pra trabalhar no Habbib's de balconista. Só no final de semana, mas quebrava um galho. Sexta, sábado e domingo só, mas que quebrava um galho. Aí eu peguei e falei: puta, mano, eu já estou estudando à noite, vai ficar meio ruim... Tipo, pensei alto, sem querer, mas eu ia aceitar o trampo. A mulher falou: Ah não, então deixa, você não serve. E passou a caneta assim.

¹⁶¹ Bairro periférico entre a zona oeste e norte de São Paulo.

Eu tinha voltado para a escola estudar lá no CÉU Brasília¹⁶². Eu comecei a estudar lá e queria arrumar esse trampo lá perto no Terminal Cachoeirinha, ali no Habbib's. Aí não deu certo. Arrumei um outro... Trampo de construção nervoso mesmo e comecei a trabalhar. Mas nisso eu já tinha separado dela. Só que não estava tão difícil, porque eu estava vendo meus filhos, eu estava indo de boa lá. Só que eu tive que voltar para a casa da minha irmã e fiquei sem trabalhar. Aí, sei lá, apertou os bagulhos, eu não conseguia trampo, não conseguia nada. Só ficava dentro de casa, enfiado, estava começando a ficar branco mesmo, pálido. Não dava para ir ver os moleques, não levava dinheiro. Ah não, do que jeito que estava, o bagulho ia me matar, velho. Fiquei pensando que era por causa dos moleques, fazendo uma falta da bexiga mesmo, quase morrendo. Todo dia sonhando... Aí eu falei: Não, isso aí vai me matar. Nesse dia eu levantei e fui cedinho lá para uma mata que tem lá no Parque Santo Dias, na COHAB. Entrei lá para dentro da mata e fiquei andando para lá e para cá, jogava bola, e andava para lá e para cá. E aquele bagulho me falando: mano, vai procurar um serviço, cara, porque você está ruim. Aí eu falei: Tá bom, vou procurar um trampo. Depois disso eu arrumei um trampo, comecei a ajudar a Shirlei e vim para cá morar com o Robistaine. Eu saí do trampo para poder vir para cá, porque o Robistaine estava precisando de ajuda aqui. Eu dei uma assistência, mas depois ele me falou que só ia poder pagar esse negócio da mão-de-obra com o dinheiro do fomento¹⁶³. Então ia demorar demais. Ele falou que não ia demorar, que era só terminar e pegar o dinheiro. Mas eu tenho que receber por semana porque tenho que dar uma assistência para os meus moleques. E tenho que ver eles, se não eu não agüento nem trabalhar. Então o Kennedy veio, me deu um toque desse trampo onde estou trabalhando até hoje, graças a Deus.

Estou trabalhando lá na Lapa. E dormindo lá na casa do Kennedy¹⁶⁴, no Irmã Alberta. A gente trabalha mais por empreitada¹⁶⁵. Mas nossa diária lá é R\$ 35,00.

¹⁶² CÉU - Centro Educacional Unificado. Projeto implementado em diversas regiões, principalmente da periferia de São Paulo que busca centralizar no mesmo espaço atividades educacionais, artísticas e de lazer intencionando promover o acesso da população mais pobre da cidade a esses serviços.

¹⁶³ Crédito concedido via INCRA para os assentados para a compra de equipamentos para o trabalho, animais, alimentos, etc. No caso trata-se do crédito moradia que será revertido para a construção das casas de alvenaria.

¹⁶⁴ Kennedy é amigo de nossos colaboradores e participou do grupo de RAP "Rebeldes do Campo". Sua mãe mudou-se do assentamento Irmã Alberta no bairro de Perus e muito próximo da cidade para o assentamento Dom Pedro Casaldáliga que fica no município de Cajamar e é bem mais distante da cidade. Ele não quis acompanhá-la e mora sozinho. Um dos motivos é a questão do trabalho. Nossos colaboradores Jonas e Robério (Tripa) são os que mais trabalham fora do assentamento e a casa de Kennedy se transformou em uma espécie de dormitório coletivo desses jovens que precisam trabalhar na cidade.

Recebo por semana. Só que como a gente paga a nossa condução, sai R\$ 28,00 o dia. É R\$ 8,00 reais de condução por dia, né? Rango nós leva também.

Mas na empreitada dá para tirar um dinheiro porque você fala o preço da diária, calcula quantos dias vai gastar para fazer e cobra um tanto. Aí você acaba num dia. Você se arrebenta lá e acaba num dia. Você ganhou tudo o que falou. E já vem de uma vez.

O dinheiro é para ajudar a Shirlei. Teve um tempo atrás que eu comprei até uns bagulhos para ela. Ela ficou falando que não precisava, porque ela não precisava de mim. Eu falei que o cabelo dela é lindo, por isso eu comprei xampu, uns bagulhos para ela dá hora. Disse que o cabelo dela é uma coisa que eu não queria que ela perdesse nunca, porque é muito lindo. Seus cabelos, seus dentes. Ela falou que não precisava e eu disse para ela não esquentar, porque eu sabia que ela ainda gosta de mim. Só para dar uma desbaratinada, quebrar aquele clima de tensão...

Eu gosto dela, né mano. É a mãe dos meus filhos, não tem jeito. Já tentei não gostar, mas não tem jeito. No meu ponto de vista, se fosse pelo meu querer a gente voltava. Mas só que, tipo assim, não iam ter regras. Iam ter regras para os moleques, mas para nós não. As únicas regras tinham que ser: Isaac, não faz isso. Se ela não gostar de alguma coisa, ela tem que chegar em mim depois e falar. Mas chegar na frente dos moleques e falar é uma das coisas que eu não quero. E isso é a mesma coisa para mim. Não vou chegar e brigar na frente do Isaac. Sei lá, eu acho que tem sim, cara.

Porque eu vou falar a verdade para você: eu já fiz muita coisa ruim, cara. Muita mesmo. Só que uma coisa que eu nunca toquei, e nunca gostei de quem tocasse é em criança, véio. Sempre, mano. E eu sempre me dei bem com criança. Não sei se é porque eu cresci no meio dos meus sobrinhos. Não sei é porque também eu estraguei a minha infância todinha, minha adolescência dos 10 até os 16, 17 anos. Estraguei né? Então sei lá mano, nasce uma criança, ainda mais essa que é meu filho, cara! Imagina! Ficava meio, sei lá... Qualquer coisa é ele. Coloco eles em primeiro lugar, na frente de tudo. Fora Deus. Deus é em primeiro lugar, mas aqui na Terra em primeiro lugar, felizmente agora são meus filhos... Felizmente, porque antigamente era a minha mãe. Minha mãe

¹⁶⁵ Pagamento pela obra e não por dias de serviço.

casou¹⁶⁶, então ela desceu um pouco, né? Então agora são meus filhos. Uma das únicas razões da minha vida: Deus e eles.

Voltar para cá de vez teria que ser com eles, senão não ia ter diferença nenhuma, a vida ia ser a mesma. Eu já estava acostumado com eles. Ficava brincando quando eu não estava trabalhando. Ficava zoando com o Izaac e aí você sente que ele desacostuma. Ele está até ficando com vergonha quando está perto de mim. Uma história que a Shirlei falou porque eu não estava na reunião dele na escola foi uma que uma psicóloga que mexe com uns negócios de criança fez uma reuniãozinha com elas e perguntava: Onde que faz xixi? Aí o Isaac levantava a mão assim, ó: No banheiro! Onde a gente dorme? Aí o Isaac levantava a mão: na cama! Tá ligado, uma criança que, puta, mano! Você é louco, véio! Daí a professora ou a psicóloga chamou a Shirlei para trocar uma idéia e falar que nosso filho é muito inteligente, que ele tem uma esperteza e que falou com elas como se ali só tivesse criança e ele fosse o mais velho. Tem criança de três anos lá que não fala direito.

Eu queria que eles crescessem aqui no movimento pela minha convivência na rua. Eu cresci na rua, não largado, mas sem nenhuma preocupação. O que eu quisesse eu tinha, não precisava trabalhar, o que eu quisesse fazer eu fazia. Minha mãe se preocupava comigo, mas ela liberava. Eu ia para qualquer lugar, na hora que quisesse, com quem quisesse. Então, eu queria que meus filhos crescessem aqui, primeiro porque aqui não ia ter tanto desse pessoal que vem chamar para sair, para ir para a quebrada, para o rolê. Aqui tem a criançada que está crescendo no mesmo sentido, está tendo o mesmo ponto de vista que ele. Então eles vão chamar para fazer o que nós faz aqui. Tipo eu e o Jonas, o Kennedy, o Maninho. Igual toda a molecada daqui. Depois que a gente entrou no movimento, teve um ponto de vista só. A gente só teve um objetivo: conquistar. Esquecer o passado, tocar para frente e conquistar o que a gente quer. Então é assim que eu queria que o meu filho crescesse. Estudando na creche e tudo. Quando tivesse escola dentro do assentamento aqui, colocar ele na escola daqui para ele seguir a linha política do movimento.

Porque aqui foi onde mudou a minha vida, cara. Nossa, véio! Aqui eu me transformei, eu senti o antigo Robério entrar dentro daquele ônibus e ir embora. Na hora que eu desci, que coloquei o pé no chão, eu coloquei minha mãe no chão também e

¹⁶⁶ Dona Raimunda se casou com outro assentado do Dom Pedro Casaldáliga, seu Elias.

falei: Mãe, pode esquecer, aqui é nosso lugar, vixi! Ninguém me tira daqui, só se Deus quiser. E ela falou: Tá bom, então vamos ver. Então eu subi lá para o campo para ver os moleques jogando bola e já comecei a jogar um futebol também com o pessoal. Quando eu voltei para casa minha mãe não estava. Foi o primeiro dia que eu cheguei e eu já dormi sozinho.

O Júlio chegou e trocou uma idéia comigo dizendo que minha mãe foi para onde a gente morava passar uns dois dias, para pegar um dinheiro com a família e poder trazer alguma coisa para a gente, porque nós estava sem nada. Beleza. Minha mãe foi lá, arrumou um dinheiro, comprou umas roupas para nós, comprou um colchão de casal para a gente dormir... Eu fiz uma cama para dormir eu e ela, para você vê como a gente era. A gente dormia junto, era corpo-a-corpo mesmo, sabe, mesma coberta. Era carne e unha. Depois que eu arrumei a Shirlei para casar, e ela arrumou o marido dela para casar, estragou tudo, a amizade entre eu e ela. Mas isso eu sabia que um dia isso ia acontecer com certeza. Sempre uma coisa que eu quis foi um filho. Eu sempre quis um filho. E Deus me deu esse pedido aqui dentro. Imagina se tivesse sido lá fora, não é verdade? E lá também aconteceu uma coisa... Eu tinha uma namorada lá que eu acho que tirou um filho meu. Eu acho, não tenho muita certeza, não. Eu estou falando mas eu não sei se era meu. [risos] Bem capaz que não.

Eu já estou aqui morando com o Robistain, minhas coisas estão aqui. Só que eu estou passando uns dias no Kennedy, que é mais perto do trabalho, menos condução. Imagina! R\$ 10,00 de condução por dia quebra as pernas. Quando saí, perdi o direito ao meu pedaço de terra que eu lutei tanto para ter. Mas infelizmente a dificuldade me tirou. Então eu estou morando aqui com meu irmão, estou me arrumando para ficar com ele aí até... Não sei até quando, eu acho que até o final da vida. Se Deus quiser, se tudo der certo entre eu e minha mulher, que agora é minha ex-mulher, a gente volta com a nossa família de novo. Vou tentar fazer um barraco longe da casa do Robistaine¹⁶⁷ assim no mesmo lote se tiver condições disso mais para frente. Vou ajudar ele trabalhando no lote, trabalhando fora, sei lá, qualquer coisa assim. Dando uma força para ele. Se Deus quisesse, isso podia acontecer e eu voltaria a ficar aqui fixo mesmo, no Dom Pedro.

¹⁶⁷ Irmão mais velho do Robério que ficou no acampamento e agora é assentado.

Queria que a Shirlei voltasse mas eu não tenho muita certeza se ela vem. Ela não gosta daqui. Eu acho que foi mais isso que motivou ela se separar de mim ou eu me separar dela, sei lá...

Meu sonho sempre foi ficar aqui. Depois que eu entrei aqui minha vida se transformou, sou outra pessoa. Mas vieram muitas dificuldades para o meu lado. Veio o Isaac, depois veio o Israel, um pedia carne, a Shirlei pedia fruta para poder repor as energias dela, as vitaminas. A pessoa acaba ficando com a cabeça meio louca. Eu fui para a cidade para arrumar um serviço, passar um tempo. Aí fiz isso, né? Fui para lá, trabalhei, e voltei para cá.

Quando eu voltei para a cidade foi um bagulho meio estranho, porque aqui no movimento você anda do jeito que você quer, à vontade, sujo, com o cabelo bagunçado ou o cabelo grande. É nesse estilo que você anda aqui dentro. Agora, você chega lá não. Você só vê o pessoal de tênis e calça, umas bermudinha bonita, com bonezinho, todo bonitinho, cheirosinho... Aí você acha estranho, sei lá... Aqui sinto cheiro de fumaça de lenha, cheiro de mato, cheiro puro, sem poluição nenhuma. Chega na cidade, nós já começa a respirar diferente, até acostumar.

Fico pensando que se o Isaac crescesse aqui, qual seria o pensamento dele se ele ia querer ficar no movimento ou ia dizer: Pô mano, já morei minha vida todinha aqui, cara. Eu conheci um pessoal lá onde a gente morou que falou isso, se eu já pensei que o Isaac podia chegar para mim e falar: Pai, você é doido, estamos há 12 anos, 18 anos, 22 anos sei lá, morando aqui. Imagina ele falando: Não é muito bom não, vou trabalhar um pouco na cidade, arrumar uma casa, uma mulher para mim... Já pensou? Nossa...é embaçado. Pô, criei o moleque, está aí, de pé, andando, correndo, trabalhando, e quer sair, mano?

E geralmente quem quer sair é pelo bagulho de *ter*, tá ligado? Para ter um tênis de marca. A juventude quer saber do quê? Quer saber de beijar, não é verdade? É namorar, é tomar uma cervejinha, comprar uma roupa da hora. Não sei se você já viu um teatro que o cara fala para uma mulher assim: Eu quero comer aquela mina. Aí ela fala: Ah, mas para comer aquela mina você tem que ter dinheiro, para ter dinheiro você tem que trabalhar, para trabalhar você tem que ter estudo. Vixi! Entende? Foi um bagulho assim. Tipo, se ele tiver dinheiro, ele vai ter a mina que ele quer, entendeu? É nesse sentido... Se eu tiver um tênis, uma calça e uma camiseta dessa marca, aquela

menina vai ficar comigo. Ele vai querer para poder ficar com aquela mina. Aí ele vê que para ter aquela outra ali, tem que ter isso, isso e isso dessa outra marca. Ele vai ter que ter para poder ter a outra menina. Meu pensamento é esse, cara. Porque ó, pode ver, quando eu estava aqui, lascado, eu não tinha um tênis bom, não tinha uma calça boa... Eu tinha uma, mas meia zoadinha de barro até umas horas mesmo [risos]. Agora não, se eu estou morando lá, não piso muito no barro, comprei um tênis, comprei uma calça, comprei uns bagulhos para os moleques. Eles lá também não moram no barro então comprei um tênis e um sapatinho para eles, calça, uma blusinha. Para poder já crescer tendo alguma coisa senão vai querer ter de outro jeito.

Para mim, a vida deu com uma mão e tirou com a outra. A vida, a rua, o mundo ensinou desse jeito. Pelo menos para mim ele ensinou desse jeito. Ele fala assim: ó, você pega aquele, aquele, aquele, é tudo seu. Mas por enquanto porque daqui a pouco o mundo vai lá e pega volta. Porque é assim. Eu gosto muito de *Rap*, eu sou um *rapper* roxo mesmo. Então, como os Racionais¹⁶⁸ mesmo falam: vem fácil, vai fácil. E vai muito fácil mesmo. Aquela idéia de “Viver pouco como um rei ou muito como um Zé”,¹⁶⁹.

Aqui dentro do movimento você tem as duas coisas, véio. Você vive como um rei, e muito. Porque a pessoa está trabalhando no lote, a pessoa tem casa. E casa bonita, não é verdade? Vai vir o projeto de casa¹⁷⁰. Você está tendo uma vida de rei, você está, graça a Deus, conquistando com sua força de vontade. Lutando. Lá fora você não vai ter isso. E aqui o meu negócio sempre foi a Unidos da Lona Preta.¹⁷¹ A primeira atividade mesmo. Assim que eu cheguei, conheci o Geraldo¹⁷². Que Deus tenha ele. Então ele passava lá em casa, porque eu fumava – fumava não, fumo – e dizia: Ô, compadre! Aí eu: Quem que é esse cara aí? Vou ver quem é. Daí o seu Geraldo: Aê moleque, quem é

¹⁶⁸ Racionais Mc's, um dos grupos de rap mais famoso entre os jovens e que surgiram na periferia de São Paulo, mais especificamente no Capão Redondo.

¹⁶⁹ Trecho de uma música dos Racionais Mc's que se chama “Vida Loka –parte 2”. “Tempo pra pensá, qué pará, que cê qué? Viver pouco como um rei, ou então muito, como um Zé.”

¹⁷⁰ O projeto de moradia para os assentados foi elaborado pelos técnicos do INCRA. São casas de aproximadamente 60 metros quadrados e dois quartos. A idéia é que o crédito habitação (que será de R\$ 15.000,00 no total) garanta boa parte da construção.

¹⁷¹ “Unidos da Lona Preta” é um bloco de carnaval fundado na Regional Grande São Paulo que atualmente ensaia na Comuna da Terra Dom Helder Câmara em Jandira e desfila nas ruas da mesma cidade no carnaval.

¹⁷² Seu Geraldo, falecido em meados de 2005, tornou-se uma figura emblemática para os jovens do assentamento. Isso graças a sua simpatia, atenção para com os mais novos e afinidade com música. Ele recebeu como tarefa, ensinar os jovens a tocar os instrumentos que formariam a bateria do bloco “Unidos da Lona Preta”. Sua morte foi profundamente sentida por todos e ele sempre é lembrado como “Mestre Geraldo”.

você? Eu falei: Ó, eu sou novo aqui, sou o Robério mas meu apelido é Tripa, porque o meu nome é meio zoadado. Aí ele: É isso mesmo compadre Tripa, você não tem um cigarrinho, não? E já começou a me chamar de compadre. Eu dei o cigarro e começamos a trocar uma idéia e ele me perguntou se eu gostava de tocar samba. Eu disse que gostava. Então ele disse que tinha chegado os instrumentos e que iam ensinar o pessoal a tocar samba. Eu fechei com ele. Passaram umas três semanas, a gente já reuniu toda a molecada de lá, e ele passava gritando: Olha a música! Olha a aula de música! Olha a música! Olha a aula de música! E a gente ia lá para cima, no casarão lá do Irmã Alberta. Ele ensinava a gente com tanto gosto que tinha hora que dava até raiva mesmo dele, sabe? “Não, filho, é assim, ó, é assim, não, faz assim, assim”. Ele olhava para a gente e falava: Você é feliz, cara? Uma palavrinha dá hora que até hoje a gente fala: Você é feliz, cara? Várias atitudes que a gente aprendeu com ele. Várias palavras, ditados, frases dá hora. Quem me motivou a tocar violão foi ele. Hoje graças a Deus eu toco violão. Não toco *aquelas coisas*, mas eu toco um violãozinho. Ele falou: Tripa, você gosta de tocar violão? Peguei e falei: Eu tenho vontade de aprender, cara, mas só que eu acho que é sem chance. Ele: Não, não é sem chance, não. Pegou o violão e fez uns toquinhos muito da hora. Até hoje eu queria aprender esse toque, mas só que não deu tempo dele me ensinar. Ele fez o toquinho, eu peguei e falei que queria aprender. Ele me disse que para aprender isso, tinha que aprender a fazer as notas, para poder tocar uma música e fazer o solo. E começamos a tocar. Ele me ensinou o dó-ré-mi-fá-sol-lá-si, me ensinou a tocar. Isso aí para mim era a melhor coisa. Nossa! Violão! Minha mãe comprou os violões para mim. O primeiro quando eu estava com a minha mãe ainda, não conhecia a Shirlei. Ela comprou um violão para mim da mão do Quinho¹⁷³ por R\$ 50,00. Violão velho...Nesse violãozinho, vixi, eu pegava, sentava lá em casa e ficava batucando, batucando, batucando.... Não fazia nada, o lote era mato puro, minha mãe pagava para outros caras limparem. E eu batucando e tocando o vilão, uma beleza. Aí meu violão quebrou. Eu falei para minha mãe que precisava de outro violão. Ela disse que me daria só se eu limpasse o lote. Limpei o lote todinho e ela me deu o violão. Foi uma semana para limpar. Pagou R\$ 190,00 no violão. Esse violão eu tenho até hoje, ele é verde. Está lá na casa do Kennedy. Eu estou com ele até hoje, mas meu sobrinho zouu ele todinho de *spray*, porque o Palmeiras perdeu. Eu sou palmeirense. O Palmeiras perdeu acho que foi para o São Paulo, para o Corinthians, um negócio assim. Ele pegou

¹⁷³ Quinho também é assentado do Dom Pedro Casaldáliga.

e zoou tudo. Não, mas está bom. Ele faz um sonzinho, eu toco. Não toco *muito* aquelas coisa, mas até que eu estou tocando bem.

Também tinha o “Rebeldes do Campo”. Teve uma inauguração no Irmã Alberta, eu não lembro do que era e eles escreveram que ia ter samba, não sei o que lá e Hip Hop¹⁷⁴. Hip Hop, cara! O bagulho vai ser da hora! Aí firmeza. Eu falei com a Rosana¹⁷⁵, disse que queria ver, queria trocar uma idéia com o pessoal para ver se é da hora cantar Rap. Ela falou que eram os moleques do acampamento mesmo que faziam o rap, que era só procurar por eles: o Kennedy, a Adriana¹⁷⁶ e o Márcio. Beleza. Fui lá, conheci eles, a Adriana e o Kennedy. Nossa, mano, é da hora cantar Rap. A gente só precisava da base. Então como não tinha, a gente fazia a base batendo com tambor, com um balde. Tinha uma música que a gente fez que é da hora:

“Rebeldes do Campo,
chegamos pra rebento,
fizemos esse grupo desses três acampamentos,
eu falo pra vocês, essa coisa é certa,
Adriana e Kennedy do Irmã Alberta,
Vieram mais dois manos, e tem muito mais,
tem o Márcio de Dom Tomás,
Esse rap quando toca estremece até a torre,
veio Tripa, Cloide e Jonas do Camilo Torres,
Mas tem uma menina, que tá por aí,
é a Vivian, de Sarapuí”,

¹⁷⁴ O Hip Hop é o nome usualmente utilizado para definir o movimento cultural periférico urbano que agrega alguns elementos como a música, a dança de rua e o grafite.

¹⁷⁵ Nessa época, coordenadora do setor de educação do ainda acampamento Irmã Alberta.

¹⁷⁶ Adriana hoje é assentada junto com sua irmã no assentamento Dom Pedro Casaldáliga e também colabora com esse trabalho. É irmã de Célia, mãe de Kennedy.

Vixi! Era da hora, véio! A gente fez grandão esse Rap. Só que aí o grupo foi de repente desfalcando. De pouco em pouco, a molecada foi crescendo, foi vendo outros rumos... Um pessoal fazendo curso, outra pessoa casando, outra pessoa arrumando uma namorada e mudando, entendeu? Nisso o grupo todinho foi, infelizmente, para o beleléu. O que está acontecendo agora? O Kennedy é evangélico, o Jonas é evangélico, então a gente está querendo fazer um grupo de Rap gospel. Eu também já aceitei Jesus, já me batizei, só que estou meio fora da igreja. Mas eu estou com os caras para cantar um Rap para Deus. Os caras já tem até o nome do grupo: Só pra Jesus. Eu queria até me envolver. Eu, o Kennedy e o Jonas.

Vou falar para você uma coisa que o Kennedy me falou. Ele disse que olhando para mim ele via na minha cara qual a minha vontade, o meu sonho. A coisa que eu mais quero na vida. Eu falei que ele não conseguiria adivinhar, que ninguém nunca conseguiu adivinhar isso. Ele disse: Cara, você tem mó cara de sofredor, mano, mas você também, por trás dessa sua cara de sofredor, tem cara de vitória. Seu sonho é dar a volta por cima, restaurar sua família e ter tudo o que você sempre quis. Dar a volta por cima e por nos seus pés aquelas pessoas que te julgavam, que jogavam você na rua, que te rejeitavam. Aí eu: É isso mesmo, Kennedy, você acertou, mano, meu sonho sempre foi esse, dar a volta por cima. Se Deus quiser, restaurar minha família, me colocar aqui de volta. Porque meu sonho também é morar aqui, nesse assentamento e ter minha família.

Capítulo 3 – Análise das entrevistas

3.1 Memória de jovens

O presente trabalho de análise da memória de jovens foi realizado a partir da cumplicidade desenvolvida durante o período de convivência com os jovens do assentamento Dom Pedro Casaldáliga. Mais do que estabelecer um acordo entre pesquisador e colaborador, laços de amizade e confiança foram construídos por minha constante presença no assentamento e em atividades do movimento como atos políticos e comemorações. Proximidade e confiança foram importantes não apenas para o ato da entrevista em si, mas também para o livre acesso ao assentamento durante sua realização. Também foi fundamental na aproximação com o tema a vivência junto a movimentos de cultura juvenil urbana, tais como encontros de hip hop e festas realizadas em bairros periféricos na cidade de São Paulo. Essa vivência dentro e fora do assentamento nos permitiu entender o vocabulário – normalmente marcado por gírias¹⁷⁷ – e conhecer sobre fatos e eventos ligados à trajetória desses jovens no MST, fundamental para a condução dos estímulos durante as entrevistas. São jovens pertencentes aos segmentos pobres da sociedade e que possuem uma série de características em comum: a trajetória migratória dos pais em busca de uma vida melhor; moram e convivem com as regras, códigos e condutas da periferia paulistana; vivenciam um universo particular em que constantemente se entrelaçam tempos e realidades sócio-econômicas até então vistas como opostas. Essa oposição se dá entre o tempo acelerado de múltiplas transformações que caracteriza a modernidade urbana, sobretudo em uma grande metrópole como São Paulo e suas adjacências, contrapondo-se ao tempo rural, calcado por maior solidez e cujo ritmo de transformações é mais lento. No campo sócio-econômico, a tensão se dá entre o imediatismo da relação trabalho-tempo-salário que caracteriza as formas econômicas de sobrevivência na cidade – sobretudo em se tratando de jovens pobres que precisam se submeter ao

¹⁷⁷ Nos referimos à idéia de gírias como linguagem comum que expressa pertencimento do sujeito à determinado grupo sociocultural.

mercado de trabalho – e o desafio de recriação do trabalho concreto e autônomo de base rural proposta como alternativa de organização econômica e social pelo Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST). Como já exposto na parte inicial desse trabalho, na chamada “História do Projeto”, minha preocupação girou em torno da questão da permanência dos jovens assentados na área conquistada pelos trabalhadores organizados pelo MST. Isso porque ao longo da minha convivência no assentamento desde a primeira ocupação, na Fazenda Mian, percebi que muitos jovens, inicialmente entusiasmados com a idéia de ocupar e criar um projeto de futuro diferente do que se esperaria na cidade, ao longo do processo começaram a desistir e retornar para a cidade. Entrevistei alguns jovens cuja trajetória de vida encontra-se vinculada ao MST e ao assentamento Dom Pedro Casaldáliga. Suas narrativas nos permitem perceber uma série de dificuldades e desencaixes entre a expectativa, o sonho inicial em torno do “ser assentado”, e a realidade complexa do “ser assentado de fato”. O período de ocupação marca o tempo do sonho, do projeto, da aventura. Já assentados, surge o duro cotidiano da construção de um projeto com muitos entraves, ou seja, as muitas dificuldades de superação da pobreza. Ao longo das entrevistas, realizadas de forma aberta, sem um questionário rígido pré-estabelecido, trabalhei com estímulos que provinham sobretudo da convivência comum em algumas situações. Sob alguns aspectos, o fato de possuir uma grande familiaridade com o cotidiano de meus colaboradores contribuiu para a elaboração desses estímulos. Mas também prejudicou o aprofundamento em alguns pontos da entrevista, pois certos termos e idéias se naturalizaram aos meus ouvidos, impedindo o aprofundamento de algumas questões no corpo das narrativas. Porém, muitas dessas questões apresentam aspectos essenciais para a compreensão das referências apresentadas pelas narrativas. Isso me obrigou a inserir notas explicativas ao longo das narrativas que proporcionassem maior familiarização do leitor com o universo cultural e material apresentado, recorrendo para tanto ao trabalho de registro realizado no caderno de campo.

Dentre as dificuldades encontradas para a realização do trabalho colaborativo de registro de experiências com jovens narradores, a dita memória de jovens, destaca-se que ao contrário dos velhos, os jovens quando se abrem para contar sua vida não se preocupam tanto em reconhecer um valor no passado, dado que este ainda se encontra em construção. Buscando compreender as especificidades da memória dos velhos, Ecléa Bosi sugere que o estudo da lembrança de pessoas idosas possui a especificidade de se

tratar da memória de alguém que já participou ativamente como agente propulsor da sociedade e que agora se recolhe para lembrar. Segundo a autora, nas lembranças de pessoas idosas:

(...) é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas, elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a memória de uma pessoa de idade.¹⁷⁸

A análise da memória de idosos nos permite um bom referencial para compreender as bases sobre as quais se constrói a memória dos jovens. Isso porque se o velho é aquele que já viveu, conheceu e formulou sua visão de mundo, o jovem por sua vez é aquele que ainda está para adentrar de forma mais intensa na sociedade. Ao contrário dos velhos, sua função na sociedade não é lembrar, mas sim construir suas próprias experiências. Ao jovem geralmente é conferida mais a função de receptor das experiências, de ouvinte, do que de quem fala. Ele não é visto como alguém que tem algo importante para contar. Isso quer dizer que o jovem não pode ou não deve falar, ou que sua narrativa não é relevante como transmissora de experiências? Ao contrário, o que poderia ser encarado como uma característica que desqualifica as histórias de vida de jovens nos remete a uma outra função do jovem na sociedade. Se o velho torna-se o guardião da experiência, dos pilares sólidos construídos por longos anos de vivência, formulação de conhecimento e sabedoria, encarados de uma forma mais estática, mais sólida (mesmo sendo a memória sempre fluida e narrar seja sempre um ato novo e criativo), a memória de jovens por sua vez nos traz os sonhos e projetos futuros, e nos conta como os novos integrantes da sociedade compreendem o mundo atual e seu contexto específico de vida, substrato das narrativas.

Daí boa parte das narrativas centrarem-se mais em momentos presentes e plenos de futuro do que no passado. Tudo o que possa ser evocado do passado por meio do

¹⁷⁸ BOSI, Ecléa, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 1994, p. 60.

estímulo do mediador é quase que automaticamente projetado para um presente reflexivo ou para o futuro. O passado ainda não está resolvido e formulado porque o presente ainda oferece muitas possibilidades e nada está pronto ou dado. O presente reflexivo se reflete em diversos momentos narrativos e surge geralmente como forma de pensar sobre o momento vivido durante a realização da entrevista. Evocam o passado e no momento seguinte fazem referência ao cotidiano presente da comunidade:

Tinha uma galera boa aqui. Antigamente o setor era uma beleza. A gente fazia intervenção cultural, era encontro direto. Agora está mais parado, depois do assentamento está devagar para caramba. Depois do assentamento muda tudo. Tudo é mais devagar, tudo é mais complicado, é complexo. Não é igual no acampamento. Acampamento tem um coletivo, vamos roçar isso aqui, vamos plantar, é simples. Agora no assentamento é mais complicado. (Jonas)

Sempre trabalhei de ajudante de pedreiro. Sempre construção. Uma vez eu trabalhei registrado na jardinagem, depois saí fora. Só sobrava o final de semana mesmo, e olhe lá! Às vezes até no final de semana a gente ia trabalhar também. Era bem difícil. Tinha final de semana que eu não saía, ficava mais em casa. E minha mãe também ficava falando para eu não sair, que era perigoso, isso é aquilo. Mas eu não escutava e quando podia, saía escondido.

Aqui... não dá para fazer nada escondido. Saiu na esquina ali: Ô, seu filho está saindo ali para tal lugar. Aqui todo mundo conhece todo mundo. (Claudio)

Agora a gente até brinca que é a turminha dos 22, porque o Kennedy faz 22, eu fiz 22, a Ester faz 22, o Jonas... o Tripa já fez acho que 22... é a turminha dos 22. Era muito legal. Todo mundo, uma turminha com a mesma idade. E todo mundo gostava bastante do movimento.

Agora eles são casados então fica meio chato. Porque às vezes as mulheres deles tinham ciúmes, não sei... (Adriana)

Foi pouco tempo que a gente ficou lá no Irmã Alberta. Foi lá que eu vi que os moleque cantavam rap. Quem mais curtia um rap era o Tripa, o Kennedy, a Adriana, meu primo Cloide, o Gérson, eu, Maninho. O Weshelei nunca cantou. O Weshelei era só cara feia. Ele ainda ia lá mas nunca foi assim de cantar. Ele participava, fazia presença. Tinha vários outros, tá ligado? Eu falava: Pô, até que enfim caí num lugar bom assim, né?

Eu adoro cantar um rap com o João e o Pi. Só que o que mais canta mesmo é o Pi. Ele gosta mesmo, onde ele está, está cantando. Então eu e ele fica nós dois cantando. Às vezes eu falo assim: Pô mano, não sei quem viaja mais, eu ou você.... Começa a cantar as músicas, assim, não para mais... (José Wilk)

Eu cresci na rua, não largado, mas sem nenhuma preocupação. O que eu quisesse eu tinha, não precisava trabalhar, o que eu quisesse fazer eu fazia. Minha mãe se preocupava comigo, mas ela liberava. Eu ia para qualquer lugar, na hora que quisesse, com quem quisesse. Então, eu queria que meus filhos crescessem aqui, primeiro porque aqui não ia ter tanto desse pessoal que vem chamar para sair, para ir para a quebrada, para o rolê. Aqui tem a criançada que está crescendo no mesmo sentido, está tendo o mesmo ponto de vista que ele. Então eles vão chamar para fazer o que nós faz aqui. Tipo eu e o Jonas, o Kennedy, o Maninho. Igual toda a molecada daqui. (Robério)

Eu me envolvo muito com o rap. Antigamente eu tinha outro grupo fora com o meu irmão. Lá em Ibiúna mesmo tinham dois amigos e uma amiga que cantavam com a gente. Mas só que os rap que a gente fazia eram coletivos. E então a gente resolveu, eu e o João, fazer o nosso próprio rap. Terminamos com aquele grupo e ficamos com o nosso. Aquele de antes chamava “A Favela”. Ah, não tinha nada ver com o grupo. Mas foi o coletivo que ganhou com esse nome. Hoje em dia, estamos eu, o João e minha sobrinha, a Tainá, nós fazemos nossas canções. Hoje o grupo chama “Os manos da revolução”. A Tainá é filha da minha irmã que mora aqui do lado da fazenda. Ela também fez parte do movimento, depois ela resolveu casar e foi embora porque o marido não queria vir para cá. (José Carlos)

O passado não é visto como algo fechado, que está de certa forma guardado e não pode ser recriado por diversos fatores. Ele ainda é recente e passível de voltar ao presente, e por isso toma ares de sonho e futuro. O constante movimento de interconexão entre passado e futuro expresso nas narrativas nos mostra a dinâmica do tempo e da vida do jovem. A pouca nostalgia presente (como quando os colaboradores comparam a vida na cidade e no assentamento) soa como uma lição a ser aprendida para o caminho que se coloca agora, uma percepção e reflexão sobre o que se quer e se espera para os próximos anos, dado que eles estão apenas começando a construir sua vida e suas escolhas. A memória de jovem, mesmo quando conta o passado, nos traz para o presente e nos convida a pensar conjuntamente o futuro.

3.2 Juventudes e caminhos.

A idéia de juventudes traz a pluralidade de identidades que constitui a vivência juvenil. Nossos colaboradores possuem experiências juvenis comuns, tais como a vivência com o urbano e a opção – ainda que possa ser temporária – por negar algumas das relações e formas de viver que caracterizam a cidade. Dentro desse universo comum, cada um de nossos colaboradores nos apresenta uma maneira particular de ver a transformação que emerge com o processo de chegada ao acampamento e com a construção de suas vidas como membros de uma comunidade rural que possui um projeto alternativo de sociedade. Todos os nossos colaboradores são filhos de trabalhadores que buscaram as condições de vida oferecidas pela cidade, e que, diante da não realização do conforto e estabilidade que o progresso do meio urbano poderia propiciar, tiveram a oportunidade de retornar ao campo mobilizados pela luta por reforma agrária. Por serem nossos colaboradores filhos de migrantes que se estabeleceram nas periferias e regiões metropolitanas de São Paulo, eles cresceram e se identificam com a cultura urbana. Por exemplo, uma das brincadeiras comuns entre alguns assentados, principalmente os mais novos, é chamarem-se uns aos outros de “camponês”, fazendo referência à nova identidade que aos poucos vem sendo assumida com a necessidade do trabalho agrícola, mas que não faz parte de sua experiência de vida. Como eles mesmos nos contam, a chegada ao movimento é um momento de estranheza em relação à nova condição de sobrevivência imposta pelo meio rural. Não se tratam de trabalhadores rurais que ocupam uma área e dão continuidade ao seu modo de viver e produzir, e sim de pessoas que assumem a tarefa de aprender uma nova forma de vida e de trabalho. O estranhamento em relação à nova situação pode ser percebido em diversos momentos narrativos, como quando Jonas, referindo-se às famílias que chegavam em acampamentos levados pelo trabalho de base, disse:

O pessoal vinha, mas muitos vinham achando que seria mais fácil. Chegavam e viam que a realidade era embaçada. E o pessoal achava que voltar para a favela seria o mais viável, seria mais fácil. Vou voltar para a favela, lá tem luz, tem água, tranquilo. Tem o esgoto também, mas eu estou de boa. Aí o pessoal voltava mais tinha quem

resistia. Porque não é fácil também você chegar em um acampamento, resistir e ficar. Não é fácil. (Jonas)

Escolher a identidade de trabalhador rural sem-terra e encampar o projeto de Reforma Agrária não os desvinculam da identidade urbana. Ao resistir e decidir pela permanência no assentamento, eles demonstram sua intenção de trabalhar com a terra e de viver de outra forma. No entanto, o pertencimento identitário a um tempo urbano e rural – previsto na própria proposta de PDS que vem sendo implementada no assentamento – se reflete nos problemas e conflitos vividos por esses jovens. Por esse caminho, procurei trabalhar com alguns temas que me chamaram atenção no universo juvenil dos assentados e que permitem uma melhor compreensão dos entrelaçamentos identitários e, dessa forma, contribuir com o debate crítico para a busca de propostas que se vinculem à realidade desses jovens.

3.3 Migração: Progresso ou violência?

A interpretação do deslocamento de pessoas mobilizadas para o trabalho parte da idéia de que não se trata apenas de uma escolha individual com a qual o trabalhador pode exercer sua liberdade e buscar melhorar suas condições de sobrevivência. Mas sim do fato de que existe um sistema econômico de modernização responsável pela criação da expectativa de que o progresso pode ser repartido entre todos, o que não se cumpre na sua realização. Sabemos – e para tanto basta andar pelas ruas da cidade de São Paulo – que a maioria das pessoas não vive concretamente os supostos benefícios do progresso capitalista. Ao discutir a problemática em torno dos deslocamentos da força de trabalho, Becker associa a intensificação do fluxo migratório ao processo de concentração fundiária, responsável pela expulsão do trabalhador das áreas rurais. A modernização da estrutura produtiva urbana passaria, dessa forma, a constituir redutos de atração de mão-de-obra. Segundo a autora:

No âmbito das migrações internas, igualmente diversificada tem sido a tipologia dos deslocamentos. Intensos fluxos de caráter rural-urbano ocorreram nas décadas de 50 e 60, representativos de um período marcado por crescente concentração fundiária e pela industrialização nos grandes centros urbanos do Sudeste Brasileiro. Estabeleceram-se migrações interestaduais de longa distância na década de 70, especialmente a de nordestinos para o eixo Rio de Janeiro – São Paulo e a de sulistas para as áreas do Centro-Oeste e Amazônia, responsáveis pela expansão e consolidação do mercado de trabalho a nível nacional.¹⁷⁹

A autora atenta para o fato de que o deslocamento de trabalhadores para suprir a mão-de-obra requerida pelo capital segue o ritmo da capacidade reprodutiva deste. Tanto no caso do desenvolvimento industrial, como ocorre com o eixo Rio de Janeiro – São Paulo, quanto na expansão das fronteiras agrícolas embasadas por projetos de colonização em áreas do centro-oeste e Amazônia, o que envolve a trajetória do

¹⁷⁹ BECKER, Olga Maria Schild. *Mobilidade espacial da população: Conceitos, tipologia, contextos*. In: *Explorações geográficas, percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997

migrante é sempre a busca por meios de sobrevivência que o lugar de origem tornou-se incapaz de oferecer.

O processo de atração de imigrantes à cidade de São Paulo é consequência direta do desenvolvimento de seu parque industrial. Sob essa perspectiva, é o nível de desenvolvimento da indústria que determina até que ponto a migração pode ser encarada de forma positiva ou negativa. Como já discutido em sua forma mais geral, a migração é consequência da concentração dos meios produtivos em outros momentos históricos. Na trajetória do processo de modernização das relações de trabalho no campo brasileiro, a possibilidade de migrar assumiu uma conotação de superação do arcaico e da pobreza em prol de um futuro promissor e abastado na metrópole paulistana: a grande promessa da ideologia liberal. E é essa mesma ideologia que positiva o êxodo rural, visto como a libertação de uma vida atrasada e a porta pela qual se adentra para o mundo do progresso e do mercado de massa.

Enxergando apenas a superfície do problema, por muito tempo o deslocamento em massa de trabalhadores do campo para a cidade foi visto sob uma perspectiva positiva, que permitiria aos migrantes, exercendo sua liberdade individual, buscar melhores condições de vida partindo de áreas pouco atrativas para áreas com mais oportunidades, sobretudo de emprego. Dentre as muitas visões que norteiam a discussão sobre o fenômeno migratório, essa forma positiva de enxergar uma imposição do capital, tanto o que expulsa quanto o que atrai, representa a corrente *neoclássica* do pensamento geográfico. Esta corrente vê o deslocamento da força de trabalho como um fenômeno natural e adaptativo, defendendo os benefícios de poder circular livremente para lugares mais promissores economicamente. Fazendo a crítica a essa visão naturalizante de um fenômeno determinado histórico e socialmente, Salim nos aponta:

Em resumo, na ótica neoclássica, os estudos da migração pressupõem o cálculo racional e a livre decisão dos indivíduos, ou seja, a mesma lógica locacional das firmas. Essa é a razão do livre trânsito de corpos no espaço: o movimento dirime a heterogeneidade espacial e propicia o

equilíbrio, no sentido de igualdade possível.¹⁸⁰

Tal análise conceitual se demonstra insuficiente porque não discute os fatores que levaram à expulsão – e não livre-escolha – do trabalhador do campo e descarta fatores como a violência em torno da concentração de terras. Pensando a realidade desses trabalhadores, percebemos que em sua maioria são pessoas que sofreram diretamente a ação da crescente espoliação decorrente do processo de modernização em seu lugar de origem. Não se trata, portanto, de uma escolha fruto de sua liberdade, mas sim de uma contingência relacionada à sua sobrevivência. Soma-se a esse quadro o fato de que as promessas do capitalismo e da cidade, em sua maioria, não se realizaram. Podemos perceber nas narrativas como a questão do deslocamento se apresenta para nossos colaboradores:

Meu pai veio do Ceará, igual a maioria das pessoas que veio para São Paulo. Veio do Ceará para cá. A família dele todinha veio de lá para cá. São poucos os que ficaram, acho que eu tenho dois ou três tios que ainda estão por lá. Lá estava ruim, vem para cá. (Jonas)

Mas eu sempre gostei da minha mãe e sempre a ajudei em tudo. Para onde ela ia, eu estava junto. Ela me trouxe lá de Minas Gerais quando eu tinha 5 anos. Sempre viveu na roça e sempre gostou. Gostava da roça porque desde pequena foi criada e viveu na roça. Depois, com quase 30 anos, ela veio para São Paulo. Eu fui o primeiro a vir com ela e depois, ela mandou buscar minhas irmãs.

O meu pai estava aqui em São Paulo. Fazia muito tempo que ele não ia para lá, mas mandou dinheiro para que ela pudesse vir para cá... Nós viemos para São Paulo e deixamos as minhas irmãs lá em Minas. (Cláudio)

Eu morei em Minas Gerais até os 14 anos. Porque eu fiz 15 anos e já estava no movimento. A minha mãe faleceu e a gente veio morar em

¹⁸⁰ SALIM, Celso Amorim. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: **VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Anais vol.3. São Paulo: Abep, 1992.

São Paulo. A gente ficou em Francisco Morato, um pouco. Eu, a minha irmã e na época estavam os cinco filhos dela. Veio todo mundo pra São Paulo. O Edson, marido da Célia na época já estava aqui na casa da irmã dele, em Guarulhos. Já tinha vindo para poder arrumar um emprego aqui, para poder estar trabalhando e ajudando. (Adriana)

Minha vida foi assim. Morei na Bahia quatro anos, cinco anos. Em 1996 a gente veio para São Paulo. Em São Paulo nada é bom, uma vidinha meio difícil.

Fomos morar na Vargem Paulista. O nome da vila é Felicidades. Lá ficamos muito tempo, vivendo numa casinha simples. Meu pai trabalhava de pedreiro. Ganhava um salário bom. Pouquinho assim, sabe? Mas dava para sobreviver. (José Wilk)

Eu sou cearense. Nasci no Ceará e com uns 2 anos de idade eu vim para São Paulo e minha mãe ficou lá. Ficou lá no Ceará e eu vim pra São Paulo com minha irmã. O meu irmão Robistaine ficou com ela lá no Ceará. Eu vim para São Paulo e com 7 anos eu voltei lá para o Ceará. Conheci minha mãe de novo. Nisso eu me matriculava lá no Ceará e vinha para cá, para São Paulo de novo. Me matriculava aqui em São Paulo e ia para o Ceará. Fui perdendo meus estudos que infelizmente, ficaram para trás. Quando eu cheguei para ficar mesmo em São Paulo eu tinha 11 anos de idade. (Robério)

Mesmo sendo resultado de um processo violento que não considera fatores como a identidade dos trabalhadores com o espaço e a comunidade de origem, a segregação de famílias, as dificuldades de adaptação ao mundo urbano, entre tantos outros obstáculos que o migrante encontra na sua chegada, o deslocamento de homens e mulheres para abastecer, principalmente, as indústrias que se instalavam no Brasil no contexto de surto desenvolvimentista pós 1955, só passou a ser fortemente encarado como problema quando começou a significar excedente populacional, apontado como responsável pelo agravamento dos problemas urbanos. Assim, pessoas que foram atraídas pela demanda de mão-de-obra barata que suprisse satisfatoriamente o novo setor industrializado para o qual se canalizam as atenções governamentais desde o

período varguista¹⁸¹, sobretudo a partir da década de 70 e o início da recessão brasileira pós milagre econômico, passam a ser desnecessários, a literalmente “sobrar” no sistema produtivo.

A tensão que começa a se formular no ambiente urbano se deflagra desde o período em que se inicia o intuito modernizador industrial por parte do Estado brasileiro. A questão da migração de trabalhadores do campo para a cidade acompanha a modernização industrial, dado que é a exploração do trabalho que sustenta o elevado padrão de civilidade de alguns na sociedade capitalista. Sob a ótica da industrialização tardia brasileira, temos uma das pistas para compreender o processo de mobilização da população migrante e de expulsão do campo: a permanência, sob a estrutura de longa duração colonial, da concentração e monopólio por parte de determinados grupos sobre a terra convivendo com o desenvolvimento industrial urbano. Essa re-acomodação dos interesses da elite agrária aos novos tempos de industrialização é apontada por Iokoi nos seguintes termos:

Outra questão que me parece muito importante, é a interface entre o urbano e o rural. Não há, na História brasileira, uma distinção e uma separação entre esses dois níveis da vida social. Desde o início, como a manutenção da economia monocultora de exportação, a inter-relação rural e urbano é definida no urbano sobre o rural, e este nível vive exatamente os dilemas de um projeto de modernização que se assenta nas estruturas coloniais e latifundiárias. Não houve rompimento entre esses dois grupos e sim uma acomodação.¹⁸²

Seguindo a premissa de que a urbanização e industrialização que se acentuam com a evolução do projeto desenvolvimentista não produziram uma ruptura com o passado colonial, depreende-se que esse momento histórico revela de forma tensa os

¹⁸¹ Sobre a atração de mão-de-obra para o desenvolvimento da indústria paulista pré período de emergência do nacional-desenvolvimentismo, ver PAIVA, Odair da Cruz. *Caminhos Cruzados, A migração para São Paulo e os Dilemas da Construção do Brasil Moderno nos anos 1930/50*, tese de doutorado apresentada no Departamento de História da Universidade de São Paulo em fevereiro de 2000.

¹⁸² IOKOI, Zilda. Os dilemas históricos da questão agrária no Brasil. **Terra Livre**. São Paulo: AGB, ago.92/ago.93.

dilemas da estrutura agrária brasileira. Isso porque nesse momento, diferente do que ocorre no período varguista, os incentivos à modernização perpassaram o campo e a cidade. Expulsou no campo e atraiu na cidade. Mais especificamente, a discussão se situa na constituição dos fatores que justificam a forte atração que exerce a cidade de São Paulo para aqueles que enfrentam a precariedade de seus locais de origem. Entendo que, mesmo representando uma imposição, tal violência só se configura como problema assumido pelo Estado na medida em que passa a representar uma questão que aflige a população urbana, em especial as classes abastadas. As mesmas que simultaneamente se valem do barateamento dos serviços e se amedrontam diante do aumento da violência decorrente do mesmo quadro de inchaço urbano. Violência associada aos jovens da periferia, sobretudo negros, e que passaram a representar a figura do bandido urbano.

A já citada publicação, *Revista Travessia*, discute em um de seus artigos a passagem da questão migratória de solução reequilibrante do espaço e da economia para problema social, processo que ocorre marcadamente no período militar, pós 1970. Vemos que:

As velhas hospedarias e albergues do Rio de Janeiro e São Paulo, que durante décadas encaminharam imigrantes estrangeiros e migrantes nacionais para o trabalho, mudaram muito. Agora, acolhem migrantes para encerrá-los, amontoados com mendigos, alcoólatras, ex-presidiários. Sinal dos tempos: os serviços governamentais responsáveis por receber e orientar migrantes não são mais ligados às Secretarias de Trabalho, mas aos serviços de assistência social. E na maioria das vezes só tem a oferecer uma passagem de volta para o lugar de origem ou para seguir viagem. Seguir para onde?¹⁸³

Tal apontamento nos permite refletir sobre a mudança em torno da imagem que envolve a situação do migrante, de trabalhador esforçado que tem todo o direito de se mobilizar e lutar por condições melhores de vida para a de nordestino que rouba o emprego das pessoas estabelecidas na capital. Esse retrato de exclusão do migrante que não é mais útil ao sistema produtivo pode ser explicado pela conjuntura econômica e política que perpassa o período de 1960-70: ascensão militar e euforia econômica,

¹⁸³ VAINER, C B ; BENETTI, P. Migração e Metrópoles. *Travessia Revista do Migrante*, São Paulo, n. 2, 1988, p.9

seguida de crise econômica e política. O início da ditadura militar no Brasil envolve as disputas e respostas às mobilizações no campo em torno da necessidade de reforma agrária, que se torna pano de fundo da discussão sobre modernização agrícola e aumento do mercado consumidor interno como pré-requisitos para o pleno desenvolvimento capitalista. Prova disso é que no imediato pós-golpe temos a promulgação do Estatuto da Terra, em 1964, projeto de modernização agrícola que tem por objetivo acalmar os focos de conflitos no campo.¹⁸⁴ Entretanto, espelhando os muitos interesses envolvidos, o que se vê é o estímulo à formação da empresa rural que, capaz de gerar emprego e proletarizar os trabalhadores rurais, diminuiria os conflitos em torno da posse da terra e o impacto do êxodo rural. Ou seja, modernizar sem alterar a estrutura fundiária.¹⁸⁵ Já na década de 1970, os resultados pífios de tal política dialogam com a recessão que se inicia com a derrocada da política de créditos que caracteriza o milagre econômico. O surto de desenvolvimento e consumo na cidade arrefece e com isso diminuem as ofertas de emprego. Escasseiam os lugares para o migrante.

Diante de tal conjuntura, entendemos que a questão da migração interna propiciada pela mobilidade que caracteriza o trabalho livre e suas conseqüências moldadas ao longo de décadas de modernização estão diretamente relacionadas aos problemas urbanos. Nossos jovens colaboradores vivenciaram os problemas cotidianos da cidade de São Paulo como migrantes e filhos de migrantes, sentindo na sua própria vida as dificuldades de se estabelecer na metrópole. A aproximação de um movimento político rural se dá em consonância com os atuais debates em torno do desenvolvimento da cidade, já que esta materializa os diversos processos de sua constituição. A leitura do espaço urbano nos permite perceber a hierarquização social, a segregação, e os muitos aspectos funcionais da cidade, cuja imagem representa uma espécie de amostra do desenvolvimento capitalista brasileiro. Base refletida das contradições de uma paisagem que na sua aparência demonstra todas as belas realizações do homem, mas que em seus mecanismos internos é sustentada pela miséria e degradação de grande parte de sua população. População que confere os braços construtores de seu aparente progresso e que muitas vezes possui em comum uma história de busca constante por trabalho e moradia.

¹⁸⁴ MEDEIROS, Leonilde Servolo de. **Reforma Agrária no Brasil, História e atualidade da luta pela terra**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003, p.23.

¹⁸⁵ Ibidem p.19.

3.4 Moramos no campo, mas somos da cidade.

Ao optarem, em função de diversos fatores, por ficar no assentamento, os jovens apresentam nas suas narrativas o processo de adaptação ao novo modo de vida. Essa escolha que configura a identidade do jovem assentado fez com que muitos deles, embora reconhecendo os benefícios urbanos, criassem uma visão negativa da cidade econômica e socialmente. Os benefícios da cidade normalmente se associam às formas de sociabilidade urbana, que são muito mais intensas e dinâmicas do que no acampamento. Segundo José Carlos:

Eu ia para Jandira por causa da família de minhas tias, os meus tios. Eu não queria ficar longe dos meus tios, então no fim de semana eu ia para lá. Ia sábado e só voltava no domingo à tarde para casa. Ia para as festas nem que não fosse convidado, mas a gente ia. Depois disso daí, poucos amigos. Alguns casaram, outros estavam mesmo no vício. Eu agradeço a minha mãe e meu pai porque eles me tiraram de dentro da cidade. Mas eu continuava indo nas casas dos meus primos fazer amizade. Quando eu ia no fim de semana para ver meus primos, minha tia dizia: Você vai sair com quem? Ela falava: Você veio para cá e tem que ficar aqui, não pode sair não. Eu falava: Ah, eu vou sair com uns amigos porque eu tenho saudade deles. A minha tia falava para os meus pais: Ah, o Pi está saindo com fulano. Meus pais proibiram. Lembro que eu pegava dinheiro na roça para ir para lá e meu pai nunca gostou. Está certo. Minha mãe falava: “Nós faz isso para o seu bem”. Sentia falta de festa. É o melhor que tem. Aqui tem festa, mas as músicas que eles passam aqui é só do movimento. Aqui mudou tudo...

No caso de José Carlos, mesmo sentindo falta das festas e dos muitos amigos da cidade, ele vê a saída desta – primeiro migrando com os pais para trabalhar em Ibiúna, interior de São Paulo, e depois indo para o acampamento – como algo positivo. Ele não possui mais a agitação e as possibilidades de lazer propiciadas pelo meio urbano, mas se

afastou também do universo de violência que marca a vida de muitos jovens da periferia, como o próprio nos revela:

Eu tinha dez anos quando eu saí da cidade. Morava em Jandira, e a minha mãe tirou a gente da cidade para ir para o interior por causa da violência. Nem sentia falta da cidade. E eu vim ficar no mato mesmo. Ela vendeu a casa que a gente tinha em Jandira e comprou um terreno lá em Ibiúna. E nós fomos para lá. Os meus tios também falaram com a minha mãe para tirar a gente da cidade. Eu não culpo minha mãe não porque eu gosto do mato mesmo. Meus irmãos também gostam. Ainda mais o João.

Essa aparente contradição – sentir falta da cidade mas optar pelo campo – nos demonstra a negação de determinados aspectos urbanos e valorização de outros. Para Cláudio, um dos que mais resiste à idéia de permanecer no acampamento, a falta de atividades de lazer e de geração de renda imediata são fatores que colaboram para sua não permanência:

Depois que acabaram os negócios de ocupação, acabou as coisas de antes e daí a gente vai cansando, só ficando, ficando.... Parado e sem dinheiro. Então resolvi sair nos últimos tempos, procurar serviço e ficar um pouco fora, conhecer outras coisas também. Eu já estava ficando um pouco cansado daqui. O campo é parado. Se a pessoa não acostumar, cansa. Principalmente eu que vivi no meio da cidade, acostumado com a vida lá fora. Sinto falta das amizades lá de fora. E nem tanto, porque para falar a verdade, amizade até que a gente tem aqui. Mas não é igual as amizades lá de fora, porque aqui é bem sossegado, cada um está na sua casa. Lá não, os colegas iam em casa e chamavam: Ô, vamos ter uma festa em tal lugar, vamos lá. Daí a gente saía, ia para a festa. Não é igual aqui. Aqui é... totalmente sossegado, parado de tudo [risos].

Ao mesmo tempo em que se queixa do “estar parado”, que caracteriza a condição de assentado, ele também vê muitos aspectos positivos no assentamento,

principalmente a possibilidade de propiciar estabilidade para a vida de sua mãe, D. Isabel. Assim:

Vim de Itaquaquecetuba¹⁸⁶ e não achava lá muito bom porque era cidade. Aqui já é melhor. Quer dizer, nem tanto assim... mas é bom. Nós saímos de lá, na verdade, porque o meu padrasto queria agredir a minha mãe. Ele chegou a levantar a mão para ela. Nós soubemos com a minha tia desse lugar... Viemos conhecer para ver e meu padrasto nem ficou sabendo disso. Então teve um dia que nós saímos escondidos lá de casa e viemos para cá. Eu vim mesmo por causa da minha mãe, porque eu não gostava de deixar ela sozinha. Vim acompanhando ela, ajudar em tudo, no cuidado com as minhas irmãs. Não é que eu estava morrendo de vontade de morar assim na terra, no mato. Eu gostava de Itaquaquecetuba, tinha muitos amigos. Lá eu saía bastante, ia para a escola, estudava à noite. E... às vezes nem ia para a escola, saía com os colegas para festa, balada, essas coisas.

Apesar de se cansar com a vida de assentado, os benefícios encontrados na proposta de assentamento rural permitem que ele conheça outra forma de vida e lhe dá base para comparar as vantagens de escolher este ou outros caminhos de vida:

Eu não sabia o que era o MST. A primeira vez que eu vi foi aqui. Passou uma vez na televisão uma reportagem falando sobre isso. Mas era diferente do que é. Falou que tinha muita gente que ganhava as terras e não plantava, não colhia, perdeu o dinheiro todinho, não tinha como pagar o governo. Mesmo assim eu falei: Ah, deve ser bom esse negócio. Nós viemos conhecer e foi legal. Logo de cara eu gostei. Vivo aqui, fazendo as coisas daqui, limpando mato, plantando, comendo as coisas boas da horta. Lá em Itaquaquecetuba não era muito bom porque gastava bastante. Não tinha como plantar, tinha que

¹⁸⁶ Município da região metropolitana de São Paulo com aproximadamente 359.253 habitantes segundo o censo IBGE 2009.

comprar nas lojas, mercado... Aqui já é diferente. O movimento já mudou bastante coisa na gente.

No caso de Cláudio temos uma interessante percepção: Ele não desacredita e nem torna totalmente negativa a vida no assentamento. Apenas se entende como um jovem que ainda quer viver mais coisas do mundo antes de efetivamente se estabelecer em um único local.

A cidade não é tão legal assim. Acho que é mais para poder esfriar um pouco, sair daquele sossego e procurar uma coisa mais movimentada. Tipo o trabalho. Você vai, trabalha, mas à noite pode sair, vai para um barzinho junto com os colegas tomar cerveja... Mas aqui, para juntar os colegas e ir para um barzinho tem que andar muito, então não dá. Eu acho que é a molecada que saiu foi por causa disso. E ainda estão saindo por causa disso.

E acrescenta:

Eu gosto do MST. Não tenho vontade de largar. Eu falo de sair porque é difícil ficar morando num lugar só como é aqui no MST, no assentamento. Aqui no assentamento é muito quieto. Eu gosto de lugar mais movimentado. Lugar quieto assim é mais para quando ficar velho... arrumar uma velha e ficar sossegado. Aí sim. Criar os filhos bem, num lugar quieto. Mas para mim, nesse momento, nessa hora, está tudo muito quieto. [risos]. Eu, para falar a verdade, não penso muito bem em casar... Agora não penso não. Porque primeiro eu penso em ajudar a minha mãe, construir a casinha dela e depois eu vou caçar meu rumo.

Depreendemos que o problema da permanência no assentamento perpassa essa ausência de características da urbanidade moderna. O jovem, graças à sua disposição e anseio em experimentar o mundo, vive no ritmo da modernidade. Augusto, ao

relacionar o comportamento juvenil e a questão do tempo, destaca que a modernidade inexoravelmente se orienta para o futuro como uma sempre promessa de vida plena, de benefícios e conforto. No entanto, a forma como essa modernidade vem se desenvolvendo, cada vez mais excluindo pessoas do dito progresso ao invés de incluir, tem gerado uma sensação de insegurança que faz com que o jovem, visto como o futuro da sociedade, passe cada vez mais a desprezar esse futuro em prol dos benefícios de viver plenamente o presente. Segundo a autora:

O comportamento juvenil da atualidade é, então, compreendido como a busca continuamente reiniciada pela vivência do presente – percebido como tempo de flexibilidade e de mobilidade, de ausência de compromisso, em que o lazer e a aventura têm um papel predominante e a possibilidade da emergência de perspectivas e dimensões novas para a existência é sempre valorizada.¹⁸⁷

A valorização das atividades voltadas para o prazer, de uma forma geral, é um aspecto relevante na vida de nossos colaboradores, sendo motivo de descontentamento entre eles, como é o caso de José Wilk. Não coincidentemente, é ele o mais jovem e que ainda vive plenamente sob a tutela dos pais, não sendo, portanto, obrigado a pensar de forma tão urgente o projeto de vida que significa estar e ser assentado. Nas palavras de José Wilk percebemos o dilema entre ser integrante do movimento e sentir falta da vivência urbana:

Nossa! Cheguei no bagulho. O primeiro mês eu ficava meio assim... Olhava e queria brigar com o Tripa, nunca me dava bem com ele. Eu, o meu primo Cloide que saiu daqui, e o Gerson meu irmão. A gente não gostava do Tripa e queria bater nele, entendeu? Nós queria arrumar uma confusão com o Tripa para bater nele, mas nunca dava certo. Passado um tempo, comecei a gostar do movimento, consegui amizades, fui viajar e tudo. Comecei a ver que tudo não é bem assim, que tem que ser unido. Mas eu ia para a Várzea e encontrava os moleques lá... Nossa... Soltava pipa com eles e começava a querer ficar lá. Mas quando eu vinha para cá, começava a querer ficar aqui.

¹⁸⁷ AUGUSTO, Maria Helena Oliva. O presente e a juventude. In: **Decifrando o tempo presente**. São Paulo: Unesp, 2007, p. 45.

Eu ficava dividido, tá ligado? Se eu for para Várzea eu vou querer ficar lá, se eu ficar aqui eu vou querer ficar aqui. Não vou querer nem ir para um nem ir para outro. Onde eu fico?

Depois eu comecei a me acostumar, e falei: Ah, eu vou na Várzea, fico um tempo lá, e volto pra cá e fico um tempo aqui. Aí é firmeza. Gostei de lá e daqui. Gosto de lá e daqui ainda, graças a Deus.

José Wilk tem a possibilidade de viver entre os dois mundos justamente por não precisar contar apenas com seu trabalho para sobreviver e, assim, não sente necessidade de resolver imediatamente qual o melhor caminho para sua vida. Ainda pensando sobre as percepções acerca do rural e do urbano, nossos colaboradores Jonas, Adriana e José Carlos, são os que mais fortemente negam a vida urbana. Para Adriana, a vida no campo é muito boa porque ela não aprecia justamente o que faz falta para outros: diversão, festas, agitação, barulho.

Eu gosto daqui. Gosto de ficar no barracão¹⁸⁸. E gosto às vezes de ir no rio, aqui, no pesqueiro... Eu gosto muito desse lugar porque é bem distante da cidade, não tem muito barulho. E lá na cidade já é o som... Quando ligavam o som lá no sábado e no domingo estrondava, parecia que estava debaixo da cama. Nossa! E aqui já é muito tranquilo. Por isso eu gosto muito daqui. Não sinto falta da cidade, não.

O fato de não gostar de muitas das características predominantes da cidade não faz com que ela se reconheça como uma pessoa do campo, “da roça”. Da mesma forma como José Wilk continua enxergando a si mesmo como uma pessoa “da cidade”.

¹⁸⁸ Barracão é um dos espaços da sede da antiga Fazenda Luiz. Sendo um dos poucos lugares com energia elétrica, possui uma televisão coletiva para que os assentados, sobretudo os jovens e crianças, possam ver filmes. O aparelho de DVD e os filmes (a maioria piratas) são pertences pessoais.

Eu não penso em sair tão cedo. Acho que eu não conseguiria mais, porque se eu for para a cidade, é muito barulho de carro, é muita coisa, muita gente correndo. Eu passo mal demais [risos]. Eu fico que nem aquelas pessoas da roça [risos] Fico perdida. Muito difícil. Não gosto do barulho, da bagunça. Eu não gosto de sair. Nunca gostei de balada, essas coisas assim, não. Nunca foi o meu forte. Sempre foi ficar em casa, então... (Adriana)

Estou fazendo o curso de agroecologia¹⁸⁹ em Itapeva. Nossa, é muito diferente. Lá é roça mesmo. O povo é da roça. Ó, as gírias. Não tem o que falar de gíria lá. O negócio deles é falar... Como é? Esqueci o nome, mas tem um que eles falam bastante. A Adriana que sabe imitar eles certinho. Eles puxam bastante para falar. Eles falam umas coisas que você dá risada, mano. Como é mesmo? Caipora.

Nossa, eu racho o bico. Os caras: seu caipora! Eu falo: Pô, quem é caipora? Caipora, que eu saiba, é a historinha do bicho do mato. Aí, tipo assim, se falar: Ai, mano, passa esse bagulho aí. Os caras não sabem o que é bagulho. Para eles, bagulho é coisa que não vale mais. Aí eu falo: Pô, mano, passa isso aí para mim. E eles: ô caipora, vem aqui. E eu: ah, caipora não, mano, está me xingando? Está louco? Já não batia o gênio. Eu falava na gíria e os caras falando caipora? [risos]

Fomos para um rodeio, cheguei lá os caras tudo com roupa de cowboy e eu com roupa de rap [risos].

Já Robério possui uma trajetória pendular em relação ao assentamento: quer ficar, gosta do movimento, mas não consegue conciliar as necessidades de sua vida familiar ao projeto não imediatista formulado para a área conquistada. Isso faz com que ao longo de sua trajetória ele tenha entrado e saído do assentamento diversas vezes. A partir dessa vivência, ele também analisa e compara as diferenças entre ser morador urbano e rural:

Quando eu voltei para a cidade foi um bagulho meio estranho, porque aqui no movimento você anda do jeito que você quer, à vontade, sujo, com o cabelo bagunçado ou o cabelo grande. É nesse estilo que você

anda aqui dentro. Agora, você chega lá não. Você só vê o pessoal de tênis e calça, umas bermudinha bonita, com bonezinho, todo bonitinho, cheirosinho... Aí você acha estranho, sei lá... Aqui sinto cheiro de fumaça de lenha, cheiro de mato, cheiro puro, sem poluição nenhuma. Chega na cidade, nós já começa a respirar diferente, até acostumar.

Esses apontamentos levam a pensar de que forma a vida urbana e rural ora se encontram, ora se afastam no assentamento, permitindo alguns pontos de junção entre elementos do campo e da cidade; e o quanto essa junção de características produz efeitos que tanto atraem quanto expulsam os jovens do assentamento. Atraem pela ausência de violência e a possibilidade de construir um futuro, mas repelem quando não permitem que o jovem assentado viva experiências novas. Nossos colaboradores possuem em comum o fato de serem jovens, mas suas necessidades acompanham seu estágio atual de vivência e suas experiências passadas. Os muitos pertencimentos identitários e a visão positiva ou negativa das mudanças ocorridas na vida variam de acordo com a realidade atual e expectativa de cada um dentro do movimento. Jonas e Robério são casados e possuem filhos. Ambos são entusiastas do projeto de assentamento rural mas enfrentam principalmente as dificuldades da falta de recursos para prover suas famílias no plano imediato. Já Adriana, José Wilk e José Carlos vivem junto aos pais e possuem a proteção da família de origem, o que lhes permite uma moratória juvenil mais explícita. Cláudio é o único que não intenciona ficar no assentamento agora, vendo mais problemas do que vantagens na proposta para esse momento de sua vida.

A proximidade com o movimento hip hop é um elemento muito presente nas narrativas e que ilustra bem essa integração entre a identidade urbana e a nova realidade de assentado. Com exceção de Cláudio (que apesar de não fazer parte de um grupo de rap é muito simpatizante das músicas), todos falam do quanto a cultura hip hop fez e faz parte de sua vivência juvenil. O rap, um dos elementos que compõem o movimento hip hop, traz em suas letras a crítica ao sistema ao mesmo tempo em que relata o cotidiano dos jovens periféricos. A influência de artistas como Mano Brown dos Racionais Mc's é evidente. As noites na fogueira do acampamento eram sonorizadas por um rádio a pilha sintonizado no programa Espaço Rap da rádio 105 Fm de Jundiá. Esse programa foi

fundamental na propagação do rap nacional. Como José Carlos nos conta, foi por meio do Espaço Rap que ele mantinha contato com o hip hop mesmo morando no interior de São Paulo. Ele continua a compor e agora participa de um grupo chamado “Os manos da Revolução”. Adriana, Tripa e Jonas integravam o “Rebeldes do campo”. Observando este nome e as letras compostas pelos nossos integrantes, podemos perceber a junção de características dos dois mundos: a crítica e a rebeldia nas palavras que evocam a revolução e criticam a forma como pobres são tratados nas periferias urbanas aliada às temáticas de luta por reforma agrária. Por ser crítico, o rap foi incentivado dentro dos assentamentos da Regional Grande São Paulo do MST. Os grupos se apresentavam freqüentemente em festas do movimento. No entanto, as transformações na vida de cada um – sobretudo o casamento e a chegada dos filhos de Jonas e Robério – fizeram com que para alguns o entusiasmo diminuísse em decorrência de outras necessidades mais imediatas. No caso de Adriana, mesmo não sendo casada e nem tendo filhos, o afastamento dos companheiros fez com que ela também se afastasse do rap, apesar de intencionar a volta. Já José Carlos continua compondo e cantando junto a seus irmãos e a sobrinha Tainá. Segundo nossos colaboradores:

Aqui a gente criou os Rebeldes do Campo. A gente começou eu nem lembro quanto tempo faz, mas deve ter uns três anos, três anos e meio por aí. Sou eu, o Kenedy, a Adriana e o Tripa. Eu sempre curti rap desde moleque, desde pequeno. Eu não sabia que eu sabia escrever, não tinha esse conhecimento. O Kenedy e a Adriana, eles já tinham um grupo de rap no movimento, só que eles já estavam atuando, eles já tem muito tempo de luta, tem uns seis anos de luta. Na época eu tinha uns dois anos de luta, eu conheci o Kenedy, ele falou do grupo, eu entrei, depois o Tripa entrou, daí foi que foi. Na época a gente estava com um trabalho legal, estava escrevendo, estava cantando nos espaços, em alguns encontros e tal, mas agora está meio enfraquecido.” (Jonas)

Também tinha o “Rebeldes do Campo”. Teve uma inauguração no Irmã Alberta, eu não lembro do que era e eles escreveram que ia ter

samba, não sei o que lá e Hip Hop¹⁹⁰. Hip Hop, cara! O bagulho vai ser da hora! Aí firmeza. Eu falei com a Rosana¹⁹¹, disse que queria ver, queria trocar uma idéia com o pessoal para ver se é da hora cantar Rap. Ela falou que eram os moleques do acampamento mesmo que faziam o rap, que era só procurar por eles: o Kennedy, a Adriana¹⁹² e o Márcio. Beleza. Fui lá, conheci eles, a Adriana e o Kennedy. Nossa, mano, é da hora cantar Rap. A gente só precisava da base. Então como não tinha, a gente fazia a base batendo com tambor, com um balde. Tinha uma música que a gente fez que é da hora:

*“Rebeldes do Campo,
chegamos pra rebento,
fizemos esse grupo desses três acampamentos,
eu falo pra vocês, essa coisa é certa,
Adriana e Kennedy do Irmã Alberta,
Vieram mais dois manos, e tem muito mais,
tem o Márcio de Dom Tomás,
Esse rap quando toca estremece até a torre,
veio Tripa, Cloide e Jonas do Camilo Torres,
Mas tem uma menina, que tá por aí,
é a Vivian, de Sarapuí.” ” (Robério)*

No Irmã Alberta a gente teve um grupo de rap que de primeiro, foi eu, o Kennedy , o Jonas, o Tripa, a Vivi e daí surgiu o “Rebeldes do Campo”. Juntou tudo, então a gente falou: Vamos fazer um grupo de rap. Surgiu até o Canto do Morro, também. (risos) O Canto do Morro é lá de Franco da Rocha no Dom Tomás Balduino. Eles fizeram um grupo também, de rap. É legal também as músicas deles, são interessantes.

¹⁹⁰ O Hip Hop é o nome usualmente utilizado para definir o movimento cultural periférico urbano que agrega alguns elementos como a música, a dança de rua e o grafite.

¹⁹¹ Nessa época, coordenadora do setor de educação do ainda acampamento Irmã Alberta.

¹⁹² Adriana hoje é assentada junto com sua irmã no assentamento Dom Pedro Casaldáliga e também colabora com esse trabalho. É irmã de Célia, mãe de Kennedy.

Agora a gente até brinca que é a turminha dos 22, porque o Kennedy faz 22, eu fiz 22, a Ester faz 22, o Jonas... o Tripa já fez acho que 22... é a turminha dos 22. Era muito legal. Todo mundo, uma turminha com a mesma idade. E todo mundo gostava bastante do movimento.

Agora eles são casados então fica meio chato. Porque às vezes as mulheres deles tinham ciúmes, não sei... Aí a gente nem conversava muito mais. Depois que casa acho que muda muito porque tem que ter muita responsabilidade. Tudo mudou bastante. Mas agora o Jonas está fazendo música evangélica, antes fazia rap. Agora a gente quer montar um grupo que vai chamar “Só para Jesus”. Eu, o Kennedy, o Jonas e o Tripa. Se Deus quiser vai dar certo.(Adriana)

Quando não trabalho eu gosto de estar compondo. Fazendo as letras. Eu não gosto muito de ler não. Tem os livros lá, quando eu vou pegar uns para ler gravo umas letras na cabeça e começo a escrever. Ah, não gosto de ler muito não. Eu tentei fazer um rap com a minha vida. Mas não me lembro. As letras a gente escreve, quando não tem nada para fazer aqui. A gente também vai lá para Ibiúna, escreve, pega umas letras nossas e fica por lá mesmo. Tem outras que ficaram com meu primo, umas que fizeram parte de nosso primeiro grupo de rap. Vou trazer ainda. (José Carlos)

“Esse é o dia-a-dia

Do povo da periferia

Esse é o dia-a-dia

Do povo da periferia

O MST não sai da minha mente

Com duas foices e duas enxadas no pensamento

O MST não sai da minha mente

E no natal foi melhor pra muita gente.”

(Jonas)

Embora menos citado por alguns de nossos colaboradores, o bloco Carnavalesco “Unidos da Lona Preta” também é um bom exemplo de atividade integradora em que os jovens tiveram oportunidade de entrar em contato com o aprendizado da música, descobrindo afinidades com esse universo e se dedicando a ela. Como nos conta José Carlos e Robério:

E aqui o meu negócio sempre foi a Unidos da Lona Preta.¹⁹³ A primeira atividade mesmo. Assim que eu cheguei, conheci o Geraldo¹⁹⁴. Que Deus tenha ele. Então ele passava lá em casa, porque eu fumava – fumava não, fumo – e dizia: Ô, compadre! Aí eu: Quem que é esse cara aí? Vou ver quem é. Daí o seu Geraldo: Aê moleque, quem é você? Eu falei: Ó, eu sou novo aqui, sou o Robério mas meu apelido é Tripa, porque o meu nome é meio zoadado. Aí ele: É isso mesmo compadre Tripa, você não tem um cigarrinho, não? E já começou a me chamar de compadre. Eu dei o cigarro e começamos a trocar uma idéia e ele me perguntou se eu gostava de tocar samba. Eu disse que gostava. Então ele disse que tinha chegado os instrumentos e que iam ensinar o pessoal a tocar samba. Eu fechei com ele. Passaram umas três semanas, a gente já reuniu toda a molecada de lá, e ele passava gritando: Olha a música! Olha a aula de música! Olha a música! Olha a aula de música! E a gente ia lá para cima, no casarão lá do Irmã Alberta. Ele ensinava a gente com tanto gosto que tinha hora que dava até raiva mesmo dele, sabe? “Não, filho, é assim, ó, é assim, não, faz assim, assim”. Ele olhava para a gente e falava: Você é feliz, cara? Uma palavrinha dá hora que até hoje a gente fala: Você é feliz, cara? Várias atitudes que a gente aprendeu com ele. Várias palavras, ditados, frases dá hora. Quem me motivou a tocar violão foi ele. Hoje graças a Deus eu toco violão. Não toco *aquelas coisas*, mas eu toco um violãozinho. (Robério)

¹⁹³ “Unidos da Lona Preta” é um bloco de carnaval fundado na Regional Grande São Paulo que atualmente ensaia na Comuna da Terra Dom Helder Câmara em Jandira e desfila nas ruas da mesma cidade no carnaval.

¹⁹⁴ Seu Geraldo, falecido em meados de 2005, tornou-se uma figura emblemática para os jovens do assentamento. Isso graças a sua simpatia, atenção para com os mais novos e afinidade com música. Ele recebeu como tarefa, ensinar os jovens a tocar os instrumentos que formariam a bateria do bloco “Unidos da Lona Preta”. Sua morte foi profundamente sentida por todos e ele sempre é lembrado como “Mestre Geraldo”.

Nós vamos ensaiar todo domingo em Jandira com a Unidos da Lona Preta.¹⁹⁵ Esse domingo teve, mas a gente estava na praça fazendo prova. Nós ficamos lá na Comuna¹⁹⁶. (José Carlos)

A possibilidade de diversão e de encontrar amigos com idéias próximas fez com que o rap – e a música de uma forma geral – fosse um fator de integração entre os jovens. Além disso, formular uma crítica e falar de revolução em suas músicas fortaleceram a formação da identidade de jovem revolucionário sem-terra, colaborando com a permanência deles no assentamento sem que precisassem abrir mão da sua cultura urbana e periférica. O incentivo a práticas culturais pode, portanto, ser um bom caminho tanto para fortalecer o espírito crítico dos jovens e a vontade de lutar por uma vida diferente e melhor, quanto para integrá-los e criar divertimento em espaços ainda hostis à vivência juvenil.

¹⁹⁵ “Unidos da Lona Preta” é um bloco de carnaval criado na Regional Grande São Paulo do MST e que desfila nas ruas de Jandira.

¹⁹⁶ Comuna Urbana de Jandira.

3.5 Lazer, drogas e relacionamentos na vida do jovem assentado.

Juventude associa-se à possibilidade de vivenciar experiências e fazer escolhas durante o processo de transição para a vida adulta. Essa experimentação normalmente significa entrar em contato pela primeira vez com situações que permitem um distanciamento da vida infantil mas que não caracterizam posturas de adultos. Dentre essas situações, destacamos a questão da festa, do contato com as drogas, do envolvimento com culturas de grupos juvenis e o afloramento da sexualidade. Por serem jovens e estarem ainda vivendo o que contam, não conseguem definir claramente qual é o conjunto de valores que julgam certos ou errados. Daí que, enquanto alguns temas na idade adulta ou na velhice são vistos como passagens da vida que trouxeram frutos bons ou não, para o jovem essa avaliação ainda não pode ser feita. Isso gera certa timidez e autocensura que não permitiram o aprofundamento narrativo sobre alguns aspectos como sexo e o uso de substâncias que alteram a percepção, sejam elas lícitas ou ilícitas. São questões citadas pelos jovens entrevistados, mas que de certa forma são vistas como secundárias frente a outras, tais como trabalho e estudos. Isso nos leva a pensar sobre o motivo da aparente pouca importância dada a essas experiências. Nas passagens em que a questão das drogas aparece, notamos que ela normalmente é vista como algo negativo. Será que esses jovens realmente não compartilham desse universo ou ficaram inseguros para revelar, diante de um gravador, algo que é mal visto pela sociedade?

Para o jovem que não convive com o universo das periferias urbanas e metropolitanas, as drogas ilícitas são vistas apenas como meio de diversão ou mesmo uma incursão aventureira sobre o mundo da malandragem periférica com o qual atualmente muitos jovens de classe média se identificam.¹⁹⁷ Mas para os outros, os pobres, o universo do tráfico é muito próximo e cotidiano. Ser usuário traz também o contato com pessoas que vivem imersos na violência e na ilegalidade. O medo da morte violenta ou da prisão afasta aqueles que não querem entrar para o mundo do crime. José

¹⁹⁷ KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R e VANNUCHI, P. (Org). **Juventude e Sociedade**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, p. 102.

Carlos já nos apresentou esse medo da violência urbana associado ao tráfico de drogas, mas vale ressaltar:

Os caras fumavam maconha, andavam armados, queriam que eu andasse. Estava na roda ali, e alguns amigos e uns que eu não conheço, começam fumando daí oferecem e ficam tirando você: Ah, se você não fumar você não fica no meio. Aí eu resolvi sair e não ficar no meio, porque aquela vida não é vida para gente não... Eu nunca fumei. Eu nem consigo pensar nisso. Perdi vários amigos por causa disso.

Robério também conta um pouco mais sobre a imbricação entre drogas ilícitas e a violência do tráfico:

Eu entrei por lado mais errado da vida. Fui nessa vida ruim.... Uma vida que você... sei lá, não tem gosto de viver. Você tem alegria momentânea, mas alegria permanente você não tem. É tirar de quem não tem, é usar droga, essas coisa assim, entendeu? Estragou a maior parte da minha vida. Teve uma época que aconteceu um problema lá na onde eu morava, que foi a entrega¹⁹⁸ de uma boca de fumo. Pensaram que tinha sido eu e falaram que iam me matar. O que eu fiz? Eu achei melhor sair dali, porque senão o negócio ia esquentar para o meu lado. Eu já estava com 16 anos de idade e já estava meio louco com aquela vida.

E ainda:

Depois disso, minha mãe queria ir para o Ceará. Eu falei: Aceito mãe, para sair desse inferno aqui eu vou para onde a senhora quiser, para qualquer lugar. Então a gente conheceu o Júlio. O marido da minha prima conheceu um rapaz chamado Júlio, aqui do movimento. Ele fazia trabalho de base, de frente de massa¹⁹⁹. Ele conversou com a

¹⁹⁸ Delação.

¹⁹⁹ Trata-se de visitas às favelas, albergues e bairros periféricos na cidade de São Paulo, visando divulgar a proposta do MST e trazer mais famílias para o movimento, massificando os acampamentos e promovendo ocupações de áreas próximas à região metropolitana.

minha mãe e ela gostou. Nesse tempo eu usava muita maconha. Sempre só usei maconha, mas usava muito mesmo. Ele falou que no movimento não podia usar droga, que se eu gostasse de jogar bola podia jogar lá, que a gente não ia passar fome, que não ia precisar muito de dinheiro. E que lá o pessoal ia me tratar como uma pessoa, não como aqui na rua em que as pessoas te tratam como cachorro, como mendigo. Lá eu ia ser tratado como uma pessoa, porque ele disse que eu tinha cara de vencedor, mano. Falou desse jeito comigo. Eu, moleque, já senti aquele negócio e viemos.

Esse trecho permite perceber melhor que uma das qualidades do assentamento é afastar o jovem não das drogas em si (como se fosse um problema moral), mas da violência que acompanha esse universo. No assentamento existem poucas possibilidades de entrar em contato com esse mundo. Mesmo em relação à maconha, que é sempre vista como uma droga mais leve, quando esse assunto veio à tona em conversas informais, pareceu-me claro que a falta de privacidade e o controle excessivo sobre a vida de todos não permitem seu uso. Cláudio, falando das experiências com drogas ilícitas, conta que elas ocorreram fora do assentamento, quando ele saiu por um tempo para trabalhar em São Paulo:

Alguns amigos lá da casa em São Paulo usavam drogas. Cheiravam farinha, fumavam um baseado, e outras drogas lá que eu não conheço pelo nome. Tinha uma agulha de injeção que eles colocavam no braço... Eles ficavam me oferecendo: Vai, usa, é bom! Eu falei: Não, estou fora, use seus negócios quieto aí no canto. Ofereciam mas eu nunca usei, nem nunca quero usar, mas vivia com eles... Eram meus amigos, gostava deles para caramba. Mas eles me ofereciam e eu não usava não. Me ofereciam direto porque a gente trabalhava junto. Eles falavam que dava mais força, mais apetite de trabalhar porque o serviço era pesado. Pegava às sete, largava às oito e fazia hora-extra. Tinha vez que nós parava à meia-noite e fazia uma hora-extra a mais.

A distância percebida em relação às drogas ilícitas não se repete quando se trata de álcool. Também este é um assunto velado que aparece pouco nas narrativas em si. No entanto, não apenas é algo que faz parte do mundo do jovem assentado como se configura em um problema para o assentamento no tocante aos adultos. Nos primeiros tempos da ocupação, o consumo excessivo de bebida alcoólica fez com que muitos integrantes abandonassem a luta. Quanto aos jovens, percebemos nas muitas conversas que o consumo de álcool é encarado como uma espécie de aventura para uns, e forma de agüentar o trabalho para outros. Mas para nenhum deles beber se constitui um hábito freqüente. Adriana nos fala um pouco sobre essa questão quando relata a vivência nas noites culturais realizadas durante o curso de agroecologia em Itapeva:

Às vezes, nas noites culturais lá no curso em Itapeva, eu até bebia um pouquinho. Agora eu parei mesmo. Lá na escola tem noite cultural no sábado, aí quando eu bebia o Lika não bebia porque era para cuidar de mim [*risos*] e quando ele bebia eu não bebia para cuidar dele. A gente combinou assim. Agora é sossegado. Eu não bebo mais e ele também não bebe mais.

Afastar-se das festas e do cotidiano periférico representa para os jovens um ganho qualitativo de vida. Mas infelizmente, com exceção da música presente nos grupos de rap e no bloco carnavalesco “Unidos da Lona Preta” (que começou no assentamento Dom Pedro Casaldáliga quando ainda se chamava Camilo Torres, mas que atualmente se concentra e promove os ensaios na Comuna Urbana de Jandira), poucas atividades de lazer são promovidas na área de moradia. E o fato de as atividades acontecerem em outras Comunas da Regional Grande São Paulo dificulta os encontros, devido aos poucos recursos para o transporte e alimentação que o movimento pode oferecer e que os jovens não dispõem por conta própria. Sem contar o tempo de deslocamento, dado se tratar de uma área rural com poucas opções de transporte público. Mesmo as noites de festa, chamadas de “noites culturais”, diminuíram consideravelmente passada a fase de acampamento. A alternativa são os filmes piratas adquiridos de forma barata na cidade e assistidos no casarão coletivo (antes da chegada

da energia elétrica na maioria das casas) e os esportes, especialmente o futebol, como nos conta Cláudio:

Aqui só tem o pesqueiro mesmo ali e de vez em quando nós vamos lá, pescar, se divertir um pouquinho, brincar de bola um pouco na rua, assistir um filme lá embaixo, no barracão²⁰⁰... Cada um sai juntando os filmes nas casas das pessoas que tem e leva lá para todo mundo assistir. Mas é pouquinho coisa, né? A molecada de agora, a juventude que está crescendo aqui pensa mais no campinho. Daí nós resolvemos pedir para a máquina²⁰¹ arrumar o campo, para os que estão crescendo aqui. Mas os outros, que começaram junto com a gente, a maioria já saiu, já não estão mais aqui. Têm poucos. Ninguém sabe se volta ou se não. Acho que também cansaram de viver nesse sossego.

Diante da escassez do lazer, existem outras atividades que colaboram com a permanência dos jovens? Foi observado nas narrativas que, além da questão das festas e atividades de grupo, um forte fator de atração entre os jovens é a possibilidade de promover intercâmbios entre os assentamentos ou com a Escola Nacional Florestan Fernandes, localizada na cidade de Guararema, além das viagens promovidas para encontros e atividades políticas do movimento. Segundo Cláudio e José Wilk:

E eu gostava de ficar lá na escola. Lá tinha muito movimento, conhecia bastante gente de vários lugares, vários estados, países... Fui uma vez para Cuba acompanhar um pessoal do curso de medicina²⁰² (Cláudio)

²⁰⁰ Barracão é um dos espaços da sede da antiga Fazenda São Luiz. Por um bom tempo foi um dos poucos lugares da comunidade com energia elétrica. Possui uma televisão coletiva para que os assentados, sobretudo os jovens e as crianças possam ver filmes já que a televisão não tem antena. O aparelho de DVD e os filmes (a maioria piratas) são pertences pessoais.

²⁰¹ Máquinas da CODASP (Companhia de Desenvolvimento Agrícola do Estado de São Paulo) empresa responsável pela manutenção de estradas e pela obras de terraplanagem para a construção de platôs nos locais de construção das casas de alvenaria por meio do crédito habitação do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

²⁰² Trata-se de um convênio criado com Cuba e que conta atualmente com 80 jovens estudando na Escola Latino-Americana de Medicina, de Cuba. Outros 20 já se formaram médicos e 40 iniciam seus estudos ainda este ano. Ver: www.mst.org.br

Porque aqui é um assentamento mas o pessoal você vê que é da cidade mesmo. Eles não ficam andando e falando: minha vaquinha dá não sei quanto de leite. Não acorda às cinco hora da manhã gritando com boi. “Vem, não sei o que lá!”, com nome de boi, de animal, entendeu? Você pergunta o nome de um animal eles têm um nome. “Ah, vem aqui, não sei o que lá! Esse aqui é o meu não sei o que lá” Os caras falam uns bagulhos que você fala: “Pô, mano, qué isso ?! Explica para mim o que você está falando”. Queria lembrar alguns nomes que eles falam ainda...

É parecido com quando a gente foi falar com os gaúchos. Os gaúchos é tudo: “tche, tche, tche”. Aí você vai trocar uma idéia com eles e te chamam de “tche”. E eu ficava falando: “Não, meu nome não é tche, meu nome é Wilk” [risos] E eles: Mas tche, não sei o que lá! Toma um chimarrão.” Mas meu nome não é tche, mano!” Começava a ficar nervoso. Você chega na cidade: “Oh, Joe!”, “E aê, mano!” Agora você chega no lugar: “Tche!” Pô, quem é tche, caralho?!” [risos] Aí no movimento eu fui aprendendo que os gaúchos falam tche porque é a linguagem deles, na roça eles falam assim porque é a linguagem deles...Assim como a nossa é a gíria. (José Wilk)

Na vida de assentado, os pais e a comunidade em geral exercem um controle cotidiano muito forte sobre os jovens. Isso inibe experiências moralmente condenadas pelos adultos e que no entanto são imprescindíveis para a experimentação do mundo. Distanciando-se dessa tutela permanente (que contrasta violentamente com a vivência liberta das ruas, no caso dos jovens que moram nas periferias) os jovens podem ter a experiência de cuidar de sua própria existência, escolhendo seus gostos e riscos. Exemplo disso se manifestou nas conversas em que ouvi relatos engraçadíssimos e cheios de vida contados por jovens (não apenas do assentamento Pedro Casaldáliga) que participaram sem os pais das marchas promovidas pelo MST. Encontros, molecagens, bebedeiras, relacionamentos amorosos, aspectos identificados como faltosos nos assentamentos, estão presentes nessas possibilidades de autonomia e distanciamento da vida pacata de assentado. O mesmo ocorre em relação aos cursos de alternância (que ocorrem em parcerias com escolas do movimento e universidades) em que, mesmo

monitorados pelos educadores, o jovem ganha por alguns meses um sentido de liberdade e autonomia que ele não possui no assentamento.

Essas viagens trazem oportunidades de conhecer o universo cultural de outros assentados e também pessoas com quem possam se relacionar amorosamente. No caso dos relacionamentos, com exceção de Jonas que se casou com Aline (filha de Dona Isabel e irmã de Cláudio), que é do próprio assentamento, e de José Wilk, que não tocou no assunto apesar dos estímulos, todos os outros colaboradores tiveram relacionamentos com pessoas de outros locais.

Eu estava namorando, só que não deu certo. Ela era do movimento também. Não daqui. Ela tinha montado o acampamento do Che. Depois ela foi embora. Eu fiquei um ano e meio com ela. Mas casar não. Por enquanto não. Tô de boa... (José Carlos)

Eu acho que é a molecada que saiu foi por causa disso. E ainda estão saindo por causa disso. E com namorada, quem se ajeitou aqui já se ajeitou²⁰³. Quem não, não se ajeita mais. Não tenho namorada. Nem no movimento. Ainda não. Já tive. Tive uma, fiquei uns tempos com ela, depois separei, não deu certo. Foi lá na Escola Nacional que eu comecei a ficar com ela. Ficamos mais ou menos um ano juntos. Ela morava na escola. Trabalhava também, cuidava das crianças. Não deu certo, ela foi embora, eu também vim embora para cá. De vez em quando ela liga, pergunta como é que eu estou. Ela se preocupava muito comigo. Mas é sempre assim, se não dá certo, tem que sair de perto. [risos] (Cláudio)

Já tive namorado, mas esses meninos só querem aproveitar das meninas. Eu estou sossegada. Por isso eu falei para minha irmã que eu não vou arrumar namorado agora. Ai, Deus me livre. Eu namorei com um rapaz por um mês, e depois ele me falou que tinha uma filha. Nossa Senhora! Aquilo acabou comigo. Depois dele eu falei assim: Não vou namorar com mais ninguém. Já faz uns quase três anos que eu estou sozinha. Eu não quero ficar com ninguém mais, não.

²⁰³ Pouco tempo depois de realizada a entrevista, a filha de um assentado mudou-se da cidade de São Paulo para a casa do pai. Conheceu Cláudio e eles passaram a namorar. As dificuldades de se encontrar um parceiro se dá pelo fato de que existem poucos jovens de idade próxima no assentamento (principalmente meninas), e dentre esses, alguns já são casados como é o caso de dois dos nossos colaboradores.

Ele era lá de Jandira²⁰⁴. Ai, Deus me livre! Por que ele não falou no começo que tinha uma filha? Eu ia compreender, mas depois de quase um mês ele vem falar que tem uma filha!?! Eu terminei. Não dava certo. Mas agora eu quero ficar sozinha por um tempo. Às vezes os meninos falam comigo: você não vai casar também não, Adriana? [risos] Você não vai casar, não? Só tem você agora, suas amigas casaram todas. Os meninos ficam zoando comigo. Até minha sobrinha, sabe? Todas casaram. (Adriana)

Eu fui em uma atividade em Brasília, que foi o Congresso Nacional do MST. Lá eu conheci a Shirlei²⁰⁵ e a gente começou a namorar. Nisso o tempo vai, tempo vai, tempo vai, e... nós tivemos o Isaac.²⁰⁶ (Robério)

Namorar pode ser considerado fundamental por qualquer pessoa, não importando sua idade. Mas no caso dos jovens trata-se da possibilidade de conhecer e explorar sua sexualidade pelas primeiras vezes, e pode ser frustrante não viver tais experiências antes da chegada à vida adulta. Muitas vezes esses relacionamentos geram filhos de forma muito precoce, o que faz com que Adriana, por exemplo, associe relacionamento amoroso com abandono de estudos e de propósitos práticos de seu projeto de vida. No caso dela que é a nossa única entrevistada, atentei para o seu desejo expresso de não interromper um caminho profissional de vida oferecido pelo próprio movimento. Ao contrário de jovens mães da periferia, que muitas vezes encontram na maternidade o único sentido e projeto para a vida. Segundo nos aponta Kehl, houve uma revalorização da maternidade em tempos de maior liberdade sexual para os jovens:

“A leitura mais imediata do fenômeno seria de que o filho, para estas garotas, representa somente um gozo a mais. Sem responsabilidade de manter e sustentar a criança ou a si mesmas, amparadas pelos pais, valorizadas e invejadas pelas amigas e, em certos casos, liberadas provisoriamente da obrigação de estudar e projetar um futuro

²⁰⁴ Comuna Urbana de Jandira Dom Helder Câmara que também integra a Regional Grande São Paulo do MST.

²⁰⁵ Esposa do Robério.

²⁰⁶ Primeiro filho do casal.

profissional, as adolescentes grávidas ostentam suas barrigas como troféus que atestam sua impunidade e sua completude fálica”

E acrescenta:

“ (...) entre as adolescentes pobres, cuja vida vai se tornar certamente ainda mais difícil com o encargo de criar um bebê, a gravidez hoje parece carregar um significado positivo, e poucas se mostram dispostas a abrir mão de ter e criar o filho inesperado.”

Como sugere sua narrativa, Adriana não compartilha dessa valorização da maternidade. Entendo que essa visão decorre de muitos fatores, tais como a educação oferecida pela irmã Célia (militante do setor de gênero) que valoriza a autonomia feminina frente aos homens, e as dificuldades de relacionamento dentro do assentamento (dado que são poucos os jovens próximos do seu período de vida). Mas também inferi que sua visão negativa da gravidez precoce se dá pelo fato de que essa não é uma das únicas opções em potencial para a sua vida. O fato de continuar estudando, convivendo com outras jovens no curso de agroecologia e vislumbrando outras opções de futuro, permitem-lhe pensar na maternidade como um acontecimento que fará parte de sua vida adulta e que não condiz com seu atual estágio de vida. Segundo Adriana:

“Tem menina que não liga muito mesmo. Se a gente pergunta se a mãe não fala nada, tem umas que falam assim: não, minha mãe é minha amiga... Mas será que tipo de amiga, né? Porque teve uma menina lá que falou que achava que estava grávida. Ai meu deus do céu... A gente perguntou: e a sua mãe, não faz nada? Ela falou assim: Não, mas a minha mãe é minha amiga, ela não liga. E eu: Putz!

Eu acho que em primeiro lugar vem o estudo, cara. Porque hoje em dia, se com o estudo é difícil, imagina sem o estudo. É tudo mais difícil. Hoje em dia para você comprar um sapatinho de criança está mais caro do que o sapato de adulto. [risos] Nossa! Um trenzinho daquele... desse tamanhinho, o olho da cara. E você tem que parar com tudo. Os meninos não. Eles nem ligam. [risos] Tem uns que

criam mais juízo, mas tem outros que não mudam nada. Ter filho ou não ter, tanto faz.

Adriana associa o peso da maternidade à condição feminina, entendendo tratar-se de um problema que modifica apenas a vida das mulheres. No entanto, percebemos na fala dos jovens pais colaboradores que o nascimento dos filhos provoca implicações sérias na vida dos homens também (desde que assumam o papel e as responsabilidades de pai). Mesmo sendo filhos muito desejados, como nos conta Robério, é fundamental abandonar o moralismo quase inerente à visão dos adultos sobre os mais jovens e proporcionar educação sexual preventiva, para que as experiências sexuais não redundem em famílias precoces e não desejadas. Significa permitir que a juventude viva os prazeres da sexualidade de forma mais livre, sem encarar o sexo desvinculado da procriação e do casamento como sinal de imaturidade, mas sim parte de uma vivência juvenil. Isso porque a chegada dos filhos obriga o jovem a assumir o papel de provedor de uma família, o que na maioria das vezes não condiz com sua estrutura emocional e material.

3.6 Educação para o trabalho, produção e consumo

Dentre as muitas preocupações dos jovens assentados e os variados graus de relevância dado a um ou outro aspecto, o trabalho aparece nas narrativas como fator de preocupação comum. A proposta do Projeto de Desenvolvimento Sustentável – PDS São Luiz elaborada pelo INCRA tem como objetivo principal conseguir aliar trabalho e moradia no mesmo espaço, respeitando as características dos assentados e da natureza local. Os jovens que optaram por permanecer no assentamento (ou intencionavam ficar, como é o caso de Robério) se dispuseram a trabalhar com agricultura. No entanto, essa opção não apresenta os mesmos benefícios ou obstáculos para todos. Ao criar a expectativa de trabalhar no campo em um projeto ainda em desenvolvimento, eles são obrigados a abrir mão do consumo, particularmente caro à juventude atual como um todo levando em consideração as falsas demandas criadas pelo mercado. Alguns deles expressam nas suas narrativas a relação entre juventude e consumo. Robério acaba por resumir um pouco da associação entre viver na cidade e consumir mercadorias que faz parte das relações sociais juvenis:

E geralmente quem quer sair é pelo bagulho de ter, tá ligado? Para ter um tênis de marca. A juventude quer saber do quê? Quer saber de beijar, não é verdade? É namorar, é tomar uma cervejinha, comprar uma roupa da hora. Não sei se você já viu um teatro que o cara fala para uma mulher assim: Eu quero comer aquela mina. Aí ela fala: Ah, mas para comer aquela mina você tem que ter dinheiro, para ter dinheiro você tem que trabalhar, para trabalhar você tem que ter estudo. Vixi! Entende? Foi um bagulho assim. Tipo, se ele tiver dinheiro, ele vai ter a mina que ele quer, entendeu? É nesse sentido... Se eu tiver um tênis, uma calça e uma camiseta dessa marca, aquela menina vai ficar comigo. Ele vai querer para poder ficar com aquela mina. Aí ele vê que para ter aquela outra ali, tem que ter isso, isso e isso dessa outra marca. Ele vai ter que ter para poder ter a outra menina. Meu pensamento é esse, cara. Porque ó, pode ver, quando eu estava aqui, lascado, eu não tinha um tênis bom, não tinha uma calça boa... Eu tinha uma, mas meia zoadinha de barro até umas horas

mesmo [risos]. Agora não, se eu estou morando lá, não piso muito no barro, comprei um tênis, comprei uma calça, comprei uns bagulhos para os moleques. Eles lá também não moram no barro então comprei um tênis e um sapatinho para eles, calça, uma blusinha. Para poder já crescer tendo alguma coisa senão vai querer ter de outro jeito.

Depreendi a partir disso que ser assentado é abrir mão de algumas das mais fortes características da juventude atual. José Carlos saiu da cidade e se estabeleceu com a família na cidade de Ibiúna no interior de São Paulo. Criado como agricultor, as dificuldades da família giravam em torno da pequena quantidade de terra que possuíam, o que os obrigava a trabalhar para o dono de outra propriedade. Salvo essa exceção, todos os outros colaboradores tinham pouca ou nenhuma experiência com o trabalho rural, seja na agricultura ou na criação de animais. Mesmo assim decidiram aprender outra atividade e tentar formular seu projeto de vida a partir disso. Entretanto, as dificuldades de viabilização da produção são muitas. O INCRA é o órgão do governo federal responsável pela mediação de conflitos agrários e que dá assistência ao assentamento. É principalmente através dessa mediação que são implementados convênios com órgãos como a CONAB (Conselho Nacional de Abastecimento) e organizada a distribuição dos fomentos para produção e de crédito moradia. Atualmente, temos o processo de construção das casas de alvenaria, a tentativa de articular uma cooperativa para escoar a produção sem intermediários, e a formulação de projetos para o financiamento via PRONAF (Programa Nacional de Agricultura Familiar) junto ao agrônomo destacado pelo INCRA e o Banco do Brasil. Jonas nos fala um pouco sobre o desenvolvimento da política de fomentos no momento em que a entrevista foi gravada:

A gente recebeu o primeiro fomento e agora está para chegar o segundo. O primeiro veio R\$ 2.400 por família. O segundo também. Só que esse primeiro a gente gastou em alimentação e ferramentas. O segundo vai ser para a área de produção. Ele veio em crédito essa linha do governo. Pelo menos aqui para a Comuna veio em crédito. Sai em crédito e aplicamos no Brama, aí cada família foi lá e comprou o que queria, mas vem em crédito. Não vem em dinheiro. Podemos comprar em qualquer estabelecimento que aceite as normas, que é em

crédito pelo governo. Muitos não aceitam, mas muitos aceitam. Igual o Brama, que é um depósito de construção. A gente depositou, foi lá e comprou. Tudo certo, é tranquilo. Vem um cheque, você vai lá compra, acabou o crédito, acabou. Vem assim, desse jeito. Compramos enxada, foice, escavadeira, tudo o que se precisa para mexer com a terra. Compramos isso, o básico. E alimentação. Ficaram 700 reais para alimentação. Para não ficar só com a cesta básica.

Apesar da preocupação com o trabalho fazer parte da vida de todos os jovens entrevistados, Jonas é o que demonstra maior conhecimento sobre a situação atual da produção no assentamento. Inferi que isso se deve a sua urgência na geração de renda ser maior que a de outros assentados em decorrência de sua família de procriação. Atualmente os lotes (ou “terreiros”, como alguns assentados preferem chamar a área de moradia e produção individual para diferenciá-la da ideia de lote que lembra o mercado especulativo imobiliário) possuem 5.000 metros quadrados. A falta de licença ambiental, que o INCRA ainda está tentando obter, impede o andamento da proposta de desenvolvimento sustentável que visa ao reflorestamento das áreas degradadas da Área de Proteção Ambiental (APA) e o acesso aos 40 hectares de eucalipto que serão retirados e utilizados coletivamente. Algumas pessoas, normalmente as mais velhas e que já possuem conhecimento sobre o trabalho do campo, já estão produzindo feijão, milho, legumes e estão começando a plantar uva. José Carlos nos fala um pouco sobre a expectativa em torno da produção agrícola e das novas relações de trabalho geradas no assentamento:

Plantar uva e fazer mais coisas por aí. Sem patrão. Sem falar: “Faz isso!” O melhor é isso, trabalhar sem ter pessoas falando, mandando. Nós entramos no CONAB²⁰⁷. Nós temos uva, a gente vai plantar mais uva rubimel. É uma plantinha bem cara, que vende bem cara. É de comer, fazer suco. E trabalhar para nós mesmo. Aqui não no assentamento eu tiro umas horas para trabalhar, outras horas eu tiro de lazer. Eu estou fazendo para mim mesmo, então eu tiro umas horas pra poder descansar também.

²⁰⁷ Conselho Nacional de Abastecimento.

Mesmo que haja um bom rendimento da produção agrícola, a área que pode ser destinada para a agricultura é pequena. Disso decorre a necessidade de outras práticas de exploração sustentável como a implementação dos SAF's (Sistemas Agroflorestais). Apesar da assessoria dos técnicos do INCRA, os jovens ainda possuem pouca orientação e conhecimento sobre as práticas agroecológicas que se pretende implantar no assentamento para produzir alimentos saudáveis e sem dependência em relação às grandes empresas de insumos agrícolas. A formação educacional emerge, portanto, como necessidade e condição para a viabilização da produção e geração de renda no assentamento. O próprio MST possui estrutura educacional, oferecendo cursos de formação para os assentados no Centro de Formação Campo-Cidade, localizado na cidade de Jarinu, e em outras escolas espalhadas pelo país como a Escola Nacional Florestan Fernandes, localizada na cidade de Guararema, ou a escola de agroecologia de Itapeva, na qual dois de nossos colaboradores, Adriana e José Wilk, estavam estudando no momento de realização das entrevistas. O interesse pela agroecologia e a questão da escolaridade aparece nas narrativas dos entrevistados:

Estou fazendo o curso de agroecologia em Itapeva. Nossa, é muito diferente. Lá é roça mesmo. O povo é da roça. Ó, as gírias. Não tem o que falar de gíria lá. O negócio deles é falar... Como é? Esqueci o nome, mas tem um que eles falam bastante. A Adriana que sabe imitar eles certinho. Eles puxam bastante para falar. Eles falam umas coisas que você dá risada, mano. Como é mesmo? Caipora. (José Wilk)

Eu mesmo de escola fiz até a oitava série. Posso fazer os cursos do movimento²⁰⁸. Lá na Escola Nacional eu fiz curso de medicina com plantas e de gestão ambiental. Fiz vários cursos na escola porque eu trabalhava e estudava. Mas medicina mesmo como em Cuba não. É muito nojento. O pessoal mexe com muito defunto, joga em cima da mesa... Se a pessoa não agüenta sai tudo para fora [risos]. Tem que abrir tudinho ali... Me interessava mais no de gestão ambiental, que eu não fiz completo. Mexia mais com isso. Eu gostava de pegar as plantas, fazia um monte de coisa com elas. Mas daí eu parei. (Claudio)

²⁰⁸ Uma parte dos cursos técnicos oferecidos pelo MST exige que o educando possua o primeiro grau completo como pré-requisito.

O mais legal é o curso de agroecologia. Mexer com lavoura, né? Acho que está no sangue da pessoa. Minha mãe mexe com lavoura desde pequena, meu pai também. Eu fiz até a quarta série só, mas aprendo outras coisas nos cursos. Estou também fazendo eliminação de matérias. Teve a prova²⁰⁹, eu fui e não vou parar de fazer essas provas, quero terminar. Fiz de português, ciências, e a outra eu não consigo lembrar. Eu quero terminar. Tem que saber de tudo. Quero ficar por aqui. Cantando o meu rap quando tiver oportunidade de ir para a cidade. Só para cantar, comprar algumas coisas. Porque o campo é o melhor. É bem afastado da cidade, é legal. (José Carlos)

Uma boa parte da minha vida foi no movimento. Agora estou estudando, fazendo ensino médio técnico em agroecologia e, mais para frente, pretendo fazer faculdade de agronomia. Eu gosto de agroecologia porque mexe com a terra, com as plantas, então você aprende a plantar sem usar adubos químicos, tudo orgânico. Aí eu gosto muito. Aprendi bastante no movimento. Aprendi a conviver com as pessoas. Eu me sentia uma menina muito chata, mimada, insuportável. Tem muitas pessoas humildes no MST. Eu aprendi a ser humilde com eles também. (Adriana)

A formação educacional do movimento, aliada às provas de equivalência de matérias oferecido pelo governo do Estado, permite a complementação da formação educacional dos jovens. Os cursos de agroecologia em escolas do MST espalhadas pelo país e em Universidades que estabeleceram parcerias com o movimento são realizados em sistema de alternância, e oferecem além da formação técnica a conclusão do ensino médio. Para ingressar nesse curso o jovem deve ter concluído o ensino fundamental completo. Este sistema prevê que o jovem fique de dois a três meses estudando em tempo integral nas escolas e depois fique um período no assentamento – chamado na estrutura do curso de “tempo comunidade” – realizando trabalhos e tentando por em prática os conhecimentos adquiridos. Adriana nos explica a estrutura do curso de agroecologia pelo sistema de alternância:

²⁰⁹ Trata-se do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA).

Esse curso de agroecologia é em Itapeva e eu sinto uma dificuldade muito grande porque lá você estuda o dia inteiro. Você fica estressado, cansado, é muito cansativo mesmo. Eu fico dois meses na escola e três meses em casa que é o tempo comunidade, para passar o que aprendemos na escola para a comunidade. Além de estudo, tem o tempo esporte que você vai jogar futebol ou baralho. Têm também torneios de queimada, de futebol... Torneio de truco também tem [*risos*]. Eu também jogo truco. Até umas dez e meia, onze horas tem gente jogando truco. Todo dia. Então é a única coisa que o pessoal tem pra se divertir, porque a gente estuda até as dez horas e depois até onze horas, meia-noite, a gente está na sala, ou limpando ou pensando a mística para outro dia. São jovens na maioria daqui do Estado de São Paulo. Fiz muitos amigos.

Não nos parece uma coincidência que justamente os dois jovens que possuem filhos, Jonas e Robério, falem pouco dos cursos de formação (sobretudo de agroecologia) e da questão educacional em si. Jonas menciona a formação política que foi intensa até o seu casamento e a chegada de Alice, sua filha. Robério narra que tentou voltar aos estudos na cidade, mas teve que interromper o processo em decorrência da busca por emprego. Isso nos remete a uma questão fundamental quanto ao desenvolvimento da produção e à geração de renda: os jovens trabalhadores que possuem família de procriação, justamente os que mais dependem da sua própria produção, são os que mais têm dificuldade de adquirir conhecimento e formação para viabilizá-la. Durante o período em que Robério estava no assentamento, ele e Jonas eram parceiros na busca de “bicos” que pudessem satisfazer as necessidades imediatas de consumo. Essa contingência afasta os jovens pais do trabalho rural porque impede que tenham tempo de estudo e trabalho para viabilizar a produção. Jonas nos aproxima um pouco mais desse dilema entre trabalhar fora do assentamento ganhando dinheiro imediatamente e desejar construir um projeto produtivo no assentamento:

A gente se vira do jeito que pode. Eu já coloquei diversas vezes isso em reunião. Estou falando de nova sociedade, estou falando de tudo, mas acabou a reunião eu vou fazer um bico. Faz, é consequência do sistema também, a contradição. Foi feita para isso mesmo. Mas a maioria é assim, só nessa, assistencialismo do governo, bolsa família, alguma coisa, aposentadoria. Ou então é bico lá fora, de tudo: ajudante de pedreiro, tudo. Tudo o que aparecer, carpir, roçar, a gente encara. Aqui, em Cajamar, em Polvilho, onde tiver a gente vai atrás. É nessa que entra, que vai perdendo até a mística de classe e de luta também.

Chegou uma época em que eu estava parado também, estava desanimado. Estava fazendo bico a semana toda lá fora. Olha que merda. É foda. Mas é consequência da luta. Tem que acontecer, porque o movimento, a gente, não tem estrutura para viver sem dinheiro. Tem que fazer esses corres mesmo até a coisa começar a funcionar. E a gente começar a trabalhar por nós mesmos. Mas até aí, vai se virando do jeito que pode.

Robério nos explica que a falta de dinheiro foi o fator predominante para que ele abandonasse o projeto e retornasse para a cidade, mesmo mantendo o sonho de um dia ser assentado:

Vimos aqui para casa do Robistaine e nesse tempo ainda eu estava com o barraco. Só que o pessoal não estava querendo dar a cesta sem eu dar o dinheiro. E a dificuldade apertando. Eu estava metendo fralda de pano nas crianças para não ter muito problema com isso. Passa o tempo e os moleques pedindo comida, carne, e eu sem trabalhar fora. O pessoal não queria que eu trabalhasse, eu estava sem um serviço bom que desse dinheiro. Só bico para pagar a cesta. Então saí para trabalhar e levei Shirlei comigo.

A gente foi lá pro Jardim Damasceno²¹⁰, morar do lado da casa da irmã dela, que é o mesmo terreno, só que ela deu para nós.

Da primeira vez que eu fui estava só trabalhando. Trabalhava e ia para casa da minha irmã. A Shirlei ficava aqui, no assentamento.

²¹⁰ Bairro periférico entre a zona oeste e norte de São Paulo.

Ela ficou aqui um mês sozinha e começou a escutar uns barulhos diferentes... Ela ficou assustada e foi lá ficar lá comigo e com a minha irmã no Capão Rendondo, Jardim Comercial.

Tais apontamentos me levaram a um questionamento: Será que necessariamente todos os jovens assentados precisam ter o trabalho rural (agricultura, sistemas agroflorestais e criação de animais) como única possibilidade de trabalho? A necessidade de recursos para coisas essenciais do dia-a-dia se mostra como um dos entraves para a permanência de jovens que gostariam de ficar na área mesmo abrindo mão de todos os benefícios da cidade. A chegada dos filhos faz com que as outras problemáticas do assentamento para o jovem – como ausência de agitação, de pessoas novas e de festas – se tornem um problema muito menor frente à falta de dinheiro. A proposta rural de base agrícola sustentável se mostra cada vez mais como um projeto a médio e longo prazo. Soma-se a pouca experiência e formação dos jovens, insuficientes sobretudo para os que possuem filhos e não podem participar de cursos mais aprofundados.

Os jovens possuem trajetórias e estágios de vida diferentes, então como fazer com que a mesma proposta contemple de forma satisfatória todas as realidades envolvidas?

Esse é um dos grandes desafios da proposta de assentamentos próximos às cidades. O imenso leque de realidades concentrados no mesmo local – fruto da própria dinâmica fluida urbana – faz com que as especificidades de cada um dos envolvidos tenha que ser considerada e pensada. Isso porque mesmo entre a juventude não há homogeneidade de perspectivas. Que dirá entre os outros grupos etários e sociais presentes na área conquistada.

Capítulo 4

Conclusão

A proposta de pesquisa realizada em colaboração com os jovens assentados da Comuna da Terra Dom Pedro Casaldáliga buscou permitir uma aproximação maior com o tema da juventude. Parti do conceito de “juventudes” para exprimir os muitos pertencimentos e realidades que dizem respeito não apenas ao fenômeno mais geral da juventude, mas também aos nossos jovens colaboradores. Observando, participando da realidade desses jovens e trabalhando em colaboração por meio da realização de entrevistas, faz-se necessário promover alguns apontamentos sobre o tema em questão. Esses apontamentos não pretendem de forma alguma esgotar a discussão, mas trazer à tona alguns aspectos relevantes para a permanência dos jovens na área conquistada. A importância de centrar a atenção na juventude está no fato de que sua permanência envolve a continuidade geracional do próprio assentamento. Isso porque não se trata apenas de garantir a viabilidade da proposta para os que hoje constituem o que chamei de “juventudes”, mas também de pensar no futuro das crianças, isto é, nos jovens de amanhã.

Assentar jovens urbanos me parece mais problemático na medida em que as privações do campo exigem um grau de desprendimento maior da juventude ávida por viver experiências que são limitadas pela estrutura do projeto rural. Não quero dizer com isso que a vivência juvenil é um fenômeno exclusivo do meio urbano. Mas no caso dos nossos colaboradores, suas características e necessidades estão em consonância com a cultura urbana e não mudaram em decorrência da mudança espacial para o campo. Essa referência decorre da experiência que possuem do mundo. O trabalho não apenas faz parte do ser jovem como em muitos casos é condição para que essa vivência seja acessada. Como tornar essa proposta mais interessante para os jovens assegurando sua permanência voluntária?

A meu ver, pareceu-me que dentre as muitas questões abordadas, a falta de lazer e interação com outros jovens e a questão do trabalho são fundamentais. Em relação ao primeiro problema, é fundamental a existência de atividades que incentivem a arte como

um todo: música, teatro, artesanato, etc. Também defendo a necessidade de estímulo para que esses jovens – sobretudo os que não possuem filhos – circulem, passeiem, estudem, enfim, tenham mais vivências dentro do MST Nacional, mas fora do assentamento de origem. Essa proposta tem como obstáculo principal o fato de esses jovens estarem envolvidos com a produção e serem necessários nos trabalhos cotidianos de manutenção de suas famílias. Pensar sobre os jovens não se separa da viabilidade econômica de todo o assentamento, já que o desenvolvimento da produção de uma forma mais otimizada, que não escravize o trabalhador rural em bases precárias de produção, atenua a necessidade dos jovens trabalharem em tempo integral. A vivência juvenil, hoje, é uma condição existente para todos os segmentos sociais, afastando-se do surgimento da noção de juventude pós Revolução Industrial, que apenas permitia essa fase de moratória aos jovens burgueses. No momento presente essa vivência também existe para os jovens pobres da periferia, mas implica para estes numa série de dificuldades como a falta de formação, emprego e a violência urbana. Os jovens assentados optaram por se afastar desses riscos centrando suas expectativas de futuro na proposta do MST. Mas precisam ser mantidas condições para continuarem jovens, e não obrigados a assumir responsabilidades de adultos sem que possuam maturidade e experiência para tanto. A fase de transição para a vida adulta passa pela experimentação de erros e acertos nos quais se fundam as experiências que serão necessárias para uma boa estruturação do momento seguinte a ser vivido. O trabalho coletivo no assentamento, que poderia proporcionar essa troca de experiência, foi sendo paulatinamente abandonado, como é o caso da Horta Coletiva e da Casa de farinha, sendo que neste último caso não existe ainda produção suficiente para torná-la rentável. As famílias em geral têm optado pela produção individual, o que torna a sustentação econômica com base no trabalho agrícola ainda mais difícil para os jovens sem experiência no campo. Em especial, isso se agrava no caso de Jonas, que não possui os pais para auxiliá-lo na produção. Ao contrário de José Carlos, que tem à sua disposição não apenas seu conhecimento, mas também o de sua família.

Em relação àqueles que ainda não possuem família de procriação e, portanto, estão ainda se educando e pensando sobre quais serão suas opções futuras, proporcionar maiores possibilidades de intercâmbio e viagens permite um distanciamento da tutela dos pais e a realização de escolhas autônomas. Para tanto, torna-se fundamental convencer os pais desses jovens de que essa maior circulação e moratória juvenil não se

configuram como abandono do trabalho, mas sim promovem diversão e formação política para que esses jovens desenvolvam cada vez mais seu espírito crítico e permaneçam na luta.

No tocante à questão da geração de renda, o objetivo central do assentamento é proporcionar trabalho e moradia no mesmo espaço. No entanto, o desenvolvimento da produção de forma a atender de fato às necessidades desses jovens, principalmente daqueles que são pais, exige dedicação, tempo e saberes que muitas vezes eles não conseguem oferecer para o projeto. Isso leva a pensar que, se a proposta visa à integração do campo e da cidade e à superação da visão tradicional que associa o mundo rural ao atraso econômico e social, a orientação do trabalho não precisa ser somente calcado na produção agrícola, nos sistemas agroflorestais e na criação de animais. Se a idéia de “juventudes” decorre das muitas possibilidades abertas pela configuração do mundo moderno, a proposta de assentamento também pode oferecer mais opções para esses jovens, integrando o trabalho do campo a outras formas de geração de renda como comércio, restaurantes, beneficiamentos de produtos do assentamento, artesanato, etc. O ponto fundamental é oferecer oportunidades de trabalho e geração de renda no mesmo espaço de moradia, não importando tratar-se de atividades típicas do campo ou não. Essa perspectiva visa não apenas permitir que alguns jovens fiquem no assentamento mesmo não desejando trabalhar na terra ou com a criação de animais, como gerar renda de forma mais imediata para aqueles que precisam sustentar sua família e não possuem nenhuma outra fonte ou auxílio. A região onde se localiza a área assentada tem problemas estruturais como transporte e comércio. A chegada dos assentados já fez com que fosse criada ao menos mais uma opção de transporte público para a região, no entanto, só passa pelo local de duas em duas horas e não funciona aos fins de semana e feriados. O comércio local se concentra nas mãos de apenas dois comerciantes que podem cobrar o preço que lhes convém pelas mercadorias, haja vista que não existe outra opção para a população local que não seja essa ou ir até a cidade. Trata-se também de uma área muito freqüentada por pessoas de outras localidades, o que pode facilitar a venda da produção (ainda que pequena) do assentamento. Essas trocas beneficiariam tanto os assentados como todo o desenvolvimento local da região. O INCRA, enquanto órgão responsável por auxiliar e promover assessoria para os projetos elaborados no assentamento, reflete a contradição de um Estado que garante constitucionalmente determinados direitos, mas não tem força política – frente aos interesses do capital –

para realizar de fato a reforma agrária. Assume assim o papel de mediador de conflitos, tomando medidas paliativas e pontuais como o fornecimento de técnicos e de fomentos financeiros. Dentro dessa limitada atuação, o órgão poderia desenvolver junto aos jovens alternativas diante da falta de renda imediata, oferecendo auxílio para o incremento de atividades diversificadas na área.

Nossos colaboradores se dispuseram a construir o projeto do assentamento Dom Pedro Casaldáliga e arcam com conseqüências duras para a sua pouca experimentação do mundo. A contrapartida do movimento pode vir por meio do oferecimento de possibilidades que realmente contemplem esses jovens, independente das formulações iniciais do projeto. Para que saibamos quais são os anseios e expectativas desses jovens é fundamental ouvi-los e estimular sua participação política. São eles que devem ser chamados a pensar, criticar e formular propostas de acordo com suas habilidades e desejos. Dessa forma, seriam também responsáveis e criadores de alguns dos caminhos possíveis, para que deixem de representar um problema e se tornem efetivamente agentes do futuro da luta pela terra em um país cuja população é tão marcada pela injustiça espacial, social e econômica.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas Juvenis, punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Escrita, 1994.

_____, Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Modernização e pobreza, a expansão da agroindústria e seu impacto ecológico e social**. São Paulo: Ed. Universidade Paulista, 1994.

_____. **O Planejamento Regional e o problema agrário no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1976.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões, Entre a História e a Memória**. Bauru: EDUSC, 2000.

BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: Conceitos, tipologia, contextos. In: **Explorações geográficas, percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, vol. 01, 1987.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios sobre psicologia social**. São Paulo: Atelier Editorial, 2003.

_____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre, **A juventude é apenas uma palavra.** In: www.scribd.com/doc/16677551/Pierre-Bourdieu-A-Juventude-e- apenas-uma-palavra.

CALDEIRA, Teresa. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo.** São Paulo: Ed. 34/EDUSP, 2000.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas.** São Paulo: EDUSP, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito.** São Paulo: Ed. 34, 2001.

CHIAVENATO, Júlio José. **Violência no campo, o latifúndio e a reforma agrária.** São Paulo: Moderna, 2004.

COMPARATO, Bruno Konder. **A ação política do MST.** São Paulo: Expressão Popular, 2003.

DECCA, Edgar de. **1930 O silêncio dos vencidos.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

FERNANDES, Bernanrdo Mançano. **Mst: Formação e Territorialização.** São Paulo: HUCITEC, 1999.

FRÚGOLI JR, Heitor. **Centralidades em São Paulo.** São Paulo: Cortez/EDUSP, 2000.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, Publifolha, 2000.

GAUDEMAR, Jean-Paul. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital.** Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos.** São Paulo: Loyola, 1997.

GOMÉZ, José Maria. De Porto Alegre a Mumbai. O Fórum Mundial e os desafios altermundialistas. In CECCENÃ, Ana Esther. (Org). **Hegemonias e emancipações no século XXI.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.

GORENDER, Jacob. Regime Territorial no Brasil escravista In: **A questão Agrária no Brasil, o debate na esquerda: 1960-1980.** São Paulo: Expressão Popular, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2007

IANNI, Octavio. **A idéia de Brasil Moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Estado e Planejamento Econômico no Brasil 1930-1970**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

_____. **Origens Agrárias do Estado Brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

IOKOI, Zilda. Os dilemas históricos da questão agrária no Brasil. **Terra Livre**. São Paulo: AGB , ago.92/ago.93.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R e VANNUCHI, P. (Org). **Juventude e Sociedade**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004

KOWARICK, Lucio. **A expolição urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

_____. (Org.) **As lutas sociais e a cidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

KURZ, Robert. Barbárie, migração e guerras de ordenamento mundial In: **Serviço Pastoral dos Migrantes, FÓRUM SOCIAL DAS MIGRAÇÕES**, 2005, Porto Alegre. São Paulo: Paulinas, 2005.

LANDER, Edgardo. Ciências Sociais: Saberes Coloniais e Eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo, (org.) **A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEVINE, Robert M. e MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela Negra, A saga de Carolina de Jesus**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. p. 220.

MAGNANI, José Guilherme Cantor (Org.). **Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: EDUSP, 2000.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Expropriação e violência, a questão política no campo.** São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. **Exclusão social e a Nova desigualdade.** São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Os camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. **Sociedade vista do abismo.** Petrópolis: Vozes, 1981.

MATHEUS, Delwek. **Uma outra concepção de assentamento de reforma agrária: a Comuna da Terra.** Trabalho de conclusão de curso. FSS/UFJF/MG – MST, 2003.

MEDEIROS, Leonilde Servolo de. **A Questão da Reforma Agrária no Brasil, 1955-1964.** Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 1982.

_____. **Reforma Agrária no Brasil, História e atualidade da luta pela terra.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

MELLO, Maria Conceição D'Incao. **O bóia fria, acumulação e miséria.** Petrópolis: Vozes, 1978.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **(Re) Introduzindo História Oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória, a cultura popular revisitada.** São Paulo: Contexto, 2001.

MORAES, Marieta de. (Org.). **História oral.** Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A Geografia das Lutas no Campo.** São Paulo: Contexto, 1990.

_____. A geografia agrária e as transformações recentes no campo brasileiro
In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). **Novos Caminhos da geografia.** São Paulo: Contexto, 1999, p. 71.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso, princípios e procedimentos**. 7.ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates**. Lisboa: Ambar, 2005.

PIRENNE, Henri. **As Cidades da Idade Média**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

PRADO, Jr. Caio. **Evolução Política do Brasil**. 21.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000.

_____. **A Questão Agrária**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

_____. **A Revolução Brasileira**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

_____. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1996.

RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. Deslocamento campo – cidade: caminho para viver uma nova realidade. In: Coggiola, Oswaldo (org.). **Caminhos da História**. São Paulo: Xamã, 2006.

_____. **Tramas e traumas: histórias de vida e identidades em marcha**. São Paulo: FFLCH/USP, 2007.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **América Latina en la encrucijada: los movimientos sociales y la muerte de la política moderna**. México: Contrahistorias, 2007

SADER, Emir (org.). **Contragolpes: seleção de artigos da New Left Review**. São Paulo. Boitempo, 2006.

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana**. São Paulo/Recife: Hucitec, 1978.

SALIM, Celso Amorim. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, **Anais** vol.3. São Paulo: Abep, 1992.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado, Cultura da Memória e Guinada Subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SPOSITO, Marília Pontes. **Os Jovens no Brasil, desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

STEDILE, João Pedro (Org.). **História e Natureza das Ligas Camponesas**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

_____. **A questão Agrária no Brasil. O debate tradicional: 1500-1960**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

_____. **A questão Agrária no Brasil, o debate na esquerda: 1960-1980**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

STEIL, Carvalho. ONG's : Itinerários políticos e identitários. In: GRIMSON, Alejandro (Org). **Cultura e Neoliberalismo**. Buenos Aires: CLACSO, 2007.

SZACKI, Jerzi. **As utopias ou a felicidade imaginada**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1972.

TASCHNER, Suzana Pasternak. **Favelas e cortiços no Brasil: 20 anos de Pesquisas e Políticas**. Cadernos de Pesquisa do LAP, n. 18, 1997, p.4.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VAINER, C B ; BENETTI, P. Migração e Metrôpoles. **Travessia Revista do Migrante**, São Paulo, n. 2, 1988

WILLIAMS, Raymond. **O Campo E A Cidade Na História E Na Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ZUNTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: EDUC, 2000.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder, In: Arantes, Antonio (Org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000

Pastoral do Migrante. www.pastoraldomigrante.org

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, www.mst.org.br

Pro Jovem, www.projovemurbano.gov.br

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome, www.mds.gov.br

Instituto Nacional de Colonização – INCRA – www.incra.gov.br

Documentos consultados

Agroecologia em perspectiva – Projeto de Desenvolvimento Sustentável, Fazenda São Luiz, município de Cajamar. Outubro de 2005.

Memorial da ABRA– PDS São Luiz, Município de Cajamar. Novembro de 2006.

Pré- proposta do plano de utilização. PDS – Projeto de Desenvolvimento Sustentável. Floresta Social. Fazenda São Luiz, município de Cajamar. Novembro de 2006.